

ANAIS DO V CONGRESSO DE PSICOLOGIA DO CARIRI



ISBN 978-85-65221-59-7



**Presidente do V Congresso de Psicologia**

Flaviane Cristine Troglio da Silva

**Comissão Organizadora Geral**

Maria Laís Freire Angelim

Nadyelle Diniz Gino

**Comissão Organizadora de Divulgação**

Indira Feitosa Siebra de Holanda

Larissa Vasconcelos Rodrigues

Marcos Teles do Nascimento

**Comissão Organizadora de Patrocínio**

Alex Figueiredo da Nóbrega

Jéssica Queiroga de Oliveira

Larissa Vasconcelos Rodrigues

**Comissão Organizadora de Cultura**

Alline Leite Garcia Fontenele

André de Lima Gomes

Larissa Maria Linard Ramalho

Maria Aparecida Trindade Pereira



### **Comissão Científica**

Francisco Francinete Leite Júnior

Marcus César de Borba Belmino

Moema Alves de Macedo

Tiago Deividy Bento Serafim

### **Comissão Avaliadora**

Fázia Beatriz Torres Amorim

Larissa Maria Linard Ramalho

Francisca Janiele Felipe Feitosa

Marcus César de Borba Belmino

Francisco Francinete Leite Júnior

Moema Alves de Macedo

Germana Freire Rocha Caldas

Silvia Moraes de Santana Ferreira

Ítalo Pereira Coelho

Tiago Deividy Bento Serafim

### **Colaboradores**

Aldeceles Marinho Alves

Andreliny Batista Monteiro de Moraes

Francisco Williames Vieira de Santana

José Márcio Severino de Sousa



## **APRESENTAÇÃO**

O Centro Universitário Dr. Leão Sampaio e o curso de Psicologia promoveram o V Congresso de Psicologia do Cariri, realizado de 25 a 27 de Outubro de 2023, no campus Lagoa Seca. Teve como público-alvo profissionais e estudantes de Psicologia e áreas afins. O V Congresso de Psicologia contou com profissionais renomados do âmbito regional e nacional que abordaram temas diversos e atuais para a Psicologia. A programação contou com palestras, mesas redondas, minicursos e apresentações de trabalhos científicos na modalidade oral. Os trabalhos que integram os Anais do V Congresso de Psicologia do Cariri foram submetidos ao escrutínio da Comissão Avaliadora deste evento, comissão esta composta por diferentes profissionais da Região. A seleção destes trabalhos seguiu critérios preestabelecidos pela Comissão Científica.



## **AÇÕES AFIRMATIVAS E AS BANCAS DE HETEROIDENTIFICAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Luís Henrique Alencar Silva<sup>1</sup>**  
*luishenrialencar@gmail.com*

### **1 INTRODUÇÃO**

Com a implementação da Lei nº 12.711 (BRASIL, 2012) reservando 50% das matrículas nas universidades e institutos federais de educação no Brasil aos estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas, garantindo a divisão das vagas entre estudantes de baixa renda, negros (pretos e pardos), indígenas e pessoas com deficiência. Este trabalho objetiva descrever a experiência junto as “comissões de verificação da autodeclaração racial” ou “heteroidentificação”, ou seja, as formas de controle das ações afirmativas nas universidades públicas embasada na heteroidentificação.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A aplicação das políticas de ações afirmativas nos processos seletivos de ingresso nas instituições federais de Ensino Superior é resultado da luta do movimento negro brasileiro e tem como objetivo reduzir as desigualdades sociais, em forma de políticas de inclusão para pessoas negras. Para Santos (2021, p. 14), as ações afirmativas implementadas partir da Lei nº 12.711/2012, inicialmente, é social, para estudantes da escola pública. Somente em outro momento a reserva de vagas é aplicada às pessoas negras (pretos/as e pardos/as). Conforme Jesus (2021), a incapacidade das escolas públicas brasileiras de fornecer uma educação de qualidade e possibilitar a aprovação de seus egressos, fortaleceu a aprovação popular sobre às cotas, agora, desracializadas. Para o autor, reconhecer o racismo e as desigualdades raciais como fatores limitadores de oportunidade de vida, inclusive educacionais, perde a centralidade. Na perspectiva de Nogueira (2007), o racismo à brasileira, se define como um racismo de marca: quando o preconceito exerce em relação à aparência, quanto mais marcadamente negro (cor da pele, traços faciais, tipo de cabelo, lábios grossos e nariz largo). Mesmo com o diverso espectro de cores existentes em nosso país, o Estado, em seu braço armado, consegue diferenciar com exímio quem é aqui e quem não é (PINHEIRO, 2023). Um importante elemento

---

<sup>1</sup> Discente do mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Pós-graduado em Psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO.



das ações afirmativas, referente ao marcador social raça, é a necessidade da validação da autodeclaração étnico-racial para àqueles que concorrem as vagas. A “autoidentificação” é a forma subjetiva e particular de cada sujeito sobre um ou mais aspectos de sua identidade, quer no seu pertencimento racial, religioso, de gênero e de sexualidade. Portanto, é da ordem do ser. A “autodeclaração” se trata da manifestação para além da identificação subjetiva e particular, o sujeito manifesta de forma “pública” algum aspecto de sua autoidentificação (CAMILLOTO; CAMILLOTO, 2022). As bancas de heteroidentificação racial têm, por conseguinte, o propósito de assegurar a integridade da política de ações afirmativas, efetivando o princípio antidiscriminatório.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Estudo descritivo do tipo relato de experiência. Foram realizadas Bancas de Heteroidentificação no Sistema de Seleção Unificada (SISU) no período de março a maio de 2023, numa instituição de Ensino Superior do interior do Ceará. Para compor as bancas é preciso comprovar participação em curso de formação específico para bancas de heteroidentificação ou Ações Afirmativas, participação em curso, minicurso, oficina, treinamento sobre a temática da promoção da igualdade étnico-racial e/ou enfrentamento ao racismo.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A experiência ocorreu a partir da abertura da chamada pública para colaboradores da sociedade civil para atuação nas bancas de heteroidentificação de candidatos negros (pretos/as e pardos/as) para os processos seletivos de ingresso nos cursos de graduação de uma instituição de ensino superior, em Juazeiro do Norte – CE, entre março e maio de 2023. As bancas ocorreram no turno matutino e vespertino, composta por 04 pessoas (3 titulares e um suplente) dentre professores/as, pesquisadores/as, integrantes de movimentos sociais, servidores da instituição e membros da sociedade civil desde que reúnam capacidade comprovada para executar tal tarefa. Participar e contribuir com a superação das problemáticas das fraudes nos processos seletivos por meio das bancas de verificação étnico-racial foi um compromisso ético-político que assumi para garantir que esses instrumentos sejam destinados a realmente quem precisa desta política. A vivência única e de fundamental importância para que a comunidade acadêmica reconheça a diversidade para a produção de conhecimento com a cara do nosso país,



dialogando com experiências sociais, raciais, étnicas, de gênero e de diversidade sexual de um povo com histórico de discriminação e invisibilização. Mas, sempre, com resistência e luta.

## 5 CONCLUSÃO

A partir da experiência realizada, é notório a relevância das bancas de heteroidentificação uma vez que buscam analisar a autodeclaração que concede acesso ao ensino superior. Suas decisões não invalidam, portanto, a autoidentificação do/a candidato/a, que é da ordem do ser, mas são capazes de invalidar a autodeclaração, impedindo que pessoas brancas ocupem indevidamente vagas reservadas pela política de ações afirmativas ao seu público-alvo: pessoas negras.

**Palavras-chave:** Ações afirmativas. Autoidentificação. Autodeclaração. Letramento racial. Banca de heteroidentificação.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, 30 ago. 2012.

CAMILLOTO, B.; CAMILLOTO, L. Comissões de Heteroidentificação racial: Por quem os sinos deveriam dobrar? Educação & Sociedade, v. 43, 2022.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Quem quer (pode) ser negro no Brasil? 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, jun. 2007.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SANTOS, S. A. Comissões de heteroidentificação étnico racial: lócus de constrangimento ou de controle social de uma política pública? O Social em Questão, Rio de Janeiro, v. 24, n. 50, p. 11-62, 2021.



# OS DESAFIOS NA ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA A ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA NO CREAS

**Ana Caroline Nascimento da Silva<sup>1</sup>**  
*anacarolinenascimentods@gmail.com*

**Kelly Jhenyfer Paulo da Silva<sup>2</sup>**  
*kelly.jhenyfer12345@gmail.com*

**Tiago Deividy Bento Serafim<sup>3</sup>**  
*tiagodeividy@leaosampaio.edu.br*

## 1 INTRODUÇÃO

Este resumo expandido consiste em abordar os desafios enfrentados pelas psicólogas que atuam nas redes de proteção social especial, buscando enfatizar as práticas desenvolvidas no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), frente a demandas de adolescentes vítimas de abuso sexual. O objetivo geral da presente pesquisa é identificar tais desafios, contribuindo para a prática da psicologia nesse contexto.

A atuação das profissionais de psicologia em situações de abuso sexual é de extrema relevância, pois exige competências específicas na escuta ativa (sensibilidade, empatia, ética profissional, trabalho em rede, entre outras) para lidar com traumas e complexidades emocionais, tornando a compreensão desses desafios essencial para melhorar a eficácia da assistência prestada e, por consequência, o bem-estar e a recuperação das vítimas.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa realizada por meio de um levantamento bibliográfico nas bases de dados Lilacs, Scielo e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Na primeira etapa, foram identificadas 26 produções relacionadas ao tema. A segunda etapa, incluiu a definição de critérios de inclusão e exclusão de estudos, resultando em nove produções relevantes que abordam a atuação do psicólogo no CREAS em relação ao abuso, principalmente

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO

<sup>2</sup> Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO

<sup>3</sup> Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO





envolvendo adolescentes vítimas de abuso sexual. Na terceira etapa, as informações extraídas dos estudos selecionados foram categorizadas, incluindo título, objetivo, metodologia e principais resultados.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

A atuação do psicólogo no contexto do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) envolve desafios significativos. O CREAS, uma vez responsável por fornecer acolhimento às pessoas que tiveram seus direitos violados, desempenha um papel crucial no atendimento a adolescentes vítimas de abuso sexual e suas famílias, fornecendo suporte e assistência para lidar com situações complexas, além de buscar compreender as questões sociais e estruturais que perpassam a vida dessas usuárias (Smith, 2015).

No âmbito da assistência social, a psicóloga trabalha em conjunto com outros profissionais, como por exemplo os assistentes sociais, visando a garantia de proteção social e o bem-estar dos adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade. Além disso, esses profissionais buscam trabalhar com questões relacionadas ao fortalecimento da função protetiva da família e a potencialização dos recursos para a superação da situação vivenciada, prevenindo para que não haja agravantes dentro do contexto social, bem como nos relacionamentos familiares e comunitários (Garcia, 2020).

A relação entre profissionais da rede de atendimento à mulher em situação de violência, tendo o CREAS como referência, pode ser atravessada por atitudes preconceituosas, resultando na revitimização das usuárias (Silva, 2018). No mais, no que diz respeito as limitações do serviço, entende-se que a sobrecarga de casos e a falta de eficácia nesse espaço, podem afetar diretamente na qualidade do atendimento prestado pelas equipes do CREAS, uma vez que faltam suporte e profissionais para suprir o número demandas presentes nesse serviço (Machado, 2017).

Essas considerações teóricas destacam os desafios enfrentados pelos psicólogos que atuam no CREAS em relação ao abuso sexual de adolescentes e enfatizam a importância de uma abordagem integrada e sensível para lidar com essas situações complexas.



#### **4 CONCLUSÃO**

De modo geral, compreende-se que as psicólogas que atuam na rede de proteção social especial, não obstante todos os desafios enfrentados cotidianamente, exercem um papel fundamental para com as adolescentes vítimas de violência sexual, uma vez que fornecem escutas qualificadas, ancorando-se no compromisso ético e político, a fim de analisar o contexto social dessa usuárias e proporcionar um espaço acolhedor. Portanto, é necessário que haja uma comunicação entre os diferentes serviços e setores, tendo como finalidade promover ações de saúde para essas adolescentes, bem como diferentes tipos de assistência e orientações necessárias.

**Palavras-chave:** Psicologia. CREAS. Abuso Sexual.

#### **REFERÊNCIAS**

SMITH, J. **Psicologia Clínica: Teoria e Prática**. Editora ABC. 2015

GARCIA, M. **Impactos Psicológicos do Abuso Sexual em Adolescentes**. Revista de Psicologia, 25(3), 45-60. 2020

SILVA, A. **Atendimento a Mulheres em Situação de Violência: A Experiência de Profissionais de um CREAS**. Editora XYZ. 2018

MACHADO, P. **Características da atuação do Psicólogo na Proteção Social Especial em Santa Catarina**. Editora DEF. 2017.



# DIÁLOGOS ENTRE A PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA, O SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E A REDE DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Kelly Jhenyfer Paulo da Silva<sup>1</sup>**  
*kelly.jhenyfer12345@gmail.com*

## 1 INTRODUÇÃO

Pesquisas apontam que a prática profissional da psicologia tradicionalmente clínica não possibilita preparo suficiente para a atuação da psicóloga dentro do contexto social do sujeito e, tampouco, nas políticas de assistência social, visto que o olhar clínico limita essa profissional, dando ênfase na individualidade e nas psicopatologias (Cordeiro; Svartman; Souza, 2018).

Atualmente, o curso de psicologia tem possibilitado um maior conhecimento acerca da prática da psicóloga nos serviços de assistência social, preparando a futura profissional para um olhar voltado não tão somente para o âmbito individual do sujeito, mas também para as questões sociais que atravessam a vida deste. A Psicologia Social Crítica, uma vez operada em oposição aos arquétipos tradicionais mecanicistas e individualistas, fundamenta-se nos questionamentos voltados à condição humana, buscando estudar, de acordo com Goulart (2009), seus horizontes e espaços a partir das relações estabelecidas socialmente, apoiando-se nas contradições, potências e impotências dentro do contexto social, histórico e dialético.

Diante da atual configuração socioeconômica, o trabalho tem como objetivo descrever uma experiência de estágio em processos psicossociais, gerando questionamentos acerca da psicologia social crítica, do sofrimento ético-político e das interfaces no campo da política de assistência social.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para Sawaia (2017), o sofrimento humano é entendido como ético e político, sendo assim produzido por uma história proveniente de desigualdades e injustiças sociais, sendo vivenciada pelo sujeito, e manifestando-se a partir das relações que este constrói socialmente.

---

<sup>1</sup> Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO



Dessa maneira, o sofrimento não é próprio do indivíduo, mas sim um produto do processo histórico, político e dialético.

No Centro de Referência de Assistência Social – (CRAS), as profissionais lidam cotidianamente com pessoas em situação de vulnerabilidade social que apresentam-se carregando um discurso de dor e sofrimento. Diante disso, as psicólogas que trabalham nesses espaços tendem a buscar estratégias de enfrentamento para um problema de raiz social, resultando, muitas vezes, em fracasso (Lacerda, 2015). Portanto, qualquer atividade da psicologia que tenha como objetivo a defesa consciente de direitos sociais, é mais eficaz do que as de vigor liberal, já que o sofrimento humano é percebido como ético e político, consequente de fatores que antecedem a exclusão, as desigualdades, a fome e o desemprego (Sawaia, 2017).

Todavia, o descaso com as políticas sociais acaba por interferir na prática das profissionais nesses espaços, em razão de que faltam recursos nas políticas públicas de proteção social, visto que o Estado, embora devesse ser responsável pela implementação de políticas que visam o bem estar social, acaba por sustentar um modelo de política neoliberal que ganha forma através da transferência de serviços públicos ao setor privado (Barcellos, 2020).

A perspectiva teórico-metodológica que guiou esta experiência fundamenta-se nos princípios da Psicologia Comunitária que, segundo Góis (1998), tem como finalidade de pesquisa e intervenção os fatores psicossociais que permeiam a vida do sujeito e fomentam o seu fortalecimento, focando no âmbito social. Além disso, a autor entende a comunidade como um espaço dinâmico, onde as pessoas são compreendidas como agentes ativos e relacionais, podendo transformar esses espaços no mesmo instante em que são transformados por eles.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência que surge a partir de uma vivência, enquanto graduanda e estagiária de psicologia, no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, experienciada ao longo do Estágio com Ênfase em Processos Psicossociais pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – Unileão, em 2021. As atividades iniciaram em 13 de setembro e foram encerradas no dia 15 de dezembro do respectivo ano. Dentre as atividades que devem ser realizadas no campo, foi possível realizar visitas domiciliares, participar de capacitações e mediar grupos, além de auxiliar na construção dos documentos internos.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizados 06 encontros com o grupo Sementes do Amanhã, formado por crianças de 04 a 07 anos, das 14h às 15h30min. O objetivo do grupo consistiu em realizar atividades, abordando diferentes temáticas, para que as crianças pudessem desenvolver suas habilidades motoras, sensoriais, emocionais e, além disso, trabalhar a relação e a interação social entre elas. Ademais, as visitas domiciliares, totalizando em 03, surgiam a partir da necessidade de acompanhar a comunidade, os usuários e suas famílias, bem como identificar as dificuldades e as potencialidades existentes no espaço.

A construção dos documentos internos se dava pela importância de avaliar se as famílias e usuários estavam participando das atividades e acessando os benefícios eventuais. De modo geral, uma das demandas mais frequentes consistiam no desemprego, especialmente no discurso das mães solas atendidas pelo serviço.

## 5 CONCLUSÃO

Atuar na política de assistência social é sair de si para entender a realidade do outro, compreender que não obstante o sujeito deva acessar os seus direitos, isso nem sempre é possível, uma vez que o neoliberalismo baseia-se na ideia de um falso bem estar social, fragmentando as políticas sociais e auxiliando na expansão do mercado privado. No entanto, o CRAS existe para potencializar os sujeitos e promover autonomia, além de ser responsável por prestar serviços que visam a promoção de saúde e a proteção social básica. Assim, a psicóloga assume um papel essencial dentro desse serviço, responsabilizando-se pela construção de atividades que possibilitem a conscientização dos usuários com foco na transformação social.

**Palavras-chave:** Psicologia Social Crítica. Assistência Social. Sofrimento Ético-Político.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, S. B. A CONTEXTUALIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL NO BRASIL: DO ASSISTENCIALISMO AO RECONHECIMENTO COMO POLÍTICA PÚBLICA E A INFLUÊNCIA DA LÓGICA NEOLIBERAL. Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico, 2020. Disponível em: <http://reinpec.cc/index.php/reinpec/article/view/616/520>. Acesso em: 21 set. 2023.

CORDEIRO, M. P.; SVARTMAN, B.; SOUZA, L. V. Psicologia na Assistência Social: Um campo de saberes e práticas. São Paulo, 2018.



GÓIS, C. W. L. Reflexões sobre psicologia comunitária. Revista de psicologia, Fortaleza, v. 6, n. 2, 1998, p. 25-31. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/11015>. Acesso em: 21 set. 2023.

GOULART, M. S. B.. Teoria Crítica em Habermas: diálogos com Psicologia Social. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 247-259, 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X2009000100019&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2009000100019&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 set. 2023.

LACERDA, F. A Psicologia Social e os atuais desafios éticos-políticos no Brasil. Porto Alegre: ABRAPSO, 2015.

SAWAIA, B. As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Editora Vozes Limitadas, 2017.



## **INIQUIDADE EM SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA: UM LEVANTAMENTO ACERCA DOS ESTUDOS PUBLICADOS NA PLATAFORMA SCIELO.**

**Deyvid Santos Vasconcelos<sup>1</sup>**

*deyvidvasconce@gmail.com*

**Jennifer Maria Silva Souza<sup>2</sup>**

**Pedro Lucas de Sousa<sup>3</sup>**

**Moema Alves Macêdo<sup>4</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

Objetiva-se contribuir com a reflexão sobre a iniquidade no atendimento em saúde para a população negra no SUS, bem como mapear e discutir pesquisas já realizadas nesse contexto e publicadas na plataforma Scielo. Levando em consideração cenários sociais de populações pretas no Brasil, é necessário entender o racismo para além das injúrias direcionadas a pessoas negras, podendo este se apresentar diversificadamente, por exemplo como linha divisória no acesso ao sistema de saúde público.

Tendo em vista que a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra é uma resposta do Ministério da Saúde às desigualdades do atendimento em saúde que acometem a população preta e reconhece que suas condições de vida são resultados de processos injustos nos âmbitos sociais, culturais e econômicos presentes na história do país, bem como o fato da população negra ainda viver momentos de iniquidade nos atendimentos à saúde, sendo este um reflexo do racismo que cria base para nossa sociedade, se faz necessário que seja difundido aquilo que é estruturante, considerando o racismo e outros determinantes sociais como fatores contribuintes para as lacunas existentes no atendimento à essa população (BRASIL, 2017; COSTA, 2011).

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nos últimos anos o acesso à saúde por meio da população em condições de

---

<sup>1</sup> Discente do curso de psicologia do Centro Universitário Leão Sampaio

<sup>2</sup> Discente do curso de psicologia do Centro Universitário Leão Sampaio

<sup>3</sup> Discente do curso de psicologia do Centro Universitário Leão Sampaio

<sup>4</sup> Mestra e Docente do Curso de psicologia do Centro Universitário Leão Sampaio



vulnerabilidade no Brasil tem crescido, decorrente de inúmeros fatores, principalmente pela implementação da gratuidade de atendimento através do Sistema Único de Saúde -SUS (BRASIL, 2014), amparado pela Lei N°8080, de 19 de Setembro de 1990, (BRASIL, 1990), que entre outros propostos de suas diretrizes e princípios visa: a universalidade (acesso para todas as pessoas), a integralidade (o cuidado centrado na pessoa) e a equidade no atendimento (oferta diferenciada para as necessidades diferentes, princípio de justiça social) (BRASIL, 2017).

O racismo termina por demandar políticas de equidade em saúde por se tratar de um sistema de opressão que nega direitos a uma população, bem como fere a sua índole estruturando e fundamentando uma sociedade, de modo a colocar a população negra enquanto subalterna e inferior (RIBEIRO, 2019). Corroborando com que se reflete no livro de Fanon, o que significa uma transcendência do racismo do comportamento exposto nas relações individuais para uma estrutura social que retifica o pensamento colonizador. E, assim, a construção de um verdadeiro Humanismo só se daria com o fim da exploração do ser humano pelo outro ser humano, ou seja, com o fim de todas as hierarquias. (FANON, 1961).

Essas reflexões demarcam a compreensão da importância de criação de políticas públicas que perpassam pela luta contra as desigualdades sociais, promoção dos direitos humanos, equidade e que visem uma atenuação do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019).

Como resultado de lutas populares, visando propor e assegurar o direito de acesso da pessoa preta aos serviços do Sistema Único de Saúde - SUS (1988) e em consonância à Política Nacional de Gestão Estratégica e Participativa no SUS (ParticipaSUS), por meio da Portaria GM/MS n° 992, de 13 de maio de 2009, foi criada a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente estudo trata-se de um trabalho de cunho quantitativo, cujos procedimentos de coleta de dados se deram no acesso ao site Scielo com a pesquisa dos temas: saúde da população negra, SUS e equidade. Como fruto da pesquisa obteve-se 14 resultados de produções que consideravam as temáticas, entretanto, apenas 7 das produções encontradas, ou seja 50% dos trabalhos, cumpriam de fato com o objetivo. Foram feitos fichamentos e sistematização das principais informações a serem discutidas no referencial teórico.





#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) 56% da população se declara como preta ou parda. Sendo mais da metade da população brasileira, as pessoas pretas são as que mais estão sujeitas a mortes violentas, o estudo “Violência armada e racismo: o papel da arma de fogo na desigualdade racial”, do Instituto Sou da Paz, mostra que dos 30 mil assassinatos por agressão armada em 2019, 78% foram contra pessoas negras, e ainda revela que os homens negros são os maiores atingidos, representando 75% do total, contra 19% de homens não negros, levantamento realizado com base em dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde (PORTO, 2021).

Para ilustrar tais experiências destaca-se algumas pesquisas cujos resultados foram publicados recentemente. De acordo com Perpétuo (2000) e Chacham (2000), em 1996, as mulheres negras apresentaram menores chances de passar por consultas ginecológicas completas e por consultas de pré-natal. Seguindo essas mesmas métricas, é possível observar nos gráficos abaixo a relação de taxa de mortalidade de adultos pretos, pardos e negros sobre brancos. Brasil, 2000.

Além disso, de acordo com o Ministério da Saúde, dentre as doenças de caráter étnico que mais atingem a população negra são a doença falciforme, a deficiência de 6-glicose-fosfato-desidrogenase, a hipertensão arterial, a doença hipertensiva especificada gravidez e o diabetes mellitus (BRASIL, 2001; BRASIL, 2005).

Ainda se há uma barreira no acesso aos serviços de saúde. A população negra chega aos centros de atendimento em proporção semelhante à branca, mas em condições mais graves e precárias e com maior dificuldade para serem transferidos às unidades de tratamento intensivo. Através da criação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, BRASIL (2017), o SUS admite a existência da discriminação e do racismo, e que estes podem estar presentes no processo de cuidado. Entende-se, portanto, que questões étnicas, de raça, e de cor estão associadas à iniquidade no acesso aos serviços públicos de saúde.

#### **5 CONCLUSÃO**



A promoção de saúde para pessoas pretas atravessa a necessidade de criação de outras políticas em áreas como educação e segurança onde se possa garantir o acesso e a integridade do sujeito aos serviços. É possível mensurar e determinar que as desigualdades de acesso aos equipamentos de saúde estão relacionadas à raça/cor. A saúde, para além do acesso aos serviços ofertados, precisa ser compreendida a partir do reconhecimento da negritude que habita o povo brasileiro, sua história oculta pelo ideário de branquitude e o modo como o racismo afeta os relacionamentos e o seu estar no mundo.

**Palavras-chave:** SUS. População Negra. Equidade. Saúde.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BRASIL. **Fundação Nacional de Saúde. Saúde da população negra no Brasil: contribuições para a promoção da equidade** / Fundação Nacional de Saúde. - Brasília: Funasa, 2005.

BRASIL. **Lei 8080 de 19 de setembro de 1990**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm). Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria no. 2.436 de 21 de setembro de 2017. Brasília: **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde mais perto de você – acesso e qualidade: Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ) : manual instrutivo** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra : uma política para o SUS** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – 3. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Manual de doenças mais importantes, por razões étnicas, na população brasileira afro-descendente** / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

COSTA, A. M. **Promoção da equidade em saúde para a população negra**. BIS. Boletim do Instituto de Saúde, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 100–106, 2011. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/33670>. Acesso em: 16 set. 2023.

FANON, F. 1961. **Les damnés de la terre**. São Paulo: Companhia das Letras; 2022.



FANON, Frantz. 1983. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Editora. Fator.

PORTO, D. **Negros representam 78% das pessoas mortas por armas de fogo no Brasil.**  
CNN. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-representam-78-das-pessoas-mortas-por-armas-de-fogo-no-brasil/>>. Acesso em: 16 set. 2023.



# **JUVENTUDE NEGRA E O RACISMO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO DO BRASIL**

**Annie France Alves Veloso<sup>1</sup>**

*anniefrance.av@gmail.com*

**Francisco Jarbas Vasques de Medeiros<sup>2</sup>**

## **1 INTRODUÇÃO**

O racismo é um tipo de preconceito presente nas sociedades, vitimizando diariamente as pessoas negras em virtude de sua raça, história e cultura. Por mais de três séculos a escravidão foi uma prática permitida no Brasil, calçando a história dos negros com o estigma da marginalização, do rebaixamento intelectual e moral das pessoas escravizadas, sustentando e legitimando a supremacia e hierarquia branca em relação aos negros. Dessa forma, discorrer sobre o racismo dentro das instituições brasileiras têm relação direta com a construção histórica da população do país. Sendo o sistema socioeducativo o responsável por gerir os processos de ressocialização dos chamados adolescentes em conflito com a lei, baseando-se no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no que tange a garantia de direitos desses adolescentes, cabe a tomada de consciência acerca das práticas de racismo enquanto sustento de uma cultura de opressão e marginalização da juventude negra.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

A presente pesquisa se utiliza de recortes de estudos bibliográficos que retratam o tema do racismo e socioeducação contidos em revistas científicas e bibliotecas digitais como Scielo e Latindex e outras revistas institucionais. Após a seleção do material, foi realizada a análise e discussão do material a fim de atingir os objetivos caracterizados anteriormente.

## **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Sobre o racismo, Ribeiro e Benelli (2017) dissertam que esse fenômeno social surge a partir da crença sobre a existência de discrepâncias na ordem biológica entre diferentes grupos

---

<sup>1</sup> Psicóloga, esp. em saúde mental e atenção psicossocial.

<sup>2</sup> Assistente social, esp. em saúde mental e atenção psicossocial; Socioeducador no Centro Socioeducativo Padre Cícero - Juazeiro do Norte/CE.



étnicos, sustentando uma ideia de que a biologia separava a espécie humana em subespécies, consideradas inferiores às que não mantinham os fenótipos do sujeito branco europeu. A juventude negra, constituída dentro da ideologia racista marca alguns ganhos dentro da sociedade brasileira, como a criação do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288 de 2010) e a Lei de Cotas (Lei nº 12.711 de 2012), ambos com o objetivo de especificar os direitos da população negra, numa tentativa de reparação histórica que marginaliza diariamente as pessoas negras. O racismo estrutural na sociedade legitima a figura do jovem negro associado à delinquência e criminalidade. O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE vigente nos dias de hoje, surge em substituição ao antigo Código de Menores de 1927, o qual se estruturava na ideologia de irregularidade nas situações abordadas, envolvendo casos de “delinquência, vitimização e pobreza das crianças e dos adolescentes, além de outras hipóteses extremamente vagas, que autorizavam a atuação amplamente discricionária do juiz de Menores” (LEITE, 2005, p. 09). Nas linhas de Araújo, Santos e Silva (2018) muitas são as diferenças apontadas pelas medidas dispostas no Código de Menores e no ECA, porém, entre as principais, se destaca o trato de crianças e adolescente que se encontram em situações de risco e vulnerabilidade, desenhando ações de proteção quanto a integridade física, mental, social e moral, além de propor ao adolescente em conflito com a lei, o cumprimento de das medidas socioeducativas. Segundo dados do Levantamento Anual do SINASE, em 2016, o perfil do jovem institucionalizado pelas medidas socioeducativas eram representadas majoritariamente por adolescentes do sexo masculino, correspondendo a 96% da população dos centros; nessa mesma pesquisa, os jovens negros representavam 59% dos adolescentes em cumprimento de medidas e 57% tinham entre 14 e 17 anos (BRASIL, 2016). É nessa imagem que o Sistema Socioeducativo demonstra as marcas do racismo predominante em sua atuação, negligenciando que os atos infracionais não são unicamente de origem intrapessoal, “mas também pelas questões interpessoais. Esse cenário social alimenta uma maior marginalização e criminalização do jovem negro, seja no mundo do trabalho, seja na vida escolar, no convívio comunitário, ou em sua participação política” (ARAÚJO, SANTOS E SILVA, 2018, p. 192).

#### **4 CONCLUSÃO**

A partir do exposto, para compreender os impactos do racismo dentro do Sistema Socioeducativo é necessário recordar a história de opressão vivenciada pelos negros no Brasil e que ainda deixa resquício entre gerações de famílias que têm seus direitos frequentemente negligenciados. O adolescente negro em cumprimento de medidas não é punido apenas pelo ato infracional, mas acresce em sua punição as vertentes da violência explícita nas regiões



menos abastadas, o peso de sua cor e raça e a injustiça de um sistema que se pauta no preconceito e no estigma para designar o futuro de milhares de jovens. É necessário discutir sobre as pautas que envolvem os negros dentro do Sistema Socioeducativo, ampliando as formas de interpretar as normas e leis, a fim de evitar possíveis injustiças que possam ocorrer em virtude de sua cor ou etnia.

### **Referências:**

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Senado Federal, 1990.

BRASIL. **Levantamento anual do SINASE**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2016.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília: Senado Federal, 2010.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Brasília: Senado Federal, 2012.

LEITE, C. C. Da doutrina da situação irregular à doutrina da proteção integral: aspectos históricos e mudanças paradigmáticas. In **CONSIJ – CONSELHO DE SUPERVISÃO DE JUÍZES DA INFÂNCIA E JUVENTUDE**. Juizado da Infância e Juventude. Ano 3. Número 5. Periodicidade: quadrimestral. Porto Alegre, 2005.

ARAÚJO, M. Y.; SANTOS, J. F.; SILVA, L. R. Política da Socioeducação no Brasil: análise acerca do racismo estrutural no sistema socioeducativo brasileiro. **PROJEÇÃO, DIREITO E SOCIEDADE**, v. 9, n. 2, p. 187-193, 2018.

RIBEIRO, I. G. S.; BENELLI, S. J. Jovens negros em conflito com a lei e o racismo de Estado. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 5, n. 1, p. 245-262, 2017.



## **O USO NÃO PRESCRITO DA RITALINA® COMO PRODUTO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO: Dopning intelectual entre estudantes de vestibular**

**Yngrid Galdino Dantas Malta<sup>1</sup>**

*maltayng@gmail.com*

**Juliana Peixoto Melo<sup>2</sup>**

**Germana Freire Rocha Caldas<sup>3</sup>**

**Francisco Francinete Leite Junior<sup>4</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

A sociedade moderna, marcada pela busca incessante pela produtividade e pelo sucesso, tem afetado, cada vez mais, o cenário educacional, onde a crescente pressão sobre os estudantes de vestibular tem os feito recorrer a soluções rápidas e indevidas à realização de alta performance em provas (Trigueiro,2017). Nesse contexto, emerge um fenômeno preocupante que lança luz sobre a intersecção entre saúde mental, educação e cultura: o uso não prescrito do metilfenidato, como forma de aprimoramento cognitivo para alto rendimento (Trigueiro, 2017; Alvarenga; Kimati; 2021).

Essa realidade pode ser compreendida como um reflexo da sociedade do cansaço, definida pelo filósofo coreano Byung-Chul Han, como um espaço social regido pela busca constante e frenética pelo sucesso por meio de atalhos e soluções rápidas (Corbanezi,2018).

Sob esse viés, o uso não prescrito do cloridrato de metilfenidato, comercialmente conhecido como Ritalina, é um exemplo desse atalho, uma vez que muitos vestibulandos têm buscado usá-la para conter a exaustão gerada pelo ambiente estressor de cursinho e obter bom desempenho, configurando o que muitos autores consideram como *dopning* intelectual (Trigueiro, 2017). Portanto, esse estudo tem como objetivo investigar as especificações do uso não prescrito da Ritalina entre estudantes de vestibular, correlacionando-o com o conceito de sociedade do cansaço, que marca a busca desenfreada por melhorias no desempenho intelectual, a partir da revisão narrativa da literatura.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Doutora em Ciências Farmacêuticas

<sup>4</sup> Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Doutor em Psicologia Clínica.



## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta revisão da narrativa foi realizada por acesso às bases de dados Scielo, LILACS, Portal CAPES e Google Acadêmico. Os termos de busca incluíram “Aprimoramento cognitivo farmacológico”, “*Doping* intelectual”, “desempenho”, “estudantes”, “vestibular” e “sociedade do cansaço”. Foram escolhidos artigos publicados no período de 2007 a 2023.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 A SOCIEDADE DO CANSAÇO E A BUSCA PELO SUCESSO POR MEIO DO DOPING INTELECTUAL

O termo “sociedade do cansaço” foi concebido pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han para definir o atual contexto social contemporâneo, sendo o ser humano visto como uma máquina de desempenho que deve funcionar livre de distrações para maximizar seu trabalho e alcançar o sucesso, percebendo como excesso de positividade, no sentido de sempre estar buscando produzir um bom resultado (Han,2017).

A realidade moderna, ao dar a ênfase no culto ao desempenho e à constante busca pelo sucesso em detrimento de outros aspectos importantes da vida, como relacionamentos e lazer, banalizando o autocuidado e o descanso em prol de metas batidas, evidencia essa subjetividade ao passo que corrobora comportamentos de *doping* para mascarar a sobrecarga imposta (Fornasier *et al.*,2021; Habowski; Conte, 2018).

Alvarenga e Dias (2021) explicitam uma das consequências advindas dessa cultura como a alta demanda por drogas psicotrópicas, as quais assumem as funções de auxiliar na busca de melhores resultados e de remediar o sentimento de angústia decorrente da corrida pelo alto desempenho (Carvalho *et al.*,2014). Desse modo, surge o conceito de *doping* intelectual, descrito por Trigueiro p.59 (2017) como o “uso de novas tecnologias neurocientíficas para monitoramento e manipulação das funções cerebrais”, incluindo a utilização de fármacos sem prescrição médica, como os psicotrópicos que visam melhorar o processamento cerebral para aprimorar o desempenho cognitivo.

Entre as substâncias utilizadas para o *doping* intelectual, está o metilfenidato, vendido comercialmente como Ritalina® no Brasil, observando-se que, mesmo sua venda sem prescrição médica sendo considerada prática ilegal, existem inúmeras formas de se obter essa medicação, visto o convívio com o meio social e a internet como meios (Trigueiro,2017).

### 3.2 A RITALINA COMO PRODUTO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO





Atualmente, os fármacos voltados à alta performance são chamados de *smart drugs* ou drogas da inteligência, porém, a literatura os denomina como nootrópicos e são aparentemente capazes de melhorar o desempenho mental através da estimulação ou inibição de certos neurotransmissores (Saniotis et al., 2014; Silva, 2010).

O metilfenidato tem sido aceito entre os jovens pela sua utilidade de melhoria à concentração, possibilitando-os a estudar por mais tempo, aumentar o desempenho da memória e a lidar com estressores como a sobrecarga acadêmica, a competição com colegas e as expectativas externas (Forte, 2022). Por essa perspectiva, é válida a compreensão de que esse uso indiscriminado provém de um contexto e de uma formação educacional, cultural e individual, pois, a partir da análise de que a escolha da profissão, diante da sociedade do desempenho, é um momento desafiador na vida dos jovens, e, considerando que o vestibular é visto como um rito de passagem da juventude ao mundo do trabalho, a autocobrança e o estresse são frequentemente vivenciados, gerando, muitas vezes, adoecimento (Barreto; Vaisberg, 2007; Fagundes *et al.*, 2010).

Levenfus (1997) elucida a realidade vivida pelos vestibulandos e afirma que a sensação de incerteza a respeito da sua aprovação nos processos seletivos e sua permanência no ambiente exaustivo de cursinho por mais tempo, emerge a necessidade de se manter disposto e focado por mais horas, contribuindo para o uso de psicoestimulantes, seja os naturais, como a cafeína, seja os sintéticos, como o metilfenidato, que vem se propagando com veemência entre os estudantes (Faria et al., 2012; Torcato, 2016).

#### **4 CONCLUSÃO**

Portanto, conclui-se que diante de uma sociedade em que a alta performance é superestimada, o uso não prescrito da Ritalina® entre vestibulandos, como forma de lidar com a sobrecarga da alta carga horária de estudos e as pressões sociais, a fim de conseguirem um bom rendimento nas provas dos vestibulares, é uma pauta alarmante, visto que os efeitos desta conduta são drásticos para saúde física e, principalmente, mental desses jovens vestibulandos.

**Palavras-chave:** *Doping* Intelectual. Desempenho. Vestibulandos

#### **REFERÊNCIAS**

ALVARENGA, Rodrigo e DIAS, Marcelo Kimati. Epidemia de Drogas Psiquiátricas: Tipologias de Uso na Sociedade do Cansaço. **Psicologia & Sociedade** [online], Paraná, v. 33, e235950, p.1-15, dez., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950>. Acesso em: 11 de Set 2023



BARRETO, Maria Auxiliadora; AIELLO-VAISBERG, Tania. Escolha Profissional e Dramática do Viver Adolescente. **Psicologia & Sociedade**, v.19, n. 1, p. 107-114, Jan. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100015> . Acesso em: 28 de Ago 2023

CARVALHO, Tales Renato Ferreira, BRANT, Luiz Carlos e MELO, Marilene Barros de. Exigências de produtividade na escola e no trabalho e o consumo de metilfenidato. **Educação & Sociedade** [online], v. 35, n. 127, p. 587-604, abr-jun, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000200014>. Acesso em: 28 de Ago 2023

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Giachini, Enio Paulo. 2. 2017. Vozes, Petrópolis: 128

LEVENFUS, R. S. (1997). Orientação vocacional ocupacional: à luz da psicanálise. In: Levenfus, R. S. Psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem** [online], v. 20, n. 2, p. v-vi, jul, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 30 de Ago 2023

SANIOTIS, Arthur et al. Messing with the mind”: evolutionary challenges to human brain augmentation. **Frontiers in Systems Neuroscience**, v.8, p.1-6, 30 set. 2014. Disponível em: 10.3389/fnsys.2014.00152. Acesso em: 28 de Ago 2023

SILVA, P.. Farmacologia. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

TORCATO, Carlos Eduardo. O metilfenidato, a escola e a cultura farmacológica contemporânea. **Revista Teias**, v. 17, n. 45, p. 83-97, abr-jun, 2016.

TRIGUEIRO, Emilia Suitberta de Oliveira e LEME, Maria Isabel da Silva. Estudantes e o Doping Intelectual: Vale Tudo Na Busca do Sucesso no Vestibular?. **Psicologia Escolar e Educacional** [online], v. 24, e219948, p.1-9, mar., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020219948>. Acesso em: 09 de Set 2023

TRIGUEIRO, Emilia Suitberta de Oliveira. **Adolescentes, o aprimoramento cognitivo farmacológico e o acesso ao ensino superior**. Orientador: Maria Isabel da Silva Leme. 2017. Tese - Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.



## **SAÚDE MENTAL E FAMÍLIA: EXPLORANDO A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA FAMILIAR NA SAÚDE MENTAL DO INDIVÍDUO A PARTIR DA OBRA ANIMADA “ENCANTO”.**

**Bárbara Christinny Santos Bezerra<sup>1</sup>**

*babi.chris.santos@gmail.com*

**Indira Feitosa Siebra de Holanda<sup>2</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

A instituição familiar é reconhecida como o primeiro ambiente no qual os indivíduos são inseridos, desempenhando um papel de extrema relevância na formação da personalidade e na construção da autoimagem. Nesse contexto, é válido investigar em que medida as dinâmicas estabelecidas no seio familiar podem exercer influência no desenvolvimento de problemas psicológicos, na autoestima e na desesperança dos sujeitos. O seguinte artigo se fundamenta em pesquisas relacionadas à estrutura familiar e à relação entre o suporte familiar e o bem-estar mental, o que justifica a análise da temática em contato da obra cinematográfica "Encanto".

A produção da Disney, "Encanto", desenrola-se em torno de uma notável família monoparental colombiana, na qual cada membro possui uma habilidade mágica que delimita a sua posição na hierarquia familiar, com a exceção da protagonista, Mirabel. A família é retratada inicialmente como um modelo aparentemente perfeito, porém, ao longo do filme, torna-se evidente que a rigidez da matriarca em relação às regras familiares e a falta de comunicação e abertura geram uma série de impactos negativos na saúde mental dos membros da família.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é analisar de que maneira as dinâmicas familiares, particularmente as expectativas, normas rígidas e falta de comunicação, representadas no filme "Encanto", podem influenciar negativamente a saúde mental dos indivíduos. E como impactam a autoestima e a desesperança nos membros da família.

---

<sup>1</sup> Discentes do curso de psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO).

<sup>2</sup> Graduada em psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2001), especialista em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Docência para o Ensino Superior pela Faculdade Leão Sampaio e Mestre em Ensino em Saúde pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Professor do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO).



## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente estudo foi conduzido mediante uma revisão bibliográfica, que envolveu a busca e análise de artigos científicos e obras literárias pertinentes aos tópicos de estrutura familiar, saúde mental e a influência do suporte familiar na construção da autoimagem do indivíduo. Bem com a análise da obra cinematográfica “Encanto” e dados de pesquisas relacionadas à estrutura familiar e ao suporte familiar, buscando destacar as implicações do contexto familiar na saúde mental dos indivíduos.

## **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Na obra cinematográfica "Encanto", a configuração familiar diverge das normas convencionais, especialmente ao ser comparada com um modelo familiar típico da década de 1950. Embora essa estrutura familiar não seja considerada tradicional, conforme a classificação de McFarlane, Bellissimo e Norman (1995. apud Souza, 2008), não há uma correlação direta entre a configuração familiar e o nível de suporte oferecido aos seus membros.

A teoria das fronteiras familiares, conforme delineada por Nichols e Schwartz (2007. apud Wagner, 2011), implica em barreiras invisíveis que separam os subsistemas. Na família Madrigal, parece prevalecer um tipo de fronteira rígida, que dificulta a comunicação entre os subsistemas, enfraquecendo os vínculos familiares e prejudicando a sensação de pertencimento.

Kashani, Canfield, Borduin, Soltys e Reid (1994) investigaram a relação entre a percepção de suporte familiar em crianças e o comportamento de desesperança. Em sua pesquisa com 100 crianças, os resultados das crianças que relataram ter menos pessoas de apoio em suas vidas apresentaram níveis elevados de desesperança. No musical animado, a personagem Maribel, que diversas vezes é segregada dos outros membros devido a sua falta de poderes, canta “Eu me sinto tão só”, “ talvez não dê mais para me ajudar”, exemplificando como a falta de apoio pode gerar a sensação de desesperança.

De acordo com Campos (2004), o suporte familiar satisfatório, proporciona uma sensação de valorização, amor, reconhecimento, compreensão, cuidado e proteção. Essa percepção permite que o indivíduo enfrente o ambiente de maneira mais adaptativa, promovendo seu bem-estar psicológico, fortalecendo a autoestima e reduzindo o estresse. Do contrário, podem criar um ambiente no qual os membros da família se sintam inadequados ou pressionados a corresponder a padrões pré definidos, afetando assim sua autoestima. Como a



personagem Isabela, irmã da protagonista a quem foi dado o papel rígido causando sofrimento exemplificado na fala “A aflição vem da pressão para ser a filha perfeita”.

#### 4 CONCLUSÃO

Portanto, a obra "Encanto" ilustra de forma concreta como as relações familiares podem desempenhar um papel significativo na saúde mental dos indivíduos, ressaltando a importância de se compreender e abordar as dinâmicas familiares como um elemento essencial na promoção do bem-estar psicológico. Esta reflexão acadêmica serve como um lembrete da complexidade das relações familiares e da necessidade de se considerar o impacto psicológico das mesmas no desenvolvimento e na saúde mental dos indivíduos.

Em síntese, os critérios para a saúde mental e doença não podem ser desligados dos contextos familiares, considerando que a identidade do indivíduo reflete experiências grupais. A saúde mental depende não apenas do funcionamento psíquico interno, mas também da capacidade de estabelecer boas relações com a família, a sociedade e outros indivíduos.

#### REFERÊNCIAS

Campos, E . P. (2004). Suporte social e família. In J. Mello Filho. **Doença e família**. (pp. 141-161). São Paulo: Casa do Psicólogo.

ENCANTO. Direção: Byron Howard. Produzido por Walt Disney studios motion. Estados Unidos: Disney plus, 2021.

KASHANI, J. H., Canfield, L. A., Borduin, C. M., Soltys, S. M., & Reid, J. C. (1994). **Perceived family and social support: Impact on children. Journal American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, 33(6), 819-823.

SOUZA, Maria Silva de. **Associação entre suporte familiar e saúde mental**. *Psicol. Argum.* 2008 jul./set., 26(54), 207-215.

WAGNER, Adriana **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: ARTMED, 2011.



## A EVOLUÇÃO DO FEMININO AO LONGO DA HISTÓRIA

**Isadora de Sousa Oliveira<sup>1</sup>**

*isadorassousa.oliveira@gmail.com*

**Ana Beatriz Santos Freires<sup>2</sup>**

*anabeatrizfreire75@gmail.com*

**Bruna Rafaela Araújo Passos<sup>3</sup>**

*brunarafaelaaraujo@hotmail.com*

**Francisca Camila Gomes Torres<sup>4</sup>**

*camilat908@gmail.com*

**Joel Lima Junior<sup>5</sup>**

*joellima@leaosampaio.edu.br*

### 1 INTRODUÇÃO

O referido trabalho buscou analisar como a sociedade tem visto o papel do feminino em diversos contextos socioculturais, visto que, a função do feminino é caracterizada pela criação dos filhos e, mais recentemente por a mulher estar sendo inserida no mercado de trabalho. Dessarte, o objetivo do trabalho foi compreender a construção do feminino na sociedade e como aconteceu tal ressignificação do papel da mulher nas atuais estruturas familiares. A fim de assimilar os papéis sociais desempenhados pelas mulheres na contemporaneidade é necessário conhecer a história pregressa das mesmas, suas lutas e conquistas, entender como é construída a identidade dessas mulheres, como são constituídos seus grupos sociais e, sobretudo, é fundamental perceber qual é o posicionamento das mulheres dentro do contexto familiar. De acordo com Silva *et al.* (2005), “Quando se procura entender o papel da mulher na sociedade, há de se voltar o olhar para os primórdios da existência de nossa sociedade, dando ênfase à formação do sujeito, seus grupos e classes sociais.” Ao longo da história da humanidade é possível observar diversos momentos históricos em que as mulheres são subjugadas e colocadas

---

<sup>1</sup> Discente do curso de psicologia da UNILEÃO

<sup>2</sup> Discente do curso de psicologia da UNILEÃO

<sup>3</sup> Discente do curso de psicologia da UNILEÃO

<sup>4</sup> Discente do curso de psicologia da UNILEÃO

<sup>5</sup> Docente do curso de psicologia da UNILEÃO



em um lugar de submissão e, caso fujam às regras impostas por aquela sociedade estão sujeitas a duras penas.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo Back et al. (2012) ao longo de toda história das mulheres elas lutam constantemente para sair desse lugar de submissão ao sexo masculino, surge o movimento feminista, iniciado na Inglaterra, no fim do século XIX, que tinha como principal objetivo a luta por direitos, em particular o direito ao voto. Jesus e Furtado (2018) afirmam que em momentos de crise como a segunda guerra a contribuição das mulheres foi indispensável, onde elas passaram a assumir dupla jornadas, nas fábricas e nos afazeres domésticos, os autores afirmam ainda que com o retorno dos homens após a segunda guerra, as mulheres são fortemente incentivadas a vida doméstica colocando a maternidade, novamente, como tema central de discussões pública. A partir disso se desenrola a segunda onda do feminismo, onde a luta por direitos igualitários entre homens e mulheres torna-se o arco central, fazendo com que a ficção doméstica perca o sentido.

Para Borsa e Fiel (2008), foi após a Segunda Guerra Mundial que emergiram os principais questionamentos sobre a família e o papel da mulher e do homem nesse contexto, pode-se atribuir a isso fatores como o surgimento de contraceptivos, a possibilidade de aborto, o divórcio e a ascensão profissional das mulheres. No século XX as mulheres adentram no mercado de trabalho, provocando mudanças econômicas e se tornando um marco para o início do processo de autonomia e independência financeira da mulher como também impulsionaram mudanças em costumes, valores e projetos de família que são enraizados (Simões; Hashimoto, 2012). A prioridade da mulher passa a ser sua satisfação pessoal e o sucesso de sua carreira profissional, uma multiplicidade de papéis passam a ser assumidos impactando em todos os âmbitos de sua vida, inclusive na maternidade, e também em seus projetos de vida e escolhas (Lopes; Dellazzana; Boeckel, 2014). Os desafios enfrentados pela mulher assumem uma nova configuração na sociedade moderna, mesmo que sejam mais independentes com relação à questão financeira existe uma dificuldade em lidar com os múltiplos papéis e a sobrecarga que podem gerar (Do Carmo; Ischiara; Carneiro, 2011).

## **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica, foi realizada uma releitura da origem do papel social atribuído ao feminino a fim de compreender a construção da função



feminina nas famílias. Tal pesquisa é apoiada em materiais já publicados como artigos, livros, trabalhos publicados em anais de eventos e periódicos eletrônicos. Para esse trabalho, foi realizada a pesquisa de artigos baseados no tema em canais virtuais como Google Acadêmico, Scielo e Pepesic. Os critérios para inclusão de materiais para esse estudo, foi de trabalhos publicados entre 2000 a 2022, com a finalidade encontrar uma diversidade de artigos.

#### 4 CONCLUSÃO

Abarcando todo o contexto histórico podemos notar que ao longo do tempo houve mudanças significativas no papel da mulher na constituição familiar, muitas delas através de luta e reivindicações, outras devido a modernização e variação de como pode ser formado o que se denomina de núcleo familiar na atualidade. O feminismo que tem toda sua jornada baseada em uma questão de garantia de direitos femininos e igualdade entre os gêneros após ocupar esses espaços, trouxe mais autonomia sobre seu papel na família, seja como mãe, esposa ou mesmo tendo como prioridade sua carreira. Apesar de todos esses avanços e mudanças sociais, ainda é possível notar resquícios da falta de equidade, opressão e patriarcado que até o presente pode ser observado nos relacionamentos sejam familiares ou não. É possível confirmar que a atribuição da mulher na família não se resume apenas ao maternal, mas abrange funções que através da educação, problematização e emancipação econômica é possível desenvolver, o que prioriza sempre a autonomia e cada vez menos a dominância do homem no que se refere aos espaços e apropriação das mulheres, combatendo o machismo e quebrando barreiras patriarcais.

**Palavras-chave:** Mulher. Feminino. Sociedade.

#### REFERÊNCIAS

BACK, Cleiciane; BARBOSA, Joelma Vieira; QUEVEDO, Luana Kátia Herber; ALEXANDRE, Ivone Jesus. O papel das mulheres na sociedade: diferentes formas de submissão. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 328–336, 2012. DOI: 10.30681/reps.v3i2.9225. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/9225>.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2000, v. 16, n. 3 [Acessado 5 Novembro 2022], pp. 233-239. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000300006>>. Epub 27 Nov 2001. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000300006>.

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O papel da mulher no contexto familiar: breve reflexão. **Psicologia.Pt**, Rio Grande do Sul, p. 1-12, 13 jun. 2008.





DO CARMO, Karla Suyanne Nascimento; ISCHIARA, Julio Cesar; CARNEIRO, Stania Nágila Vasconcelos. **A subjetividade feminina na atualidade:** um levantamento de como a mulher se percebe diante dos papéis assumidos por ela. Psicologia pt, 2011.

JESUS, Cassiano Celestino de; FURTAD, Isis. O Movimento Feminista e as Redefinições da Mulher na Sociedade após a Segunda Guerra Mundial. In: NADER, Maria Beatriz. **Equidade de gênero e raça.** Vitória Es: Edufes, 2018. p. 1-432.

LOPES, Manuela Nunes; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; BOECKEL, Mariana Gonçalves. **A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia.** Temas em psicologia, v. 22, n. 4, p. 917-928, 2014.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Rev. SBPH,** Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX.** Vozes dos Vales, v. 1, n. 2, p. 1-25, 2012.



## **A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO COMBATE AO RACISMO ESTRUTURAL**

**Andrine Sefhora X. P. de Oliveira<sup>1</sup>**

*andrinesefhora@gmail.com*

**Moema Alves Macedo<sup>2</sup>**

*moema@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

O desenvolvimento desta pesquisa é estimulado pela atuação em estágio da matriz curricular do curso de psicologia da UNILEÃO, com ênfase em processos psicossociais, onde foram realizadas atividades junto à comunidade e aos usuários da assistência social da cidade de Juazeiro do Norte-Ce, com foco na educação para promoção da igualdade racial.

Assim, objetiva-se sintetizar e analisar a partir de uma pesquisa bibliográfica, a atuação e o papel da psicologia no combate à existência do racismo estrutural. Realizar esta pesquisa é uma forma de abrir perspectivas de reflexão acerca dessa problemática, visto que o psicólogo (a) pode se deparar constantemente, no seu exercício profissional, com o racismo como demanda de sofrimento psíquico, sendo seu papel o comprometimento com o suporte teórico e prático na construção de instrumentos antirracistas.

### **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

O artigo teve como procedimentos metodológicos adotados a pesquisa qualitativa de natureza exploratória que busca proporcionar maior familiaridade com a problemática escolhida.

O período de produção da pesquisa se deu durante os meses de março a setembro de 2023, onde foi utilizado levantamento bibliográfico em sites como Scielo, Google Acadêmico e Portal do Conselho Federal de Psicologia, recorrendo à observação do conteúdo de artigos que se inferem ligações com o tema, tendo ainda como palavras chaves que contribuiram para localização de materiais relacionados: Atuação do psicólogo, relações raciais e racismo.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de psicologia da UNILEÃO, graduanda em psicologia pela UNILEÃO.

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO, graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco e Mestre em ensino na saúde pela FAMED/UFAL, especialista em gestão em saúde pela Fundação Oswaldo Cruz, doutoranda em psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco.



### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 O RACISMO ESTRUTURAL NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Almeida (2019) entende o conceito de racismo, como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam.”. O mesmo autor define o arranjo configurado como um elemento que integra a esfera econômica e política da sociedade, que se desenvolve nas suas entranhas, sendo então parte do processo social que se evidencia por um legado trazido pela tradição.

Além do racismo estrutural, Almeida (2019) define ainda duas concepções de racismo que são: individualista e institucional. Sob o ângulo do racismo individual, o mesmo autor afirma que não haveria sociedades ou instituições racistas, mas sim indivíduos racistas que agem isoladamente ou em grupo. Já na concepção institucional, o racismo seria resultado do funcionamento das instituições que passam a atuar em dinâmica conferindo desvantagens e privilégios com base na raça, sendo um reflexo da sociedade que está inserida.

Assim, o Racismo Institucional refere-se a políticas institucionais que, mesmo sem a intenção de sustentar a teoria racista, produz consequências desiguais para membros de diferentes categorias sociais (REX, 1987, p. 185 apud SOUZA, 2011). A ideia, segundo Souza (2011), é que as instituições de determinada população se encontram a serviço dos grupos hegemônicos que as criam, sendo assim quem está dentro desse sistema acaba reproduzindo divisões raciais, ou seja, uma hierarquia social, permitindo que os mais claros ocupem posições superiores e os mais escuros sejam mantidos nas posições inferiores.

Portanto vê-se que no Brasil o racismo se manifesta de modo institucional e se apresenta no contexto de colonização e escravização, tendo uma forma peculiar de manifestação que envolve não ser assumido abortamento, mantendo-se a falácia do mito da democracia racial, esse arranjo abrange um sofrimento coletivo que pode ser denominado como sofrimento ético-político. (GONZALEZ, 2000; SANTOS, 2018).



### 3.2 A PSICOLOGIA E RELAÇÕES RACIAIS

Contextualizando historicamente a atuação do psicólogo em relação a pautas raciais, de acordo com CFP (2017), a Psicologia brasileira se posicionou como cúmplice do racismo, tendo produzido conhecimento que o legitimou, validando estereótipos. Porém, atualmente, baseado no código de ética (Conselho Federal de Psicologia, 2005) o psicólogo deve trabalhar visando promover saúde e qualidade de vida, contribuindo para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Um dos marcos para a contribuição da prática psicológica no combate ao racismo, se dá através da Resolução 018/2002, que foi construída com o intuito de estabelecer normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e a discriminação racial. Essa resolução determina que os psicólogos devem atuar segundo os princípios éticos da profissão e ainda define algumas posturas que não devem ser realizadas ou compactuadas.

Sendo assim, o psicólogo encara a perspectiva discriminatória, de acordo com CFP (2008) ampliando o seu campo de intervenção sendo provocado a compreender as variáveis sociais, econômicas, políticas e culturais que afetam a população. Torna-se então fundamental que os (as) psicólogos (as) pautem seu trabalho na defesa das políticas públicas, tendo consciência que é esse o espaço de materialização dos direitos e pensando no campo das vulnerabilidades sociais segundo processos interseccionais que constroem exclusão e sofrimento ético-político.

## 4 CONCLUSÃO

É importante considerar que a desconstrução do racismo não se dá de forma individual, visto que é algo estruturado deve acontecer de forma coletiva. Dessa forma, é essencial que a atuação esteja embasada em uma ótica social e política, indo contra o discurso de inferioridade racial produzido pelo histórico brasileiro, que invisibiliza a população negra devido uma herança colonizadora. Nesse sentido, é possível perceber que são muitos os problemas a serem enfrentados para que seja garantida a proteção necessária para esse grupo, para facilitar o processo, deve-se pensar políticas de enfrentamento. Dentro disso o plano de ação do psicólogo se constrói articulando modos de construir práticas efetivas que visem promover justiça social e equidade nos serviços e nas políticas públicas.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília, s.n. 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os. Relações Raciais**. Brasília, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para atuação de psicólogos no CRAS/SUAS**. Brasília: CFP, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (2015). **Resolução CFP nº 018/2002**. Brasília, 2015.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. RIOS, F. LIMA, M. (Org.). 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SANTOS, Juciara Alves dos. **Sufrimento psíquico gerado pelas atrocidades do racismo**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. 1.], v. 10, n. 24, p. 148–165, 2018

SOUZA, Arivaldo Santos de. Racismo Institucional: Para compreender o conceito. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 1, n. 3, fev. 2011. ISSN 2177-27.



## FASCISMO E CULTURA POP: EXPLORANDO A INFLUÊNCIA DO PERSONAGEM *HOMELANDER* NO IMAGINÁRIO DO PÚBLICO MASCULINO

**João Kleber Batista Martins<sup>1</sup>**

*joao.kleber.b.m@gmail.com*

**Carolinne Vieira Leite<sup>2</sup>**

**Alex Figueiredo da Nóbrega<sup>3</sup>**

### 1 INTRODUÇÃO

É notável a crescente tendência de transformar personagens fictícios criados como uma crítica social em figuras de inspiração por parte do público masculino na internet. *Homelander* (*The Boys*, 2019) ilustra parte da amostra de personagens que ganharam admiração e viraram ideal de masculinidade por parte de muitos homens.

Surge então o questionamento de qual seria a razão por trás de personagens tão problemáticos, com atitudes misóginas, violentas e preconceituosas, terem conquistado tanto apreço do grande público. Buscando identificar como ocorre tal processo, é comum deparar-se com o argumento de que a crítica foi mal compreendida, todavia não se deve aceitar uma resposta tão rasa. Observando de maneira mais atenta, nota-se que há uma tendência na construção de tais personagens, aproximando-os do público via conflitos internos e externos, além de uma frustração com o modelo de sociedade atual, que vai de encontro à romantização do passado também muito vista nos grupos que idolatram tais figuras. No mais, a questão estética da qual tudo é retratado contribui com o apelo ao imaginário popular, de forma que torna perceptível que muitas obras da cultura pop reproduzem características advindas do fascismo como forma de atrair parte do público, evidenciando que o problema vai muito além da superfície.

Para ilustrar tal temática, o foco voltou-se ao personagem *Homelander*, que, como citado anteriormente, ganhou muita popularidade entre o público masculino desde a sua primeira aparição na série *The Boys*.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO).

<sup>2</sup> Discente do curso de psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO).

<sup>3</sup> Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especialista em Saúde da Família pela Universidade Gama-Filho, mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), professor do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO).



## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada a partir da procura por artigos, jornais e documentários que retratassem os temas de fascismo, cultura pop e hipermasculinização de personagens. Buscou-se a formulação de hipóteses sobre a relação entre tais temas e o público-alvo de produções da cultura *pop*, focando no personagem *Homelander* (*The Boys*, 2019), figura que ganhou grande fama entre o público masculino recentemente.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Horta (2007) comenta sobre a forma da qual o fascismo se mostra como um movimento estético, voltado para representar de maneiras grandiosas suas lideranças e desumanizar seus opositores, o que justificaria o ódio destilado aos seus diferentes, tudo através da imagem, agindo com forte influência ideológica. Já Stanley (2018) aborda novos aspectos do imaginário fascista, dando ênfase, para o presente trabalho, no passado mítico, vitimização da classe dominante e a política de punição para os que não pertencem a tal classe. Assim, é possível relacionar todos os aspectos citados acima dentro de obras difundidas dentro da cultura pop e muito abraçadas por seus respectivos públicos, como o exemplo recente do personagem *Homelander* (*The Boys*, 2019), muito utilizado como referência em campanhas pró Trump nos Estados Unidos, que se encaixa como alguém que romantiza o passado, está em uma classe dominante da qual finge ser vítima, trata diferentes como uma raça inferior e comete crimes contra minorias, algo que, apesar de não ser realizado, está presente na ideologia de muitos, porém tudo isso é filmado de maneira extravagante, de forma que, visualmente, o personagem assume um tom grandioso.

Suassuna (1972) alerta ao fato de que, principalmente, o público jovem possui tendência a não utilizar juízo de moral algum ao analisar a arte de maneira superficial, com tal juízo surgindo apenas após questionamentos e reflexões, ou seja, a atenção desviada ao fantástico acaba por remover a percepção das atrocidades cometidas. Surge então uma armadilha semiótica (Guimarães, 2023), pois mesmo que seja verbalizado que tais personagens não devem ser seguidos e são críticas, o que é mostrado revela outra natureza, pois cada cena possui frases de efeito, trilha sonora e formas de filmar que denotam exuberância, induzindo admiração por parte do público em questão. A sátira ao homem ideal acaba sendo subvertida e possui resultado contrário ao esperado.



Por outro lado, Bazzo (2023) comenta que o olho do telespectador é o que dá tamanho a uma obra de arte, sendo necessário que nela exista, de fato, alguma realidade para ser compreendida, porém, tal realidade só será devidamente absorvida se nela houver sentido que vá conforme o íntimo de quem a consome, no caso, apesar da produção cultural ser problemática, tais personagens ainda são louvados por existir identificação por parte dos seus consumidores, de forma que evidencia a necessidade de dirigir atenção ao funcionamento do público em questão. Em linhas gerais, existem aspectos nocivos dentro das grandes produções da cultura *pop* que influenciam negativamente sua audiência, mas tal audiência ainda precisa de uma identificação, mesmo que em pequena escala, para se inspirar nas figuras citadas, resultando que a problemática possui, no mínimo, dois grandes fatores.

#### **4 CONCLUSÃO**

Conclui-se que existe uma necessidade em observar a problemática de maneira mais ampla, visto que resumir os responsáveis como os telespectadores que “entenderam a mensagem errado” acaba por ser uma solução muito vaga. Notou-se que ocorre um apelo, principalmente estético, de obras da cultura *pop* que disseminam uma ideologia problemática e atraem grandes nichos, algo que evidencia um papel determinante no tema por parte da indústria, como se deixasse brechas propositais para má interpretação. Ademais, é válido ressaltar que para haver influência de maneira tão impactante, é necessária uma ligação com o íntimo de quem consome a obra, dessa forma, a atenção também deve ser voltada ao público, visto que, para abraçar tal influência, é necessária reprodução, mesmo que em poucas partes, daquilo que estava na ideologia de quem a consome, potencializando sentimentos e ideias já existentes.

Deve ser ressaltado que o trabalho consta como uma hipótese e pesquisa inicial, evidenciando que mais estudos relacionados ao tema devam ocorrer para uma compreensão mais ampla da problemática citada.

#### **REFERÊNCIAS**

ARIANO SUASSUNA. **Iniciação à estética**. Rio De Janeiro: J. Olympio Editora, 2005.

STANLEY, J. **How fascism works : the politics of us and them**. New York: Random House, 2018.

HORTA, F. **A Estética do fascismo, por Fernando Horta**. Disponível em: <<https://jornalgn.com.br/cultura/a-estetica-do-fascismo/>>.





BAZZO, M. **Barbie: Não sabemos ver uma obra de arte.** Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/barbie-nao-sabemos-ver-uma-obra-de-arte/>>. Acesso em: 10 set. 2023.

**O Imaginário Fascista na Cultura Pop: é possível escapar?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8SeumNE0tak&t=45s>>. Acesso em: 08 set. 2023.



## PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES SOBRE OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19

**Isaac Levi Agostinho Pinheiro<sup>1</sup>**

*isaaclevijua@gmail.com*

**Luan Duarte Romão<sup>2</sup>**

**Raul Max Lucas da Costa<sup>3</sup>**

### 1 INTRODUÇÃO

A adolescência foi sendo construída ao longo dos períodos históricos e socioculturais. No Brasil, o período é estabelecido em diferentes aspectos, apontando para diferentes concepções sobre o fenômeno. A diversidade de pontos de vista sobre o tema vem das inúmeras formas destes estarem no mundo. Através delas que se organizam os parâmetros de proteção e cuidado aos jovens (BRASIL, 2018).

A fase tem mudanças no desenvolvimento físico, cognitivo e psíquico. Como também, as percepções, ideias, costumes e grupos se expandem na busca de uma identidade. Nessa lógica, vivenciar esse momento é complexo e quando se reflete sobre atravessá-lo na pandemia do SARS-CoV-2, pode-se pensar em significações embaraçosas frente à calamidade. Conforme a OMS (2021), a disseminação do vírus e as medidas de emergência modificaram o modo de vida da população, vindo a gerar milhões de diagnósticos e óbitos em decorrência da doença.

Nesse contexto, Cohen & Bosk (2020), apontam que populações em situação de vulnerabilidade são ainda mais expostas, sendo as crianças e os adolescentes um público que necessita de cuidados redobrados. Assim, o isolamento na pandemia afetou o desenvolvimento de púberes em inúmeras esferas, principalmente socioeconômica e psíquica, ao se considerar fatores de riscos e as desigualdades sociais.

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo investigar os possíveis impactos das experiências da pandemia no desenvolvimento de adolescentes. O estudo faz parte do projeto “Pandemia e Adolescência em situação de vulnerabilidade no Ceará: mapeamento de impactos

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>3</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Mestre em Ensino em Saúde pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.



ao desenvolvimento e promoção de resiliência”, que tem como público uma amostra de púberes que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Nessa produção, focamos nas vivências de estudantes de escolas públicas.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo Papalia e Feldmam (2009), a adolescência não é um fenômeno inato, mas uma invenção social que surge no período da sociedade moderna industrial, representando a transição entre infância e vida adulta. Na fase, o sujeito passa a desenvolver mais fortemente discussões lógicas e desenvolve habilidades na busca por construir identidade e autonomia (TEODORO, OHNO, 2017).

Quando se pensa na complexibilidade da fase associada à pandemia, as consequências podem ser diversas. Brooks SK et al. (2020), aponta que apesar das diferenças, outros momentos pandêmicos e quarentenas provocaram efeitos psicológicos, que perduraram muito tempo e refletem nas vivências e comportamentos dos sujeitos. Para o autor esse é um problema de saúde pública, sendo importante que crianças e adolescentes disponham de uma rede de apoio psicossocial para promover medidas de enfrentamento.

Ao considerar as desigualdades sociais do Brasil, os impactos podem ser ainda maiores. Banati et al. (2020), aponta ser preciso refletir sobre as violações e conflitos já presentes na vida de jovens que podem ter sido intensificados na pandemia, estes ficaram ainda mais expostos à negligências em vários âmbitos. Assim, as estratégias devem envolver as esferas públicas, profissionais de saúde e sociedade em geral.

## **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, que proporciona familiaridade com a temática na busca de ampliar conhecimento e aprimorar as ideias sobre ela. O caráter descritivo permite trazer especificidades sobre determinada população (GIL, 2010), considerando o núcleo de alunos da rede pública. Além disso, há caracterização enquanto estudo de caso, já que se investiga e faz análise a partir de uma conjuntura real (YIN, 2015). Ademais, utilizou-se como recurso um modelo de entrevista semi-estruturado, além da pesquisa obter parecer favorável do Comitê de Ética.



#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após a análise dos dados obtidos a partir de entrevistas, percebeu-se alguns pontos em comum nas vivências dos adolescentes durante a pandemia. Destacou-se nos discursos dos entrevistados: o aumento do tempo de uso dos celulares e mídias digitais e a saudade da socialização na escola.

Cazal, Nunes e Silva (2021) apontam que o uso dos celulares aumentou devido à maior disponibilidade de tempo livre e a permanência obrigatória em casa, o mesmo argumento presente nas falas dos adolescentes entrevistados. Todavia, é importante elencar que o tempo exacerbado em frente às telas gera efeitos negativos, os quais além de baixo autoestima e aumento dos níveis de ansiedade, outros comportamentos típicos de vício, como taquicardia e sudorese, podem surgir denunciando a nomofobia, o medo de ficar sem o celular (Pinheiro; Pinheiro, 2021).

A escola é um espaço para os adolescentes se desenvolverem com troca de experiências entre pares, estreitando vínculos, uma vez que é nela que os púberes passam a maior parte do tempo (Faial et al; 2016). Durante a pandemia os jovens ficaram impedidos de ocupar o ambiente e nas entrevistas a saudade do contexto escolar apareceu com muita frequência. Percebeu-se que o afastamento trouxe implicações com o retorno das aulas, como individualismo e dificuldades em estabelecer relações interpessoais são alguns exemplos.

#### **5 CONCLUSÃO**

Esse trabalho, ainda que preliminar, evidencia que a pandemia trouxe mudanças que impactaram o desenvolvimento dos jovens, se fazendo importante voltar a atenção para esse grupo objetivando investigar e minimizar os efeitos gerados nesse período, assim como desenvolver pesquisas que aprofundem outros aspectos de nosso estudo.

Os jovens entrevistados são atravessados por vulnerabilidades sociais que intensificaram os efeitos colaterais da pandemia, deixando ainda mais evidente a desigualdade no Brasil, tornando crucial fortalecer a estrutura educacional para garantir o acesso equitativo no retorno à rotina escolar.

Posto isso, além de abrir espaços de discussão dentro das escolas sobre a promoção do bem-estar, investindo nas relações interpessoais e em estratégias de redução de danos no



consumo das mídias digitais, o espaço escolar deve conversar com dispositivos de apoio psicossocial.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018

BROOKS, S.K.; WEBSTER, R.K.; SMITH, L.E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; GREENBERG, N.; et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *Lancet*. v. 395, n 10227. p. 912–920, 2020

Banati, P., Jones, N. & Youssef, S. (2020). Intersecting Vulnerabilities: The Impacts of COVID-19 on the Psycho-emotional Lives of Young People in Low- and Middle Income Countries. *Eur J Dev Res* 32, 1613–1638

CAZAL, M. de M.; NUNES, D. P.; SILVA, S. T. da. Hábitos de vida durante a pandemia da COVID-19: Repercussões no peso corporal e nos níveis de ansiedade. *Scientia Medica, [S. l.]*, v. 31, n. 1, p. e41053, 2021. DOI: 10.15448/1980-6108.2021.1.41053.

Cohen, R. I. S. & Bosk, E. A. (2020). Vulnerable Youth and the COVID-19 Pandemic. *Pediatrics*, 146(1), e20201306.

FAIAL, Ligia Cordeiro Matos et al. A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. *Rev Pró-Uni*, v. 7, n. 2, p. 22-29, 2016.

Gil, A. C. (2010). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2021). WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Recuperado de <https://covid19.who.int/>

PINHEIRO, Ana Paula; PINHEIRO, Fernanda. O uso do celular em tempos de pandemia- uma análise da nomofobia entre os jovens. *Revista Tecnologias Educacionais em Rede (ReTER)*, v. 2, n. 3, p. 9-01, 2021.

TEODORO, M. L. M.; OHNO, Priscilla Moreira. Desenvolvimento do sistema de crenças. In Federação Brasileira de Terapias Cognitivas, Neufeld, C. B.; FALCONE, E.M.O.; RANGÉ, B.P. (Orgs). Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental: Ciclo 4. Porto Alegre: Artmed. V.1, p.9-54. 2017

Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Ed 5. Porto Alegre: Bookman.



## **ATUAÇÃO EM CENA: O OLHAR DA PSICOLOGIA EM UMA EQUIPE HOSPITALAR**

**Luan Duarte Romão<sup>1</sup>**

*luanduarter14@gmail.com*

**Clyvia Maria Vieira Borges<sup>2</sup>**

**Livia Maria Loula Pessoa<sup>3</sup>**

**Indira Feitosa Siebra de Holanda<sup>4</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

A concepção de saúde ainda que discutida na contemporaneidade sofre forte influência do modelo biomédico, no qual a prática curativa é difundida no senso comum e no fazer dos profissionais que atuam em tais meios. Feuerwerker (2014), aponta que muitas profissões da saúde acabam subjugadas à lógica de dominação da medicina, tendo núcleo de trabalho empobrecido, visando somente procedimentos que podem muitas vezes deixar de considerar o usuário em tais embates.

Através dos processos históricos foi-se elaborando modelos de cuidado à saúde que contemplassem formas de prevenção e promoção ao bem-estar da população. No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) estabelece níveis de atenção e tecnologias que auxiliam diretamente o trabalho dos profissionais. Em relação às classificações, estão presentes as atenções primária, secundária e terciária. Esta última denota o foco deste trabalho, que compreende hospitais e serviços ambulatoriais com abundância de instrumentos e ferramentas trazidas pela maior especificidade e custo (HUPSEL & SCHNITMAN, 2017).

Ao pensar a atuação do psicólogo e relação com a equipe interdisciplinar no espaço do hospital essas dinâmicas são presentes considerando que cada paciente demanda um olhar que o compreenda para além de toda a patologia. Outrossim, a pesquisa trata-se de um relato de experiência de uma reunião interdisciplinar com profissionais que atuam em um Hospital da Região do Cariri e que criam terapêuticas específicas para cada usuário presente na clínica médica.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>4</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Mestre em Ensino em Saúde pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.



## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Na psicologia hospitalar, para além de construir vínculos com pacientes e familiares, faz-se necessário integrar-se às equipes da instituição. Fossi e Guareschi (2004), apontam que para se firmar um cuidado integralizado e proporcionar terapêuticas que compreendam a singularidade do sujeito se realizam as reuniões interdisciplinares. Assim, o tratamento bem sucedido não compete somente às equipes de médicos e residentes, sendo necessário compreender a saúde para além do físico.

Nesse espaço, existem três tipos de tecnologias na atuação dos profissionais. Conforme Feuerwerker (2014), a primeira, seria as duras, vinculada aos protocolos e intervenções, considerando o trabalho morto, a segunda, as leve-duras, que compreende os saberes técnicos/metodológicos utilizados pelo trabalhador. Enquanto a terceira, a leve, diz respeito à relação com o usuário, produzindo vinculação através da escuta e interesse pelo sujeito. A partir da combinação de ambas vão se configurando os modelos de saúde, sendo necessário perceber que as práticas de saúde são atos produtivos, já que apresentam modificações e geram coisas novas.

Desse modo, no processo de diagnosticar/investigar o adoecimento, está implicado uma certa regularidade de características específicas das enfermidades, contudo, faz-se necessário compreender para além do que o sujeito apresenta de igual, considerando os sinais e sintomas que somente nele se percebe (BRASIL, 2007). Outrossim, as práticas interdisciplinares se fazem necessárias para pensar a prática no modelo de clínica ampliada.

## **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Peres e Santos (2005), apontam o relato de experiência como método complexo, que não seria a soma das partes, sendo presente neste uma ampla gama de singularidades, capaz de ser visto por diferentes perspectivas. Os autores apontam que nesse tipo de pesquisa, é necessário integrar inúmeros saberes, para não perder a multidimensionalidade do caso ou trazer interpretações reducionistas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A presente experiência deu-se em um estágio de psicologia em um hospital na região do Cariri. Uma das atividades realizadas é a participação nas reuniões interdisciplinares, onde



a equipe da instituição se agrupa para debater os internamentos presentes na clínica médica.

Jucá-Vasconcelos (2011), explica que nas reuniões é frequente a participação de profissionais da saúde da instituição, que entram no espaço para auxiliar a visão mais integrada do sujeito. As especialidades presentes buscam a resolução das demandas surgidas e amenizar as angústias dos profissionais frente a temas conflitantes.

Durante o momento, eram lidos os prontuários com o histórico da patologia, motivo da hospitalização, características gerais do paciente e familiares e possibilidade de intervenções. Cada profissional que tivesse tido contato prévio com o sujeito hospitalizado apresentava um parecer visando olhares múltiplos. Em seguida, cada especialidade trazia terapêuticas de sua área para serem investidas no tratamento, além de metodologias que combinassem com os saberes, com foco em produzir saúde.

Gazotti (2017), pontua a importância dessas reuniões para despertar nos profissionais melhores formas de lidarem com o sofrimento emocional dos pacientes. Assim, o envolvimento desses especialistas pode fazer surgir um sentimento de responsabilização pelo processo de saúde e bem estar do usuário, gerando uma parceria que valoriza e legitima a psicologia no atendimento a cada usuário.

## 5 CONCLUSÕES

Refletir sobre as reuniões interdisciplinares, é pensar na importância de proporcionar uma assistência mais humanizada e de acordo com os princípios do SUS. Na experiência relatada, percebeu-se que os profissionais envolvidos, ainda que numa lógica institucional que prioriza as demandas físicas, possuem um olhar mais amplo em torno do sujeito. Foi possível vislumbrar os posicionamentos e possibilidades destes atuarem de forma conjunta em benefício do paciente. Além disso, na atividade foi interessante notar a valorização dos demais especialistas na área da psicologia, percebendo a relevância e necessidade de intervenções psicoterapêuticas em cada caso analisado, mostrando como as maneiras do saber psicológico e demais campos de atuação se mesclam e juntos produzem saúde no usuário.

**Palavras-Chave:** Reunião Interdisciplinar; Psicologia; Equipe.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Núcleo Técnico da Política**





**Nacional de Humanização. Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular**– 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. **Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FOSSI, Luciana Barcellos; DE FÁTIMA GUARESCHI, Neuza Maria. A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 7, n. 1, p. 29-43, 2004.

Gazotti, Thaís de Castro. **Vivências de psicólogos como integrantes de equipes multidisciplinares em hospital** / Thaís de Castro Gazotti. – Campinas: PUC-Campinas, 2017. 134p.

HUPSEL, T. M.; SCHNITMAN, L. V. **Psicologia da saúde: da atenção primária à atenção hospitalar**. Salvador: Sanar, 2017.

JUCÁ-VASCONCELOS, Helena Pinheiro. Psicologia e Visita Médica: construção e reconhecimento de um lugar para o psicólogo hospitalar. **Revista IGT na Rede**, v. 8, n. 15, p.270-278, 2011.

PERES, Rodrigo Sanches; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em psicologia**. Interações, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 109-126, dez. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-29072005000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: ago. 2023.



## **IDENTIDADE E VÍNCULOS AFETIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Marinara Gonçalves Magalhães<sup>1</sup>**

*marinaragm@gmail.com*

**Ana Sara Saldanha Souza<sup>2</sup>**

**Sâmila de Fátima Silva Siqueira<sup>3</sup>**

**Nadyelle Diniz Gino<sup>4</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa explicar uma vivência do estágio básico realizada em uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Juazeiro do Norte-CE. Inicialmente, foi feito um mapeamento das demandas presentes na escola, em que se teve como objetivo a elaboração de um projeto de intervenção psicossocial, sendo selecionado temáticas que fazem parte do adolescer. Assim, mediante as demandas coletadas no equipamento, as intervenções tiveram como objetivo central trabalhar a identidade e o fortalecimento de vínculos com o público-alvo.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A intervenção psicossocial visa provocar mudanças no sentido de desenvolvimento, visando facilitar o bem-estar psicossocial dos indivíduos e comunidade, sendo necessário conhecer os fatores que interferem nesse bem-estar. Deste modo, não se pode compreender a realidade social sem conhecer o contexto sócio-histórico em que ela se desenvolve, sendo importante o mapeamento e análise das necessidades (NEIVA, 2010).

Os impactos do processo de colonialidade nas práticas educativas são notórios, sendo observados através da Educação Bancária, que Freire (2017) caracteriza como ato de depositar e transferir conhecimento. A ideia bancária da educação diz respeito a uma prática que visa os interesses do capital e a hierarquização de saberes, excluindo o que é diferente do padrão e das ideias neoliberais (FIGUEIREDO, 2012).

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.

<sup>3</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.

<sup>4</sup> Especialista em Análise do Comportamento. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.



Diante disso, no contexto educacional, deve-se visar promover práticas da educação problematizadora, para que haja o desvelamento das ideias colonializantes e a libertação da relação de opressor-oprimido. A psicóloga tem o papel de trabalhar com os sujeitos, levando em conta o seu contexto, em busca de uma consciência crítica, de uma autonomia e de uma mudança da realidade (CAMPOS, 2012). Nesse viés, o Código de Ética da Psicologia (2005) tem como objetivo assegurar uma conduta profissional pautada na responsabilidade social e promoção da qualidade de vida, dignidade e integridade do sujeito.

Segundo Tetzner (2021), visto que a adolescência é um período marcado por transformações biopsicossociais, que levanta questões como identidade e relações, faz-se necessário entender a importância da escola no desenvolvimento psicossocial dos estudantes, por ser um espaço que proporciona processos de formação de identidade e construção de vínculos. Entretanto, esse, também, pode ser propagador do individualismo presente na sociedade contemporânea, que torna os vínculos frágeis, fazendo com que os indivíduos tenham dificuldade de lidar com o diferente, daquilo considerado fora do padrão imposto (BAUMAN, 2004).

Assim, respeitar as diferenças faz parte tanto do processo de fortalecimento de vínculos consigo mesmo e com os outros, quanto do processo de construção de identidade, que é tanto individual como social. No período da adolescência, o processo de autodescoberta vem de questionamentos que antes foram construídos na infância, mas agora novas escolhas vão surgindo e o adolescente sente a necessidade de encontrar o seu papel na sociedade (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2009).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

A princípio, foi feito um levantamento das demandas, utilizando de entrevistas semiestruturadas com os alunos, identificando potencialidades e fragilidades, que permitiu definir prioridades viáveis para a construção das intervenções e, assim, delimitar o foco. Com isso, as intervenções foram realizadas de forma quinzenal, com estudantes do 7º ao 9º ano, que a cada encontro se trabalhava uma temática específica como: adolescência, autoestima, identidade, resolução de conflitos e perspectiva de futuro.

A partir do planejamento entre a equipe e observação do comportamento do grupo, foram formulados jogos e dinâmicas para se trabalhar as temáticas de forma lúdica, gerando



um espaço de diálogo e reflexões. Portanto, foi estabelecido um contrato social com os participantes, a fim de favorecer o vínculo e o desenvolvimento das atividades.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O projeto de intervenção se deu de forma horizontal e respeitadora do saber e do conhecimento dos alunos, como orienta Freire (2015), tirando o foco dos interventores, sendo assim, com troca de aprendizagens, tanto entre as estagiárias e os alunos, quanto entre os próprios estudantes. Assim, colaborando para um espaço de confiança, onde os discentes pudessem expressar seus sentimentos, expectativas e opiniões nos encontros (NEIVA, 2010).

Um momento significativo fora quando as estagiárias conseguiram compreender o funcionamento do grupo-alvo. Foi percebido que atividades como jogos, colagens, pinturas e desenhos faziam os adolescentes se expressarem melhor e se implicarem mais no processo.

Dessa forma, se tornou importante a adaptação de algumas atividades para melhor fazer parte da realidade e das vivências dos alunos.

Ao longo das intervenções, foi notável a importância do contato, ainda na graduação, com as demandas reais da sociedade. Nesse viés, a atuação no ambiente escolar tornou perceptível a necessidade de uma práxis comprometida, da teoria em relação com a prática, buscando um saber necessário para o fazer e produzir saberes a partir da relação com a realidade (CAMPOS, 2012).

#### **5 CONCLUSÃO**

Diante do exposto, observa-se a relevância de trabalhar as temáticas, com os adolescentes, no ambiente escolar, visto que as fragilidades dos vínculos afetivos é uma demanda presente. Com isso, percebeu-se que o objetivo do projeto foi alcançado, quando a partir de um planejamento, de métodos e da base teórica utilizada, criou-se condições e um meio propício para que os estudantes tivessem autonomia e pensamento crítico, que colaborou no processo de busca pela identidade e fortalecimento de vínculos afetivos. Logo, observou-se que a partir do desenvolvimento e adaptação das atividades, o grupo-alvo conseguiu estabelecer vínculos, participando ativamente de seu processo, desenvolvendo um contato com eles mesmos e com os outros.

**Palavras-chave:** Adolescência. Vínculos. Identidade. Escola. Estágio.



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **O amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, agosto de 2005.

FERREIRA, T. H. S.; FARIAS, M. A.; SILVARES, E. F. d. M. **Desenvolvimento da Identidade em Adolescentes Estudantes do Ensino Médio**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v. 22 (3), p. 326- 333, 2009.

FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. **Paulo Freire e a descolonialidade do saber e do ser**. In: FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque; SILVA, Maria Eleni Henrique da (orgs.). **Formação Humana e Dialogicidade III: encantos que se encontram nos diálogos que acompanham Freire**. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 66-88.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

NEIVA, K. M. C. **Intervenção Psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. 1º. Ed. São Paulo: Vetor Editora, 2010.

TETZNER, C. **O valor dos vínculos afetivos e a sua relação com o cometimento de crimes**. *REVISTA JURES*, v. 14, p. 155, 2021.



## CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO PARA A GESTÃO DE PESSOAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

**Erik Levi Sousa Silva<sup>1</sup>**

*eriklevitmj@gmail.com*

**Larissa Vasconcelos Rodrigues<sup>2</sup>**

### 1 INTRODUÇÃO

Sob égide do capitalismo, é observado que dinâmicas profissionais continuam sendo, concomitantemente, produção e produto da subjetividade humana. Essa relação frequentemente leva à desconexão do trabalhador com seu trabalho, resultando em ambientes laborais monótonos e estressantes, que podem estimular comportamentos de evitação. Esses processos ocorrem quando indivíduos evitam eventos significativos por medo do sofrimento, levando a uma vida laboral carente de vitalidade. A Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), busca enfrentar esses desafios mobilizando flexibilidade psicológica. Este estudo visa explorar produções científicas que documentam intervenções baseadas em ACT como modelo de promoção de saúde do trabalhador e suas contribuições para a gestão de pessoas.

### 2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, seguindo a abordagem proposta por Gil (2018), com o objetivo de investigar como a ACT pode contribuir para aprimorar processos de psicologia organizacional.

Serão utilizados como fontes de fundamentação teórica livros e artigos. Os descritores que vão ser utilizados em buscas nas bases de dados do Google Acadêmico e o *Association for Contextual Behavioral Science* serão “terapia de aceitação e compromisso”, “gestão de pessoas”, “terapia de aceitação e compromisso em ambiente organizacional”.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Considerar o trabalho como alicerçador da humanidade é uma noção muito discutida no pensamento ocidental (SOBRINHO, 2018). Essa abordagem permite conceituar o trabalhador como alguém que não apenas molda seu ambiente em resposta às necessidades, mas também é

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Psicóloga pela Faculdade Leão Sampaio, Especialista em Gestão de Pessoas pela Faculdade de Juazeiro do Norte, e Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.



moldado por ele em um processo de constante interação. Essa perspectiva não abre caminho para compreensão e intervenção em fenômenos contemporâneos relacionados ao mundo do trabalho. Recentemente, a Gallup (2023) relatou dados sobre o engajamento dos trabalhadores em empresas comerciais com base em sua conexão emocional ou cognitiva com o trabalho ou local de trabalho. Em 2023, apenas 28% da amostra brasileira estava ativamente engajada no trabalho, enquanto 72% estava desengajada ou ativamente desengajada. Isso indica um baixo envolvimento dos brasileiros em suas atividades laborais, levando a comportamentos evitativos, como uso excessivo de redes sociais ou devaneios, resultando em níveis elevados de estresse, esgotamento e erros (MORAN et al., 2022). Vale ressaltar que esses comportamentos são lidos pela Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) como evitações experienciais, cujo a motivação consiste no controle e supressão de eventos indesejados, variando em cada trabalhador a partir do seu repertório comportamental e das formas de gestão a qual é submetido.

Paradoxalmente, pesquisas empíricas apontam que essa tentativa de esquiva aumenta a frequência e intensidade desses eventos, culminando em perda de repertório e consequentemente mitigação de vitalidade e capacidade de estar presente no momento presente (HAYES, STROSAHL E WILSON, 2021). Em contraponto a essa perspectiva, a Terapia de Aceitação e Compromisso tem como objetivo terapêutico promover flexibilidade psicológica, que pode ser definida como habilidade em estar no aqui-agora, conscientemente em aceitação a experiências privadas, e engajado em comportamentos alinhados com valores. De acordo com Bonde, Flexman e Brunce (2008), mesmo que um trabalhador possa ter clareza em relação a valores e objetivos, o engajamento em responder comportamentos privados de forma crítica ou evasiva pode restringir sua capacidade de atingi-los.

Sob esse panorama, a psicologia científica possui robustas evidências de que intervenções que mobilizam flexibilidade psicológica são preditoras de saúde mental, como ilustram os estudos de Ruiz (2010) e Levin, Hildebrandt, Lillis e Hayes (*apud* HAYES, STROSAHL, WILSON, 2021) que reiteram o modelo de intervenção da ACT como transdiagnóstico, por alcançar resultados satisfatórios em diversos contextos de adoecimento. Vale ressaltar que essa abordagem não possui manuais prescritos para o desenvolvimento da atuação do psicólogo, cabendo a este utilizar de criatividade e inovação, alinhados a expertise teórica, para traçar estratégias que sejam verdadeiramente efetivas na mobilização de processos relevantes aos sujeitos atendidos.



Ademais, a ACT já foi aplicada diretamente aos trabalhadores. Um estudo de Bond e Bunce (2000) examinou os efeitos do manejo do estresse no trabalho por meio da aceitação e atenção consciente ao presente a partir de treinamentos corporativos no Reino Unido, obtendo resultados positivos no bem-estar geral. Outras aplicações da ACT também se mostraram eficazes para a saúde ocupacional (BOND; FLAXMAN; LLOYD, 2016; WATERS et al., 2017).

Nessa mesma abordagem, estudos de Ramaci et al. (2019) na Itália e Puolakanaho et al (2020) na Finlândia chegaram a conclusões semelhantes, indicando que o modelo da ACT é transcultural. Até o momento da pesquisa, não foram encontradas produções científicas sobre a temática em ambientes organizacionais brasileiros.

É válido ressaltar que essas intervenções são feitas, em sua maioria, através de vivências que visam proporcionar aos participantes contato acolhedor com experiências privadas, através de exercícios atencionais de *mindfulness*. Ademais, métodos de clarificação de valores pessoais e objetivos também são utilizados para gerar reflexões sobre ações comprometidas e auto reforçadoras (MORAN et al., 2022).

#### 4 CONCLUSÃO

Destarte, pesquisas em Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) no contexto de trabalho no Brasil se tornam necessárias, dada a necessidade de abordar questões de saúde mental e bem-estar dos trabalhadores em um país marcado por desigualdades sociais e desafios ocupacionais. O entusiasmo da comunidade da ACT sugere que esta abordagem pode contribuir para construção de intervenções valiosas para os problemas enfrentados pelos trabalhadores brasileiros.

**Palavras-chave:** Terapia de Aceitação e Compromisso. Saúde Mental no Trabalho. Gestão de Pessoas.

#### REFERÊNCIAS

BOND, Frank; FLAXMAN, Paul; LLOYD, Joda. Mindfulness and meditation in the workplace: An acceptance and commitment therapy approach. **Research and Practice Oxford University Press**, [s. l.], p. 241-258, 28 jan. 2016. DOI <https://doi.org/10.1093/med:psych/9780199688906.003.0011>. Disponível em: <https://repository.uel.ac.uk/item/8q5vw>. Acesso em: 14 set. 2023.





STATE of the global workplace. 2023. Disponível em: <https://www.gallup.com/workplace/349484/state-of-the-global-workplace.aspx>. Acesso em: 18 set. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018

HAYES, Steven; STROSAHL, Kirk; WILSON, Kelly. O Dilema do Sofrimento Humano. In: HAYES, Steven; STROSAHL, Kirk; WILSON, Kelly. **Terapia de Aceitação e**

**Compromisso**: o processo e a prática de mudança consciente. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

MORAN, Daniel; BATTEN, Sonja; GAMBLE, Madison; ATKINS, Paul. Acceptance and Commitment Training: Improving Performance in Organizations with Applied Contextual Behavioral Science. In: HOUMANFAR, Ramona; FRYLING, Mitch; ALAVOSIUS, Mark (ed.). **Applied Behavior Science in Organizations**: Consilience of Historical and Emerging Trends in Organizational Behavior Management. New York: E Taylor & Francis Group, 2022.v. 1.

PUOLAKANAHO, Anne; TOLVANEN, Asko; KINNUNEN, Sanna; LAPPALAINENA,

Raimo. A psychological flexibility -based intervention for Burnout:A randomized controlled trial. **Journal of Contextual Behavioral Science**, [S. l.], p. 52-67, 15 jan. 2020. DOI <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2019.11.007>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2212144719301000>. Acesso em: 14 set. 2023.

RAMACI, Tiziana; BELLINI, Diego; PRESTI, Giovambattista; SANTISI, Giuseppe. Psychological Flexibility and Mindfulness as Predictors of Individual Outcomes in Hospital Health Workers. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], ed. 12, 19 jul. 2019. DOI <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01302>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2019.01302/full>. Acesso em: 14 set. 2023.

RUIZ, Francisco. A review of Acceptance and Commitment Therapy (ACT) empirical evidence: Correlational, experimental psychopathology, component and outcome studies.. **International Journal of Psychology & Psychological Therapy**, [S. l.], v. 10, p. 125-162, 10 set. 2023. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2010-05335-008>. Acesso em: 10 set. 2023.

SOBRINHO, José Bonifácio do Amparo. O Trabalho, a Psicologia e as Organizações. **Coleção Manuais da Psicologia: Psicologia Organizacional e do Trabalho**, Salvador, v. 3, 2018.

WATERS, Cerith; FRUDE, Neil; FLAXMAN, Paul; BOYD, Jane. Acceptance and commitment therapy (ACT) for clinically distressed health care workers: Waitlist-controlled evaluation of an ACT workshop in a routine practice setting. **British Journal of Clinical Psychology**, [s. l.], p. 82-98, 2017. DOI <https://doi.org/10.1111/bjc.12155>. Disponível em: <https://bpspsychub.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/bjc.12155>. Acesso em: 14 set. 2023.



## **RELATO DE EXPERIÊNCIA- MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ESCOLAR**

**Elienai Carlos de Macedo<sup>1</sup>**  
*elienaimacedo16@gmail.com*

**Jéssica Queiroga de Oliveira<sup>2</sup>**  
*jessicaqueiroga@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

Historicamente, a psicologia escolar sofre desafios e críticas por ser associada clínica. Isso se evidencia quando psicólogos escolares exercem sua atuação de forma errônea, baseando-se na Psicopatologia Clínica, associando os problemas escolares apenas aos alunos, justificando o fracasso escolar com diagnósticos (Dias, et.al 2018). No entanto, compreende-se que o psicólogo escolar deve objetivar a contribuição no processo educativo, enfatizando a preservação da subjetividade dos alunos, compreendendo os contextos em que estão inseridos. (Santos e Gonçalves 2016). Andrada (2005) ressalta que em casos de dificuldade de aprendizagem ou suspeita de patologia, é crucial considerar que a dificuldade de aprendizagem tem origem, causas e desenvolvimento múltiplos, então, faz-se necessário um trabalho que considere todas as dimensões implicadas, dentre as quais a psicologia se faz presente. Portanto, este trabalho tem como objetivo relacionar a psicologia escolar à medicalização na educação infantil e suas implicações.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Os Transtornos do Neurodesenvolvimento são aqueles caracterizados por surgirem a partir da infância, na fase de desenvolvimento e em geral, na fase pré-escolar, de acordo com o DSM-V (2014). Estes déficits têm como consequência o prejuízo nos âmbitos pessoal, social, acadêmico ou profissional. O transtorno do espectro autista caracteriza-se pela seguinte tríade de sintomas: disfunções na área social; comprometimentos da comunicação ou na linguagem e disfunções comportamentais. A tríade sintomatológica clássica do TDAH é composta por desatenção, hiperatividade e impulsividade.

---

<sup>1</sup> Psicologia, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

<sup>2</sup> Psicologia, Doutora em Psicologia Social, UFPB



A partir de Cruz, Okamoto e Ferraza (2016), é frequente a medicalização na infância, por parte de pais e professores acerca de dificuldades e comportamentos das crianças, com o intuito de ajustá-las a uma padronização social na busca pelo filho e aluno ideais, sem levar em consideração a subjetividade do sujeito. Afirma-se que os processos singulares são capturados pelo saber médico a partir do momento em que o comportamento diferente é considerado exclusivamente disfunção orgânica do indivíduo. Um diagnóstico precoce pode ser libertador para o indivíduo que possui o transtorno, porém, essa patologização acaba banalizando o que de fato é o adoecimento, retornando para a ideia clínica que parte do objetivo de curar.

O papel do psicólogo escolar é desconstruir essas resistências. Essa compreensão possibilita que este profissional pense em ações para trabalhar respeito às diferenças, promover reflexões e estratégias interventivas. Também vê-se a importância desse profissional buscar parceria com demais agentes educativos para que se possa diversificar e aperfeiçoar os métodos de ensino. Desta forma, seriam contempladas as práticas inclusivas, desenvolvendo ainda, habilidades sociais que proporcionam uma relação melhor com os discentes, em ênfase aqueles que apresentam queixas escolares ou necessidades educacionais diferentes (Braz-Aquino, Ferreira e Cavalcante, 2016).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Este de resumo trata-se de um relato de experiência baseado nas vivências do estágio supervisionado com ênfase em processos educacionais, o qual teve duração de março à junho de 2022, sendo realizado em uma escola de ensino infantil referência em educação inclusiva em Juazeiro do Norte. Foram realizadas diversas atividades em campo, mas aqui será enfatizado os auxílios em sala de aula e o projeto de educação socioemocional, visto que foram as atividades com maior quantitativo.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os auxílios em sala de aula, assim como as demais atividades desenvolvidas no campo, foram feitas com o objetivo de promover inclusão aos alunos que demonstravam necessidade de mais suporte para desenvolverem as atividades cotidianas, e na maioria das vezes, referia-se à crianças autistas e com TDAH. Em sua totalidade, nesses auxílios foram trabalhadas habilidades sociais, autonomia dos sujeitos e desenvolvimento cognitivo.



O projeto de educação socioemocional teve como objetivo trabalhar emoções com os alunos, para que eles pudessem reconhecê-las e ter autonomia para lidar com elas. Em um dado momento foi identificada a necessidade de ser trabalhado a inclusão das crianças com desenvolvimento atípico nesta turma. Para isso, foram feitos trabalhos em grupo para estimular a inclusão.

É afirmativo que as estagiárias presentes eram direcionadas muitas vezes a um papel investigativo em relação a possíveis transtornos, assim como, era delegada a função de conter esses alunos em sala de aula com base em um discurso inclusivo. Frequentemente eram levantadas hipóteses diagnósticas com base apenas em comportamentos “atípicos”, sem levar em consideração o contexto educacional e familiar dos alunos.

## 5 CONCLUSÃO

É possível afirmar a praticidade da padronização exercida muitas vezes pela escola e família, pois assim descarta-se a responsabilidade de reformular algum desajuste nos métodos educativos. Em troca disso, há a terceirização da individualidade dessas crianças.

Com base no que foi apresentado, é conclusivo que as práticas clínicas ainda são frequentes no contexto escolar, porém, cabe aos psicólogos pautarem-se na ética e na ciência para não disseminarem essa prática, assumindo assim um lugar de resistência nesses espaços.

**Palavras chave:** Medicalização. Psicologia escolar. Educação infantil.

## REFERÊNCIAS

Andrada, Edla Grisard Caldeira de **Focos de intervenção em psicologia escolar. Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2005, v. 9, n. 1 [Acessado 21 Abril 2022] , pp. 163-165. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000100019>>. Epub 03 Dez 2010. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000100019>.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014, pp 31-86.

Braz-Aquino, Fabíola de Sousa, Ferreira, Ingrid Rayssa Lucena e Cavalcante, Lorena de Almeida **Concepções e Práticas de Psicólogos Escolares e Docentes acerca da Inclusão Escolar. Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2016, v. 36, n. 2 [Acessado 14 Abril 2022] , pp. 255-266. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703000442014>>. ISSN 19823703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000442014>.



Cruz, Murilo Galvão Amancio, Okamoto, Mary Yoko e Ferrazza, Daniele de Andrade **O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2016, v. 20, n. 58 [Acessado 24 Abril 2022] , pp. 703-714. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0575>>. Epub 15 Abr 2016. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0575>.

Dias, Ana Cristina Garcia, Patias, Naiana Dapieve e Abaid, Josiane Lieberknecht Wathier. **Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões.** Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2014, v. 18, n. 1 [Acessado 10 Abril 2022] , pp. 105-111. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011>>. Epub 13 Maio 2014. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011>. 4

SANTOS, Jeovanne Vieira, GONÇALVES, Charlisson Mendes. **Psicologia Educacional: Importância do Psicólogo na Escola.** Psicologia.Pt, 2016, pp. 02-14.



# **A ENTREVISTA PSICOLÓGICA INTERVENTIVA EM CONTEXTOS DE DISPUTAS FAMILIARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Anna Luiza Fernandes Morais**

*annaf.psi@gmail.com*

**Rita de Cássia Godoy**

## **1 INTRODUÇÃO**

A conceituação de família, na contemporaneidade, é abrangente e torna-se um desafio, no campo da investigação científica e na prática da Psicologia e do Direito das Famílias, quando é preciso incluir, refletir os contextos e as influências nos conflitos familiares. É preciso ainda, compreender os tipos de vínculos, os papéis multidimensionais e os elementos que caracterizam a família. (Fonseca, 2005). As mudanças dentro do contexto da família, levam às mudanças no modelo parental e a crescente discussão por conta do aumento dos divórcios de acordo com dados do IBGE. Um aspecto que chama atenção dentro dos processos de divórcio, é a vulnerabilidade da família. Assim, uma família vulnerável por conta do divórcio, pode recorrer ao Judiciário, para um processo judicial a fim de solucionar o conflito.

O presente trabalho contempla o Projeto Restaurando Vínculos, uma parceria com o Tribunal de Justiça de Goiás com o curso de Psicologia da PUC/GO, que tem como objetivo restaurar o vínculo familiar e prevenir conflitos futuros. A característica do projeto, são as entrevistas psicológicas interventivas. A entrevista possibilita a oportunidade de obter uma variedade de informações além das verbalizações (Rovinski, 2007). A intervenção, de acordo com Spadoni (2021), propõe um acolhimento no sofrimento do sujeito, possibilitando oportunidade para as partes de construir uma solução pacificadora, seja no âmbito jurídico ou extrajurídico.

## **2 MÉTODO**

Participantes: relata-se a experiência do caso de Pedro 50 anos, Clara 50 anos e Gabriel 6 anos. Pedro, pai de Gabriel. Clara, mãe de Gabriel. Gabriel, filho do casal.

## **3 PROCEDIMENTO**

Dentre os casos do projeto, um foi escolhido para poder refletir e compreender a teoria



e prática da entrevista psicológica interventiva. Foram 19 encontros às sextas-feiras, com duração de 2h a 3h. Estavam presentes a coordenadora e supervisora do projeto Dra. Lila Spadoni, 4 estagiários de psicologia jurídica da PUC/GO, 2 estagiários de mestrado e 1 de pós-graduação. O primeiro contato é por via *WhatsApp*, para agendar a primeira entrevista psicológica, explicar como funciona o projeto e assinar o TCLE. O segundo momento, são as entrevistas psicológicas interventivas. No terceiro momento, as visitas assistidas, promovendo um “espaço terapêutico” necessário para que Gabriel e o seu pai pudessem reafirmar o vínculo (MP/Nº002/2012, 2013)<sup>6</sup>, pois o genitor que não convive com a criança.

## CASO CLÍNICO

Pedro o pai e Clara mãe, o Gabriel (filho) apresenta comportamentos diferentes enquanto estava com a mãe e o pai. Aos pais, compreende que apresentam em seus discursos a lógica do ganhar e perder, aumentando o conflito. Através das visitas assistidas, foi observado que Gabriel e Pedro possuem um vínculo significativo estabelecido. Ao longo das entrevistas com Clara, por vezes verbalizou que queria que o seu filho tivesse uma figura paterna, apresentando comportamentos de fuga na presença de Pedro. Diante das visitas observou-se mudanças no Gabriel, devido às particularidades do conflito instaurado. Notou-se a necessidade de alterar a dinâmica durante a visita, propondo um ambiente mais livre, pai e filho, sem a intermediação dos brinquedos. Foi observado que mesmo no contexto adverso do conflito direto entre pai e mãe, conseguiu-se viabilizar a retomada das visitas de pai e filho, em um contexto mediado pelo Programa.

Informo que todos os nomes utilizados no presente artigo são fictícios, visando a preservar a identidade dos participantes.

## 4 RESULTADOS

No Projeto, desde a primeira entrevista, intervenções de cunho psicossociais foram realizadas com os participantes, com objetivo de ter o processo mais justo, arrefecer o conflito e fortalecer as possibilidades de restauração e comunicação entre eles. As intervenções foram feitas com a entrevista psicológica interventiva. Trazendo para o processo judicial uma quebra de paradigmas dentro da lógica do direito normatizado e uma necessidade de um papel interventivo da psicologia nas entrevistas. Ao se tratar de direito das famílias, como será fazer com que o direito (aplicação da Lei) juntamente com a psicologia torne o processo justo a todos?

Temos várias formas de responder à pergunta acima e o trabalho não visa uma única



resposta porém entendemos que a entrevista psicológica interventiva pode facilitar essa combinação do direito com a psicologia, tornando o processo judicial de divórcio com disputa de guarda e convivência de filhos mais justo. Winnicott (1971) citado por Silva (2010) escreveu sobre os resultados positivos obtidos com a interpretação da fala.

A Psicologia e o Direito têm em comum: o conflito. Assim, os profissionais do Direito e da Psicologia precisam buscar um olhar amplo sobre os conflitos e sobre as pessoas que vivenciam o conflito, por isso Silva et al. (2015) e Silva et al. (2018) reafirmam a importância de ações que ofereçam suporte às famílias em reconfiguração, favorecendo a construção do exercício parental compartilhado e a desvinculação da conjugalidade, de modo que os genitores se envolvam somente nas vidas dos filhos.

## 5 CONCLUSÃO

O Projeto Restaurando Vínculos, trouxe um processo de aprendizagem da importância da interdisciplinaridade entre o Direito e a Psicologia nos conflitos familiares.

A partir disso, constatou-se que intervenção no conflito deve e pode ser realizada desde a entrevista inicial. Para tanto, as intervenções na entrevista psicológica na medida que acontecem à série de devolutivas parciais ao longo do processo, com o objetivo de fazer uma “costura” entre a situação das pessoas que estão sendo avaliadas, o contexto familiar, jurídico e social. O papel interventivo no processo de uma entrevista psicológica demonstra que o processo como um todo é competente para ajudar os envolvidos na lide judicial, alcançando uma compreensão sobre os problemas.

**Palavras-Chaves:** Entrevista psicológica. Psicologia jurídica. Vínculos familiares.

## REFERÊNCIAS

ASSMAR, E. M. L. A psicologia social e o estudo da justiça em diferentes níveis de análise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, p. 497-506, 2000.

CORREIA, I. Psicologia social da justiça: fundamentos e desenvolvimentos teóricos e empíricos. *Análise Psicológica*, v. 28, n. 1, p. 7-28, 2010.

SILVA, L. D. L. da; CHAPADEIRO, C. A.; SILVA, L. M. da. A construção da parentalidade após a dissolução conjugal e oficinas de parentalidade. *Nova Perspectiva*





Sistêmica , v. 66, pág. 87-100, 2020.

DA SILVA, J. S.; DE SOUZA TORRES, M. O trabalho do psicólogo na vara de família-relato de experiência. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, v. 23, n. 2, p. 446-463, 2019.

DA SILVA, M. C. V.; DA SILVA LOPES, J.; ROCHA, M. O. O COVID-19 e o divórcio no Brasil: considerações do direito e da Psicologia. *Caderno de Graduação – Ciências Humanas e Sociais – UNIT-ALAGOAS*, v.7, n.1, p-13-13, 2021.

DE OLIVEIRA, R. G.; MOREIRA, L. E.; NATIVIDADE, Cláudia. Saberes e fazeres da Psicologia Social no campo da Justiça e dos Direitos. *Psicologia Social na trama*, p. 21, 2020.

DOS SANTOS, E. A.; MARTINS FILHO, J. R. F. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO FENÔMENO. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 32, n. 2, p. 161-164, 2022.

DOS SANTOS, A. O. S.; DOS SANTOS, Luiza Rodrigues; CASTELAR, Marilda. Relato de experiência de uma imersão no campo da Psicologia Jurídica. *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, p. 70-88, 2022.

LEYENS, J-P.. Representações sociais e justiça. *Análise psicológica*, p. 359-368, 1986.

MILANI, R. G., T., M. M., & Greinert, B. R. M. (2014). Psicodiagnóstico interventivo psicanalítico. *Estudos Interdisciplinares Em Psicologia*, 5(1), 80–95. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2014v5n1p80>

MIOTO, R.C. T.. Família contemporânea e proteção social: notas sobre o contexto brasileiro. *FAMÍLIAS NA CENA CONTEMPORÂNEA:(des) prote-ção social,(des) igualdades e judicialização*, p. 23, 2020.

NASCIMENTO, M. L. do; LEMOS, F. C. S. A pesquisa-intervenção em psicologia: os usos do diário de campo. *Barbarói* , pág. 239-253, 2020.

ROVINSKI, S.L. R. (2007). *Fundamentos da perícia psicológica forense*. 2ªed. São Paulo: Vetor.

SOMBRIO CARDOSO, A. et al. Representações sociais da família na contemporaneidade: uma revisão integrativa. *Pensando nas famílias*, v. 24, n. 1, p. 29-44, 2020.

TRALHÃO, F. et al. A família como promotora da transição para a parentalidade. *Revista da UI\_IPSantarém*, v.8, n. 1, p. 17-30, 2020.

VASCONCELOS, A.P. Coparentalidade após o divórcio. 2023.



# **A ATUAÇÃO DA PSICO-ONCOLOGIA EM ATENDIMENTOS DE TRIAGEM PSICOLÓGICA EM AMBULATÓRIO ONCOLÓGICO DE UM HOSPITAL REFERÊNCIA NO INTERIOR DO CEARÁ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Juliana Sousa de Moraes<sup>1</sup>**

*julianamoraispsi@gmail.com*

**Naraya Eduarda de Sousa Silva<sup>2</sup>**

**Indira Feitosa Siebra de Holanda<sup>3</sup>**

## **1 INTRODUÇÃO**

Esse relato de experiência tem como objetivo relatar as experiências vividas durante estágio em psicologia hospitalar, efetuado em hospital referência no interior do Ceará. No qual foram realizados atendimentos de triagem psicológica em ambulatório oncológico adulto, objetivando facilitar o primeiro contato dos pacientes e acompanhantes/familiares com o processo de tratamento.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A triagem é um tipo de atendimento comum nos serviços de saúde, avaliando inicialmente no que diz respeito às necessidades do usuário no serviço de saúde, sendo através dela que se pode realizar encaminhamentos, orientações e seleção para as especialidades adequadas para o mesmo, possibilitando uma experiência mais satisfatória do processo (AZEVEDO et al., 2007).

Assim, na triagem psicológica é estabelecido o cuidado, abrindo sua escuta sensível e empática para aquilo que o paciente traz naquele momento, objetivando coletar dados pessoais do paciente oncológico, serão analisados, eticamente, o histórico de vida do sujeito, integralmente, com o intuito de identificar aqueles que estão em sofrimento e dificuldade para se adaptar frente ao diagnóstico de câncer e ao tratamento oncológico, bem como seus medos, ansiedades e expectativas a respeito da realização do tratamento que será iniciado (SOUZA, 2014, p.35), tornando este espaço como acolhimento oferecido também ao familiar ou acompanhante do paciente oncológico (FONSECA, 2016).

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio;

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

<sup>3</sup> Mestre e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio



Valendo destacar, que esse atendimento não se resume somente a coleta de informações, já que durante esta, são utilizadas intervenções psicológicas de cuidado para com o paciente e seus acompanhantes/familiares, bem como avaliado a presença de rede de apoio, e avaliação de riscos, realizando encaminhamentos para uma avaliação mais aprofundada, caso haja necessidade (ROCHA, 2011). Ademais, é validado os sentimentos e emoções do paciente, como a angústia frente a mudança de rotina do paciente, das suas perdas reais e simbólicas; demandas referentes à autoestima; bem como a facilitação do processo de identificação e construção de mecanismos de enfrentamento, estratégias como técnicas respiratórias e atenção plena, e orientações psicoeducativas acerca do autocuidado junto ao paciente (SOUZA, 2014).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

A priori, as triagens ocorreram em uma sala no ambulatório oncológico sendo voltadas especialmente para pacientes que estavam dando início ao seu tratamento, seja quimioterapia, radioterapia, hormonioterapia ou alguma outra forma de cuidado à saúde. O espaço era reservado, propiciando um momento particular entre o profissional e o paciente.

Levando em consideração que o novo tende a assustar as pessoas, especialmente tratando-se de uma patologia revestida de estigmas negativos (BOSSONI e CAOVIOLA et al, 2009), a triagem chegava como uma forma de cuidado, para que os pacientes pudessem colocar em pauta suas questões, sendo visualizados para além da doença e validados de forma integral e humanizada.

Na instituição, as triagens também tinham o intuito de proporcionar aos pacientes, acompanhantes/familiares o primeiro contato, acolhimento de seus sofrimentos e psicoeducação (LADEIRA e GRINCENKOV, 2020). Mediando a tomada de consciência por parte dos mesmos, para que assim ele pudesse compreender melhor o presente momento e a importância do investimento na sua saúde. Vale destacar, que as triagens auxiliaram nas descobertas de informações a respeito das histórias de vida dos pacientes e por isso foram feitas de maneira sensível, empática e responsável (AZEVEDO et al., 2007). Também foram feitas orientações básicas, e psicoeducação, sobre a relevância do autocuidado, de olhar para si, de cuidar da saúde, de se perceber enquanto alguém que precisa de assistência e atenção. Ademais, o processo de triagem foi voltado para o paciente e familiares/acompanhantes, que estes são fundamentais para facilitar o momento, bem como, possuem direito a escuta e acolhimento (Bianchin, 2003; Glanz, Rimer e Lewis, 2002; Herman, 2007; Herman e Miyazaki, 2007; Miyazaki, Domingos, Valerio, Santos, e Rosa, 2002 *apud* SCANNAVINO e SOUBHIA et al.,



2013). Além disso, ao final das triagens, o serviço de psicologia do hospital era disponibilizado para outros momentos, caso necessário.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Desse modo, com base no processo de triagem foi percebido a importância do primeiro contato com o paciente, da escuta, do olhar, sendo observado o que é dito e a forma como se diz, pois, muitas vezes, o paciente não verbaliza o que sente no primeiro momento mas a partir do investimento por parte do psicólogo se pode notar as reais emoções do paciente e buscar estratégias para que ele consiga verbalizá-las, bem como, notou-se a necessidade de se colocar verdadeiramente para o paciente objetivando auxiliar a mitigação do processo. Como dificuldade, vale citar a incerteza da rotina hospitalar, o que dificulta uma relação duradoura com o paciente, neste caso, é indispensável que o psicólogo encontre estratégias para manejar momentos proveitosos (PEREIRA, 2019), assim, favorecendo as criações de vínculos.

#### **5 CONCLUSÃO**

Portanto, diante dos feedbacks dos pacientes/acompanhantes presentes no momento, os objetivos das triagens foram alcançados, sendo eles atenuar para pacientes, acompanhantes/familiares as possíveis dificuldades encontradas no processo inicial de tratamento.

**Palavras-chave:** Psico-Oncologia. Triagem. Acolhimento. Psicoeducação.

#### **REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, Adriano Valério dos Santos; CREPALDI, Maria Aparecida. **A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, p. 573-585, 2016.

AZEVEDO, Jany Mary Rezende; BARBOSA, Maria Alves. **Triagem em serviços de saúde: percepções dos usuários.** Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 33-39, jan./mar. 2007.

BOSSONI, Ruvie Henrique Caovilla et al. **Câncer e morte, um dilema para pacientes e familiares.** Revista Contexto & Saúde, v. 9, n. 17, p. 13-21, 2009.

PEREIRA, Clesmânia Silva; ROTTA, Carolina Sousa; DORNELES, Silvana Fontoura. **Quando o fazer da psicologia hospitalar é imprescindível no cuidar de quem cuida.** Perspectivas Experimentais e Clínicas, Inovações Biomédicas e Educação em Saúde (PECIBES), v. 5, n. 2, p. 9-9, 2019.



FONSECA, Renata; CASTRO, Marcelo Matta. **A importância da atuação do psicólogo junto a pacientes com câncer: uma abordagem psico-oncológica.** *Psicologia e Saúde em debate*, v. 2, n. Ed. Esp. 1, p. 54-72, 2016

LADEIRA, Tatiane; GRINCENKOV, Fabiane. **Relação entre a saúde mental de pacientes com câncer avançado em quimioterapia paliativa e seus familiares cuidadores.** *CES Psicología*, v. 13, n. 2, p. 1-17, 2020.

ROCHA, Maria Cristina. **Plantão psicológico e triagem: aproximações edistanciamentos.** *Rev. NUFEN, São Paulo*, v. 3, n. 1, p. 119- 134, 2011.

SCANNAVINO, Camila Saliba Soubhia et al. **Psico-Oncologia: atuação do psicólogo no Hospital de Câncer de Barretos.** *Psicologia USP*, v. 24, p. 35-53, 2013.

SOUZA, Juciléia Rezende. **Indicador de Risco Psicológico em Oncologia (IRPO): construção e validação de um instrumento de triagem para pacientes com câncer.** 2014. xvi, 179 f., il. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.



# ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL NO AMBIENTE ESCOLAR

**Ariane Fátima de Brito Ferreira<sup>1</sup>**

*arianefbpsi@gmail.com*

**Tatiane Félix Batista<sup>2</sup>**

*tatyanny4felix@gmail.com*

**Nadyelle Diniz Gino<sup>3</sup>**

## 1 INTRODUÇÃO

Compreendendo-se os desafios estudantis diários que as escolas possuem a respeito dos contextos familiares, econômicos e sociais que impactam diretamente no processo de aprendizagem, assiduidade e de identificação e aceitação pessoal, este trabalho desenvolveu-se a partir da experiência acadêmica no estágio básico com intervenção psicossocial, tendo como público-alvo discentes do quinto ao oitavo ano, em uma escola de ensino fundamental do bairro Timbaúbas, em Juazeiro do Norte/CE.

No intuito de descrever e relatar o quanto as práticas das disciplinas de estágio básico, Psicologia Social e Comunitária do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, proporcionaram amadurecimento acadêmico e senso crítico às autoras deste trabalho, bem como a importância da representação da psicologia no ambiente escolar e nas comunidades mais fragilizadas. Assim, a prática foi elaborada com objetivo interventivo de fortalecer os vínculos afetivos e o processo de desenvolvimento da identidade do público em questão.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A adolescência trata-se de um período transitório da identidade, com mudanças hormonais, corporais e psicológicas significativas que podem provocar conflitos existenciais no indivíduo (LE BRETON, 2017), deste modo, bons vínculos familiares e de seus pares acolhem e promovem segurança para lidar com os lutos que essa fase do desenvolvimento possa

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.

<sup>3</sup> Especialista em Análise do Comportamento. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.



produzir. Assim, a rede de apoio fortalecida, ocasiona uma estrutura psicológica saudável, equilibrando-se o desgaste emocional das cobranças sociais e individuais do período em questão (PAPALIA e FELDMAN, 2013).

Entendendo-se a linguagem como principal meio de acesso aos discursos ideológicos, em que se constrói personalidade e desenvolve sociabilidade através da comunicação entre externo e interno, cultura e subjetividade (BOCK, TEIXEIRA E FURTADO, 2020), é relevante que se desvie o que é do âmbito do senso comum e busque-se ampliar a visão sobre o imaterial, provocando acolhimento, maior acesso aos conflitos e abertura de fala sobre os sofrimentos mais íntimos aos discentes. Logo, é nesse ponto que há necessidade de atuação de uma psicóloga no contexto educacional, visualizando significados e interpretando sentidos, dialogando com o corpo pedagógico e docente sobre as raízes dos formatos e estruturas que são reproduzidos em sua dimensão prática, bem como, atuando em processos de intervenção psicossocial que ampliem as visões dos estudantes sobre o poder de transformação da sua realidade material (BATISTA e FREIRE, 2014).

Portanto, percebe-se que o aprendizado adquirido na prática do estágio, colabora para a cientificidade acadêmica em psicologia, conectando pesquisa, prática e resultados, como promove reflexões, experiência e capacitação para o exercício profissional futuro, comunicando-se com o inciso IV da resolução 10/05 do Código de Ética Profissional do Psicólogo, que tem, como um dos princípios fundamentais, a de que o psicólogo deve-se manter em constante atualização de conhecimentos, para uma prática responsável, ética e contribuindo para evolução da psicologia no campo científico.

### **3 MATERIAS E MÉTODOS**

A coleta de dados foi realizada no período letivo de 2022.2 através de entrevistas semiestruturadas, que guiam, parcialmente o diálogo, mas que possibilitam margem para outros questionamentos a partir das informações relatadas (HURTZ, 2015). A experiência permitiu identificar, como demanda principal, a fragilidade na construção da identidade e aos vínculos afetivos em geral, motivando a formulação da proposta de intervenção em identidade e fortalecimento de vínculos aplicada na disciplina estágio básico II em 2023.1.

As atividades foram elaboradas desde a prática do círculo de cultura de Paulo Freire, em que se propõe uma roda dialógica com palavras geradoras que guiam o expressar das significações e sentidos materiais, refletindo e aprendendo de forma mútua (FREIRE, 2013),



bem como, dinâmicas lúdicas grupais, práticas artísticas, reportagens que proporcionaram abordagens temáticas mais realísticas e representativas. Além disso, atentou-se para uso de técnicas que promovessem a interação dos estudantes, no intuito de fortalecer os vínculos, assim como, promover-se a construção em conjunto do processo e oportunizasse as distintas formas de expressão, enfatizando-se a importância do sigilo e respeito ao outro (NEIVA, 2010).

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A experiência acadêmica do estágio básico, comprovou a escola como um espaço de extensão da vida pessoal ou para a busca de pertencimento aos discentes, onde vínculos constroem-se, fragilizam-se e fortalecem-se, sendo relevante a participação da psicologia de forma interventiva, em prol de minimizar os impactos emocionais negativos dos conflitos do adolecer.

Sobre o aspecto acadêmico, pode-se enfatizar o quão a prática em campo se faz necessária para uma melhor assimilação com os aspectos teóricos adquiridos em sala de aula, para o aprimoramento ético profissional, bem como para a percepção da relevância da psicologia social nas comunidades e instrumentos de assistência social.

#### **5 CONCLUSÃO**

A proposta de intervenção aplicada impactou de forma positiva na trajetória de amadurecimento acadêmico das estagiárias, ampliando-se o senso crítico e o desenvolvimento da prática de atuação ética em psicologia, quanto sobre a o papel transformador causado no público de atuação.

Além disso, percebeu-se que, a prática do estágio em Psicologia desenvolvida no ambiente escolar, proporcionou espaço para transformações, desse modo, visualiza-se que os objetivos que motivaram a intervenção foram alcançados, construindo e reconstruindo novas reflexões, visões e amadurecimento, identificados pelos comportamentos e discursos do público ao final do processo.

**Palavras-chave:** Psicologia, estágio básico, intervenção psicossocial.





## REFERÊNCIAS

BATISTA, Sueli Soares dos, S. e FREIRE, E. **Educação, Sociedade e Trabalho**. Editora Saraiva, 2014.

BOCK, A.M.B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologia**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**, Resolução n.º 10/05, Brasília, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico]. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HUTZ, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (Eds.). **Psicometria**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência** / David Le Breton. Tradutores: André Marins Campos Guerra ... [et. al.]. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. Ed. Vetor, 2010.

PAPALIA, D. E. e FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.



# O FAZER PSICOLÓGICO NAS ENFERMARIAS ONCOLÓGICAS DE UM HOSPITAL REFERÊNCIA NO INTERIOR DO ESTADO DO CEARÁ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Naraya Eduarda de Sousa Silva<sup>1</sup>**  
*narayasousa@gmail.com*  
**Juliana Sousa de Moraes<sup>2</sup>**  
**Indira Feitosa Siebra de Holanda<sup>3</sup>**

## 1 INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência tem como objetivo relatar as experiências vividas durante o estágio em psicologia hospitalar, efetuado em hospital referência no interior do Ceará. No qual foram realizados atendimentos nas enfermarias oncológicas, objetivando dirimir os possíveis sofrimentos apontados pelos pacientes e familiares e/ou acompanhantes.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A princípio, o psico-oncologista hospitalar atuante nas enfermarias oncológicas, busca pelo acompanhamento psicológico com pacientes oncológicos, bem com a família e os demais profissionais da equipe de saúde, prestando apoio psicossocial e psicoterapêutico diante do impacto do diagnóstico das consequências da doença, mostrando possibilidade de auxílio para um melhor enfrentamento e qualidade de vida do doente e familiares” (FONSECA; CASTRO, p. 54, 2016). As ações deverão compreender, ainda, o suporte emocional aos familiares. (SEABRA; DOS SANTOS, 2022, p.14). Nesse sentido, os atendimentos ocorrem quando algum profissional da equipe multidisciplinar ver a necessidade do psicólogo avaliar algum problema emocional a ser cuidado, solicitando assim a sua presença para atender o paciente hospitalizado, procedimento esse, nomeado de interconsulta psicológica (CARVALHO et al., 2008). Ainda nesse sentido, o atendimento também pode ocorrer por meio da busca ativa, onde o psicólogo vai ao leito sem nenhum chamado prévio da equipe (DE OLIVEIRA et al., 2021).

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>3</sup> Mestre docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.



### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

As intervenções psicológicas nas enfermarias foram feitas através da busca ativa, ou seja, respeito à identificação e localização dos pacientes que precisam de atendimento, assim, ocorreu o deslocamento do psicólogo até o sujeito que estava internado na intenção de propiciar atendimento sem que fosse necessário o paciente ir até o profissional. Com isso, a busca ativa propiciou acesso ao paciente, de modo em que fossem estabelecidos contatos com pessoas que precisavam do serviço mas que essa necessidade não havia sido identificada antes pelo próprio paciente, acompanhante ou outro profissional (NAZÁRIO e SILVA et al, 2022). Ainda nesse ínterim, as intervenções nas enfermarias também foram realizadas por meio de interconsulta, a mesma se refere ao ato de um profissional de uma determinada área solicitar a intervenção de outro profissional. Esse instrumento auxiliou em uma compreensão mais ampla do sujeito concedendo uma assistência geral ao paciente (DE CARVALHO e LUSTOSA, 2008). Desta forma, além de auxiliar o paciente, também foi possível estabelecer relação com outras áreas do saber, possibilitando uma boa comunicação e atendimento integral ao paciente.

Sendo investido na criação de vínculos, criando um espaço seguro onde o paciente sentiu-se confortável em falar sobre assuntos delicados fazendo com que a prática psicológica fosse realizada de forma fidedigna. Além disso, antes dos atendimentos os prontuários médicos eram analisados, para melhor compreensão das informações do paciente. No fim do atendimento, o serviço de psicologia do hospital era disponibilizado para outros momentos, caso o paciente e familiares/acompanhantes tivessem necessidade.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Levando em consideração que ainda há um grande tabu em relação ao atendimento psicológico e que dificilmente um paciente busca espontaneamente o mesmo, a busca ativa e a interconsulta facilitam o processo de atendimento, pois o profissional irá de encontro ao paciente, preferencialmente explicando as suas funções no hospital, de forma gentil, receptiva e empática, para que o paciente compreenda o lugar profissional e sua importância, permitindo-se ser ajudado (ROCHA, 2015).

É indispensável destacar, que por meio dos atendimentos realizados nas enfermarias favoreceu-se uma visão mais ampliada a respeito do processo de internação e as questões que o envolve, pois se tem acesso ao espaço em que o paciente está, podendo colocar-se à



disposição e trabalhar mais intimamente com o mesmo. Destarte, durante os atendimentos nas enfermarias, foram ouvidas, verdadeiramente, as questões trazidas pelos pacientes, validando suas queixas frente ao adoecer, a internação, suas perdas ou qualquer outra demanda trazida, permitindo assim, o acolhimento e validação diante a seus medos, autoestima, despersonalização, perda de autonomia e rotina, bem como o luto que o sujeito pode vir a ter diante do contexto de hospitalização, humanizando o serviço (VELASCO et al., 2012).

Quanto às dificuldades nos atendimentos, pode-se citar o fato da dificuldade dos pacientes em expressar emoções, bem como, o tempo reduzido para trabalhar muitas questões que os assolam, com isso sendo necessário o profissional desenvolver diversas alternativas para manejar essas questões, e efetuar atendimentos construtivos e eficazes.

## 5 CONCLUSÃO

Infere-se, portanto, que tendo em vista os feedbacks dos pacientes/acompanhantes presentes no momento, os objetivos dos atendimentos nas enfermarias oncológicas foram alcançados, sendo eles atenuar as possíveis problemáticas enfrentadas pelos pacientes e acompanhantes/familiares.

**Palavras-chave:** Psico-Oncologia. Enfermarias. Busca ativa. Interconsulta.

## REFERÊNCIAS

DE CARVALHO, Marcele Regine; LUSTOSA, Maria Alice. **Interconsulta psicológica. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 11, n. 1, p. 31-47, 2008.

DE OLIVEIRA, Cibely Kettely Sousa; FREIRE, Cindy Lara Lima; MAIA, Anice Holanda Nunes. **A busca ativa como estratégia de atuação da psicologia no contexto hospitalar. Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC)**, v. 8, 2021.

FONSECA, Renata; CASTRO, Marcelo Matta. **A importância da atuação do psicólogo junto a pacientes com câncer: uma abordagem psico-oncológica. Psicologia e Saúde em debate**, v. 2, n. Ed. Esp. 1, p. 54-72, 2016.

NAZÁRIO, Saimon da Silva et al. **Caracterização de eventos adversos hospitalares: busca ativa versus notificação espontânea. Cogitare Enfermagem**, v. 27, 2022.

ROCHA, José Rodrigues et al. **O hospital é o lugar da saúde? A psicologia da saúde frente ao processo saúde-doença. Interfaces Científicas-Saúde e Ambiente**, v. 4, n. 1, p. 9-17, 2015.



SEABRA, Carolina Ribeiro; DOS SANTOS, Fabiane Rossi. **Compêndio de Psicologia da Saúde**. Editora CRV, v.1, p.1-546, 2022.

VELASCO, Karine; RIVAS, Ligia Andreia Ferrony; GUAZINA, Félix Miguel Nascimento. **Acolhimento e escuta como prática de trabalho do psicólogo no contexto hospitalar**. *Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas*, v. 13, n. 2, p. 243- 255, 2012.



## PSICOLOGIA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Luan Duarte Romão<sup>1</sup>**

*luanduarter14@gmail.com*

**Clyvia Maria Vieira Borges<sup>2</sup>**

**Livia Maria Loula Pessoa<sup>3</sup>**

**Indira Feitosa Siebra de Holanda<sup>4</sup>**

### 1 INTRODUÇÃO

Ao adentrar o ambiente universitário, estudantes podem ter inúmeras demandas atreladas às questões emocionais, levando em conta o novo momento na vida dos sujeitos. A Associação dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (2018) aponta que oito em cada dez estudantes de graduação já tiveram ou têm algum problema relacionado à saúde mental, geralmente ligadas a ansiedade e estresse que fazem relação com as vivências pessoais, acadêmicas e a adaptação às dinâmicas delas.

Conforme Silva et al. (2019) durante a jornada universitária os discentes passam por diversas situações que podem ser avaliadas como estressoras, dentre estas, o período de provas, as tarefas para além da sala de aula e o compromisso pessoal com o desempenho. Nesse sentido, os autores chamam a atenção para reflexões em torno do autocuidado e saúde mental dos acadêmicos, bem como a possibilidade de traçar meios de tornar o ambiente acadêmico menos ansiogênico.

Outrossim, é necessário pensar a importância e o papel dos psicólogos em instituições de ensino superior, desenvolvendo o olhar para as relações que são construídas e estabelecidas dentro desse contexto. Em consonância, a presente pesquisa tem como objetivo relatar a experiência de uma atividade interventiva, proposta por estudantes de um curso de Psicologia, junto com uma turma universitária com foco em elucidar demandas sobre fortalecimento de vínculos e redes de apoio em sala de aula.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>4</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Mestre em Ensino em Saúde pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.



## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Na busca de fortalecer os vínculos e construir um ambiente permeado por afetividade e experiências de vida, as dinâmicas que perpassam os sujeitos na fase universitária são acometidas por problemáticas passíveis de mudanças que demonstram sua urgência quando observado os comportamentos dos sujeitos e as relações interpessoais. Para De Oliveira e Dias (2014), ajustar-se à dinâmica do ensino superior envolve inúmeros processos, desde o sentimento de pertencer à turma até às oportunidades e assistências estudantis oferecidas no percurso. Os autores pontuam ser de fundamental importância a construção de redes de apoio para o calouro recorrer em casos de dificuldades como para os veteranos lidarem com os desafios, dificuldades e exigências que surjam ao longo da graduação.

A efetivação de suporte emocional e social fortalecem características que diz respeito a estabilidade emocional, extroversão e praticidade associadas às percepções atravessadas por um maior apoio social e, conseqüentemente, ao melhor ajustamento à universidade no início da graduação (Lidy & Kahn, 2006). Reverberando a trajetória dentro do espaço universitário compreende-se a necessidade e importância da construção e o fortalecimento de vínculos em ocasionar uma qualidade de vida no atravessar desse trajeto. Como também, enquanto profissionais especializados e capacitados para futuramente atender demandas e trabalhar coletivamente.

## **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de um relato de experiência em virtude do que foi vivenciado pelos autores na disciplina de Psicologia Escolar em um curso de graduação em Psicologia. Conforme Peres e Santos (2005), nesse tipo de pesquisa, é necessário integrar diversos saberes, para trazer interpretações simplistas ou perder a multidimensionalidade do que é relatado.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao pensar na importância dos vínculos para formação acadêmica e social dos sujeitos, e a demanda que chegou ao grupo, a atividade foi dividida em três momentos: inicialmente foi proposto um jogo teatral, com objetivo de gerar maior interação entre o grupo. Em seguida foi proposto que eles apresentassem de forma escrita objetivos relacionados à graduação e o que se almejava após o fim desta, sendo seguido do debate sobre as respostas, que apresentavam grandes semelhanças.



Coimbra (1989), aponta que a escola passou a ser vista de forma natural, neutra e com oportunidades iguais para todos, sendo que a mesma surge enquanto aparelho ideológico da burguesia e Estado com intuito de difundir visões. Tais indagações também cabem ao espaço acadêmico no sentido de questionar-se: "Estamos sendo formados para servir a quem? Para propiciar e desenvolver o quê? Para reforçar o poder de quem? Somos levados a refletir criticamente sobre o mundo que nos cerca?" (p.15). Assim, é possível perceber que os objetivos trazidos pelos estudantes vão além da relação proximal entre eles, nos questionando sobre a inserção desses profissionais futuramente e a participação dos mesmos de forma mais ativa e transformadora no mundo.

De Oliveira e Dias (2014), afirmam que os vínculos afetivos no ambiente acadêmico permitem tanto o compartilhamento de experiências, problemas, interesses e expectativas, quanto apontam para a sensação de pertencimento ao grupo. Nessa lógica, refletimos em torno dos elos estabelecidos nesta turma e seu desenvolvimento, como também se enquanto sujeitos, eles se veem como coletivo que partilha objetivos em comum, apesar de suas singularidades.

## 5 CONCLUSÕES

Refletir sobre o fortalecimento de vínculos é pensar necessariamente sobre como o discurso capitalista individualizador contribui para o não estabelecimento destes entre os discentes que mantêm entre si objetivos comuns. A ideia de competição exacerbada entre os alunos fomenta ainda um afastamento e a fragilização dos laços.

Sendo assim, é essencial que a instituição e os profissionais do curso em questão, busquem pensar em quais momentos essas questões podem ser levantadas de maneira a agregar o currículo e a formação. Como também faz necessário propor mais ações nesses espaços, com foco em não só suprir a demanda da turma, visualizando como sistematicamente a universidade contribui para criação e manutenção dessas dinâmicas.

**Palavras-Chave:** Psicologia Escolar; Universidade; Vínculos.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Brasília, DF: ANDIFES, 2019.

Branco, J. C. Costa, C. O., Silva, R. A., Souza, L. D. M & Vieira, I. S. (2019). Prevalência de





ansiedade e fatores associados em adultos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 68(2), 92-100.

COIMBRA, Cecília Maria B. As funções da instituição escolar: análise e reflexões. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 9, p. 14-16, 1989.

DE OLIVEIRA, Clarissa Tochetto; DIAS, Ana Cristina Garcia. **Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos**. *Psico*, v. 45, n. 2, p. 187-197, 2014.

FERNANDES, Priscila Valverde. **Fracasso escolar: realidade ou produção**. *Revista Urutagua: revista acadêmica multidisciplinar*. Maringá, n. 06, 2004.

Neiva, K. M. C. (2010). **Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. São Paulo: Vetor.

Lane, Silvia T. Maurer **O que é psicologia social** / Silvia T. Maurer Lane. — São Paulo : Brasiliense, 2006.

Lidy, K. M., & Kahn, J. H. (2006). **Personality as a predictor of first-semester adjustment to college: the mediational role of perceived social support**. *Journal of College Counseling*, 9, 123-134. doi: 10.1002/j.2161-1882.2006.tb00099.x

PERES, Rodrigo Sanches; SANTOS, Manoel Antônio dos. Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em psicologia. *Interações*, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 109-126, dez. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-29072005000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: ago. 2023.



## **RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA NO (CEREST)**

**Vanessa de Pinho Soares<sup>1</sup>**

*vanessapinhosoares@gmail.com*

**Larissa Vasconcelos Rodrigues<sup>2</sup>**

*larissavasconcelos@leaosampaio.edu.br*

**Fernanda Candido Santos<sup>3</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

Esse trabalho é um Relato de experiência a partir da vivência de uma estagiária de psicologia no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, o equipamento atende quatro regiões, abrangendo 45 municípios, protegendo principalmente as pessoas em situação de vulnerabilidade social, as que possuem relações informais com o trabalho, trabalho infantil e trabalhos precários.

A portaria nº 1.823, de 23 de agosto de 2012, elabora a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (PNSST), coordenada pelo Ministério da Saúde, afirma que compete ao Sistema Único de Saúde (SUS), responsável pela atenção integral que proporcionem promoção, proteção, atividades educativas e de capacitações e vigilância com o objetivo de reduzir acidentes e mortes relacionadas ao trabalho. A pesquisa tem como palavras-chaves Relato de experiência. Saúde do Trabalhador. CEREST.

### **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Esse trabalho é de natureza qualitativa, visto que é necessário a coleta de dados e observação do fenômeno, visto que o pesquisador é o próprio meio para a construção da pesquisa, os símbolos e significações são ditos como pontos principais para esse tipo de pesquisa, onde os dados são descritos. Será elaborado com objetivo de pesquisa descritiva, com o intuito de descrever fenômenos de uma população, sendo possível também a natureza da relação entre ele, o delineamento dessa pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica (GONSALVES, 2005).

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Psicologia

<sup>2</sup> Professora do curso de psicologia da UNILEÃO

<sup>3</sup> Psicóloga do CEREST



### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Numa perspectiva mundial em 1913 especificamente, foi publicado o livro *Psychology and Industrial Eiciency* de Münsterberg, esse estudo demarcou o surgimento da psicologia industrial, a responsável por analisar as condições que influenciavam no desempenho da produção e a seleção de trabalhadores, de acordo com isso foram criados os testes psicológicos com o intuito de escolher a melhor pessoa para desempenhar um bom trabalho nos cargos solicitados (DALBOSCO, et al 2016).

O surgimento da Psicologia Organizacional e do Trabalho está correlacionado a disseminação das indústrias durante os séculos XIX e XX, no Brasil alguns estudos com foco nessa temática começaram a aparecer após a regulamentação da psicologia no ano de 1962, porém havia um certo distanciamento dos pesquisadores a se envolverem com esse assunto devido a aproximação do tema com as linhas ideológicas conservadoras (DALBOSCO et al, 2016).

No início do século XIX, começaram a surgir as primeiras preocupações associadas a Saúde do Trabalhador – ST, passaram a almejar ambientes e processos saudáveis de prevenção e promoção, com auxílio das vigilâncias, e a investigação a respeito dos prejuízos causados pela exposição a agentes químicos, assim como a análise da frequência ou gravidade de distúrbios mentais e a relação com o trabalho (RUMIN, 2016).

Nos anos 80, ocorreu a Reforma Sanitária que contribuiu para a implementação do Sistema Único de Saúde iniciou-se também o Movimento da Saúde do Trabalhador no Brasil. Nos anos de 1980 e 1990, apareceram as primeiras indagações sobre a ST, sendo considerada como resultado das lutas das classes trabalhadoras, muito tempo de luta contra as péssimas condições de trabalho e as inúmeras formas de exploração, a contribuição dos operários, os sindicatos e movimentos organizados, os trabalhadores começaram a associar que o modelo de funcionamento social da organização era o causador do sofrimento que os acometiam (TAMBELLINI,2018).

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Foi possível correlacionar a teoria e a prática e perceber o empenho e dedicação de alguns profissionais do equipamento, assim também como ver a falta de interesse de alguns para executar um trabalho de excelência, respeitando os princípios do SUS. Ao longo da



experiência foi percebido a relevância e a necessidade do CEREST para a sociedade, como uma forma de cuidado e de resguardar os direitos trabalhistas.

Com o auxílio da prática e das leituras feitas foi possível compreender que a doença pode ser relacionada com o trabalho quando for associada com a exposição a substâncias com metais pesados ou tóxicas, ou por motivos psicossociais como um ambiente estressor que sobrecarrega o indivíduo, podendo ocorrer a intensificação de um transtorno mental já existente ou o surgimento de um novo (SCAIM,2009).

Uma das atividades desenvolvidas feitas para os trabalhadores foi em Educação Permanente em Saúde que tem como objetivo desenvolver ações de promoção, prevenção e cuidado em saúde de forma participativa e dialógica com o intuito de produzir reflexões sobre as práticas, servindo muitas vezes também como uma capacitação e divulgação das atividades do CEREST.

É necessária uma intervenção pedagógica e dialógica que proporcione reflexões e discussões construtivos sobre os assuntos direcionados a saúde do trabalhador permitindo o fortalecimento dos vínculos entre os consumidores e a equipe de saúde (BRASIL, 2018).

## 5. CONCLUSÃO

O campo de estágio, o auxílio da supervisora e da orientadora possibilitaram uma experiência muito relevante para a construção profissional, visto que é essencial trabalhar com o favorecimento da dignidade de um ambiente de trabalho que não seja precário e nem adoecedor.

Os processos e as relações entre a equipe do CEREST e o quanto acabaram afetando o ambiente de trabalho, uns dedicam mais do que outros, foi identificado o fator da folga social que é a tendência que as pessoas têm de se esforçarem menos quando trabalham em grupo, problemas como esses podem acarretar ao adoecimento por fatores psicossociais, por sobrecarga e pelo estresse.

**Palavras chaves** Relato de experiência. Saúde do Trabalhador.CEREST.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde do trabalhador e da trabalhadora [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, **Secretaria de Atenção à Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Cadernos de Atenção Básica**, n. 41 – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

DALOSCO, T. et al. **Evolução Histórica da Psicologia Organizacional e do trabalho**, Mostra de Iniciação Científica e Extensão Comunitária, Passo Fundo, RS, p. 52- 58, 2016.

GONSALVES, Elisa Pereira **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4 ed./ Elisa Pereira Gonsalves. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

MAPELI, D. **A evolução histórica da psicologia organizacional e do trabalho e os desafios contemporâneos**. 2020.

RUMIN, C. R. **Políticas públicas em Saúde do Trabalhador e extensão em Psicologia**. Revista Ciência em Extensão, v. 12, n. 3, p. 137-153, 2016.

SCAIM, P. M. **A inserção e as práticas profissionais do psicólogo nos centros de referência em saúde do trabalhador do Brasil (CEREST)**. 2009.

TAMBELLINI, A. T. et al. **Saúde do trabalhador: história, sujeitos e desafios para o século XXI**. 2018.



## **PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL EM ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO ATRAVÉS DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR**

**Sara Regina Nunes de Almeida<sup>1</sup>**

*sarareginanunes@hotmail.com*

**Jéssica Queiroga de Oliveira<sup>2</sup>**

*jessicaqueiroga@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

O contexto no qual se insere o presente trabalho corresponde às atividades concernentes ao Estágio Supervisionado de Psicologia e Processos Educacionais que faz parte da matriz curricular do Curso de Psicologia. Partindo das principais demandas identificadas junto aos estudantes, professores e gestão de uma escola pública de Ensino Médio do município de Juazeiro do Norte, Ceará, o objetivo principal do trabalho é apresentar como a Psicologia pode contribuir para a promoção da saúde mental dentro de escolas públicas de Ensino Médio.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

De acordo com Coll (1996), a profissional da psicologia pode atuar na área educacional, de duas formas: o campo acadêmico e o escolar. O primeiro envolve as pesquisas pautadas em diversos assuntos que são de interesse da psicologia e da educação, segundo campo de atuação da psicóloga na área educacional é a Psicologia Escolar. Compreende-se que a Psicologia Escolar é uma intervenção prática dos conhecimentos psicológicos nos processos que se desenvolvem no âmbito escolar e se compromete com esse universo que é a educação, não olhando unicamente o processo de apreensão de conteúdos, mas o todo que envolve a aprendizagem e o social. Andrada (2005) aponta as possibilidades de atuação da psicóloga no ambiente escolar que podem ser agrupadas em dois blocos, no primeiro estão atividades relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem e seus vários desdobramentos e no segundo a análise entre as dimensões do sistema de ensino e seus impactos na esfera individual trabalhando no sentido de auxiliar as pessoas em suas necessidades específicas. Afirma ainda, que é necessário reunir a equipe gestora bem como os professores e demais funcionários a fim de coletar dados que permitam compreender as necessidades da escola em questão, bem como

---

<sup>58</sup> Discente do curso de Psicologia da Unileão

<sup>59</sup> Psicologia, Doutora em Psicologia Social, UFPB



apresentar a visão de sujeito, de aprendizagem, de problemas de aprendizagem nos quais sua prática profissional está assentada. O estágio em ênfase em processos educacionais se insere como uma forma da Psicologia elaborar novas formas de atuação emergentes, um fazer que seja crítico e que supere o modelo puramente psicométrico e biomédico dentro do espaço escolar (Oliveira Neto, et al, 2021). Se tratando da atuação da Psicologia escolar no Ensino Médio, Almeida et al (2011), afirma que “os problemas mais frequentes que aparecem no dia a dia da psicóloga do ensino médio, diferentemente dos outros níveis de ensino, são dúvidas em relação à profissão que será escolhida, sexualidade, uso de drogas, relacionamento afetivo, familiar e com os colegas de sala...”. Além dos problemas mencionados acima, adolescentes podem enfrentar problemas relacionados à sua saúde mental.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Os estudantes, professores e núcleo gestor que estiveram estudando e trabalhando respectivamente na escola em questão durante os dois semestres letivos de 2022, constituíram a população participante e foram contatados no próprio ambiente escolar. As fontes bibliográficas partiram de autores e autoras que já produziram trabalhos sobre Psicologia Escolar e atuação do psicólogo escolar no Brasil. Os dados foram coletados a partir de diagnóstico situacional (Rey, 2011) realizado através de observação e escutas coletivas com entes da comunidade escolar a análise de dados foi realizada a partir da análise de conteúdo temática. As intervenções foram pautadas em atividades próprias do psicólogo no ambiente escolar, tais como, formação de grupos operacionais, rodas de conversa, aconselhamento psicológico e plantão psicológico.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com os resultados, pode-se observar que as demandas mais emergentes no referido contexto escolar eram questões de saúde mental, principalmente envolvendo sintomas ansiosos e depressivos, dilemas de relacionamento interpessoal entre os alunos de algumas turmas e/ou entre os alunos e suas famílias e questões relacionados a escolha da profissão e/ou realização de testes necessários para ingresso no ensino superior. Desta forma, todas as intervenções realizadas estavam amparadas na literatura da área (Neiva apud Bleger, 1984; Zimmerman, 2000; Patterson e Eisenberg, 2003; Furigo, 2008; Carvalho & Marinho-Araújo, 2010) e direcionadas no sentido de promover saúde mental na escola que é uma das atribuições da psicóloga escolar.



No entanto, apesar disso, tais atividades não escaparam as limitações sendo algumas delas os contextos socioculturais e econômicos nos quais os estudantes estão inseridos e limitações do ambiente escolar em termos de estrutura física e escassez de recursos materiais para o desenvolvimento de algumas atividades.

## 5 CONCLUSÃO

As principais conclusões são: a necessidade urgente da inserção de psicólogas no ambiente escolar, a identificação de necessidades e potencialidades dos sujeitos envolvidos, possibilita melhores formas de promoção de saúde mental na escola e por fim, a partir das intervenções realizadas foi possível observar que a Psicologia colaborou para uma melhor compreensão dos estudantes em relação aos dilemas vividos e maior condição de agir sobre eles assertivamente.

**Palavras-chave:** Psicologia Escolar. Saúde Mental. Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P. de; BARROS, M. M. dos S; MENDONÇA, A. C. M. **A atuação do psicólogo escolar no ensino médio – um estudo de caso.** 2011. Disponível em: <http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%2014/PDF/Microsoft%20Word%20%20A%20ATUAcao%20DO%20PSICOLOGO%20ESCOLAR.pdf>. Acesso em 23 de abr. 2022.

ANDRADA, E. G. C. de. **Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18(2), pp.196-199. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/fsyKnWZcGR78wdVGNVscVFF/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 10, set.2021.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S., GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p. 98-111.2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br> Acesso em: 28 de ago.2023.

CARVALHO, T. O. de; MARINHO-ARAÚJO, C.M. Psicologia escolar e orientação profissional: fortalecendo as convergências. **Rev. bras. orientac. prof** [online]. 2010, vol.11, n.2, pp. 219-228. ISSN 1984-7270.

COLL, C. Psicologia e Educação: Aproximação aos objetivos e conteúdos da Psicologia da Educação. In: COLL, C.S et al (org). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação.** Porto Alegre, 2ed. Artes Médicas,1996.

FURIGO, Regina Célia Paganini Lourenço et al. **Plantão psicológico: uma prática que se consolida.** *Bol. psicol* [online]. 2008, vol.58, n.129, pp. 185-192. ISSN 0006-5943. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432008000200006&script=sci\\_abstract#:~:text=O%20Plant%C3%A3o%20surgiu%20para](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432008000200006&script=sci_abstract#:~:text=O%20Plant%C3%A3o%20surgiu%20para)





%20atender,%C3%A0%20urg%C3%Aancia%20do%20homem%20contempor%C3%A2neo.  
Acesso em: 28.nov,2022.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. 1ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

NEIVA, K. M. C. e Cols. **Intervenção Psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. 1ª Ed. São Paulo: Vetor, 2010.

OLIVEIRA NETO, J. S; LIMA, A. I. B; MELO, A. G. de & MOURA JÚNIOR, J.F. A intervenção em Psicologia Escolar: relato de experiência de estágio supervisionado em uma escola da rede particular de Fortaleza (CE). **Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade**. 2021. Volume.3 Número.2. ISSN 2596-268X. Disponível em: <https://www.revistashc.org/index.php/shc/article/view/106/55> . Acesso em 23, abr.2022.

PATTERSON, E. L.; EISENBERG, S. **O processo de aconselhamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000.



## **A ARTE ENQUANTO ESTRATÉGIA DE METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO E APRENDIZAGEM SOBRE A HISTÓRIA DA LOUCURA NA DISCIPLINA DE PSICOPATOLOGIA I: RELATO DE EXPERIÊNCIA.**

**Antônio Victor Cardoso de Brito<sup>1</sup>**

*victor.cardoso.375@gmail.com*

**Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

A arte está presente desde os primórdios da humanidade, assim, Bosi (1999) destaca que a arte é uma atividade fundamental para o ser humano e um modo específico dos homens se conectarem consigo e com o universo. Nesse sentido, Silvia e Boga, (2022) assinalam que arte faz parte das relações humanas desde as sociedades primitivas, representando o cotidiano com desenhos, até a contemporaneidade, onde compreende-se que o desenho é uma forma de expressão artística crucial para o desenvolvimento infantil. Portanto, a arte é considerada uma forma de construção do conhecimento e expressão, logo, o desenho e a pintura são metodologias ativas de aquisição de aprendizagem significativa, durante todo o processo de desenvolvimento. Assim, o presente relato tem como objetivo refletir sobre a importância da arte para o ensino da história da loucura como um instrumento que auxilia o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de psicopatologia I.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Beltrão (2017), por sua vez, conceitua metodologias ativas como metodologias de ensino que ampliam as condições de aprendizagem significativa do estudante de forma criativa e lúdica, opondo-se à aprendizagem mecânica tradicional de memorização. Freire (1987), indica o tipo de aprendizagem mecânica com ênfase na memorização como educação bancária, sendo um processo em que o educando só recebe depósitos de informações, sendo compreendido como vasilha a ser preenchida e assumindo um papel passivo em um processo que carece de criatividade, saber e transformação.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Doutor em psicologia e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio



Já a aprendizagem significativa, segundo Beltrão (2017), é uma aprendizagem em que o estudante atribui sentido ao que está aprendendo, com as novas informações se relacionando com aspectos relevantes ao estudante, e este se mobilizando a estar ativamente no centro do processo de ensino-aprendizagem. Assim, utilizar a arte no processo educativo como metodologia ativa para estudar a história da loucura implica em compreendê-la como um meio para alcançar uma aprendizagem efetiva na disciplina de psicopatologia I. Esse processo de aprendizagem ativa permite ao aluno assumir o protagonismo no processo, envolvendo-se de modo direto, participativo e reflexivo (MORAN, 2017).

Além de instrumento metodológico educativo, a arte também possui interfaces com a própria psicologia através da arteterapia, sendo um recurso da área da saúde que oferece a arte como linguagem para o paciente (MEDEIROS E SILVA, 2021). Reis (2014), expõe que a arteterapia usa a arte como ferramenta de intervenção para a promoção da saúde e qualidade de vida, sendo usada como veículo de expressão da subjetividade.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente estudo trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo e reflexivo acerca da elaboração de desenhos e pinturas sobre a história da loucura como metodologia ativa no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de psicopatologia I, a qual aborda a evolução histórica sobre os estudos da loucura, os conceitos psicopatológicos e a semiologia dos transtornos mentais.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As obras artísticas, desenhos feitos com carvão vegetal e pinturas em papel A3, foram elaboradas a partir do contato com a temática “história da loucura”, como base nos estudos de M. Foucault, com o intuito de representar as diversas formas da loucura nas sociedades e culturas da humanidade estudadas na disciplina de psicopatologia I, visto que, segundo Foucault (1975), o adoecimento mental só tem caráter real quando situado em uma cultura que o reconhece como patologia. Compreende-se que o fato de haver o reconhecimento de um modo de ser como doença demonstra que se trata de uma perspectiva construída em determinado momento histórico de uma cultura. A compreensão do adoecimento mental enquanto doença não é um fenômeno natural dado à humanidade desde o início dos tempos, mas sim resultado de um processo histórico atravessado por transformações culturais.



Entende-se, portanto, que a loucura é uma construção sócio-histórica, pois a sua concepção, forma, conteúdo e características são flexíveis quanto ao tempo, espaço e cultura (FOUCAULT, 1975). Com o fito de compreender a loucura através da arte, as obras não representam simbolicamente a loucura, mas as loucuras, sendo representadas as formas da loucura na idade antiga, idade média, idade moderna e idade contemporânea com ênfase na reforma psiquiátrica. As obras foram expostas no VI Encontro de Saúde Mental do Cariri no ano de 2023, com o nome da exposição: Perspectiva sobre a loucura: arte em telas.

Em suma, foi possível se aprofundar sobre a temática ao passo que as obras eram criadas, assim, desenvolvendo uma aprendizagem significativa através da autonomia e criatividade. A mobilização ativa para aprender sobre a história da loucura com a mediação da arte está atrelada aos afetos desenvolvidos, visto que a arte permite que o aluno exerça habilidades que desenvolvem níveis afetivos e cognitivos (SILVIA E BOGEA, 2022).

## 5 CONCLUSÃO

A disciplina de psicopatologia I trabalha com o sofrimento psíquico para compreender suas causas e manifestações, sendo considerados temas complexos por muitos alunos. Logo, com base na experiência relatada, nota-se que a arte pode auxiliar o processo de aprendizagem na disciplina nos estudos sobre a história da loucura enquanto traduz os conceitos teóricos para imagens e se assume como metodologia ativa para o estudante que produz as obras, permitindo estudar os conceitos através de dimensões visuais, lúdicas, sensoriais e afetivas.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, André Luis Ferreira; COUTO, Rita Maria de Souza. **Estratégias pedagógicas no ensino de Design: por uma Metodologia Ativa**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30026/30026.PDF>>. Acesso em: 13 set, 2023.

BOSI, Alfredo. **Reflexões Sobre a Arte**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4676390/mod\\_resource/content/0/Reflexões%20Sobre%20a%20Arte.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4676390/mod_resource/content/0/Reflexões%20Sobre%20a%20Arte.pdf)>. Acesso em: 13 set, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. Disponível em: <<https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-doenca-mental-e-psicologia.pdf>>. Acesso em: 13 set, 2023.

MEDEIROS, Monica Tritone; SILVA, Elza Maria Tavares. **Benefícios da arteterapia para idosos: uma revisão de Nise à pandemia**. São Paulo: Revista Longeviver, 2021. Disponível em: <<https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/920/981>>. Acesso em: 13 set, 2023.



MORAN, Jose. **Metodologias ativas e modelos híbridos na educação.** Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Curitiba: CRV, p. 23-35, 2017. Disponível em: <[https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias\\_Ativas.pdf](https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf)>. Acesso em: 13 set, 2023.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 34, p. 142-157, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 set, 2023.

SILVA, Elisângela de Oliveira; BOGEA, Diego Ted Rodrigues. **O desenho como prática pedagógica nos anos iniciais no ensino fundamental.** Goiânia: Instituto Federal Goiano, 2022. Disponível em: <[https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/3393/7/art\\_Elisangela%20de%20Oliveira%20Silva.pdf](https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/3393/7/art_Elisangela%20de%20Oliveira%20Silva.pdf)>. Acesso em: 13 set, 2023.

**Palavras-chave:** Metodologia ativa. Arte. Psicopatologia. Loucura. Psicologia.



# O ESTUDANTE DE PSICOLOGIA NO PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO DO ESTÁGIO BÁSICO I: RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Amanda Caroline do Nascimento Silva<sup>1</sup>**

*amandacaroline079@gmail.com*

**Antônio Victor Cardoso de Brito<sup>2</sup>**

**Nadyelle Diniz Gino<sup>3</sup>**

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência de estudantes do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio- Unileão, sobre a vivência no Estágio Básico I, realizado em um bairro de vulnerabilidade social na cidade de Juazeiro do Norte, onde tiveram a oportunidade de ver, compreender e correlacionar conceitos vistos nas disciplinas de eixo social: psicologia social I, II e comunitária, com a realidade local. Focou-se na prática da escuta ativa, observação crítica e coleta de dados sobre as demandas da comunidade em 3 instituições públicas, das áreas educacional e assistência social. O objetivo é destacar e refletir sobre a relevância da presença do estudante de psicologia na comunidade, ressaltando a importância da territorialização e da compreensão das demandas a partir da criticidade antes de iniciar qualquer intervenção.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

As atividades do estágio foram baseadas na metodologia de problematização do Arco de Maguerez, o qual, segundo Berbel (1995), possui 5 etapas e considera a realidade social desde o planejamento até a intervenção de fato. A etapa inicial consiste em observar a realidade para realizar o levantamento de demandas, permitindo o destaque de pontos-chaves da problemática para serem analisados baseados em teorias e nas vivências do sujeito, o que fundamenta o levantamento de hipóteses para solucionar os problemas e aplicar à realidade (SANTOS, 2020).

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.

<sup>3</sup> Especialista em Análise do Comportamento. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO.



Alarcon *et al* (2013) expõe o conceito de território vivo, composto por dimensões física, simbólica e existencial, e que produz subjetividade, sendo esta, um acontecimento coletivo e inacabado, ressaltando, assim, a escuta que acolhe a compreensão do sujeito sobre a própria vida, não o reduzindo e rotulando. Assim, entende-se os problemas e as potencialidades da comunidade, permitindo traçar soluções com e para a comunidade. Captar isso é crucial para o estudante de psicologia ao entrar em contato com a comunidade, para este não ir armado de teorias e rotular, mas sim disposto para conhecer a realidade da comunidade.

Identificar as demandas capacita os profissionais a realizarem atividades homologadas com a realidade material, promovendo um maior entendimento dos problemas enfrentados, incentivando a participação ativa, a colaboração dos sujeitos e fortalecendo os laços comunitários. O conceito de desenvolvimento comunitário abrange a construção de uma comunidade funcional que impulsiona o sujeito a ser um sujeito comunitário, o qual terá conscientização, criticidade e desejo de mudança na maneira como age no mundo (GÓIS, 2008).

É crucial que os psicólogos entendam a vivência da comunidade, sem se distanciar da realidade que a envolve, evitando uma postura elitista. O levantamento das necessidades é realizado em conjunto com o grupo, consoante destacado por Neiva (2010). Ir à comunidade não se resume em realizar diagnósticos, mas conduzir uma análise local abrangente, que englobe os fatores limitadores e potencializadores, e uma reflexão crítica sobre as ideologias que circundam o local (GÓIS, 2008).

É essencial reconhecer o espaço como elemento central na compreensão da saúde e de seus problemas, pois permite uma melhor compreensão da realidade, promovendo reflexão, análise, planejamento e ação, estabelecendo uma conexão direta entre a teoria e a prática na compreensão e na resolução dos desafios da saúde (PEKELMAN; SANTOS, 2009).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Esse relato utilizou uma metodologia qualitativa baseada na análise de instrumentos utilizados pelos estudantes de psicologia, os quais, de forma quinzenal realizaram entrevistas semi-estruturadas com colaboradores, assistidos das instituições locais e moradores do bairro, através de um estudo etnográfico em 2023. Como também foram analisados relatórios produzidos pelos estudantes durante o Estágio.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises dos documentos produzidos no estágio mostram que as instituições refletem a complexidade da realidade da comunidade que as cerca. Através das colocações dos colaboradores, extrai-se que a população, por viver em um bairro precário, é atravessada pela desesperança aprendida, vivendo situações em que seus esforços não produzem resultados positivos e suas aspirações são frustradas, gerando uma sensação de impotência e desamparo diante de situações desafiadoras. Infere-se que os obstáculos da materialidade da vida podam o sujeito comunitário, impedindo-o de desejar mudanças sobre a sua realidade (GÓIS, 2008).

Os assistidos também relatam uma consciência intransitiva, que se concentra na simplicidade da vida em um estado vegetativo e pelo descompromisso com a própria existência. Isso leva a um estado de alienação e submissão, insinuando que as pessoas possuem uma escassa ou nula sensação de poder para mudar sua realidade (FREIRE, 1967).

Constatou-se a desvalorização do bairro por alguns moradores, estes reproduzindo estigmas direcionados ao bairro por quem é de fora, evidenciando um complexo de inferioridade. Fanon (2008) aponta que o complexo de inferioridade é um processo que começa com a inferioridade econômica e deságua na interiorização dessa inferioridade. Isso condiz com o bairro, já que a sua criação teve início através de uma ocupação descriminalizada em 1990, e o sentimento de inferioridade ainda é presente e interiorizado pelos moradores, mas que vem diminuindo com a urbanização do bairro (FEITOSA, 2019).

## 5 CONCLUSÃO

É fundamental compreender como a história e as ideologias permeiam e sustentam a comunidade e desempenham um papel crucial na sua dinâmica. Esse entendimento profundo da realidade local é essencial para o estudante de psicologia, para que este ainda enquanto estagiário possa ter contato com a realidade, desenvolvendo um olhar crítico sobre as teorias a partir da materialidade da realidade, permitindo uma atuação enquanto profissional comprometido com a ética e a práxis transformadora, orientando intervenções eficazes e promovendo o desenvolvimento comunitário sustentável.

## REFERÊNCIAS

ALARCON, Sergio *et al.* **Território, território existencial e cartografia.** Brasil, Projeto Caminhos do Cuidado, Caderno do Aluno. Formação em saúde mental (crack, álcool e outras





drogas) para agentes comunitários de saúde e auxiliares/técnicos em enfermagem da Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <7 - Território - Território Existencial e Cartografia | PDF | Geografia | Família (scribd.com)>. Acesso em: 02 set., 2023.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **Metodologia da problematização**: uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior. Semina: Ciências Sociais e Humanas, v. 16, p. 09-19, 1995. Disponível em: <Vista do Metodologia da problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior (uel.br)>. Acesso em: 02 set., 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <<http://paginapessoal.utfrpr.edu.br/cantarin/elpl-uab-literatura-africana-em-perspectiva-recepcional/material-extra/Pele%20negra%20mascaras%20brancas%20-Frantz%20Fanon.pdf/view>>. Acesso em: 09 set., 2023.

FEITOSA, Antonio Lucas. **O bairro como projeto e processo**: a inscrição do bairro Frei Damião na cidade de Juazeiro do Norte-CE. Argumentos-Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes, v. 16, n. 1, p. 101-132, 2019. Disponível em: <O bairro como projeto e processo: a inscrição do bairro Frei Damião na cidade de Juazeiro do Norte-CE: The neighborhood as project and process: the establishment of Frei Damião neighborhood in the city of Juazeiro do Norte | Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes>. Acesso em: 08 set., 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Saúde comunitária: pensar e fazer**. São Paulo: editora hucitec, 2008.

NEIVA, Kathia Maria Costa *et al.* **Intervenção Psicossocial**: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas. 1ª ed. São Paulo: vetor, 2010.

PEKELMAN, Renata; SANTOS, Alexandre André dos. **Território e lugar-espacos da complexidade**. Disponível em: <TERRITORIO-E-LUGAR-ESPACOS-DA-COMPLEXIDADE.pdf (researchgate.net)f>. Acesso em: 09 de set., 2023.

SANTOS, Telma Temoteo. **O Arco de Maguerez e a Aprendizagem Baseada em Projetos na Educação em Saúde**. Revista Educação Pública, v. 20, n. 7, p. 1-5, 2020. Disponível em: <Revista Educação Pública - O Arco de Maguerez e a Aprendizagem Baseada em Projetos na Educação em Saúde (cecierj.edu.br)>. Acesso em: 02 de set., 2023.

**Palavras-Chave**: Psicologia. Comunidade. Territorialização. Estágio.



# PSICOLOGIA HOSPITALAR NO AMBULATÓRIO ONCOLÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE SALA DE ESPERA EM TORNO DO CUIDADO E OLHAR INTEGRAL PARA SI

**Juliana Sousa de Morais<sup>1</sup>**

*julianamoraispsi@gmail.com*

**Naraya Eduarda de Sousa Silva<sup>2</sup>**

**Indira Feitosa Siebra de Holanda<sup>3</sup>**

## 1 INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência tem como objetivo relatar as experiências vividas durante estágio em psicologia hospitalar, efetuado em hospital referência no interior do Ceará. No qual foi realizado projeto de sala de espera em ambulatório oncológico, objetivando trabalhar questões como o autocuidado e olhar integral para si.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Muitas são as mudanças enfrentadas por um paciente oncológico, sendo dentre estas de ordem psíquicas, físicas, bem como a mudança na rotina, a qual o processo de tratamento exige que o paciente saia do seu habitual para se adequar a uma nova realidade (CARLOS e TEIXEIRA, 2023). Diante de todas essas mudanças, é necessário adaptar-se à rotina hospitalar e ambulatorial, sendo necessário muitas vezes, esperar muito tempo em salas de espera para a realização de uma série de consultas, exames e tratamentos, cujo tanto tempo de espera - que muitas vezes é acompanhada de ociosidade - que pode gerar ansiedade e angústia no paciente em seus acompanhantes/familiares (VERISSIMO; DO VALLE, 2005). Assim, o espaço da Sala de Espera, apesar de ser um ambiente muitas vezes agitado e barulhento, também pode se tornar em um espaço fundamental para dar acolhimento, suporte, esclarecimentos e orientações, amenizar a ansiedade e o medo, além de aliviar a própria espera (MELO et al., 2016, p.19).

## 3 MATERIAIS E MÉTODOS

Desse modo, tiveram como principais metodologias a dinâmica do espelho e psicoeducação. Pensando nisso, foi aplicado o projeto nas salas de espera do ambulatório

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>3</sup> Mestre docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.



oncológico, este objetivou que os pacientes, acompanhantes/familiares pudessem refletir a respeito de si mesmos, da importância de cuidar-se integralmente, do fortalecimento de vínculos e especialmente para os pacientes pudessem tomar consciência de que são os principais protagonistas do seu processo de tratamento. Valendo destacar que a aplicação do mesmo, por diversas vezes, deu espaço para momentos de escuta, no qual paciente e acompanhantes puderam dar vazão às suas emoções e se colocarem. Dito isso, o segmento se dá da seguinte forma: No primeiro momento o serviço de psicologia do hospital é apresentada e levanta-se o questionamento “Por quem você está aqui?” Espera-se o momento de reflexão até que algumas pessoas da sala de espera comecem a expor suas reflexões. No segundo momento, após terem respondido o questionamento se mostra uma caixa fechada dizendo que dentro contém uma imagem de por quem o paciente deveria estar no hospital e esta caixa é passada para que eles possam abri-lá, ao abrirem a caixa os pacientes se deparam com um espelho que reflete eles mesmos. No terceiro momento, é investido em escuta, acolhimento e psicoeducação a respeito da importância dos pacientes estarem ali por si mesmos, de olharem para si para além do seu diagnóstico, do autocuidado, de perceber a saúde de forma integral e auto responsabilização nesse processo (SANTOS et al., 2022). Além disso, o serviço de psicologia do hospital é disponibilizado para outros momentos, caso o paciente e familiares/acompanhantes sintam a necessidade.

Com base no exposto, vale destacar que a efetividade da atuação psicológica em ambientes hospitalares foi vista mais fortemente, deixando evidente que práticas como essa devem ser realizadas apenas por profissionais preparados tecnicamente e emocionalmente para isso (LIEBMANN, 2000).

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Tendo em vista que a sala de espera é um lugar dinâmico onde se reúne um considerável número de pessoas que por vezes estão ociosas, preocupadas e precisam de apoio (Teixeira e Veloso, 2006 apud DE ALCÂNTARA et al., 2013). Através de uma visão profissional, foi possível perceber o quanto as pessoas que ocupam o espaço de sala de espera possuem necessidade de escuta, atenção, apoio e cuidado, bem como, passam por situações muito semelhantes como o fato de esperar, o cansaço, medo, angústia, gratidão, felicidade, incertezas, entre outros e ainda assim, preservam suas singularidades nas formas que se percebem, enfrentam, lidam e se comportam frente essas vivências.

Nesse sentido, a aplicação do projeto de sala de espera, propiciou momentos de



aprendizado para além do âmbito profissional, ofertando uma relação mais próxima com pacientes e acompanhantes, aliado a um cuidado sensível, ético e empático, atentando-se para a importância de ampliar os espaços de atuação do fazer psicológico evitando o “aprisionamento” nas salas e juntamente a isso alcançando um maior número de pessoas que necessitam de amparo. Ademais, foi possível perceber na prática o quão importante e eficaz é a utilização de trabalhos em grupo, como acima citado, a prática das salas de espera para a promoção de saúde e prevenção de doenças nos serviços de saúde - mais precisamente no hospital, bem como a utilização da ferramenta da dinâmica do espelho na construção de reflexões pertinentes para o processo em que os pacientes, acompanhantes e/ou familiares. Diante das dificuldades para seu desenvolvimento, pode-se citar o fato do fluxo excessivo de pessoas ao mesmo tempo que compõem o ambiente da sala de espera, bem como o barulho e movimentação, que são bem característicos do local, sendo necessário o profissional desenvolver diversas alternativas para driblar da melhor forma essas questões, e proporcionar uma sala de espera construtiva e eficaz.

## 5 CONCLUSÃO

Inferese, portanto, que tendo em vista os feedbacks dos pacientes/acompanhantes presentes no momento, os objetivos do projeto sala de espera foram alcançados, sendo eles trabalhar questões como autocuidado e olhar integral do sujeito para si.

**Palavras-chave:** Psico-Oncologia. Sala de espera. Autocuidado

## REFERÊNCIAS

CARLOS, Celina Angélica Lisboa Valente; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano.

**Diagnóstico e tratamento oncológico: Reflexão acerca das mudanças na vida do paciente e de sua família.** Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 13, n. 39, p. 473-490, 2023.

DE ALCÂNTARA, Tainara Vasconcelos et al. **Intervenções psicológicas na sala de espera: estratégias no contexto da Oncologia Pediátrica.** Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 16, n. 2, p. 103-119, 2013.

LIEBMANN, Marian. **Exercícios de arte para grupos.** Summus Editorial, 2000.

MELO, Ivone Almeida dos Santos; PEDROSA, Ana Paula Amaral; OSÓRIO, Mônica. **Projeto de intervenção psicológica em sala de espera na oncologia pediátrica.** 2016.

SANTOS, Maria Eduarda Morais et al. **Capacidade de autocuidado de pacientes em tratamento quimioterápico.** 2022.



VERISSIMO, Danilo Saretta; DO VALLE, Elizabeth Ranier Martins. **Grupos de sala de espera no apoio ao paciente somático.** Revista da SPAGESP, v. 6, n. 2, p. 28-36, 200.



## **O PLANTÃO PSICOLÓGICO CENTRADO NA PESSOA EM UM COLÉGIO MILITAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Janaina Vitória dos Santos Duarte<sup>1</sup>**

*janainaduarte138@gmail.com*

**Jéssica Queiroga de Oliveira<sup>2</sup>**

*jessicaqueiroga@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

Sabendo que o foco da psicologia frente a educação volta-se não só para “resolução de problemas”, mas para prevenção de uma série de fatores que podem prejudicar o processo pedagógico, subjetivo e inter-relacional da comunidade escolar, cada vez mais se faz necessário a psicologia em espaços educacionais, pois este torna-se um espaço onde emerge várias nuances que compõe a vida humana. O presente artigo consiste em um relato de experiência, buscando abordar o percurso histórico da educação interligada à psicologia; o modo de funcionamento das escolas militares e como contribuem ou interferem no processo educacional e subjetivo dos envolvidos; e a atuação do psicólogo educacional e escolar. Articulando assim, ao saber da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), que traz em sua composição uma visão sobre as relações humanas e o processo educativo, que permite a relação entre psicologia e educação.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **2.1 ENTRE-LAÇOS DA PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: PERCURSO HISTÓRICO**

A educação brasileira passou por muitos momentos de luta até se constituir a rede de ensino público que se tem hoje, a exemplo disso está o Manifesto, que lutava contra a educação vencida, artificial. O Manifesto surgiu enquanto a sociedade estava mudando, e a escola deveria seguir também essas mudanças, com a educação enquanto um direito social e político. Diante do Manifesto, a educação pôde ser vista por meio sociológico, filosófico e com mudanças em seus métodos educacionais que a psicologia tinha descoberto até então (ROMANELLI, O. 1986).

---

<sup>1</sup> Psicologia, Discente no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

<sup>2</sup> Psicologia, Doutora em Psicologia Social- UFPB



## 2.2 O COLÉGIO MILITAR E A PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Para Carl Rogers (1985) no processo educativo, o aluno deve ser o protagonista em seu processo de aprendizagem, fazendo suas próprias escolhas, questionando e refletido sobre, de modo que o professor seja um facilitador, de forma singular, tendo confiança em si e no aluno, assim como, uma compreensão empática. Muito embora as instituições educacionais não favoreçam a construção de um espaço onde tanto professores, quanto alunos sintam-se livres e confortáveis para ser aquilo que se é e fazer novas descobertas. Ele traz ainda, como o modelo tradicional na educação se contrapõe ao democrático, visto que os alunos são seres passivos nos processos de ensino-aprendizagem, além dos controles por relações hierárquicas existentes, onde o aluno obedece ao professor, e ambos obedecem a instituição.

## 2.3 POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO NA PSICOLOGIA ESCOLAR

Atualmente, segundo o Conselho Federal de Psicologia (2019), a psicologia busca lutar por relações escolares democráticas, indo contra a patologização, exclusão, medicalização, e estigmatização social. Mitjáns Martínez (2009) enfatiza a importância da atuação do psicólogo (a) nas transformações da educação brasileira, estando comprometido na efetivação e promoção de sua ação científico-profissional de forma consciente. Ainda mais, trazendo em sua atuação um compromisso social, não só enquanto psicólogo, mas na sua condição de sujeito, se percebendo nos processos e dando abertura para mobilizar a própria ação.

## 3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente resumo apresenta-se enquanto descritivo e consiste em um relato de experiência sobre a vivência em um estágio supervisionado do curso de Psicologia, com ênfase em processos educacionais. Tal estágio sucedeu no período de Março a Junho de 2022, com carga horário total de oitenta horas, em um colégio militar. Foram desenvolvidas ações voltadas ao Plantão Psicológico e acolhimento em situações de crise; grupos de encontro; e orientação profissional.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O plantão psicológico é um encontro que se finda nele mesmo, é no presente momento que acontece, onde a pessoa busca ajuda, que é possível uma elaboração para o sofrimento que



este traz. É um modelo que difere da clínica tradicional pois acontece apenas em um encontro, e este não tem delimitação de tempo para durar, assim ajuda no momento que o cliente chega a perceber e ressignificar as nuances de seu problema. O psicólogo está enquanto um facilitador do processo, utilizando dos recursos disponíveis no próprio cliente, acreditando em seu potencial e estando com uma escuta sensível (DUTRA, REBOUÇAS, 2010).

Os acolhimentos foram as atividades que mais contemplaram a vivência no referido campo de estágio, onde tinha-se como público-alvo os alunos (as) que procuravam pelo serviço diariamente, sendo de forma quantitativa um número elevado, o que demandava mais dessa atuação. Entre as principais demandas, surgiram os conflitos nos relacionamentos interpessoais (amoroso, amizade e familiar); autolesão e ideação suicida; conflitos com alunos e funcionários da escola. Muitas vezes esses alunos chegavam ao serviço com crises de ansiedade, em estado de fragilização emocional, não conseguindo estar em sala de aula. Além disso, foi possível a atuação profissional voltada aos grupos de encontro, com demandas em orientação profissional e relação interpessoal em sala de aula.

## 5 CONCLUSÃO

A escola torna-se um lugar onde muitas questões que afetam a infância e adolescência podem ser explicitadas, daí a importância da psicologia está presente nesse espaço e da escola em se comprometer, também, com o bem-estar e integralidade de seus alunos. A escola pode ser um espaço de grande desenvolvimento, mas também de um aprisionamento das experiências, de competição e de individualismo. Ao delimitar “grupos” segundo suas conquistas, ao ganhar pontos diante de elogios, principalmente quando vindo de alguém hierarquicamente superior, o que se pode ter se não competição e disseminação, mesmo que não consciente, de ideias de meritocracia, e porque não neoliberais? Apesar da mudança não vir de maneira imediata e alastrosa, a psicologia diante de minha atuação teve de ser minuciosa e de resistência as “pequenas” coisas, que podem ser grandes simbolicamente, como a não aceitação e o não uso de um fardamento em uma escola militar e como debatido anteriormente, institucionalizador.

## REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica.** Brasília: CFP, 2019.





MARTINEZ, A.M. **Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, v. 13, n. 1, Pag. 169-177, 2009.

REBOUCAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. **Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade.** Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 16, n. 1, p. 19-28, jun. 2010 .

ROGERS, C. R. **Liberdade de aprender em nossa década.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ROMANELLI, O. O. História da educação no Brasil (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 1986.

**PALAVRAS- CHAVE:** Plantão psicológico. Colégio Militar. ACP. Educação.



## OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA-TEA NO MERCADO DE TRABALHO

**Francisca Suelen Bezerra Ribeiro<sup>1</sup>**

*suelenbribeiro@gmail.com*

**Larissa Vasconcelos Rodrigues<sup>2</sup>**

*larissavasconcelos@leaosampaio.edu.br*

### 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista – TEA, é identificado no DSM V-TR como um transtorno de neurodesenvolvimento que traz características de déficits na reciprocidade socioemocional, dividido em níveis de gravidade que resultam em suportes diferentes. Embora a inclusão de pessoas com TEA no mercado de trabalho seja discutida através da lei de cotas, as dificuldades tanto por parte da empresa como do indivíduo são aparentes. O presente artigo aborda a importância do diagnóstico precoce e da inclusão de pessoas com TEA para o desenvolvimento de habilidades e competências exigidas no meio laboral, bem como mudanças necessárias por parte das empresas para que essa inclusão seja efetiva.

### 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista - TEA é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento social, comunicação e comportamento. Geralmente percebido na infância, também pode ser diagnosticado na fase adulta. Não existe cura, porém terapias mostram-se eficazes no melhor desenvolvimento das habilidades. Por se tratar de uma condição bastante complexa, não apresenta uma padronização no que diz respeito ao seu tratamento (Sillos, Rezende, 2020).

O desenvolvimento e habilidades de adultos com TEA está relacionado ao diagnóstico precoce, a aceitação por parte da família e a inclusão escolar da criança. Hoje, do ponto de vista terapêutico e educacional, acreditamos que a intervenção precoce com as crianças autistas pode trazer muitos benefícios (Serra, 2010).

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA assegura que as crianças sejam matriculadas na escola regular, porém a inclusão não é satisfatória. Em ambiente escolar, a brincadeira e a mediação pedagógica facilitam as trocas sociais, promovendo o

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia Unileão

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia Unileão



desenvolvimento da comunicação e a plena participação do indivíduo com TEA (Campos, Silva, Ciasca, 2018). Essas competências serão exigidas na vida adulta e no meio profissional.

O processo de inclusão no mercado de trabalho é repleto de dificuldades que podem surgir desde a infância com o atraso de estímulos. Segundo Leopoldino e Coelho (2017), é possível citar quatro eixos temáticos que envolvem a adoção de uma série de práticas capazes de estimular a atuação profissional de autistas. São eles a preparação para a atuação profissional, incentivo por parte dos governos para a contratação de pessoas com TEA, fomento a produção científica e estímulo a pesquisas e aquisição de informações precisas.

Sabemos que esses indivíduos possuem diversas características que podem fazer com que a inclusão seja via de mão dupla. Por um lado, o autista ganha com autonomia e melhoria de qualidade de vida, por outro a empresa ganha com potencial de marketing, cumpre requisitos legais como a lei de cotas e pode alocar o autista em atividades mais específicas que exijam maior concentração. Atualmente, há empresas que reconhecem como pontos positivos algumas características e habilidades do espectro, como por exemplo, habilidades com informática, robótica, desenvolvimento de sistemas complexos e análise de dados (Bastos, 2021).

Pessoas com TEA são reconhecidos como pessoas com deficiência, após aprovação da Lei 12.764, em 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA. A inclusão destas pessoas no mercado de trabalho deve ser discutida por meio da Lei de Cotas 8213/91, que prevê a contratação e inclusão de pessoas com deficiências no mercado de trabalho (Talarico, Pereira, Goyos, 2019). Embora leis atendam a demanda de inclusão, a realidade ainda é bem diferente. É necessário que haja mudanças para que o profissional seja de fato incluído, como conscientização dos demais funcionários e adaptação no meio laboral para receber o novo funcionário.

### **3 METODOLOGIA**

O artigo trata-se de um trabalho científico de revisão bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é uma importante metodologia no âmbito da educação, a partir de conhecimentos já estudados, o pesquisador busca analisá-los para responder seu problema do objeto de estudar ou comprovar suas hipóteses, adquirindo novos conhecimentos sobre o assunto pesquisado (Sousa, Oliveira, Alves, 2021). Foram utilizados como fonte artigos encontrados no Google Acadêmico e Scielo. Sendo assim, o estudo tem como finalidade demonstrar a importância e os desafios da inclusão de pessoas com TEA no mercado de trabalho.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os achados durante a pesquisa bibliográfica mostram que o assunto ainda é pouco abordado. Embora algumas pessoas com TEA tenham potencial para o trabalho, as organizações encontram barreiras para explorar estas oportunidades. Fatores como falta de preparo para recebe-los e déficit na formação dos indivíduos com TEA colaboram para este cenário. A falta de acesso à informação leva a diagnósticos tardios, dificultando o desenvolvimento desses indivíduos. Embora a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) garanta a inclusão, as organizações ainda não estão preparadas. Pesquisas demonstram que a maior parte dos autistas na fase adulta dependem dos pais. Em contra partida Yuan (2017) destacou que 87,5% dos autistas com alto grau de funcionamento, que receberam suporte para a inserção no mercado de trabalho, conseguiram emprego. Destaca-se então a importância do acompanhamento em todas as fases da vida.

## 5 CONCLUSÃO

O diagnóstico precoce de TEA, a aceitação da família e inclusão na escola são fatores determinantes no processo de desenvolvimento de habilidades. Embora leis assegurem o direito de inserção em escolas e empresas, a verdadeira inclusão ainda está longe de ser uma realidade. É necessária dedicação por parte das empresas para a adaptação de pessoas com TEA, tanto no ambiente como na preparação das demais pessoas que irão conviver com o colaborador. Por fim, enfatiza-se a necessidade de estudos relacionados ao tema a fim de que mudanças sociais sejam efetivamente realizadas.

**Palavras-Chave:** TEA. Inclusão. Mercado de Trabalho.

## REFERÊNCIAS

BASTO, Ana Teresa Oliveira da Silva. **O mercado de trabalho para pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista (tea):** As práticas de gestão direcionadas a estes profissionais, 2021 (Dissertação mestrado profissional MPGC) – Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/31456/TA%20Ana%20Teresa%20Basto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 set. 2023.

CAMPOS, Caroline de Carvalho Pereira; SILVA, Fernanda Caroline; CIASCA, Sylvia Maria. **Expectativa de profissionais da saúde e de psicopedagogos sobre aprendizagem e inclusão escolar de indivíduos com transtorno do espectro autista.** Revista Psicopedagogia vol.35 no.106 São Paulo abr. 2018. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862018000100002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862018000100002&script=sci_arttext) Acesso em 05 set. 2023.



COSTA, Fernanda Aparecida de Souza Correa; ZANATA, Eliana Marques; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **A educação infantil com foco na inclusão de alunos com TEA.** Revista eletrônica Pesquiseduca, Volume 10, número 21, p. 294-313, maio-agosto 2018.

LEOPOLDINO, Claudio Bezerra; COELHO, Pedro Felipe da Costa; **O processo de inclusão de autistas no mercado de trabalho.** E&G Economia e Gestão, Belo Horizonte, v. 17, n. 48, Set./Dez. 2017.

SERRA, Dayse. **Autismo, Família e Inclusão.** Polêm!ca, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, janeiro/março 2010.

SILLOS, Isabela Ranieri; REZENDE, Bruno José Mende; MARINHO, Micaella de Paula. **A importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura.** Revista Atenas Higeia vol.2 nº 1 Jan. 2020.

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.

TALARICO, Maria Valente Teixeira da Silva; PEREIRA, Amanda Cristina dos Santos; GOYOS, Antônio Celso de Noronha. **A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica.** Revista Educação Especial, 2019, Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313158902120>. Acesso em 08 jun. 2023.

YUAN, Luis Felipe de Meneses.; BITTENCOURT, Andréa. **A inserção dos autistas no mercado de trabalho carioca.** Rio de Janeiro, 2017. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.



## **OS ESTEREÓTIPOS E OS DESAFIOS DA PSICOLOGIA NAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS**

**Maria Luiza Souza Sintra<sup>1</sup>**

*malusintra64@gmail.com*

**Clarice Guedes Alves Lustosa<sup>2</sup>**

**Ellen Kaylane Batista de Carvalho<sup>3</sup>**

**Laila Milfont Peixoto<sup>4</sup>**

**Joaquim Iarley Brito Roque<sup>5</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho aborda os desafios enfrentados pelos psicólogos na educação e os estereótipos associados a essa área. Contudo, destaca a importância dos psicólogos nas escolas devido a problemas de aprendizagem, transtornos mentais e recursos limitados. Além disso, menciona os desafios, como críticas à atuação, credibilidade e restrições institucionais, enfatizando o papel do psicólogo educacional na melhoria do ambiente escolar, oferecendo apoio emocional e psicológico aos alunos, contribuindo para seu bem-estar e sucesso acadêmico (gaspar e costa, 2011; guzzo, 2002). Superar esses desafios é crucial para valorizar esse trabalho e melhorar o sistema educacional.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico para esta pesquisa será constituído, inicialmente, pela mudança e evolução da psicologia como ciência e principalmente e especificamente a psicologia escolar. Dessa forma, a presente pesquisa discute sobre o papel e a tamanha importância do profissional da psicologia escolar nas instituições. Logo, abordando também as problemáticas e, conseqüentemente, os estereótipos sofridos por estes. O atual trabalho buscou uma revisão literária a partir de artigos científicos que abordam a temática que nele consta. Assim, foi permitido a análise dos conteúdos que se relacionam entre si quando se trata da psicologia nas instituições educacionais, compreender que ser psicólogo escolar ou educacional no Brasil exige o conhecimento das necessidades das pessoas no que se refere aos processos educacionais

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia da Unileão

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia da Unileão

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia da Unileão

<sup>4</sup> Discente do curso de Psicologia da Unileão

<sup>5</sup> Psicólogo, Doutor em Educação e docente do curso de Psicologia da Unileão



(almeida e cols., 1995).

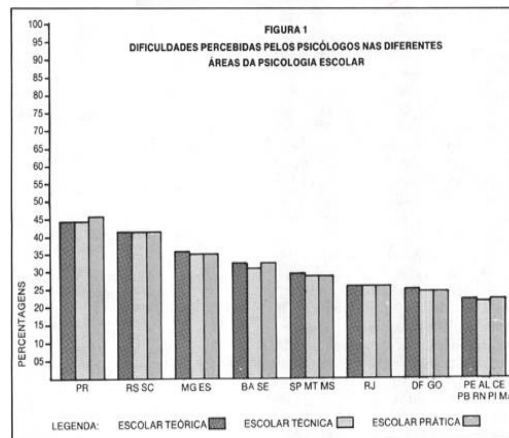
Além disso, obteve-se o entendimento de que esses profissionais têm sua atuação para além dos quesitos da aprendizagem de fato, tendo um compromisso social no quesito de transformar os processos educativos a partir da sua área de conhecimento (martinez, 2009). No entanto, não se pode negar a existência dos desafios enfrentados por essa área, como os estereótipos que assolam esses profissionais e, até mesmo, falhas na formação desses indivíduos que atuarão nesses espaços e o próprio sistema educacional do país que dificulta a compreensão dessa área de atuação (dias, patias e abaid, 2014). Ademais, foi abordada a Psicologia Positiva, um espaço dessa ciência que é pouco explorada, mas que traz uma visão de uma Educação Positiva com um entendimento revolucionário tanto para a práxis dos psicólogos educacionais como para a própria instituição educacional buscando o bem-estar do estudante e o seu autoconhecimento, para que seja possível o florescimento dos indivíduos e das instituições que eles integram (cintra e guerra, 2017). Por fim, compreendeu-se a Psicologia Escolar como uma subdisciplina da Psicologia, sendo identificada desde os tempos coloniais, quando preocupações com a educação e a pedagogia traziam em seu bojo elaborações sobre o fenômeno psicológico (massimi, 1986; 1990).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Este estudo consiste em uma revisão narrativa de literatura, onde buscou-se analisar a psicologia nas instituições educacionais a partir de artigos científicos já publicados que abordam o tema em questão. Dessa forma, foi possível a obtenção de dados a respeito da temática, em que se percebeu a ênfase nos desafios que são enfrentados pela área no contexto educacional. O estudo baseou-se em artigos que trouxessem conceitos para enfatizar a discussão e análise da temática.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Diante dos fatos supracitados, faz-se claro a suma importância de um profissional de psicologia especializados na área educacional e escolar, nestes contextos educacionais, para que os alunos possam ter um maior desempenho diante das suas demandas particulares. Outrossim, é inegável a existência de desafios e esteriótipos impostos a estes profissionais, como pode ser visto na figura a seguir:



Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931989000300009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000300009)

De acordo com a tabela apresentada, observamos as dificuldades enfrentadas por psicólogos de diferentes estados brasileiros, como por exemplo, a dificuldade na formação, a área de atuação, sua não valorização, como também, os aspectos teóricos, técnicos e práticos da psicologia escolar. Além disso os níveis de satisfação deste profissional, podem ser reduzidos, por consequência das imposições recebidas em meio as instituições escolares, onde muitas vezes, o psicólogo não consegue exercer suas devidas funções.

## 5 CONCLUSÃO

Conforme os fatos mencionados, este trabalho enfatiza a importância dos psicólogos na educação, destacando os desafios e estereótipos que enfrentam. Entretanto, o papel do psicólogo educacional é crucial para o bem-estar dos alunos, o desenvolvimento socioemocional e a criação de ambientes inclusivos. Reconhecer sua relevância, investir na formação adequada e repensar o sistema educacional são passos essenciais para superar esses desafios. Ademais, valorizar o trabalho da psicologia nas instituições educacionais contribui para a melhoria do sistema educacional e o desenvolvimento pessoal dos alunos. O objetivo é promover uma educação positiva que forme cidadãos realizados e conscientes (cintra e guerra, 2017).

**Palavras-chave:** Psicologia escolar. Instituições educacionais. Estereótipos. Desafios. Profissionais da psicologia.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Cássia. **Desafios encontrados na atuação do psicólogo escolar**. Patrocínio, Centro Universitário do Cerrado, 2017. Disponível em: [https://www.unicerp.edu.br/ensino/cursos/psicologia/monografias/20172/DESAFIOSE\\_NCONTRADOSNAATUACAODOPSIKOLOGOESCOLAR.pdf](https://www.unicerp.edu.br/ensino/cursos/psicologia/monografias/20172/DESAFIOSE_NCONTRADOSNAATUACAODOPSIKOLOGOESCOLAR.pdf). Acesso em: 15 set. 2023.





CINTRA, Clarisse; GUERRA, Valeschka. **Educação Positiva: A aplicação da Psicologia Positiva a instituições educacionais.** Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, v. 21, n. 3, p. 505-514, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/Y8Z7fc66J5nsG8Wn49zty6B/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 17 set 2023.

GARCIA, Ana Cristina; PATIAS, Naiana; ABAID, Josiane. **Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões.** Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP, v. 18, n. 1, p. 105-111, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/kFwV6k4ThTqNSNpp6NYmPft/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 17 set 2023.

MARTINEZ, Albertina. **Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v.13, n.1, p. 169-177, 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pee/v13n1/v13n1a20.pdf>. Acesso em: 15 set 2023.

MITSUKU, Antunes. **Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v. 12, n. 2, p. 469-475, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/kgkH3QxCXKNNvxpbgPwL8Sj/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 19 set 2023.

WECHSLER, Solange. **Panorama nacional da formação e atuação do psicólogo escolar.** Universidade de Brasília, v.9, n.3, 1989. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931989000300009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000300009).

Acesso em: 20 set 2023.



## PSICOLOGIA JURÍDICA, ADOÇÃO E ANCESTRALIDADE

**Gislânia Ferreira de Lima<sup>1</sup>**

*gislaniacariri@gmail.com*

**Moema Alves Macêdo<sup>2</sup>**

*moema@leaosampaio.edu.br*

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discorrer sobre a atuação do (a) psicólogo (a) jurídico (a) na garantia do direito à ancestralidade de crianças e adolescentes em processos de adoção. A ancestralidade vai além do conhecimento de questões biológicas, é um resgate da própria história, uma identidade psicoafetiva que está conectada com o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana. O objetivo, então, é compreender como a visão ampliada do (a) psicólogo (a) nesses processos fortalece e respeita o desejo dos adotandos de conhecerem suas origens.

### 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Psicologia Jurídica é um campo de atuação que se relaciona com situações reguladas pelos sistemas de justiça. Nesse sentido, o profissional atua com fenômenos psicológicos e com fatos jurídicos, por meio estratégias, técnicas e uma visão ampliada e crítica da ciência psicológica (GONÇALVES; BRANDÃO, 2015).

De fato, a formação do psicólogo deve ser atravessada pelo compromisso ético e político com a profissão, garantindo os Direitos Humanos (CFP, 2005). Daí a importância, quando se fala em práticas de adoção, do profissional visualizar que sua atuação inclui o debate sobre questões sociais, como machismo, racismo, classicismo, relações de gênero e exclusão da infância, além de estigmatizações e categorizações de crianças que vem de lares vulnerabilizados ou unidades de acolhimento (ROVINSKI, 2009). Tudo isso engloba o respeito ao princípio da proteção integral previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) e aos direitos fundamentais elencados na Constituição Brasileira (1988).

---

<sup>1</sup> Discente do 9º semestre do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – Unileão.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – Unileão.



À vista disso, é essencial compreender que a proteção à criança prevista no ECA inclui não somente os direitos à provisão e à proteção, mas também o direito à participação. Nesse sentido, nos processos de adoção deve o psicólogo jurídico ouvir a criança em sua totalidade, visto que ela está no centro da cena e é um sujeito de direitos (ANDRADE, 1998). Ademais e conforme Maia (2015), o trabalho do psicólogo nessas ações centraliza-se no bem-estar integral do adotando. Assim, cabe a este profissional avaliar a disponibilidade dos adotantes no sentido de respeitar o direito à ancestralidade.

Aliás, segundo De São Bernardo (2018), pesquisas sobre ancestralidade, com base em uma visão hermenêutica, entendem ser ela um fenômeno jurídico e democrático que parte, principalmente, dos saberes afro-brasileiros e indígenas, questionando visões de mundo, conhecimentos e éticas normativas. Dessa forma, a questão da ancestralidade é pensada de maneira ampla, já que se relaciona com a identidade histórica, cultural e psicológica do sujeito. E esta reflexão faz parte da atuação do psicólogo jurídico nos processos de adoção, quando este se propõe a escutar a história do adotando, de sua identidade ancestral, de seus vínculos de pertencimento, caminhos, valores e cultura.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

A temática foi vivenciada na participação da autora no Projeto de Extensão “Matrizes: gestando saberes em Psicologia Jurídica” (2022) no Núcleo de Prática Jurídica vinculado ao Curso de Psicologia da Unileão, através das demandas provenientes da Vara de Infância e Juventude da cidade de Juazeiro do Norte/CE. Nesta extensão, realizaram-se produções acadêmicas, anotações cotidianas, discussões críticas de casos, escutas individualizadas e confecção de laudos psicológicos em ações de adoção, guarda, dentre outras. Desse modo, a metodologia deste trabalho parte da pesquisa bibliográfica e do relato das aprendizagens obtidas na extensão, por meio do uso de diários de bordo que, conforme Medrado, Spink e Mélló (2014), é um instrumento atuante na pesquisa, tendo como base o Construcionismo Social.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Na atuação de diferentes profissionais em ações de adoção, percebe-se que crianças e adolescentes, por vezes, são tratados como objetos processuais. Nesse contexto, foram nas aprendizagens obtidas na extensão universitária, que se demonstrou a emergência de desnaturalizar condutas que oprimem os adotandos, pois, como todas as pessoas, eles agem e reagem ao contexto social que estão inseridos.



O trabalho do psicólogo, então, é possibilitar um espaço que respeite as capacidades, habilidades e opiniões dos adotandos com relação à sua vida e ao ambiente que os cerca. São indivíduos aptos e competentes para participar de decisões acerca não só de seu presente e futuro, mas da sua história singular e ancestralidade. O psicólogo jurídico não deve atuar, portanto, como um aplicador de regras legais e técnicas periciais, mas como uma ponte para a criança ser ouvida. Isso ocorre quando o profissional desconstrói condutas que permeiam o silenciamento infantil e promove o direito de participação.

O protagonismo dos adotandos em seus processos de adoção dá espaço para a concretização de desejos e a investigação de aspectos de sua identidade e história. É, assim, fonte de sofrimento psicológico impedir que este adotando resgate suas raízes com vistas à adequação a uma família futura. Logo, o direito à ancestralidade deve ser promovido e disponibilizado pelo profissional de psicologia no contato com a família extensa, com adotantes ou responsáveis legais, nas instituições e, especialmente, na produção de documentos psicológicos no âmbito judicial.

## 5 CONCLUSÃO

A ancestralidade, como um conceito que vai além da estética e está na dimensão sociocultural, deve ser garantida como direito dos adotandos e viabilizados na prática psicológica. A partir dessa categoria, denotou-se o sofrimento ético-político de crianças e adolescentes em adoção que têm suas histórias apagadas e silenciadas. O papel do(a) psicólogo(a) jurídico, então, é essencial na garantia desse direito e isso ocorre quando promove uma escuta humanizada, legitima o sofrimento e possibilita a expressão do desejo do adotando de conhecer a sua história ancestral.

**Palavras-chave:** Psicologia Jurídica. Adoção. Ancestralidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. N. A criança na sociedade contemporânea: do 'ainda não' ao cidadão em exercício. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 1, p. 161–174, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/t68s6wJd3CT3Bvg74QMDMtC/?lang=pt#>>. Acesso em: 10 set. de 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.



BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.html](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.html)>. Acesso em: 10 set. de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2023.

DE SÃO BERNARDO, A. S. S. A LENDA E A LEI: A ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo. **ODEERE**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 226-250, 2018. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4422>>. Acesso em: 05 set. 2023.

GONÇALVES, H. S.; BRANDÃO, E. P. (org.). **Psicologia Jurídica no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2015.

MAIA, Camila Yamaoka Mariz. **A psicologia jurídica no direito da infância e juventude**. Cabedelo, PB: [s.n], 2015. Disponível em: <<https://www.iesp.edu.br/sistema/uploads/arquivos/publicacoes/a-psicologia-juridica-no-direito-da-infancia-e-juventude.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2023.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J. P.; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: Spink, Mary Jane Paris; Brigagão, Jacqueline Isaac Machado; Nascimento, Vanda Lúcia Vitoriano do; Cordeiro, Mariana Prioli (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 274-294. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19088>>. Acesso em: 14 set. 2023.

RECH, N. B.; DEMARCO, T. T.; SILVA, N. M. F. **O papel do psicólogo na adoção**. Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, [S. l.], v. 2, p. e15311, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/apeuv/article/view/15311/7793>>. Acesso em: 31 maio. 2023.

ROVINSKI, S. L. R. Psicologia Jurídica no Brasil e na América Latina: dados históricos e suas repercussões quanto à avaliação psicológica. In: ROVINSKI, S. L. R; CRUZ, R. M. C. (org.). **Psicologia Jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção**. 1ª ed., São Paulo: Vetor, 2009.



# **PSICOLOGIA NA CASA DA MULHER CEARENSE: ATUAÇÃO DA PSICÓLOGA NO ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL Á MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA.**

**Dalyane Maia Dantas de Moraes<sup>1</sup>**

*dalyanemaia@gmail.com*

**Tiago Deividy Bento Serafim<sup>2</sup>**

*tiagodeividy@leaosampaio.edu.br*

## **1 INTRODUÇÃO**

A Casa da Mulher Cearense (CMC), é um equipamento que foi idealizado a partir do exemplo da Casa da Mulher Brasileira, inaugurada em março de 2022 em Juazeiro do Norte, abrange seu atendimento a 29 municípios da região do Cariri. Atua como rede de proteção e atendimento humanizado às mulheres em situação de violência. Sob a coordenação da Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS), a Casa dispõe de serviços especializados e integrados para atender diversas situações e auxiliar as mulheres na quebra do ciclo da violência. O equipamento dispõe de equipe multidisciplinar composta majoritariamente por mulheres, o espaço conta com Delegacia de Defesa da Mulher, Tribunal de Justiça, atendimento psicossocial, Ministério Público, Defensoria Pública. Além dos órgãos de atendimento, a Casa oferece cursos de capacitação profissional dentro da Promoção da Autonomia Econômica, e serviço de abrigo temporário para as mulheres vítimas de violência.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A violência contra a mulher deve ser compreendida como uma questão social complexa, cujas características possuem dinâmicas específicas, podendo ser expressa de diferentes maneiras, de acordo com os contextos socioculturais nos quais ocorre. Silva (2013) Destaca-se que a violência contra mulher “é mais frequente em países com uma cultura predominante masculina, e menos frequente em culturas que buscam soluções igualitárias para as diferenças de gênero”.

Conforme, Lucena (2016) a violência contra mulher tem-se produzido sob a organização hierárquica do domínio masculino nas relações sociais entre os sexos. É um tipo de relação

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia da Unileão.

<sup>2</sup> Mestre e docente do curso de Psicologia da Unileão.



social historicamente delimitada, culturalmente legitimada e cultivada, na qual a mulher está exposta a agressões objetivas e subjetivas, tanto no espaço público como no privado. As consequências da violência sofrida pela mulher materializam-se em agravos biológicos, psicológicos e sociais que dificultam sua experiência de viver a igualdade humana e social plenamente. A persistência e a multiplicidade das formas de expressão da violência contra a mulher, ao longo da história, indicam a importância do tema e a necessidade de se investigar como essa prática interfere no processo de viver, adoecer e morrer de quem as sofre.

Várias épocas e contextos foram marcados por movimentos e lutas em defesa dos direitos das mulheres, sendo essas lutas majoritariamente lideradas pelas próprias mulheres, no Brasil a Lei Maria da Penha é apontada como uma das grandes conquistas nas lutas em favor da mulher, e considerada uma das mais avançadas legislações no mundo para proteção das mulheres, especialmente pelo que estabelece o artigo 2º da Lei 11.340 de 2006, onde diz que: “Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.” (BRASIL, 2006).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente estudo relata a experiência vivida no atendimento Psicossocial na Casa da Mulher Cearense, tendo como principal atividade a escuta psicossocial as mulheres vítimas de violência, essas escutas eram supervisionadas pela psicóloga da instituição, quanto as demais atividades havia o acompanhamento as assistidas a outros setores da casa, como por exemplo, a Delegacia da Mulher, Casa de passagem, bem como para equipamentos externos como UBS, IML, UPA, e Casa de Acolhimento, e se necessário a residências das assistidas, tornando assim o atendimento humanizado como preconiza as diretrizes da Casa.

Quanto as atividades em grupo, participei de rodas de conversas sobre saúde mental com os colaboradores da Casa, onde os colaboradores tinham a oportunidade de durante o expediente se desconectar momentaneamente da rotina para refletir sobre temas que poderiam trazer melhoria para saúde mental, bem como fortalecimento vínculo entre a equipe. Houve também encontros com as Polícias Civil e Militar, Promotoria de Justiça e Ministério Público, onde foi possível discutir sobre a rotina dessas equipes bem como as dificuldades no enfrentamento a violência contra mulher.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência traz consigo muitos desafios e aprendizados, percebemos que, mesmo mediante as individualidades e peculiaridades de cada caso, havia naquelas mulheres pontos em comum, como o contexto social em que estão inseridas, a culpabilização por serem violentadas, a pressão familiar tanto do agressor como às vezes da própria vítima para que medidas de proteção e queixas sejam retiradas, a repetição no ciclo de violência, bem como uma descrença das vítimas de que a lei não se faça cumprir. É perceptível que a mulher na maioria das vezes manifesta reações pela violência sofrida com passividade, vergonha, decepção, culpa e sofrimento, e que também percebe esse autor da violência como alguém doente, incorrigível ou digno de pena. É presente também nessa experiência, que as principais origens da ação violenta geralmente advêm de ciúme, poder e histórico familiar, apontando ancoragens sociais no poder masculino e submissão feminina construída ao longo do tempo.

## 5 CONCLUSÃO

Conclui-se que, a atuação da psicóloga nas redes assistenciais para enfrentamento a violência contra mulher é fundamental para oferecer apoio, orientação e acompanhamento às vítimas, como também para capacitar e supervisionar os profissionais envolvidos nesse trabalho, buscando fortalecer as mulheres como sujeitas de direitos e agentes de mudança em suas vidas e em suas comunidades, e confirma-se a importância de equipamentos como a CMC na proteção e combate à violência contra mulher, bem como a criação e manutenção de políticas públicas que favoreçam as mulheres.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei nº. 11.340**, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha).

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de et al. **Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher**. J.Hum. Growth Dev., São Paulo, v.26, n. 2, p.139146, 2016.

SILVA, Ana Cláudia Gonçalves da; FILHO, Josélio Soares de Oliveira; SANTOS, Karla Patrícia Ferreira dos; BARRÊTO, Anne Jacqueline Roque; BEZERRA, Cíntia Almeida; ALMEIDA, Sandra Aparecida de. **Violência contra a mulher: uma realidade imprópria**. Revista Ciência e Saúde, vol. 11(2), p. 101-115, Nova Esperança, setembro, 2013.

**Palavras-chave:** Violência contra mulher. Casa da Mulher Cearense. Psicossocial. Lei Maria da Penha.





# PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE RODA DE CONVERSA EM TORNO DO AUTOCUIDADO E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

**Naraya Eduarda de Sousa Silva<sup>1</sup>**

*narayasousa@gmail.com*

**Juliana Sousa de Moraes<sup>2</sup>**

**Indira Feitosa Siebra de Holanda<sup>3</sup>**

## 1 INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência tem como objetivo relatar a experiência vivida em projeto interventivo em Psicologia Escolar, a qual foi utilizado roda de conversa, ocorrido em uma escola de ensino médio técnico no interior do Ceará. Assim, foi realizado um momento com os referidos alunos, objetivando trabalhar questões como o autocuidado e inteligência emocional.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, as emoções são expressões de afeto acompanhadas de reações intensas e breves do organismo em resposta a um acontecimento inesperado ou, às vezes, muito fantasiado (BOCK et al., 2008 apud CEZAR et al., 2016) e que os sentimentos são emoções conscientes, e que desse modo, a conscientização da emoção é, portanto, a condição que distingue o sentimento (LEDOUX, 2007 apud CEZAR et. al., 2016).

No ambiente escolar, sabe-se que muitos alunos sentem dificuldade em lidar com suas próprias emoções, seja no que se refere a reconhecê-las como importantes e compreendê-las, bem como, no que diz respeito a expressá-las, tendo em vista que as emoções junto da cognição unem-se para produzir aprendizagem, sendo obviamente inquestionável, a importância das emoções e da afetividade nas aprendizagem (FONSECA et al., 2016).

Portanto, as emoções, sendo acolhidas e estimuladas positivamente em sala de aula, resultam no sucesso do aprendizado (MOTA, et al., 2021). Ademais, no que se refere a realização de atividades grupais para Lewin (1878) criam no grupo um processo de interação

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>3</sup> Mestre docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.



entre as pessoas, que se influenciam reciprocamente e pode haver a produção de novos significados e metas” (apud AFONSO, 2002), evidenciando sua importância e eficácia.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Sabendo da importância de levantar dados antes de intervir, para se saber o que está acontecendo no ambiente (BLEGER, 1991 apud SILVA et al., 2004), foram levantados dados a partir de entrevistas com funcionários e alunos da instituição, tornando possível perceber como principais demandas: a dificuldade que os alunos têm de reconhecer, compreender e expressar suas emoções. Desse modo, objetivando dirimir a problemática identificada, tendo como público-alvo 24 alunos da referida escola. Assim, a metodologia abordou assuntos como emoções, sentimentos, autocuidado e autoconhecimento, seguindo assim, as seguintes etapas: inicialmente, o momento se deu pela apresentação, objetivando o conhecimento mútuo e o fortalecimento dos vínculos. Posteriormente, foi explicado aos alunos que eles estavam sentados em círculo porque este representa uma aliança, pois havia a possibilidade de todos dividirem vivências parecidas e possuírem objetivos em comum. Em seguida, foi apresentado o vídeo “EU SOU UMA ORQUÍDEA” de JoutJout Prazer. <<https://youtu.be/lkudC415iRI>>, que fala da relação das emoções consideradas "boas" ou "ruins", e de como normalmente se é lidado frente a elas. À posteriori a exposição do vídeo, foram realizados questionamentos sobre o mesmo, bem como, uma reflexão crítica e sensível a respeito do que eles entendem sobre as emoções. Feito isso, os alunos falaram sobre suas emoções e como eles lidavam com elas, articulando com as percepções feitas a partir do vídeo. Após isto, foram evocadas indagações sobre o que eles sabiam e entendiam sobre o autocuidado, sendo realizada em seguida uma psicoeducação, explicando o que o autocuidado significa. Sob esse prisma, no último momento, foram entregues aos alunos folhas que possuíam algumas estratégias práticas para mediar o reconhecimento de emoções, agregando a importância do autocuidado e as possíveis formas de realizá-lo. Finalizando, abriu-se espaço para feedbacks dos alunos. Para a realização do momento, foram utilizados com os materiais: Uma sala, um projetor, caixa de som, folhas com exercícios que podem facilitar a regular as emoções e a prática do autocuidado.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Tendo em vista que os alunos enfrentam desafios no ambiente escolar (GUHUR, 2010) foi possível perceber uma necessidade de escuta, acolhimento e validação, aliada a uma dificuldade de compreender, falar sobre as suas próprias emoções e dar espaço para o



autocuidado. Nesse viés, com base em um olhar psicológico, notou-se a importância de tratar assuntos como esses, fazendo atividades que provoquem reflexões e autoconhecimento, possibilitando um olhar de cuidado para consigo, e facilitação de momentos interativos, onde os alunos possam colocar suas questões, serem ouvidos, percebendo-se como protagonistas de seus processos. Nesse sentido, a aplicação do projeto de roda de conversa, propiciou aprendizado para no âmbito profissional e para além dele, ofertando uma relação mais próxima com o ambiente escolar, aliado a uma intervenção sensível, ética e empática, atentando-se para a importância de ampliar os espaços de atuação do fazer psicológico. Ademais, foi possível perceber na prática o quão importante e eficaz é a utilização de trabalhos em grupo nas intervenções escolares (FONSECA, 2018), com dinâmicas eficazes para dirimir possíveis sofrimentos enfrentados pelos alunos. Diante das dificuldades para seu desenvolvimento, pode-se citar o tempo reduzido para uma grande necessidade de fala, sendo necessário o profissional desenvolver diversas alternativas para mediar o momento e proporcionar uma roda de conversa construtiva e eficaz (SOUZA et. al., 2011 apud FONSECA, 2018).

## 5 CONCLUSÃO

Infere-se, portanto, que tendo em vista os feedbacks dos alunos presentes no momento, os objetivos da roda de conversa foram alcançados, sendo eles trabalhar questões como autocuidado e inteligência emocional de forma grupal.

**Palavras-chave:** Psicologia Escolar. Emoções. Aprendizagem. Autoconhecimento. Autocuidado.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Lúcia et al. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

CEZAR, Adieliton Tavares; JUCÁ-VASCONCELOS, Helena Pinheiro. **Diferenciando sensações, sentimentos e emoções: uma articulação com a abordagem gestáltica**. IGT na Rede, v. 13, n. 24, p. 04-14, 2016.

FONSECA, Thaisa da Silva; FREITAS, Camila Siqueira Cronemberger; NEGREIROS, Fauston. **Psicologia escolar e educação inclusiva: A atuação junto aos professores**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 24, p. 427-440, 2018.

FONSECA, Vitor da. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica**. Revista Psicopedagogia, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016.

GUHUR, Maria de Lourdes Perioto; ALBERTO, Raiani Nascimento; CARNIATTO, Natália.



**Influências biológicas, psicológicas e sociais do vestibular na adolescência.** Roteiro, v. 35,n. 01, p. 115-138, 2010.

MOTA, Felype Marlon et al. **A influência das emoções no processo de aprendizagem.** Caderno Intersaberes, v. 10, n. 29, p. 255-264, 2021.

SILVA, Silvia Maria Cintra da; *et al.* **Entrevistas em psicologia escolar: reflexões sobre o ensino e a prática.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 8, p. 85-90, 2004.



## **OPORTUNIDADES E DESAFIOS DO E-RECRUTING NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO**

**Mariana Pontes Tavares<sup>1</sup>**

*Mariana.10.tavares@gmail.com*

**Larissa Vasconcelos Rodrigues<sup>2</sup>**

*larissavasconcelos@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

O recrutamento surge dès das civilizações mais antigas, com o passar o tempo tal atividade passa de ser apenas um mero ato para uma atividade primordial quando tratamos da área de gestão de pessoas e da psicologia organizacional, portanto, o presente trabalho caracteriza-se por ser uma revisão bibliográfica que visa explorar a implementação do e-recrutamento na atualidade, suas vantagens e desvantagens no mundo do trabalho.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

O ato de recrutar e selecionar pessoas surge durante as civilizações mais remotas, tais como o antigo oriente e na idade moderna onde buscava avaliar as pessoas e escolher as mais propensas a executar a atividade de forma correta e proveitosa, caracterizando-se assim como o início das técnicas de recrutamento e seleção. Com a revolução industrial surge uma crescente da industrialização cujo se proliferou por toda Europa e os Estados Unidos, estimulando um desenvolvimento acelerado e desordenado das empresas sendo necessário estudos e pesquisas sobre o funcionamento interno, oscilações e as novas tendências que surgiriam. Com isso também surge a demanda da sistematização do trabalho onde o foco voltou-se para a produtividade das atividades, tendo em vista que a competição do mercado estava em uma constante crescente foi preciso mais mão de obra mecânica, gerando recrutamento de novos operários qualificados e especializados na área da indústria (Carvalho, 2008).

A partir da escola das Relações Humanas foi possível perceber que a satisfação do trabalhador gera maior produção e eficiência no trabalho, sendo necessário a implementação de novos mecanismos motivacionais; abrangendo além da motivação financeira e não focando apenas na produtividade em massa, mas também na qualidade da atividade exercida; o contexto

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Juazeiro do Norte, Ceará. Brasil.

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Juazeiro do Norte, Ceará. Brasil. Especialista em Gestão de HR no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Juazeiro do Norte, Ceará. Brasil.



do processo de recrutamento de seleção também foi modificado, se delimitando a identificar suas habilidades técnicas e seus traços gerais de personalidade (Carvalho, 2008).

Posteriormente, a psicologia surge com sua área focada no âmbito da gestão, a Psicologia Organizacional, onde fez sua primeira aparição como psicologia industrial; possuía como principais atuações as áreas de recrutamento e seleção, treinamento e diagnóstico organizacional, mas a mesma promoveu algumas contribuições para o desenvolvimento dos processos de recrutamento de seleção, tais como: entrevistas, dinâmicas de grupo e atualmente a utilização de jogos de empresas. Com isso, os objetivos das técnicas de recrutamento e seleção se tornaram mais amplos durante a história, vão se modificando, se flexibilizando na atualidade, possuindo focos estratégicos relacionados ao desenvolvimento de novos meios de ampliação da produtividade e da competitividade no mercado (Carvalho, 2008).

Com a globalização e crescente ampliação de técnicas, o e-recruiting ou e-recrutamento surge como uma forma mais ágil e assertiva na área de recrutamento de pessoas e de triagem de currículos, já que a mesma realiza ações de captação de público por meio das mídias sociais, tornando-se cada vez mais comum realizar processos de captação de candidatos e entrevistas de modo remoto, pois são realizadas de forma mais rápidas e com menos custo se tornando assim, mais atrativas para o mundo do trabalho (Silva, 2019). Os psicólogos organizacionais encontraram algumas intercorrências ao se tratar do processo de e-recrutamento, como encontrar fontes confiáveis para a divulgação das vagas e que as mesmas consigam atingir o público esperado para o cargo, pois mesmo com o recebimento de diversos currículos não se é uma garantia de uma boa contratação (Souza, 2013).

Portanto, torna-se necessário que os psicólogos organizacionais estejam capacitados e atualizados para “encarar o desafio de atrair e manter talentos, ao formar e manter equipes de alto rendimento, possibilitando aperfeiçoar os processos internos, ganhando agilidade, qualidade e, principalmente, mais assertividade.” (Silva, 2019, p. 22).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica, embasada teoricamente em artigos e livros relacionados ao tema do e-recrutamento e da psicologia organizacional e do trabalho. Para a coleta de dados foram utilizadas as seguintes bases de dados: Pepsic, Scelo e Google acadêmico.



#### 4 CONCLUSÃO

Portando com a globalização o e-recrutamento acabou se desenvolvendo e ganhando um espaço de maior notoriedade e apreciação com as empresas e os participantes, por ser uma atividade que se tem uma maior economia financeira e de tempo, sendo necessário que os psicólogos organizacionais e gestores de RH se capacitem e adentrem a esta nova modalidade.

**Palavras-chave:** Psicologia Organizacional. E-recruting. E-Recrutamento

#### REFERÊNCIAS

CARVALHO, Iêda Maria Vecchioni. **Recrutamento e Seleção por competências**. 2008.

Disponível em:

<https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpd&asin=B01M0V8EKI&tag=lerlivros20&amazonDeviceType=A2CLFWBIMVSE9N&from=Bookcard&preview=newtab&reshareId=E109GG5S2C0F3R912MZZ&reshareChannel=system>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SILVA, Andressa Cruz Pereira. **As redes sociais como ferramenta de recrutamento e seleção**. 2019. Disponível em:

<http://www.cognitionis.inf.br/index.php/businessjournal/article/view/CBPC2674-6433.2019.001.0002/4>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUZA, Bárbara. **Recrutamento e seleção:: um desafio ao psicólogo organizacional**. Um desafio ao psicólogo organizacional. 2013. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70053/000875617.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 abr. 2022.



## PSICOLOGIA NO CRM: ATUAÇÃO DA PSICÓLOGA DENTRO DE GRUPOS REFLEXIVOS

**Natália Dantas Rios<sup>1</sup>**

*natalia.dnts@hotmail.com*

**Kesya Janyelle Rodrigues Cruz<sup>2</sup>**

**Maria Yara Sobreira Silva<sup>3</sup>**

**Tiago Deividu Bento Serafim<sup>4</sup>**

### 1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica, como uma entranha da vida social, perpassa a vida de todos. Ela é quem dá base para a nossa sociedade, em um viés ideológico de dominação das grandes massas, este tipo de comportamento é reforçado e aplaudido por todas as classes dirigentes, pois são essas ações que mantêm o estado quo.

Ao trabalhar com homens que estão em medida judicial, assegura à mulher uma proteção, diante de todas as ofensas e calúnias. Essa seguridade de direito mostra como a sociedade, de forma civil e organizada, assegurou recursos para que uma medida pudesse ser disposta de acordo com os tratados brasileiros e internacionais (Couto *et al*, 2014).

### 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A violência contra à mulher acontece em diversos âmbitos, por exemplo: abuso sexual, violência física, danos morais e patrimoniais. Muitos autores utilizam o termo "violência de gênero", pois independente das condições de classe, raça, orientação sexual, idade, as mulheres, pelo fato de serem mulheres, submerge a condição de exploração e submissão (De Oliveira Viana, 2019)

Dadas as condições estruturais da violência contra a mulher, viu-se a necessidade de trabalhar com os homens, abordando os aspectos sociais de gênero e suas implicações. Os grupos reflexivos permitem que esses homens reflitam com os seus iguais, trabalhando e discutidos aspectos que nunca vieram à tona. Esse espaço torna-se latente para a transformação

---

<sup>1</sup> Discente - Psicologia - Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>2</sup> Discente - Psicologia - Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>3</sup> Discente - Psicologia - Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>4</sup> Docente - Psicologia - Mestre - Centro Universitário Dr. Leão Sampaio





de uma masculinidade hegemônica, promovendo sempre a auto responsabilidade diante dos acontecimentos. Infelizmente, esses homens só comparecem aos grupos de forma obrigatória pelo juiz, pois muitos criam um tipo de resistência por acharem que os profissionais estão ali para lhe julgarem e/ou prover medidas jurídicas (Lopes, 2017).

## **MATERIAIS E MÉTODO**

O presente estudo relata a experiência vivida em um grupo reflexivo com homens autores de violência doméstica no Projeto das Marias, centrado no CRM do município de Juazeiro do Norte - CE, voltado para homens que estão sob medida protetiva. O primeiro momento acontece de forma individual, de forma a ter um atendimento psicossocial, e os seguintes encontros ocorrem através do grupo, são ao todo 10 momentos. A ocorrência é semanalmente, fracionada por temas, cita-se: caixa da masculinidade, mulher na história, comunicação não violenta, Lei Maria da Penha, luto, família.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A cultura machista arraigada, proporciona comportamentos de inferiorizar as mulheres, esse tipo de comportamento, tornando a masculinidade hegemônica, conivente com as situações de violências. Os grupos reflexivos acontecem de forma a responder os conflitos propostos por essa masculinidade. Os homens têm a possibilidade de partilha de vivências similares com outros homens, permitindo a oferta do apoio e a transformações de padrões. O grupo proporciona um espaço acolhedor, promovendo a troca, as vivências e os conhecimentos de cada uma das partes envolvidas. O espaço grupal proporciona conhecer o desconhecido e alcançar novas expressões de masculinidade, possibilitando a construção de diferentes alternativas para lidar com o conflito. Isso dá-se pelo manejo e a confiabilidade dos profissionais, sendo este, parte do processo, juntamente, com os homens envolvidos. (Nolasco; Wnaderley, 2019).

Em um viés punitivista, esses homens chegam nos grupos ou no atendimento individual, com a crença que os profissionais que estão ali estão para puni-los. Essa é uma pauta que sempre está em vigor, pois trata-se de uma visão equivocada sobre o gerenciamento de más condutas, deixando, os homens inseguros de uma efetiva participação nos grupos.

O projeto em suas dimensões múltiplas, enquanto formação de conhecimento foi estratégico e incisivo em suas ações. As atividades desenvolvidas, ocasionalmente, não



abarcava o grupo, diante de uma proposta pautada no desenvolvimento reflexivo, todavia era carregada de crenças, contra esse outro e de forma recorrente, as palavras utilizadas eram ríspidas e agressivas, fazendo do grupo um momento de palestra, sem trazer para o meio os fatores concernentes para tais eventos pessoais e dinâmico, que engloba além de uma visão individualizante, uma estrutura de sociedade, que permeia a violência e respalda isso como um projeto de sociedade.

## 5 CONCLUSÃO

Ao atuar com homens que estão sob medida protetiva, para além das hipóteses, há um atravessamento do ser enquanto profissional, mas também enquanto mulher. Isso porque, ao despertar para a ótica social das determinações de gênero, que subsidiam a atmosfera das desigualdades e violências, percebe-se como essas etapas são de difícil acesso. Entretanto, é um processo necessário, não para alcançar a salvação do mundo. Mas, como um mecanismo de conscientização dos processos sociais das relações de poder, que permeiam uma sociedade dividida em classes.

**Palavras-chave:** Masculinidade. Grupo Reflexivo. Violência de Gênero. CRM.

## REFERÊNCIAS

COUTO, B. R. *et al.* **O Sistema Único de Assistência Social no Brasil:** uma realidade em movimento. Cortez editora, 2014.

DE OLIVEIRA VIANA, R. *et al.* VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO CONTEXTO FAMILIAR NUCLEAR: OS REFLEXOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOBRE OS FILHOS. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019.** 2019.

NOLASCO, A. G. P.; WNADERLEY, P. I. R. Um olhar para o grupo reflexivo de homens autores de violência doméstica. **Revista Rios**, v. 13, n. 22, p. 244-258, 2019.

LOPES, A. B. A. PESQUISAS E INTERVENÇÕES SOBRE HOMENS E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL. **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 58, p. 121-124, agosto 2017.



## **PERFECCIONISMO, PROCRASTINAÇÃO E DESEMPENHO ACADÊMICO: CORRELAÇÕES POSSÍVEIS EM GRADUANDOS DE PSICOLOGIA**

**Flaviano Alves Honorio Junior<sup>1</sup>**  
*flavianohonoriojr@gmail.com*

### **1 INTRODUÇÃO**

O sucesso profissional muitas vezes é associado a um bom desempenho acadêmico de alunos em instituições educacionais. Entre os fatores que podem afetar o desempenho acadêmico dos estudantes estão o perfeccionismo e a procrastinação. Reconhecendo a importância do desempenho acadêmico para a formação de profissionais competentes, aptos para atuar em contextos complexos e competitivos, o presente estudo buscou verificar correlações entre perfeccionismo e procrastinação, sobre o desempenho acadêmico de graduandos de psicologia, de um centro universitário do Ceará. Nesse sentido, para estruturar essa análise, foram estabelecidos os seguintes objetivos de pesquisa:

- 1) Verificar o desempenho acadêmico do público-alvo, através da média global;
- 2) Levantar dados, através de escalas, que indiquem níveis de perfeccionismo e procrastinação do público-alvo;
- 3) Analisar as correlações entre perfeccionismo, procrastinação e desempenho acadêmico do público pesquisado;

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Existem vários conceitos para o que é perfeccionismo, dessa forma (VIEIRA; SANTOS; LUNKES, 2020), descrevem o perfeccionismo como uma predisposição do indivíduo em estabelecer para si elevados níveis de desempenho, acompanhada de excessiva autocrítica e medo de cometer erros. O perfeccionismo pode ser classificado como adaptativo, quando os indivíduos definem objetivos que os motivam no desempenho para realização de metas na vida, e como desadaptativo, quando as pessoas apresentam enormes padrões pessoais, acompanhados de excessiva autocrítica (ROCHA, 2021). A procrastinação, termo originado do latim

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO);



(*procrastinare*) e que significa adiar alguma atividade, é um comportamento complexo e comum (ENUMO; KERBAUY, (1999.; FERREIRA, 2010). No contexto acadêmico, um estudo desenvolvido por Sampaio e Bariani (2011) levantou que dos 173 universitários brasileiros avaliados, 142 destes (82%) afirmaram que adiavam tarefas, atividades ou compromissos. Segundo Leite Filho *et al.* (2008), desempenho acadêmico, por sua vez, refere-se à atuação de alunos em atividades acadêmicas avaliadas sob graus de eficiência e rendimento. Araújo *et al.* (2015) descrevem que o desempenho acadêmico discente no ensino superior, referente a nota final das disciplinas, pode ser influenciado por vários fatores como sexo, idade, formação de base em instituição pública ou privada, tempo disponível para graduação, titulação dos docentes, qualidade do acervo da biblioteca, entre outros.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

A amostra foi composta por graduandos do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, no interior do Ceará, com pelo menos dezoito anos, matriculados nos turnos matutino e noturno, que cursavam a partir do segundo semestre (ou período) do curso. Essa pesquisa foi realizada nas salas de aula nos horários com menos fluxo de alunos, além de contar com autorização prévia dos professores do curso. Foram utilizados formulários digitais, que possuíam caráter individual, sigiloso e voluntário no preenchimento das respostas. Vale destacar que o projeto desta pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP do Centro Universitário de Juazeiro do Norte- Unijuazeiro que emitiu o parecer favorável à essa pesquisa (Número do parecer: 6.084.966). Para avaliação dos níveis de perfeccionismo de cada aluno, utilizou-se a escala *Almost Perfect Scale*, adaptada e revisada por Soares et al (2020) para o contexto brasileiro. Essa escala, de modelo *Likert*, mede o perfeccionismo através da análise de três conjuntos: padrões, ordem e discrepância, agrupados em um total de vinte e três (23) itens, que possuem o intervalo de pontuação que varia de um (discordo totalmente) para sete (concordo totalmente). Em relação ao levantamento dos níveis de procrastinação dos participantes, usou-se a Escala de procrastinação acadêmica, adaptada e revisada por Moura, Paiva e Dominguez- Lara (2021) para o contexto brasileiro. Essa escala, também de modelo *Likert*, mede a procrastinação acadêmica, através de doze itens, que têm a pontuação mínima um (nunca), e a pontuação máxima cinco (sempre). O desempenho acadêmico foi representado pela média global, presente no histórico acadêmico dos universitários. A metodologia de análise dos dados foi quantitativa, através da correlação *r* de Pearson, calculada por meio do software SPSS v. 23 (*Statistical Package for the Social Sciences*), entre os níveis de perfeccionismo, de procrastinação, e da média global, apresentados pelos participantes.



#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra do presente estudo contou com 173 participantes. Estes eram de ambos os sexos, e possuíam idade média de 25,3 anos, no intervalo entre 18 e 60 anos. A maioria dos participantes foi composta por 129 indivíduos do sexo feminino, que representaram o equivalente a 74,6% da amostra. A minoria, do sexo masculino, foi composta por 44 participantes, estes representantes de 25,4% do público desta pesquisa. Os cálculos do software SPSS indicaram uma correlação estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) e positiva entre perfeccionismo e procrastinação ( $r = 0,183$ ). O que indica que maiores níveis de perfeccionismo, estão associados à maiores níveis de procrastinação, em estudantes universitários. No entanto, não houve correlação estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) entre perfeccionismo, procrastinação, e média global, apontando neste sentido, que os níveis de perfeccionismo e procrastinação de estudantes universitários não são relevantes sobre a média global destes. O pressuposto de que estudantes perfeccionistas tendem a procrastinar mais, é confirmado na literatura científica, entretanto no contexto científico brasileiro, foram encontrados poucos estudos que correlacionavam o perfeccionismo à procrastinação. Nesse sentido, a presente análise buscou ampliar os estudos brasileiros com essa temática.

As hipóteses elencadas neste trabalho foram parcialmente confirmadas. Desse modo, a primeira hipótese, que inferia que estudantes perfeccionistas são mais propensos à comportamentos procrastinadores foi confirmada, não obstante, a segunda hipótese, de sentido oposto à primeira, que descrevia que estudantes perfeccionistas não são mais sensíveis à comportamentos procrastinadores foi refutada. A terceira hipótese, que vinculou as principais variáveis deste estudo ao Desempenho acadêmico, e questionava se estudantes perfeccionistas e procrastinadores têm a nota global suficiente para aprovação nas disciplinas do curso de psicologia foi também refutada. Nesse sentido, constatou-se no universo de dados analisados, que altos níveis de perfeccionismo são correlacionados à altos níveis de procrastinação, entretanto, essas variáveis não seriam relevantes para modificar o desempenho acadêmico de estudantes universitários. Os estudos que avaliam variáveis como procrastinação e desempenho acadêmico têm sido predominantemente quantitativos, e possíveis falhas na compreensão de objetos como estes podem ser corrigidas através de pesquisas quantitativas (CORREIA; MOURA JÚNIOR, 2017), e estudos com menores disparidades entre o sexo dos participantes podem levantar dados mais precisos sobre essa temática.

**Palavras-chave:** Perfeccionismo. Procrastinação. Desempenho acadêmico. Estudantes



universitários.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. A. T et al. Desempenho acadêmico de discentes do curso de ciências contábeis: uma análise dos seus fatores determinantes em uma IES privada. **Contabilidade Vista & Revista**, 24(2), 60-83, 2013. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

ENUMO, S. R. F.; KERBAUY, R. R. Procrastinação: descrição de comportamento de estudantes e transeuntes de uma capital brasileira. **Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva**. v. 1, n. 2, p.125–133. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v1i2.278>

FERREIRA, A. B. D. H. (2010). **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa (8a ed.). Curitiba: Positivo. 12

KERBAUY, R. R. Análise funcional da preguiça e procrastinação. In: WIELENSKA, R. C. et al. **Sobre Comportamento e Cognição**: Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos. Santo André, São Paulo: ESETec, 2001. p. 62 – 69.

MOURA, G. B. DE.; PAIVA, T. T.; DOMINGUEZ-LARA, S. Validação da estrutura fatorial da Escala de Procrastinação em estudantes universitários brasileiros. **Psicologia. Conoc. Soc.**, Montevideo, v.11, n.2, p.40-54, 2021. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S168870262021000200040&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S168870262021000200040&lng=es&nrm=iso). Acessado em 12 mar. 2023.

ROCHA, A. S. Perfeccionismo e a relação com psicopatologias: Estudo integrativo. **Research, Society and Development**. v. 10, n. 2, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13033>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SAMPAIO, R. K. N.; BARIANI, I. C. D. Procrastinação acadêmica: um estudo exploratório. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. v. 2, n. 2, p. 242-262. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072011000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072011000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

SOARES, F. H. R et al. Adaptação e Validação da Escala de Perfeccionismo Almost Perfect Scale – Revised para o Português Brasileiro. **Revista Avaliação Psicológica**. v.19, n. 3, p. 310-321. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 22 nov. 2022.

VIEIRA, S. M.; SANTOS, E. A.; LUNKES, R. J. Perfeccionismo e procrastinação: um estudo com alunos de ciências contábeis. **Pretexto**, v.21, p. 95-110, 2020. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em: 04 out. 2022.



## **A INFLUÊNCIA DAS DROGAS DIGITAIS E AS RUPTURAS NO CONTEXTO ESCOLAR: COMO AGIR DIANTE DESSE CENÁRIO?**

**José Marciel Araújo Porcino<sup>1</sup>**

*leicram.psi@gmail.com*

**Esteffânia Vitória dos Santos Sales<sup>2</sup>**

*esteffaniavitoria.psi@gmail.com*

**Natália Macedo Pinheiro Saraiva<sup>3</sup>**

*nati\_ceara@hotmail.com*

**Waléria Maria de Sousa Paulino<sup>4</sup>**

*waleriapaulino@outlook.com*

### **1 INTRODUÇÃO**

O mundo digital é uma realidade situacional, dinâmica e laboral que as pessoas usam de maneira benéfica e destrutivas nos diversos segmentos da sociedade. Saudável porque implica no uso das ferramentas digitais em prol dos manejos de trabalhos, estudos, interação, socialização e comunicação. Por outro ângulo, podem ser nocivos ao processo de ensino e aprendizagem diante das relações pessoais, interações sociais e comunicação entre as pessoas. Isto é, provoca distanciamento físico que é genuinamente psicossocial, de modo a desconstruir os vínculos afetivos, os valores humanos e a interação entre a tríade: família-escola-aluno.

O uso desfreado do aparelho celular tende a lançar os alunos num mundo de fantasias, desejos e procrastinação, de modo que o aprendiz desvia o real objetivo e metas que atendem as suas necessidades, obrigações e deveres em relação a ele mesmo, a família, sociedade e individual. Pois, as redes sociais tais como: WhatsApp, Facebook, Twitter, Instagram, Telegram, Kwai e Tik Tok quando usadas exageradamente podem prender os alunos no mundo

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos -UNIFIP, Patos-PB, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Psicólogo do Núcleo de Educação Inclusiva-NEI na Cidade de Mauriti-CE, Brasil.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio -UNILEÃO, Juazeiro do Norte-CE, Especializanda em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela UNIFAVENI, Psicóloga do Núcleo de Educação Inclusiva-NEI na Cidade de Mauriti-CE, Brasil.

<sup>3</sup> Graduada pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Especialista em Saúde Mental, Saúde da Família, Ciência Análise do Comportamento Aplicado e Terapia Cognitiva-Comportamental, Psicóloga do Núcleo de Educação Inclusiva-NEI na Cidade de Mauriti-CE, Brasil.

<sup>4</sup> Bacharelada em Psicologia pelo Centro Universitário Santa Maria-UNIFSM, Cajazeiras, PB, Especialista em Psicopedagogia Clínica e institucional, Psicóloga do Núcleo de Educação Inclusiva-NEI na Cidade de Mauriti-CE, Brasil.



virtual, de maneira a fazê-los esquecer da realidade e, influenciam em comportamentos destrutivos.

Partindo dessas considerações, objetiva-se com essa pesquisa compreender a influência das drogas digitais e as rupturas no contexto escolar, identificar quais as redes sociais que influenciam essa fragmentação no ambiente escolar, como também descrever as práticas escolares, ações pedagógicas didáticas utilizadas diante do uso das redes sociais e as consequências no tocante ao ensino-aprendizagem.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste âmbito, podemos descrever que basicamente, existem três tipos de drogas a saber: depressoras, estimulantes e perturbadoras (alucinógenas). Sendo que, as drogas depressoras são álcool, inalantes ou solventes, morfina e os benzodiazepínicos, como ansiolíticos e antidepressivos. Já as drogas instituídas como estimulantes, encontram-se a cocaína e seus derivados, como crack e merla, anfetamina e nicotina. E por fim, as drogas perturbadoras são os produtos da cannabis, como maconha e haxixe, ecstasy e LSD (CARLINI et al., 2001; VIEIRA et al., 2021).

Dialogando com esses tipos de drogas, podemos apontar na atualidade a existência da quarta droga. A droga digital a saber: WhatsApp, Facebook, Twitter, Instagram, Telegram e Tik Tok, Kwai e entre outros que corresponde esse teor quando usadas exageradamente, acabam estimulando a dependência. Isto é, provocando a mudança de comportamento que por sua fácil acessibilidade, provocam também a dependência psicológica (OLIVEIRA, 2021; SOUSA, 2023).

## **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

A abordagem utilizada na pesquisa, teceu no viés dedutivo-hipotético diante da influência das drogas digitais e as rupturas no ensino-aprendizagem que emergiram em dificuldade de aprendizagem, problemas comportamentais e sociais no contexto escolar: como agir diante desse cenário em diálogos com estudos de revisões bibliográficas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

E um dos meios responsáveis para aquisição desse processo no mundo contemporâneo, deve-se ao professor-facilitador-mediador que provem de recursos que promovem a interação





dos meios digitais com as pessoas, no seio acadêmicos, sociais e laborais, de forma a propor uma aprendizagem significativa no ensino e aprendizagem. Permitindo ao aluno saber das causas e consequência do uso exagerado das redes sociais diante do ensino e aprendizagem. (MOREIRA, 2021; MOTA; 2021).

Essas ações se fazem necessárias nos dias atuais, pois, se buscamos numa análise estatística, observamos que as redes sociais quando usada excessivamente, tendem-se despertar nos seus usuários discursos de ódios, violências, práticas de informações falsas, ataque virtuais, digitais e pessoais as pessoas. Fatos estes, recorrente nas escolas no Brasil. Isto é, as escolas brasileiras, enfrentaram ataques de violências nos últimos anos (NASCIMENTO, 2008; PRADO, 2023).

Considerando essas implicações científicas, críticas e reflexivas diante contexto atual do Brasil, podemos sim, considerar que as redes sociais vinculada ao acesso exagerado, torna-se uma analogia “as drogas”. Sendo assim, uma droga digital, que provoca mudança no comportamento das pessoas que passam mais tempo nas telas do que o recomendável. Prescrevendo-se nessas inferências, Vinha (2023) destaca que esses espaços nas redes sociais acabam sendo ambientes onde os agressores se articulam. Indo além disso, também afirma que, os comportamentos destrutivos são aprendidos por intermédio de recursos encontrados na internet, materializando-se em ataque reais no âmbito escolar.

A família é unidade básica protetora responsável pela condução dos seus membros em prol da boa convivência para com seus pares em sociedade. A escola por sua vez, trilha os caminhos de possibilidades para aos alunos desenvolver suas habilidades, competências e atitudes por meio de aquisição de aprendizagens.

## **5 CONCLUSÃO**

Ao promover os objetivos do estudo, observou-se que ao compreender a influência das drogas digitais e as rupturas no contexto escolar, identificar quais as redes sociais que influenciam nessa fragmentação no ambiente escolar, como também descrever as práticas escolares, ações pedagógicas didáticas utilizadas diante do uso das redes sociais e as consequências no tocante ao ensino-aprendizagem. A pesquisa demonstrou como os educadores de modo geral devem agir frente as condições contemporâneas diante das possíveis consequências advindas do abuso das redes sociais, de maneira a alertar sobre a dependência



digital, e os danos cognitivos, sociais, relacionais, dinâmicos e principalmente ao ensino e aprendizagem.

Nota-se que os principais resultados implicam que podemos apontar na atualidade a existência da quarta droga. A droga digital a saber: WhatsApp, Facebook, Twitter, Instagram, Telegram e Tik Tok, Kwai e entre outros que corresponde esse teor quando usadas exageradamente, acabam estimulando a dependência, provocando a mudança de comportamento.

## REFERÊNCIAS

CARLINI, E. A., NAPPO, S. A., GALDURÓZ, J. C. F., NOTO, A. R. **Drogas psicotrópicas** – o que são e como agem. 2001. Disponível em: [http://www.gruponitro.com.br/atendimento-a-profissionais/%23/pdfs/artigos/multidisciplinares/efeito\\_das\\_drogas\\_psicotropicas\\_no\\_snc.pdf](http://www.gruponitro.com.br/atendimento-a-profissionais/%23/pdfs/artigos/multidisciplinares/efeito_das_drogas_psicotropicas_no_snc.pdf)> Acessado em: 16 de julho de 2023.

CARNEIRO, H. **Transformações do significado da palavra “droga”**: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: VENÂNCIO, R. P.; CARNEIRO, H. (Orgs.). **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005. Acessado em: 16 de julho de 2023.

LIMA, Hugo de. **O Instagram e a sociedade de consumidores**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 18, 2013. Bauru. Anais... São Paulo: Intercom/Sociedade Brasileira de Estudos em Comunicação, 2013. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1258-1.pdf> Acesso em: 13/07/2023.

MOREIRA, Larissa Hora et al. Consequências do tempo de tela precoce no desenvolvimento infantil/Consequences of early screen time on child development. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 10, p. 97125-97133, 2021. Acessado em: 16 de julho de 2023.

MOTA, Gabriela Cristine de Oliveira. **Exposição às telas**: a era digital e seus efeitos no desenvolvimento e aprendizagem das crianças de 0 a 5 anos. 2021. Acessado em: 19 de julho de 2023.

NASCIMENTO, Jasmine Marlena de Sousa et al. **O ódio nas redes sociais**: uma investigação psicossocial à luz da teoria dos afetos de Espinosa. 2023. Acessado: em 13 de julho de 2023.

NEVADO, Pedro Picaluga. **Popper e a investigação**: a metodologia hipotética-dedutiva. 2008. Acessado: em 21 de junho de 2023.

OLIVEIRA, Anna Laura Silva et al. Os impactos do uso de telas no neurodesenvolvimento infantil. **RESU–Revista Educação em Saúde: V9 Suplemento**, v. 3, 2021. Acessado em: 16 de julho de 2023.

PRADO, Michele; Vinha, telma. [A idolatria a autores de ataques a escolas que circula livremente em redes sociais - BBC News Brasil](#). 2023. Acessado em: 17 de julho de 2023.



PRADO, Michele; Vinha, telma. Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil - BBC News Brasil. 2023. Acessado em: 17 de julho de 2023.

SANTOS, Anderson Oramisio; JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues; SILVA, Graciela Nunes da. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. **Perspectivas em Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 86-101, 2016. Acessado em: 21 de julho de 2023.

SOUSA, Lucas Lopes; DE CARVALHO, José Bégue Moreira. Uso abusivo de telas na infância e suas consequências. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 2, p. e11594-e11594, 2023. Acessado em: 16 de julho de 2023.

VIEIRA, Amanda Souza et al. A Correlação do abuso de drogas e a família na adolescência The correlation between drug abuse and the family in the adolescence. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 92035-92050, 2021. Acessado em: 16 de julho de 2023.



## **ESTILOS E PRÁTICAS PARENTAIS NA EDUCAÇÃO POSITIVA DEMOCRÁTICA**

**Maria de Fatima Alves dos Santos<sup>1</sup>**

*fatimawtm@gmail.com*

**Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>**

*francinetejunior@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

Este resumo está relacionado aos estilos parentais feitos por Baumrind (1966), Maccoby e Martin (1983), que em seus estudos refletem as atitudes direcionadas às crianças, a partir da interação entre pais e filhos. Além disso, será apresentado as práticas parentais indutivas e coercitivas, produzindo um efeito na cultura. A partir disso, poderemos analisar um estudo recente sobre a educação positiva feito a partir do trabalho da terapêutica Jane Nelsen (2016), no qual se baseia na disciplina positiva, que trabalha o respeito mútuo, autonomia e competências emocionais na infância. O objetivo deste estudo é refletir sobre os estilos parentais e a importância da educação parental democrática que se torna fundamental para uma infância mais saudável.

### **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente estudo refere-se a uma revisão bibliográfica do tipo narrativa sobre os estilos e práticas parentais e a educação positiva. Podendo ser analisado e refletido as contribuições das práticas da educação positiva a partir da disciplina e comunicação positiva, trabalhando as competências emocionais e fazendo um adendo aos efeitos das práticas da educação tradicional que se perpetua a muitos anos.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Baumrind (1966), foi uma das criadoras dos três estilos parentais, dentre eles estão: o estilo autoritativo, possui uma combinação entre exigência e responsividade em altos níveis, onde os pais monitoram a conduta de seus filhos, corrigindo suas atitudes negativas e gratifica atitudes positivas. Os pais se tornam afetuosos com seus filhos, interagem, são responsivos às

---

<sup>1</sup> Graduanda do Centro Universitário – UNILEÃO.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia do Centro Universitário – UNILEÃO



suas necessidades e a disciplina é imposta de forma indutiva, tendo uma comunicação clara e aberta baseada no respeito mútuo. O estilo autoritário resulta entre altos níveis de controle e baixa responsividade, os pais são rígidos e autocráticos que frequentemente utilizam a punição como forma de controle do comportamento, não valoriza o diálogo e a autonomia. O estilo permissivo possui uma combinação entre baixo controle e alta responsividade de pais indulgentes, em oposição aos autoritários, não estabelece regras e limites para a criança permitindo que a criança monitore seu próprio comportamento. Além disso, Maccoby e Martin (1983), em seus estudos, ainda acrescenta o estilo negligente, no qual sua combinação resulta em controle e responsabilidade em baixos níveis. Esse estilo parental demonstra pouco envolvimento com a socialização da criança, não monitorando seu comportamento e mantendo seus filhos à distância, estando frequentemente centrados em seus próprios interesses (Cassoni, 2013). Além dos estilos parentais, existe as práticas parentais descritas por Hoffman (1975), no qual produzem efeitos que vem da cultura e por isso se torna menos estáveis, sendo produzidas em contextos socioculturais partindo de crenças e valores (Macarani *et al*, 2010). Dentre essas práticas estão as práticas indutivas, no qual direcionam a atenção da criança para as consequências dos seus comportamentos pró-sociais e demandas lógicas ao invés das consequências punitivas. Além disso, também existem as práticas coercitivas sendo caracterizadas pela aplicação de força direta e do poder dos pais. Está relacionado a punição física, privação e ameaças, fazendo com que a criança adeque seu comportamento a reações punitivas dos pais. As atitudes coercitivas dos pais podem produzir na criança emoções intensas, como medo, raiva e ansiedade que faz com que reduza a possibilidade da criança compreender a situação e a necessidade de modificar seu comportamento (Hoffman, 1975, 1994). Vale ressaltar, que existem dificuldades para os cuidadores aplicar a educação positiva, visto que os estilos parentais de autoritarismo, permissivo e negligentes ainda perpetuam na educação infantil por questões socioculturais apreendidas e naturalizadas. A educação tradicional é uma prática realizada a muitos anos, no início do século XX a criação dos filhos eram vinculadas a religião e a forma como os pais foram educados. Os cuidadores mantinham controle e obediência dos seus filhos por meio de punições severas, autoritarismo, violência física e dispensavam de elogios (Biasoli-Alves, 2002).

Diante desses estudos, podemos analisar a educação positiva, conceito atual no qual se baseia no cuidado e bem-estar e desenvolvimento das competências emocionais e promoção de uma melhor qualidade de vida para a infância. Dessa maneira, os estudos da educação positiva se delineiam a partir da disciplina positiva, um conceito formulado pela terapeuta e educadora



Jane Nelsen (2016), que refere-se a um método eficaz elaborado a partir do respeito e encorajamento. Em seus estudos, busca-se auxiliar os cuidadores para encontrar um equilíbrio punição e permissividade, pois a gentileza sem firmeza pode se tornar permissividade e a firmeza sem gentileza pode se tornar uma rigidez excessiva. As ferramentas que são utilizadas na disciplina positiva são respeito mútuo, identificação do objetivo por trás da indisciplina e encorajamento (Reis, 2012 apud Silva e Correia, 2023).

#### 4 CONCLUSÃO

Podemos perceber, que a educação tradicional se torna negativa para o desenvolvimento infantil, onde as práticas punitivas e autoritárias se tornam adoecedoras. Por muito tempo, a educação autoritária foi ênfase para a educação na infância, no entanto, podemos perceber que existem práticas de educação acolhedoras, afetivas e que englobam as competências emocionais. Dessa forma, é necessário pensarmos em uma educação consciente positiva, onde os cuidadores se tornem mediadores no processo da criança, realizando uma comunicação respeitosa e respeitando os limites da criança. Vale destacar, a satisfação do objetivo do trabalho, no qual foi refletir sobre os estilos parentais e a educação tradicional sendo negativas para a infância, analisando a disciplina positiva como uma das formas mais humanizadas de realizar uma educação parental positiva.

**Palavras-chave:** Educação Parental; Estilos Parentais; Comunicação Positiva;

#### REFERÊNCIAS

Baumrind, D. Effects Of Authoritative Control On Child Behavior. **Child Development**, v.37, n.4, 1966.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. A Questão Da Disciplina Na Prática De Educação Da Criança, No Brasil, Ao Longo Do Século XX. Veritati: **Revista da UCSaL**, n. 2, p. 243-259, 2002.

CASSONI, Cynthia. Estilos Parentais E Praticas Educativas Parentais: Revisão Sistemática Critica Da Literatura. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

Darling, N. Steinberg, L. Parenting Style As Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496, 1993.

Hoffman, M. L. Discipline and Internalization. *Developmental Psychology*, 30(1), 26-28, 1994.

Hoffman, M. L. Moral Internalization, Parental Power, And The Nature Of Parent-Child



Interaction. **Developmental Psychology**, 11(2), 228-239, 1975.

Macarini, S., M., Martins, G. D. F., Minetto, M. F. J., & Vieira, M. L. Práticas Parentais: Uma Revisão Da Literatura Brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 119-134, 2010.

Maccoby, E. Martin, J. *Handbook Of Child Psychology: Socialization, Personality, And Social Development*. Wiley Ed.: New York, 1983.

NELSEN, J. *Disciplina Positiva*. 3. ed. Barueri: Manoele, 2016.

SILVA, Camila Benício; CORREIA, Maria Luíza. Educação Parental Positiva: Uma Proposta De Intervenção. *Perquirere*, v. 20, n. 3, p. 49-67, jul. 2023.



## **A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO HOSPITAL: UM RELATO DE EXPERIENCIA.**

**Victor Manuel Nascimento Pereira<sup>1</sup>**

*victornascimetosm@gmail.com*

**Indira Siebra Feitosa de Holanda<sup>2</sup>**

*indira@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho contém informações referentes ao estágio obrigatório realizado no Hospital e Maternidade, localizado interior do Ceará, com ênfase em processo de Prevenção e Promoção em Saúde no âmbito da Psicologia Hospitalar. Logo, essa prática foi supervisionada pela psicóloga titular de tal instituição e orientado por professora da IES. Portanto, tendo em vista as atividades e demandas atendidas, estudadas e investigadas, teve como objetivo principal refletir sobre a prática do profissional de psicologia no contexto hospitalar e extrair aprendizados possuindo como base os conhecimentos da Psicologia Hospitalar.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Inicialmente, é importante enfatizar, que no Brasil a psicologia hospitalar é uma área de atuação da psicologia da saúde, além disso, a psicologia hospitalar está concentrada na atenção terciária de saúde segundo as diretrizes do Sistema Único de Saúde – SUS. Assim, na sua história, as primeiras atividades da psicologia no hospital geral aqui no Brasil se iniciam na década de 1950 pela psicóloga Bety Gastenstay no Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Conselho federal de psicologia, 2019).

Em segundo lugar, a psicologia hospitalar no Brasil é conhecida e regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP no ano de 2000 através da Resolução CFP nº 014/00 que também dispõe sobre o título de especialista desse mesmo segmento. Além disso, outro marco importante para esta área da psicologia foi a criação da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH) no ano de 1997 e até os dias atuais exerce um papel relevante junto ao CFP.

Em detrimento a Psicologia da saúde que estuda aspectos relacionados a prevenção,

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - Unileão

<sup>2</sup> Mestre docente do curso de Psicologia no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - Unileão





promoção de saúde em seus locais de atuação numa dimensão mais ampla comparada a Psicologia Hospitalar que trata de questões que envolvem o processo do adoecimento e sua dimensão psicológica. Logo a doença já está presente ou em investigação e no hospital e são desenvolvidas ações voltadas para cura do paciente (OMS, 2003 apud Conselho federal de psicologia, 2019). Dito isto, essa área realiza trabalhos voltados ao tratamento e adaptação do contexto de hospitalização, tendo em vista as mudanças que ocorrem no cotidiano das pessoas ou até mesmo o sofrimento que lhes é causado, sejam elas comportamentais de suas rotinas ou até mesmo organicamente (Simonetti, 2018). Assim, ações realizadas pela psicologia hospitalar realiza ações que visualizam aquele momento de estabilidade da singularidade dos pacientes, por exemplo, ao hospitalizarem os pacientes perde um pouco de sua identidade como é identificado com seu número de leito ou até mesmo o diagnóstico presente (Camon, 2003).

No hospital geral, as equipes multiprofissionais atuam em diferentes setores, como nas Urgências e Emergências, Enfermarias e Unidades de Terapia Intensiva – UTIs e entre outras. Logo, em todos os setores de atuação da psicologia hospitalar, assuntos como a morte e perdas fazem parte das rotinas de seus trabalhos, seja no auxílio da comunicação de más notícias ou até mesmo na preparação para essas situações. Essas diretrizes de atuação estão intimamente ligadas aos cuidados de pacientes com doenças crônicas e podem variar em seu grau, além disso, condutas voltadas para alívio de dores e amenização de sintomas de diagnósticos irreversíveis (Ferreira; Lopes; Melo, 2011).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente trabalho é de cunho qualitativo e descritivo, pois tem como objetivo refletir sobre a atuação do profissional de psicologia no contexto hospitalar, descrevendo tal experiência como atividades e vivências. Além disso, se caracteriza-se como um relato de experiência de estágio obrigatório, com uma carga horária de 160 horas sendo elas divididas em 80 de atividades supervisionadas desenvolvidas no campo divididas em 8 horas semanais e 4 horas de orientação junto ao professor, ambas de forma presencial, realizados no período de 21 de fevereiro a 2 de julho de 2023.

As atividades realizadas nesse ambiente hospitalar se deram de alguns setores mediante solicitação da equipe multiprofissional ou busca ativa da equipe de psicologia. Assim, a técnica de busca ativa foi muito utilizada durante o período de estágio, pois no cotidiano hospitalar as situações diversas de adoecimento de hospitalização podem propiciar aos pacientes uma série



de novas situação que em sua maiores são processos estressores e causadores de uma crise naquele momento

<b>Resultados e Discussão</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
<b>Setor / Sexo</b>		
<b>Pronto Socorro</b>	<b>6</b>	<b>15</b>
<b>Enfermaria Adulto</b>	<b>10</b>	<b>57</b>
<b>UTI</b>	<b>4</b>	<b>0</b>

## **5 CONCLUSÃO**

Portanto, ressaltos sobre a relevância desse período de estágio para o conhecimento da prática psicológica e formação, partindo do pressuposto que a figura da psicologia presente nesse espaço hospitalar foi sempre necessária e acolhida pelos pacientes atendidos. Além do mais, urge que esse profissional seja cada vez mais reconhecido nesse espaço, não só pelos usuários, mas também, pela equipe multiprofissional e gestão para que o cuidado em saúde dos usuários seja feito de modo efetivo.

## **REFERÊNCIAS**

Conselho Federal de Psicologia. Referência técnicas para atuação de Psicólogas (os) nos serviços hospitalares do SUS. Conselho Federal de Psicologia. 1. ed. Brasília: CFP, 2019.

CAMOM, Valdemar. E a Psicologia entrou no Hospital. 1ed. São Paulo: Cengage, 2003.

FERREIRA, A. P. Q.; LOPES, L. Q. F.; MELO, M. C. B. O papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos junto ao paciente com câncer. Revista SBPH, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 85-98, dez. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151608582011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582011000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 24 abr. 2022.

SIMONETTI, Alfredo. Manual de Psicologia Hospitalar: O mapa da doença. 8 ed. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2018.



## **A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM UMA CONSULTORIA ORGANIZACIONAL HÍBRIDA**

**Mariana Pontes Tavares<sup>1</sup>**

*Mariana.10.tavares@gmail.com*

**Larissa Vasconcelos Rodrigues<sup>2</sup>**

*larissavasconcelos@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

Compreendemos que a atuação na área da psicologia é bastante diversa, podendo ser clínica, escolar, social, organizacional e entre outras, mas dentro de qualquer âmbito, temos uma atuação e um olhar diferente perante o contexto, portanto, o presente trabalho caracteriza-se por ser um relato de experiência que visa explorar a atuação da psicologia em uma consultoria no âmbito da psicologia organizacional e do trabalho e como a psicóloga(o) atua neste contexto.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A consultoria organizacional enquanto prática psicológica surge de modo recente no Brasil, no final da década de 70 e se fortalece na década de 90, onde inicialmente o papel do psicólogo se dava por realizar processos de recrutamento e seleção, treinamentos e mediação das relações internas na organização; posteriormente atua como consultor, em resultado do processo de globalização na qual gerou uma evolução no desenvolvimento, tecnologias, inovações e melhorias para o crescimento interno; sendo necessário auxiliar o gestor na administração da sua empresa e ser flexível para atuar em diferentes configurações a depender das problemáticas do contexto organizacional (Queiroga, 2013; Grassi, 2007).

O papel do consultor inicialmente se configurava como “processo de desenvolvimento organizacional envolveria a empresa como um todo em um trabalho de mudança em longo prazo, exigindo a assistência do consultor por um tempo prolongado” (Grassi, 2007, p. 63). Mas o contexto eminente do tempo se tornou uma problemática, o desenvolvimento rápido de novas tecnologias e a competitividade do mercado fez com que o trabalho do psicólogo se tornasse

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Juazeiro do Norte, Ceará. Brasil.

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Juazeiro do Norte, Ceará. Brasil. Especialista em Gestão de HR no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Juazeiro do Norte, Ceará. Brasil.



focado nas soluções de “problemas comportamentais com intervenções em curto prazo, que assegurem a competitividade da empresa no mercado” (Grassi, 2007, p. 63).

Portanto, a atuação do psicólogo na consultoria organizacional seria auxiliar as organizações a funcionarem de modo mais coerente, possuindo um fluxo melhor e visibilizando a melhoria e o desenvolvimento das empresas por meio de intervenções que se adequam ao contexto organizacional cujo o mesmo se encontra inserido (Grassi, 2007).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente trabalho consiste em um relato de experiência, vivido no estágio obrigatório supervisionado em ênfase I/II da Universidade Leão Sampaio, cuja a experiência foi pautada teoricamente em artigos, livros relacionados ao tema, e em prática supervisionada. Para a coleta de dados foram utilizadas as seguintes bases de dados: Pepsic, Scelo e Google acadêmico.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No processo de estágio em ênfase foram realizadas práticas no campo da gestão no curso de psicologia exercidas de forma híbrida, onde alguns encontros eram presenciais e alguns de forma remota. Foram desenvolvidos trabalhos focados na área de gestão de pessoas, já que o campo em questão se tratava de uma consultoria, na qual ocorreu planejamento estratégico operacional interno para melhoria das atividades internas; e planejamento estratégico externo, cujo englobam ações de captação de público por meio das mídias sociais (e-recrutamento), e atividades relacionadas a recrutamento e seleção.

As atividades de recrutamento foram desenvolvidas de forma virtual a partir de banners com a descrição do cargo, e divulgadas principalmente na página do Instagram da empresa, mas é válido ressaltar que dependendo da vaga é necessário investigar novas formas de divulgação, com foco de receber mais currículos a fim de encontrar o candidato “ideal”, pois de acordo com Guimarães (2005), um recrutamento bem feito é sinônimo de economia corporativa, pois através dele a organização não necessita se custear com treinamentos.

No processo de seleção de pessoas, as primeiras entrevistas eram executadas de forma remota, tal processo era dividido em duas ou três partes, cujo fica a depender do cargo e da sua complexidade, sendo na última parte do processo realizada uma entrevista com o gestor da empresa contratante, já que segundo Chaves (2019) ao realizar uma pesquisa referente a como os meios tecnológicos interferem no processo, cita que um dos benefícios percebidos pelo o uso de ferramentas digitais durante o processo de seleção, foi que gerou a possibilidade de



compreender melhor as atribuições do candidato; agilidade e melhor competitividade diante as outras instituições.

Alguns processos organizacionais operacionais internos foram modificados a fim de atingir a meta final da empresa. Com isso, a implementação de uma plataforma interna foi indispensável afim de melhorar a comunicação entre os integrantes da equipe e quais as atividades semanais previstas a serem realizadas, pois, ao se tratar do remoto surgiram dificuldades na comunicação, na organização operacional das atividades e uma falta de compromisso dos colaboradores no desenvolvimento das atividades estipuladas (Bridi, 2020).

Portanto, com a expansão da tecnologia na atualidade, tais usos das ferramentas digitais se tornam indispensáveis para a promoção das atividades exercidas da organização, mas a forma que é divulgado e gerenciado com o público, deve ser executada de forma assertiva e minuciosa, tendo em vista que devemos saber o público alvo e como atrair o mesmo, afim de reter possíveis clientes para a organização.

## 5 CONCLUSÃO

Portando a experiência do estágio, foi algo muito necessário e importante para a construção da carreira profissional do estudante de psicologia, perceber como a atuação da mesma pode ser diversa. Na área da psicologia organizacional e do trabalho, nossa atuação se destaca por auxiliar nas demandas externas da empresa, nos seus serviços e como atingir suas metas; perceber também a qualidade e como o processo de ação está sendo efetuado, o que pode ser ajustado sem que gere algum tipo de intercorrência para o cliente ou para a empresa.

**Palavras-chave:** Psicologia. Organizacional. Consultoria.

## REFERÊNCIAS

BRIDI, Maria Aparecida. **O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19**. 2020. Disponível em: [https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos\\_2020/ARTIGO\\_REMIR.pdf](https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/ARTIGO_REMIR.pdf). Acesso em: 12 out. 2022.

CHAVES, Carla Milena Lordêlo. **Utilização de tecnologias da informação e comunicação em processos de recrutamento e seleção organizacional: um estudo com consultorias de gestão de pessoas situadas em sergipe**. 2019. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11423/2/CARLA\\_MILENA\\_LORDELO\\_CHAVES.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11423/2/CARLA_MILENA_LORDELO_CHAVES.pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.



GRASSI, Vanise. **A construção das práticas de consultoria em psicologia organizacional e do trabalho.** 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/maria/Downloads/consultoria.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.

GUIMARÃES, Marilda Ferreira. **O processo de recrutamento e seleção como uma ferramenta de gestão.** 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/276547825.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

QUEIROGA, Aline. **Consultoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho: desafios e contradições a partir de um enfoque Histórico-Cultural.** 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/maria/Downloads/Consultoria%20em%20Psicologia%20Organizacional%20e%20do%20Trabalho.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.



## **A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA JURÍDICA FRENTE À PERÍCIA PSICOLÓGICA NO NPJ DA UNILEÃO**

**Kesya Janyelle Rodrigues Cruz<sup>1</sup>**

*janyellerodrigues10@gmail.com*

**Maria Yara Sobreira Silva<sup>2</sup>**

**Natália Dantas Rios<sup>3</sup>**

**Tiago Deividly Bento Serafim<sup>4</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

O Núcleo de Prática Jurídica da Unileão, cumpre uma função social, prestando atendimentos gratuitos à população, proporcionando-os, esclarecimentos acerca de seus direitos. Assim, dispõe de equipes multidisciplinares composta por discentes e docentes da instituição das áreas do Direito, Serviço Social e Psicologia, que buscam soluções através do diálogo na resolução de conflitos sociais. Além da promoção e defesa na garantia de direitos de crianças e adolescentes. Tendo como ações mais frequentes: adoção de crianças e adolescentes; tutela; guarda; apadrinhamento e destituição de poder familiar.

Frente a essa temática, o objetivo deste estudo é descrever como são realizadas as etapas do procedimento da perícia psicológica dentro do NPJ da Unileão, bem como discutir sobre os principais aspectos que envolvem as tomadas de decisões do profissional de psicologia, enquanto perito no âmbito jurídico.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

De acordo com Gonçalves e Brandão (2015) na atuação do psicólogo jurídico, na contemporaneidade, há uma prevalência de atividades periciais relacionadas à confecção de laudos; relatórios; pareceres. O profissional é referenciado, muitas vezes, apenas, como quem é responsável por produzir documentos que subsidiam processos judiciais, mas a sua atuação deve ser voltada para todos os âmbitos do sistema de justiça.

---

<sup>1</sup> Discente de Psicologia no Centro Universidade Dr. Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Discente de Psicologia no Centro Universidade Dr. Leão Sampaio.

<sup>3</sup> Discente de Psicologia no Centro Universidade Dr. Leão Sampaio.

<sup>4</sup> Mestre e Docente de Psicologia, no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.



A inserção do psicólogo no sistema judiciário se fortalece, pela necessidade de que os fatos subjetivos sejam relevantes ao mundo jurídico. Para que se reconheça o campo das experiências individuais, suas singularidades, e os processos de subjetivação, é necessário também considerar as práticas sociais. É na busca de elucidação desses fatos, de forma técnica e fidedigna, que é possibilitado, a garantia de Direitos Humanos e o combate à violência. Portanto, visa-se uma atuação em rede com outros profissionais, pautando-se na ética da profissão (Arantes, 2015).

Segundo a Resolução nº 007/2003, do (CFP), a avaliação psicológica é um processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações dos fenômenos psicológicos, que também são decorrentes da relação do indivíduo-sociedade. Os resultados das avaliações devem analisar os condicionantes históricos; sociais; político; culturais e seus efeitos psíquicos, pesquisados no processo de avaliação psicológica. Portanto, o documento deverá ser subsidiado a partir destes dados colhidos, e analisados pelo embasamento técnico-científico adotado pelo psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2003).

Conforme aponta Manzano (2011) a perícia psicológica é uma modalidade da avaliação psicológica, realizada para fins específicos, sendo uma prova técnica, realizada por um perito, que utiliza de recursos para auxiliar o juiz. O procedimento técnico, feito pela perícia, desdobra-se em vários atos: preservação, coleta, remessa, armazenamento, guarda, adoção do princípio científico, aplicação de técnica específica e outros. Faz-se imprescindível a confiabilidade da análise e conclusão, visto que a partir da conclusão deste procedimento, será elaborado o documento, que elucida um elemento de prova.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

As atividades foram desenvolvidas no NPJ pelas equipes de psicologia. Logo, quando a equipe recebia um processo, todos os componentes faziam a leitura dos autos. Com a análise desses autos, coletam-se informações relevantes para a finalidade de cada caso. São consideradas informações pessoais como: nome, constituição familiar, questões socioeconômicas, documentações que estão anexadas nos autos, além de questões relacionadas à saúde dos requeridos. Tais fatores são relevantes para a perícia psicológica, que se realiza a partir de uma entrevista estruturada/semi-estruturada. Podendo ser feita de forma individual, para melhor compreensão das questões subjetivas dos envolvidos, e/ou ainda, poder ser realizada com os envolvidos no processo em conjunto.





## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como aponta Jung (2014) ao conduzir uma perícia psicológica, o profissional deverá centralizar-se nos objetivos da finalidade da mesma, isto é, quais aspectos específicos serão investigados, para sanar a demanda judicial. Assim, após a realização da perícia, a equipe discute sobre o caso, a fim de encontrar um consenso sobre o parecer, quer seja favorável ou desfavorável, podendo ser ainda indefinido, quando se identifica a necessidade da realização de uma nova perícia.

Finalizando tais procedimentos, elabora-se o documento, a depender de qual tenha sido a solicitação do juiz, para ser concedido o respaldo de sua decisão final. Salienta-se que tudo depende da particularidade de cada caso. Quando há audiências agendadas para o caso, podem ocorrer falhas, como a não realização da perícia ou visita na data marcada, e com esses reagendamentos, o processo pode acabar atrasando. O que depende, se o andamento dos procedimentos foi consistente, pois, a partir disto, pode ocorrer de ser elaborado um Relatório Psicológico, ou Parecer, ao invés do Laudo.

Quando o documento é finalizado, deve-se fazer a devolutiva do resultado do processo pericial, que consiste numa reunião, comumente realizada via Google Meet, mas que também pode ser realizada de forma presencial, onde a equipe leva aos requerentes os resultados obtidos na avaliação, e o seu parecer. Eis, o motivo pelo qual as devolutivas sempre devem ser reagendadas perante a não realização, pois o processo só pode ser finalizado, após a realização da devolutiva.

## **5 CONCLUSÃO**

A partir da atuação dentro NPJ, foi possível ter uma maior dimensão da atuação do psicólogo enquanto perito, principalmente com a elaboração de documentos, produzidos para o subsídio dos processos que envolvem a justiça, e que se articulam com esta área de atuação. Algo que não havia sido possível ter visto anteriormente na graduação, haja vista a limitação da grade curricular do curso, e do aparato de abarcar uma psicologia que engloba as causas sociais que envolvem o âmbito jurídico.

**Palavras-chave** NPJ. Perícia Psicológica. Psicologia Jurídica.



## REFERÊNCIAS

ARANTES, E. M. M. Pensando a Psicologia aplicada à Justiça. In: GONÇALVES, H.S.; BRANDÃO, E. P.(org.). **Psicologia Jurídica no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA Resolução CFP nº 007/2003. **Institui o Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo psicólogo, decorrentes de avaliação psicológica, e revoga a Resolução CFP nº 17/2002**. Brasília, DF: Autor.

GONÇALVES, H. S.; BRANDÃO, E. P. (org.). **Psicologia Jurídica no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2015.

JUNG, F. H. **Avaliação Psicológica Pericial: Áreas e Instrumentos**. – Revista Especialize On-line IPOG - Goiânia – Edição Especial nº 008 vol. 01. Set de 2014.

MANZANO, L. F. M. **Prova Pericial**. São Paulo: Atlas S.A, 2011.



## SAÚDE MENTAL E AUTOCUIDADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EXTENSIONISTAS DO PROJETO PSIEDUC

**Maria de Fatima Alves dos Santos<sup>1</sup>**

*fatimawtm@gmail.com*

**João Vitor Alves do Nascimento<sup>2</sup>**

*vitoralvesjo@hotmail.com*

**Arilanda Vanessa Feitosa Sampaio<sup>3</sup>**

*arilandadesa@gmail.com*

**Francisco Francinete Leite Junior<sup>4</sup>**

*francinetejunior@leaosampaio.edu.br*

### 1 INTRODUÇÃO

Este relato tem como finalidade de relatar as atividades e experiências construídas no projeto de extensão “PSIEDUC: Dialogando com Profissionais da Educação sobre Saúde Mental”, onde realizamos uma oficina em uma escola pública, sobre autocuidado e saúde mental. Dessa forma, este resumo tem como objetivo, relatar as experiências vivenciadas pelos graduandos em psicologia e extensionistas do projeto, visando analisar a importância e os impactos na saúde mental dos professores a partir de diálogos e rodas de conversa sobre essa temática. Vale ressaltar, a importância do trabalho com o autocuidado dos professores, visto que são mediadores no processo de educação e agente social na promoção de saberes. Dessa forma, o manuscrito do tipo relato de experiência permitem a apresentação crítica de práticas e/ou intervenções científicas e/ou profissionais (Mussi et al. 2023), elucidando a prática de estudantes extensionistas frente às discussões sobre saúde mental e autocuidado com professores da rede de ensino pública.

### 2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Oliveira (2017), o trabalho pode ser tanto saudável quanto adoecedor, neste caso, a profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma das mais estressantes, pois ensinar se tornou uma atividade desgastante, com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional (Reis et al. 2006).

---

<sup>1</sup> Curso de Psicologia, Graduanda do Centro Universitário – UNILEÃO.

<sup>2</sup> Curso de Psicologia, Graduanda do Centro Universitário – UNILEÃO.

<sup>3</sup> Curso de Psicologia, Graduanda do Centro Universitário – UNILEÃO.

<sup>4</sup> Curso de Psicologia, Doutor em Psicologia do Centro Universitário – UNILEÃO



Isso decorre em virtude de muitas cobranças, sobrecargas, infraestruturas inadequadas conflitos interpessoais, o desinteresse por parte dos alunos e falta de conhecimento sobre o assunto (Delai et al, 2020). Dessa forma, o autocuidado se apresenta como meio essencial para se desenvolver com os sujeitos, sendo importante construir hábitos cotidiano com intuito de promover saúde e bem-estar. Vale ressaltar, que devemos considerar o indivíduo como um ser biopsicossocial, sendo as emoções, sentimentos, pensamentos e crenças o conjunto psicológico do sujeito. O cuidado com a saúde emocional se torna importante, pois o adoecimento psíquico pode gerar sintomas no corpo do sujeito acelerando e/ou progredindo doenças e desequilíbrio (Assunção et al, 2022).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Este estudo envolve as vivências dos graduandos em Psicologia, realizado no primeiro semestre de 2023, onde promovemos uma oficina em uma escola pública, a partir do “PSIEDUC: Dialogando com Profissionais da Educação sobre Saúde Mental”, com o intuito de realizar reflexões sobre o autocuidado e saúde mental. As estratégias e recursos de ensino utilizados no projeto, foram desenvolvidas a partir de dinâmicas e rodas de conversas sobre a saúde mental dos professores, com o intuito de elucidar discussões sobre “quem cuida de quem educa?” fazendo-os refletir sobre hábitos de seus cotidianos que se aproximam das práticas de autocuidado e o que eles têm feito para se perceberem enquanto sujeitos que se encaminham para um estado de bem-estar em sua saúde mental.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No primeiro momento, iniciamos com uma roda de conversa a partir de um recurso terapêutico com frases sobre as mais variadas práticas e formas de autocuidado, distribuídas para todos os presentes, com a finalidade de suscitar uma discussão e fazer o diálogo circular na roda. As frases referem-se a ações possíveis no cotidiano sobre autocuidado. Logo após, pedimos aos professores para formarmos um círculo e escolherem uma frase dentro da caixa. Espontaneamente surgiam depoimentos pessoais, a adesão ou não das práticas presentes nas frases e reflexões sobre a necessidade de se criar um hábito saudável de autocuidado com vistas a uma boa qualidade de vida.

No segundo momento, foi realizado o painel de construção dos sonhos, no qual foram disponibilizadas folhas A4 em branco, e lápis de cor, revistas, flores e galhos para enfeite. A etapa em questão deu-se a partir do convite aos professores para que pudessem usar esses



materiais citados e desenvolver artisticamente como eles percebiam a saúde mental em suas vidas. A partir dessas reflexões, os professores produziram desenhos, frases, colagens de lugares, lembranças, objetos e pessoas que refletiam seu bem-estar.

É necessário compreender, que por trás de um professor existe um ser humano, com suas subjetividades, angústias e desejos e que diante dessas questões, é necessária a ampliação das competências sociais, emocionais e pedagógicas que acolham as necessidades desses profissionais promovendo a saúde mental. Realizar práticas estratégicas para o autocuidado na rotina dos professores é uma forma de prevenir danos à saúde mental e promover a melhora na qualidade de vida, desmistificando os padrões de autocuidado que muitas vezes são vistos como estratégias de classes de alto padrão e auxiliando no desenvolvimento de práticas simples e possíveis de serem inseridas na realidade da múltipla jornada dos professores. Faz-se necessário então, desenvolver um ambiente de escuta e acolhimento para que possam expressar e compartilhar suas vivências, dessa forma, sendo importante a presença de um profissional de psicologia no ambiente escolar (Assunção et al, 2022).

## 5 CONCLUSÃO

Pode-se perceber, a partir das intervenções a importância de auxiliar os professores a buscarem estratégias para melhoria de seu autocuidado, possibilitando uma melhoria na sua qualidade de vida. Vale ressaltar, a importância e necessidade de perceber e avaliar a vivência desses profissionais que são responsáveis pela manutenção de nossa sociedade através da educação, construindo atividades como esta, possibilitando maior autonomia e um espaço de co-criação de cuidado e reflexões. Necessário destacar, que os objetivos propostos do projeto foram atingidos, as reflexões feitas no momento das oficinas foram de grande valia para que os professores pudessem se perceber dentro de seus processos de trabalho e conseqüentemente repensar as suas práticas de autocuidado.

**Palavra-Chave:** Autocuidado; saúde mental; Psicologia;

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, M.K. *et al.* **Saúde Mental De Professores: O Autocuidado Como Estratégia De Enfrentamento Às Múltiplas Jornadas Quem Cuida De Quem Educa?** Belo Horizonte, 2022.



DELAI, E. I. L. SILVA, P. B. P. da. LOPES, S. B. M. **Saúde Mental Daqueles Responsáveis Por Cuidar E Dedicar-Se Ao Outro: Os Professores.** Encontro Científico Cultural Interinstitucional, 2020.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos Para A Elaboração De Relato De Experiência Como Conhecimento Científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021.

OLIVEIRA, A. M. de. ; SANTANA, L. F. G.; OLIVEIRA, L. R. V. de. Saúde Mental de Professores da Rede Pública de Ensino. **Revista Ambiente Acadêmico.** v. 3, n.2, jul./dez. 2017.

REIS, E. J. F. B., ARAÚJO, T. M., CARVALHO, F. M., BARBALHO, L., & SILVA, M. O. (2006). Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, 27(94), 229-253. doi: 10.1590/S0101-73302006000100011



# PSICOSSOMÁTICA: A RELAÇÃO ENTRE ESTRESSE PSICOLÓGICO E BURNOUT EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE MEDICINA

**Juliana Peixoto Melo<sup>1</sup>**

*julianapeixoto40@gmail.com*

**Maria Clara Nogueira Belchior<sup>2</sup>**

*clarabelchior01@gmail.com*

**Emilly Barboza Lucas<sup>3</sup>**

*emillybarboza508@gmail.com*

**Raul Max Lucas da Costa<sup>4</sup>**

*raulmax@leaosampaio.edu.br*

**Larissa Maria Linard Ramalho<sup>5</sup>**

*larissaramalho@leaosampaio.edu.br*

## 1 INTRODUÇÃO

O curso de medicina é uma escolha pela aptidão profissional e pelo sonho em si idealizado, porém, a jornada universitária é caracterizada por uma busca constante por conhecimento e repleta de desafios emocionais, que transformam não apenas a sua formação como médico, mas também a sua saúde psicológica e física (Feodrippe et al., 2013). No cenário dos estudantes de medicina, a saúde em geral é um tema preocupante, dado que é enfrentado um grande estresse psicológico ao longo do curso. Nesse sentido, o estudo da psicossomática investiga as relações entre a psique e os sintomas físicos. Ademais, essa área de pesquisa revela que a debilidade mental está atrelada com fatores como a carga horária intensa e a pressão social (Rached et al., 2016). Enquanto, o adoecimento físico está associado a sintomas como dor de cabeça, cansaço crônico, taquicardia (Prado et al., 2019). Nessa ótica, o Burnout é efeito da transversalidade dos sintomas, que se caracteriza como um estado de exaustão emocional, causado pela sobrecarga de trabalho e pelo estresse prolongado (Lima et al., 2021).

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho consiste em uma revisão literária, através de pesquisas sobre a

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO (Brasil)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO (Brasil)

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO (Brasil)

<sup>4</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO (Brasil)

<sup>5</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO (Brasil)



sintomatologia psicológica e física, em estudantes de medicina e sua relação com o Burnout. A revisão literária foi feita por acesso às bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e foram encontrados 9 artigos e 3 obras literárias, sendo utilizados 7 artigos e 2 obras. A cronologia da revisão literária inclui dados datados de 2013 a 2022. Palavras-chave utilizadas; Psicossomática, Burnout, Estudantes e Burnout, Estresse.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 PSICOSSOMÁTICA E BURNOUT**

A Síndrome de Burnout é a desorganização emocional associada ao sistema laboral. (Lima et al., 2021). Nesse sentido, o cansaço se apresenta como um dos principais sintomas sociais da atualidade, revelando que há na experiência individual de auto cobrança um contexto social marcado pelo ideal da alta produtividade, o filósofo Byung Chul Han elucida que;

A depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho. A Síndrome de Burnout não expressa o si- mesmo esgotado, mas antes a alma consumida. O que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho (Han, 2015, p.15- 16).

O Burnout é identificado como um estado crônico de cansaço psicoemocional, atrelado a uma propensão a despersonalizações do outro e por um senso reduzido de valorização pessoal, devido ao enfrentamento de situações de trabalho com foco na produtividade e na negligência a saúde mental (Nassar et al., 2021). A Síndrome ocorre de maneira lenta e se expande gradativamente. As exigências de trabalho são mais elevadas do que a disponibilidade física e emocional da pessoa, o que ocasiona um estresse psíquico. Em seguida, observa-se um esforço em produzir exaustivamente e aparecem, então, sinais de irritabilidade e de ansiedade, o que exige do indivíduo uma reorganização psicológica. E, existe a luta defensiva, isto é, a pessoa realiza uma inversão de condutas como forma de ausência social (Pêgo et al., 2016).

#### **3.2 DADOS ESTATÍSTICOS DA SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES DE MEDICINA**

De acordo com estudos realizados em diferentes universidades brasileiras, há grande





incidência de Burnout em estudantes de medicina. Na pesquisa feita por Lima et al., 2021, com 133 alunos de um curso de medicina da cidade do Rio de Janeiro, utilizando o método “Maslach Burnout Inventory – Student Survey” (MBI-SS), elucidada que na categoria de “exaustão emocional”, (14,29%) estavam destacados no nível baixo a médio e (85,71%) no nível médio a alto. Enquanto na categoria “descrença”, (72,93%) estavam no nível baixo- médio e (27,07%) no médio-alto. Nesse sentido, a Síndrome de Burnout pode ser nítida quando há incidência de altos escores em “exaustão emocional” e em “descrença”.

### 3.3 ESTRESSE COMO PRECURSOR DO BURNOUT EM ESTUDANTES DE MEDICINA

De acordo com Lima et al. (2021), a aprovação no curso de medicina exige dos estudantes uma transformação psíquica e comportamental precoce. Isso é necessário para que consigam lidar com as responsabilidades e a seriedade que a faculdade e a futura profissão exigem. A escolha pela medicina, muitas vezes é pautada em critérios de aprovação social, de status e de retorno financeiro e pode repercutir em falsas expectativas em relação ao curso, as quais contribuem para o desenvolvimento de sentimentos de desmotivação e de frustração (Prado et al., 2019). Neste sentido, os alunos ficam ansiosos, queixam-se de cansaço e privação de sono. Essa questão é chamada de desumanização e está cada vez mais frequente nos estudantes. (Lima et al., 2021).

## 4 CONCLUSÃO

Em suma, é perceptível a relevância do tema, visto que demonstra a necessidade de uma visão humanizada sobre a saúde mental dos estudantes de medicina. Ademais, foi constatado que as cobranças sociais e acadêmicas provocam sofrimento transformando o ambiente, à priori de realização profissional, em um espaço de adoecimento psíquico. Nesse viés, o objetivo principal dessa revisão foi levantar materiais sobre fatores que causam Burnout e suas possíveis consequências para o futuro profissional. Desta forma é elucidado que a síndrome de Burnout é uma problemática atual e precisa ser detectado, tratada e prevenida, uma vez que, pode ter dimensões psicossomáticas que abrangem desde a apatia social até quadros clínicos graves. Por fim, a intervenção da clínica psicológica se torna crucial para a o diagnóstico da SB, os indivíduos que possuem Burnout, são conduzidos a realização do teste MBI (Maslach Burnout Inventory), para a verificação da patologia, instrumento este de grande valor, devido suas amostras realizadas e assim tratar de forma efetiva (CAMPOS et al., 2020).



## REFERÊNCIAS

- CAZOLARI, Priscila Gadelha, et al. Níveis de Burnout e Bem-Estar de Estudantes de Medicina: Um Estudo Transversal. *Revista Brasileira de Educação Médica*, São Paulo, v.44, n4, e.125,2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/b7kWwbpDkjZqxYkrjgZ7JDb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 de set. 2023
- CAMPOS, I. C. M.; PEREIRA, S. S.; SCHIAVON, I. C. A.; ALVES, M. Maslach burnout inventory-human services survey (Mbi-hss): revisão integrativa de sua utilização em pesquisas Brasileiras. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, Umuarama, v. 24, n. 3, p. 187-195, set./dez. 2020. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b6a5/7823ba9809c5ef73a1d79a76a648a67b3610.pdf>..Acesso em: 22 de set. 2023
- FEODRIPPE, André Luiz Oliveira; BRANDÃO, Maria Carolina da Fonseca; VALENTE, Tânia Cristina de Oliveira. Qualidade de vida de estudantes de Medicina: uma revisão. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 37, n. 03, p. 418-428, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/BjdN6ZdthZPH4QxMhRpWq3L/abstract/?lang=pt>.. Acesso em 19 de set 2023.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Giachini, Enio Paulo. 2. 2017. Vozes, Petrópoles: 128.
- LIMA, J. C.; MOTTA, D. da S.; DE ANDRADE, I. G. F. P.; TAVARES, A. F.; SOARES, R. J.de O. Síndrome de Burnout em Estudantes de Medicina / Burnout Syndrome in Medical Student. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 7, n. 5, p. 51758–51766, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n5-530. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30286>. Acesso em: 19 set. 2023.
- MELLO Filho, Julio; MIRIAM, B. U. R. D. *Psicossomática hoje*. Artmed Editora, 2013.
- NASSAR, Leonardo Maso; DE CARVALHO, Josué Pires. Síndrome de Burnout em estudantes de graduação de medicina no Brasil: uma revisão do panorama brasileiro. *Espaço para a Saúde*, Ribeirão Preto. BRASIL. v.22, 2021. Disponível em: <https://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/721>. Acesso em 19 set. 2023.
- PRADO, M.; MARQUES NORTE, N.; GONZAGA MOURA DE CARVALHO, I.; FÉLIX DE SOUSA, I.; JOSÉ DE ALMEIDA, R. Avaliação da Síndrome de Burnout entre estudantes do último ano de um curso de medicina do Brasil. *Archives of Health Sciences*, [S. l.], v. 26, n. 1, p.41–46, 2022. DOI: 10.17696/2318-3691.26.1.2019.1207. Disponível em: <https://ahs.famerp.br/index.php/ahs/article/view/95>. Acesso em: 19 set. 2023.
- RACHED, Thiago Henrique da Silva; BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; CAVALCANTI, Helton. A frequência de ansiedade, depressão e burnout em estudantes de medicina. 2016. Disponível em: <http://higia.imip.org.br/bitstream/123456789/423/1/Artigo%20Final%20Thiago%20Henrique%20Oda%20Silva%20Rached.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.



TENÓRIO, Leila Pereira et al. Saúde mental de estudantes de escolas médicas com diferentes modelos de ensino. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 40, p. 574-582, 2016.  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/BFcx6VDyrBbrPMwBC4X6ypF/?lang=pt>.  
Acesso em: 18 de set. 2023.



# A POSTURA CLÍNICA DA GESTALT-TERAPEUTA FRENTE À SOCIEDADE DO CANSAÇO

**Maria Alicya Teixeira Alves Firmo<sup>1</sup>**

*alicyatfirmo@gmail.com*

**Marcus Cezar Borba Belmino<sup>2</sup>**

## 1 INTRODUÇÃO

Em que medida a lógica da sociedade do desempenho evidenciada por Han (2023) pode interferir na atuação da Gestalt-terapeuta em sua atividade clínica? O presente trabalho busca evidenciar a importância de reconhecer os efeitos da sociedade do cansaço, apontada por Byug Chul-Han (2015) como uma das principais causas geradoras de sofrimento psíquico contemporâneo, na Gestalt-terapeuta no momento de seus atendimentos. Para tanto foi feita uma pesquisa de cunho bibliográfico (GIL, 2018) buscando apresentar a compreensão da Gestalt-terapia sobre essa problemática (BELMINO, 2020) e articulando com outros materiais já elaborados sobre o tema da sociedade do cansaço e da atitude clínica da gestalt-terapia.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterápica que se constitui a partir de uma releitura da psicanálise a partir do gestaltismo e da fenomenologia. A fenomenologia consiste em uma filosofia que propõe a descrição do fenômeno tal como ele se mostra. Porém, de acordo com Ribeiro (1985) não basta descrever o fenômeno como ele aparece para ter uma atitude fenomenológica. É preciso que haja contato com ele para que seja desvelado o significado deste fenômeno, por isso o foco na relação terapêutica enquanto encontro.

Encontro este que é o revelar-se de uma totalidade, é a procura por um contato direto com o fenômeno, e para debruçar-se sobre o encontro, é preciso calma, disposição e disponibilidade. No entanto, a contemporaneidade é regida por produtividade e desempenho, e de acordo com Han (2023, p. 9) “percebemos a vida apenas em termos de trabalho e desempenho, compreendemos a inatividade como um déficit que deve ser corrigido o mais rápido possível”, isso significa que a prática clínica não está livre desse modo de operar.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Mestre em Psicologia e Doutor em Filosofia.



Conseqüentemente, isso pode fazer com que a terapeuta, contaminada por essa lógica de produção, conduza o processo de forma imprópria. Assim,

O psicoterapeuta, assim como o filósofo, deve colocar-se diante do fenômeno numa situação de escuta do ser, desvelando-se ao mesmo tempo em que este também se desvela, recusando-se a instalar-se na verdade ou no seu sistema de verdades e certezas para compreender a realidade fora de si próprio. (RIBEIRO, 1985, p. 57)

Ribeiro descreve, com maestria e sensibilidade, a arte do encontro existencial genuíno entre terapeuta e cliente, evidenciando como se dá a postura fenomenológica na prática gestáltica.

No setting terapêutico, o que há, de fato, é o desvelamento de ambas as partes, é a busca por aproximação das experiências, por construção de um vínculo terapêutico sólido e singular, a fim de vivenciar o processo terapêutico plenamente. Por isso é crucial, na relação terapêutica, um encontro baseado na espontaneidade, no presente e no contato. Assim, fazer redução fenomenológica é acolher o outro da forma como se mostra, como se é dado. Sem oprimir, reprimir e/ou julgar, tornando aquele lugar seguro e fazendo com que seja um lugar para onde o outro queira voltar e estar.

Ribeiro (1985) cita que para Perls a Gestalt-terapia é uma abordagem fenomenológica porque está para além de uma filosofia e um método, é uma forma de ver o mundo, “é um modo de pensar o ser [...] é um modo de conhecer a existência [...] é uma glorificação da experiência humana” (Ribeiro, 1985, p. 58). Belmino (2020) denomina tal postura de ética gestáltica, afirmando que nada mais é do que uma

(...) postura ética de acolhimento à diferença e ao inesperado é o reconhecimento de nossa profunda vulnerabilidade que se mostra no encontro. Isso porque, é na entrega ao encontro que nos mostramos despidos de qualquer certeza ou definição. Poder entregar-se a isso com a inteireza necessária para permitir emergir o novo é a postura fundamental do Gestalt-terapeuta (p. 201 e 202)

Assim, é no encontro com o inesperado que reconhecemos a vulnerabilidade, porque é nesse encontro e entregue a esse encontro que é possível se mostrar despido de qualquer certeza ou definição. Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2016) afirmam que a fenomenologia vai para além de uma filosofia ou de um método, sendo, então, uma conduta, uma postura ética.

Então, Belmino (2020) continua

Assim, o clínico é aquele que permite ouvir o que não pode ser dito, e permitir ouvir as diferentes vulnerabilidades do campo e poder, no encontro genuíno com o outro,



suportá-lo e construir juntos uma forma de enfrentamento a essas vulnerabilidades que só conseguem aparecer na disponibilidade para a relação. Suportando a angústia, a ansiedade, a aflição ou qualquer outra afecção que possa aparecer no campo, o clínico sustenta o campo para que as afetividades destituídas possam se fazer voz e gesto pelos corpos que compõem o setting (ampliado) terapêutico. (p. 202)

Por isso a Gestalt-terapia é conhecida por sua ética de acolhimento ao estranho. Com isso, é possível confirmar o que foi elaborado por Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2016) sobre a postura fenomenológica ser algo que transcende uma filosofia, sendo, assim, uma atitude, uma postura ética como é trazido por Belmino (2020).

Com isso, é possível afirmar que a postura da Gestalt-terapeuta frente a esse modo de vida marcado por desempenho e produtividade que rege a Sociedade do Cansaço (HAN, 2015) deve ser absorta para que não seja absorvida por essa lógica e conseqüentemente, projetar no cliente um sofrimento que é seu, e, ainda, deve questionar-se sobre o que pode nomear de desempenho e produtividade quando desrespeita a prática clínica, tendo em vista o conteúdo que é manifestado no setting terapêutico.

### 3 CONCLUSÃO

Conclui-se, assim, que a postura clínica da Gestalt-terapeuta frente a sociedade do cansaço, deve ser atenta, paciente e ética, tornando o espaço seguro e acolhedor para sustentar e suportar a angústia e a aflição do cliente que emergirá ali, dando voz ao que cotidianamente é silenciado, aniquilado e banalizado. Assim se faz a clínica gestáltica; acolhendo o que, cotidianamente, é rechaçado e para isto, como diria Gal Gosta “é preciso estar atento”.

### REFERÊNCIAS

- BELMINO, Marcus César. **Gestalt-terapia e experiência de campo: Dos Fundamentos à prática clínica.** São Paulo: Paco Editorial, 2020.
- GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. **Vida Contemplativa: Ou sobre a inatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2023.
- MULLER-GRANZOTTO, Marcos. MULLER-GRANZOTTO, Rosane. **Fenomenologia e Gestalt-terapia.** 3ª Edição. São Paulo: Summus, 2016.
- RIBEIRO, Jorge. **Gestalt-terapia: Refazendo um caminho.** São Paulo: Summus, 1985.



## **ENVELHECIMENTO COMO UM TEMPO DE PERDAS: UM OLHAR PSICANALÍTICO**

**Ladyjane Alves Moreira Brasileiro<sup>1</sup>**

*ladyjanebrasileiro3@gmail.com*

**Cimara Bandeira de Sousa Caldas<sup>2</sup>**

*cimarabandeira@hotmail.com*

**Hamilton Viana Chaves<sup>3</sup>**

*hamiltonchaves@yahoo.com*

**Leônia Cavalcante Teixeira<sup>4</sup>**

*leonia.ct@gmail.com*

### **1 INTRODUÇÃO**

De um país que tinha a jovialidade como parâmetro etário, o Brasil caminha para uma alteração no seu perfil demográfico. O grupo definido como idosos (65 anos ou mais), ocupou em 2010 um percentual de 7,32%, podendo alcançar o patamar de 25,49% em 2060 (IBGE, 2021).

O estudo apresentado é um recorte de uma pesquisa realizada com jovens na faixa etária de 19 a 22 anos que conviviam com idosos de suas famílias. Os participantes da pesquisa terão entre 57 e 60 anos em 2060 e verificou-se suas visões sobre envelhecimento e suas expectativas e receios a respeito de suas vidas daqui a 40 anos.

Apresenta-se como pergunta de partida: Qual é a imagem que o jovem faz do processo de envelhecimento? Levantou-se a hipótese de pesquisa que o jovem de 18 a 24 anos apresenta dificuldade em antever seu próprio processo de envelhecimento e que não se prepara para viver essa fase da vida.

Apresenta-se como objetivos do estudo compreender a imagem que o jovem faz do processo de envelhecimento, bem como analisar a projeção da imagem de idoso que faz de si mesmo.

---

<sup>1</sup> Universidade de Fortaleza – Mestranda em Psicologia

<sup>2</sup> Universidade de Fortaleza – Mestranda em Psicologia

<sup>3</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará- Doutor em Educação

<sup>4</sup> Universidade de Fortaleza – Doutora em Saúde Coletiva -Profa. Titular do PPG em Psicologia



## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Analisar a visão da juventude frente ao seu processo de envelhecimento, colocou-nos diante de conceitos que emergiram a partir da definição das categorias temáticas. A velhice e o tempo de perdas e de declínio (CARADEC, 2011). Vilhena (2014) relaciona o corpo envelhecido com a desilusão narcísica.

Como conceitos fundamentais, apresentou-se as concepções freudianas sobre transitoriedade, inconsciente e inquietante (Freud, 1915, 1916, 1919/2013).

## **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente estudo foi realizado no município de Fortaleza, Ceará, nos meses de Fevereiro e Março de 2022 com 5 jovens de 18 a 24 anos que já concluíram o Ensino Médio e que convivam com idosos. Eles foram recrutados por abordagem direta da pesquisadora.

Trata-se de um trabalho baseado em Pesquisa Qualitativa e utilizou-se a entrevista semiestruturada. Para a interpretação dos dados qualitativos apontados nas entrevistas, tomou-se como referência metodológica a análise de conteúdo e, do ponto de vista da implementação das análises, recorreu-se à análise temática.

No estudo completo, foram analisadas quatro categorias temáticas que resultaram em quatro subcategorias. Para esse trabalho, discute-se a categoria temática velhice como um tempo de perdas a partir do referencial psicanalítico.

Durante o processo de entrevista, foram apresentados aos participantes da pesquisa o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) em duas vias e o roteiro de entrevista. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pela pesquisadora. Todo o trabalho, coleta de dados e o estudo empírico, foi realizado após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COÉTICA - CAEE 53942621.9.0000.5052).

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As respostas dos jovens entrevistados apontam para o envelhecimento como um tempo de perdas. As experiências vividas ao longo dos anos geraram aprendizagens que, nem sempre, são valorizadas no seu meio. É pelo registro do declínio que a velhice é pensada (CARADEC, 2011). Como ilustram as falas:





*Acho que é uma etapa difícil, de perdas em todos os sentidos, familiares, de seu lugar que antes ocupava, centro da família, matriarca, patriarca. (Jovem 4).*

*A pessoa se torna muito dependente, precisa de ajuda para tudo. (Jovem 5)*

*Ver a sua época passando e você ficando “bem pra trás” e que passou a época que você era atual. As coisas que você tinha facilidade pra fazer já não são mais aquelas, já são outras, (Jovem 2).*

Pode-se pensar que o temor da velhice esteja em volta aos tabus relacionados ao corpo velho associado a uma imagem com falhas. Evita-se a velhice ao conservar um corpo físico agradável de ser visto e se aproximar da imagem da juventude. As transformações corporais e as negligências do entorno social provocam isolamento. O corpo na velhice, é considerado lugar do adoecer e de desilusão narcísica. (Vilhena, 2014).

Transita-se por diferentes momentos de nossa existência. Diferentemente da infância e da adolescência, a velhice transita para a finitude.

*Existe uma desumanização completa. É desvalorizada, justamente pelos fatores biológicos, é muito temida. As pessoas fazem de tudo para evitar envelhecer. (Jovem 1).*

Para a juventude, aquisição, para a velhice a perda. Indaga-se o que faz a velhice ser um tempo de tanta inquietação. Aquilo que nos assusta, nos inquieta, leva-nos a algo que estranhamente conhecemos e que nos é familiar (Freud 1919/2013). Teme-se a velhice por sua capacidade de expor a finitude como realidade.

O rompimento da fronteira entre a fantasia e a realidade faz-nos deparar com algo real (FREUD, 1919/2013). Em prol da exigência da imortalidade, nega-se o valor da transitoriedade (FREUD, 1916/2013). Viver intensamente o agora pode ser uma forma de afastar o estranho tão familiar.

O envelhecimento pode trazer temidas perdas em um tempo cronológico vinculada a uma contagem irreversível. Para o sujeito do inconsciente, esse tempo é outro, sem alteração pela passagem do tempo (Freud, 1915/2013).

Em um momento profícuo de aquisições, pensar em chegar à velhice inquieta. E é a partir dessas inquietações que se revela a relevância do aprofundamento do estudo com base psicanalítica.



## 5 CONCLUSÃO

Quando se é jovem, pensar o processo de envelhecimento é desafiador e inquietante. Perda, declínio, “ficar para trás” são expressões relacionadas ao ser velho.

Como fruto do aprofundamento do estudo, apresentou-se a categoria velhice como tempo de perdas a partir do referencial psicanalítico a partir de uma discussão dos conceitos de inconsciente, inquietante e transitoriedade.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Juventude. Transitoriedade. Inquietante. Psicanálise.

## REFERÊNCIAS

CARADEC, Vincent. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. *In: GOLDENBERG, Miriam (org.). Corpo, envelhecimento e felicidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. P. 21-44.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente (1915). *In. Obras Completas, volume 12* [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Páginas 74-112)

\_\_\_\_\_. A Transitoriedade (1916). *In. Obras Completas, volume 12* [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Páginas 185-189)

\_\_\_\_\_. O Inquietante (1919). *In. Obras Completas, volume 14* [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Páginas 247-283)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados.** Brasília: IBGE. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 21 out. 2021.

VILHENA, Junia de; NOVAES, Joana de Vilhena; ROSA, Carlos Mendes. A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, p. 251-264, 2014. <https://doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>.



# O RETORNO DOS PSICODÉLICOS COMO RECURSO TERAPÊUTICO: AYAHUASCA NO BRASIL

**Isaac Levi Agostinho Pinheiro<sup>1</sup>**

*isaaclevijua@gmail.com*

**Clyvia Maria Vieira Borges<sup>2</sup>**

**Alex Figueiredo da Nóbrega<sup>3</sup>**

## 1 INTRODUÇÃO

Humphrey Osmond, em 1957, foi o primeiro a utilizar o termo psicodélico para referir-se às substâncias que alteram os níveis de consciência dos sujeitos que entram em contato com esses compostos (Soares, 2021). Esse químico e outros pesquisadores, entre as décadas de 1950 e 1980, inclinaram-se nos estudos acerca do uso terapêutico dos psicodélicos, com ensaios clínicos que mostravam o potencial dos efeitos psicotrópicos, mas as leis proibicionistas barraram a continuidade dos trabalhos e os projetos foram abafados. Todavia, ainda segundo Soares (2021), na década de 1990, houve um renascimento dos estudos com psicodélicos, como LSD, MDMA e psilocibina, dentro do contexto psicoterápico que apontam eficácia no tratamento de alguns transtornos mentais como Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) e depressão.

No contexto brasileiro, a *ayahuasca*, uma bebida enteógena amazônica, tem sido objeto de estudos com resultados preliminares que mostram um potencial do uso da substância para tratar dependência química e, mais recentemente, utilizando doses menores, para tratar depressão severa em quadros que a administração de medicamentos convencionais torna futilidade terapêutica. Logo, esse trabalho objetiva elencar a *Ayahuasca* e os estudos realizados em território nacional acerca de suas propriedades como recurso terapêutico.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, onde a metodologia empregada envolve a revisão bibliográfica. A revisão bibliográfica é baseada em

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

<sup>3</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri.



uma sólida base teórica que orienta a investigação científica e tem como finalidade aprofundar o entendimento de um problema, tornando-o mais claro e auxiliando na construção de hipóteses (GIL, 2018). Este estudo consiste em uma revisão de literatura, o qual teve como fonte de consulta às bases de dados Web of Science, PePSIC e Google Acadêmico. O período de levantamento da pesquisa foi realizado durante julho e agosto de 2023, sendo utilizados os termos “ayahuasca”, “ciência psicodélica” e “psicologia”, tendo como resultado 22 trabalhos. Como critério de inclusão: textos completos nos idiomas português, inglês e espanhol na modalidade artigo dos últimos 5 anos, resultando em 20. Foram excluídos e/ou monografias e trabalhos repetidos tendo como resultado final 7 artigos.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nos países sul-americanos que são abarcados pela Floresta Amazônica, o uso da *ayahuasca* é comum em rituais dos povos nativos dessa região, todavia, somente no Brasil, principalmente nos últimos anos, que a bebida enteógena se popularizou e passou a ser utilizada por grupos religiosos não-indígenas, assim como é exclusivo do território brasileiro o reconhecimento da *ayahuasca* para fins religiosos amparados por lei (Pires *et al.*, 2010; Riba *et al.*, 2001).

A bebida tem como base duas plantas, a *Banisteriopsis caapi* e a *Psychotria viridis*, utilizando, respectivamente, o cipó da primeira e as folhas da última em um processo de ebulição e imersão para extrair os princípios ativos das substâncias betacarbolinas, presentes no cipó, e da dimetiltriptamina (DMT), obtidas nas folhas (Xavier *et al.*, 2018), tendo como resultado final um chá também conhecido por “Daime”.

As pesquisas realizadas no Brasil acerca do potencial terapêutico da *ayahuasca* têm sido pioneiras e relevantes no mundo todo. Segundo Gonçalves e Marques (2023), os efeitos subjetivos gerados pela DMT presente na bebida, como distorção temporal, estados emocionais mais intensos e mudanças de padrões de comportamentos se tornaram objeto de interesse dos pesquisadores, uma vez que a expressão das emoções e interações sociais com aspectos de empatia a longo prazo foram observados nos usuários de *ayahuasca*. Além disso, sintomas depressivos apresentam redução significativa após a administração de uma primeira dose, como visto no estudo realizado na cidade de Natal (RN), onde os participantes relatam uma melhora na experiência de estabelecer relações interpessoais e nas atividades de suas rotinas diárias. Ademais, os potenciais terapêuticos da *ayahuasca* têm sido, há mais tempo, usados em estudos



relacionados ao abuso de substâncias, como por exemplo o álcool. Xavier *et al.* (2018) em sua revisão apresenta trabalhos que mostram a remissão completa do etilismo na maioria dos participantes, além de evidenciar que a *ayahuasca* é uma substância segura e não toxicológica.

Posto isto, no setting terapêutico com psicodélicos, Valente (2023) traz recomendações e protocolos a serem seguidos para garantir a eficácia do processo, como a oferta de um ambiente seguro e confortável, sessões psicoterápicas antes e depois da administração de microdoses da substância e a presença de um ou dois psicólogos durante a experiência, assim como a capacitação dos profissionais ser fundamental para se trabalhar com substâncias psicodélicas.

#### 4 CONCLUSÃO

Percebe-se, cada vez mais, os avanços das pesquisas com *ayahuasca* e psicodélicos fazem-se presente em âmbito brasileiro, todavia é importante lembrar que essa tecnologia já estava sendo usada por povos nativos da América Latina há centenas de anos. Dessa forma, deve existir atenção e cuidado para que esse saber originário não sofra uma colonização e a importância desses povos seja apagada da história psicodélica.

Outrossim, há indícios que a *ayahuasca* pode se mostrar como um potencial recurso terapêutico na contemporaneidade e se mostra eficaz contra os sintomas depressivos e de dependência, devendo ser elencada no espaço acadêmico para a realização de mais estudos e ensaios clínicos sobre a temática.

#### REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018. 137 p.

GONÇALVES, Enzo; MARQUES, Leandro. NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL. Anais do V Saúde Mental e Direitos Humanos e da IV Mostra, **p. 58**.

PIRES, Ana Paula Salum; OLIVEIRA, Carolina Dizioli Rodrigues de; YONAMINE, Maurício. Ayahuasca: uma revisão dos aspectos farmacológicos e toxicológicos. *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*, v. 31, n. 1, 2010.

SOARES, Breno Almeida. O renascimento dos psicodélicos como potenciais agentes psicoterapêuticos: trajetória, avanços recentes e perspectivas. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 23, n. 2, p. 215-241, 2021.



VALENTE, Sergio Mafei. **A experiência terapêutica com psicodélicos: uma leitura simbólica.** 2023.

XAVIER, Pedro Bezerra; SILVA, ÍS de; PAZ, Mabel Calina. **As Propriedades Terapêuticas da Ayahuasca. III Conbracis,** 2018.



# PSICOLOGIA DA SAÚDE NA ESCOLA E POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA NA SAÚDE DE ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

**Ana Caroline Nascimento da Silva<sup>1</sup>**  
*anacarolinenascentods@gmail.com*  
**Índira Feitosa Siebra de Holanda<sup>2</sup>**  
*indira@leaosampaio.edu.br*

## 1 INTRODUÇÃO

A psicologia da saúde dedica-se à promoção e a manutenção da saúde, considerando a interação e influência mútua existente entre os fatores sociais, biológicos e comportamentais na constituição da saúde (Teixeira, 2004). A Psicologia da saúde dentro das escolas contribui para a prevenção primária ao visar a promoção do bem-estar e a qualidade de vida, lidando com aspectos sociais, emocionais e comportamentais que atravessam o ambiente escolar e afetam a saúde mental dos estudantes (Rodrigues, 2008).

A pandemia ocasionada pelo SARS-CoV-2 trouxe implicações sobre a dimensão biológica, a dinâmica das interações sociais e a saúde mental, que poderão ser melhor pesquisadas ao decorrer dos anos. Diante o cenário atual, esse trabalho tem como objetivo descrever uma vivência de estágio curricular de psicologia na promoção de saúde no ambiente escolar, instigando reflexões sobre possíveis implicações da pandemia na saúde mental dos adolescentes atendidos e a importância do serviço de psicologia nas escolas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Se desenvolvendo principalmente na década de 70, a Psicologia da Saúde se constitui como uma área recente e se dispõe a compreender a forma como o sujeito vivencia seu estado de saúde e doença, considerando sua relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo (Almeida & Malagris, 2011). Crossley (2000) aponta que existem duas perspectivas teóricas divergentes sobre a atuação da psicologia da saúde: a perspectiva tradicional e a perspectiva crítica. A primeira é constituída por um modelo biopsicossocial e estuda comportamentos saudáveis e de risco, utilizando metodologias quantitativas. A segunda se embasa em

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO



metodologias qualitativas e em um modelo fenomenológico- discursivo, analisando os discursos e as significações que são dadas a saúde e a doença, com foco nas experiências dos sujeitos, contextualizando com a realidade social e cultural.

Na prática de prevenção e promoção de saúde o profissional de psicologia necessita trazer o foco da doença para a saúde. A sua atuação nas escolas enquanto forma de prevenção primária visa a promoção do bem-estar e a melhoria da qualidade de vida, lidando com aspectos sociais, emocionais e comportamentais que atravessam o ambiente escolar e afetam a saúde mental do sujeito (Rodrigues, 2008). As intervenções realizadas pelo psicólogo precisam abarcar formas estratégicas que possibilitem o sujeito desenvolver sua autoestima para assim ter autonomia sobre o seu próprio cuidado.

Ao promover saúde no ambiente escolar o psicólogo possui também uma função social de preocupações que estão ligadas diretamente a cidadania dos sujeitos, aos seus direitos, a exclusão social, a exclusão escolar, ao combate aos preconceitos, dentre outras problemáticas. Sua prática nesse espaço deve considerar todos os aspectos que atravessam aquela realidade, sendo embasada pelas questões éticas e políticas da profissão.

Através de uma visão institucional é possível identificar também a promoção de saúde dentro da realização de uma psicohigiene que para Bleger (1992) consiste de uma forma ampla na promoção do bem estar em geral dentro da escola enquanto instituição. Dessa forma, a atuação do profissional de psicologia nas instituições educativas deve também favorecer a integração das relações do grupo.

Ao compreender a escola enquanto um espaço de mediações sociais, a existência da integração nessas relações auxiliará o indivíduo a se apropriar delas, corroborando para a construção de projetos que possibilitem a valorização das relações humanas, implicando diretamente na qualidade das relações e na saúde dos sujeitos.

O Decreto nº 6.286, em 5 de dezembro de 2007, instituiu no Brasil o Programa Saúde na Escola (PSE), uma política pública intersetorial da Saúde com a Educação e possibilita a sustentabilidade de ações em prol da saúde dentro das instituições de ensino a partir da constituição de redes de co-responsabilidade. Diante disso, nos espaços de educação, o profissional de psicologia deve fortalecer o direito de crianças e adolescentes para que participem das decisões que afetam a sua saúde articulando-se com o SUS.





### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho consiste em um relato de experiência sobre a prática de um estágio em Psicologia, com ênfase em processos de prevenção e promoção de saúde. As atividades ocorreram de 08 de agosto de 2022 a 16 de dezembro de 2022, em uma escola estadual integral de ensino médio no Ceará, na qual foram ofertados atendimentos na modalidade de plantão psicológico e aconselhamento psicológico individuais presenciais nas sextas-feiras.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram atendidos adolescentes de 15 a 17 anos de idade, nas modalidades de plantão psicológico (12 atendimentos) e aconselhamento psicológico (26 atendimentos), sendo necessária para o cuidado integral à saúde a articulação com a rede de saúde (SUS) e rede de assistência social (SUAS) através de encaminhamentos para psicoterapia, CAPS, CREAS e Casa da Mulher Cearense (6 encaminhamentos).

As demandas identificadas eram ligadas a sofrimentos que já existiam antes da pandemia e que, apesar de não emergirem dela, foram acentuados pela mesma. A intensificação de conflitos familiares, as dificuldades em outras relações interpessoais e a dificuldade de lidar com emoções foram pontos em comum apresentados majoritariamente nos atendimentos.

### 5 CONCLUSÃO

A pandemia e o conseqüente distanciamento social foram fatores agravantes para demandas familiares, interpessoais e emocionais já existentes anteriormente e vivenciadas pelos adolescentes. A escola enquanto espaço de interação social e constituição do sujeito é atravessada por tais vivências, desse modo outras possíveis implicações devem ser estudadas em trabalhos posteriores. A atuação da psicologia na promoção de saúde ofereceu suporte aos estudantes e possibilitou um espaço de cuidado integral dentro da escola ao se articular com o Sistema Único de Saúde e o Sistema Único de Assistência Social.

**Palavras-chave:** Escola. Pandemia. Saúde Mental. Adolescência.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. **A prática da psicologia da saúde.** Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 183-202, dez. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151608582011000200](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582011000200)>



012&lng=pt&nrm=iso.> Acesso em 06 set. 2022.

CROSSLEY, Michele L. **Psicologia Narrativa, Trauma e Estudo da Auto/Identidade.** Teoria e Psicologia , 10 (4), 527–546. 2000. <https://doi.org/10.1177/0959354300104005>. Acesso em 07 de set.2022.

RODRIGUES, Marisa Cosenza et al. **Prevenção e promoção de saúde na escola: Concepções e práticas de psicólogos escolares.** Gerais, Ver. Interinst. Psicol., Juiz de fora, v. 1, n. 1, p. 67- 78, jun. 2008. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202008000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202008000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 09 set. 2022.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. **Psicologia da Saúde.** Análise Psicológica (2004), 3 (XXII): 441-448. Disponível em <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/214/pdf> . Acesso em 08 de set. 2022.



# SAÚDE MENTAL DO PROFISSIONAL SOCIOEDUCADOR DENTRO DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO

**Francisco Jarbas Vasques de Medeiros<sup>1</sup>**

*jarbass.s@hotmail.com*

**Annie France Alves Veloso<sup>2</sup>**

## 1 INTRODUÇÃO

No Sistema Socioeducativo, mais especificamente em Medidas Socioeducativas de meio fechado, o socioeducador ou agente socioeducador, entre suas várias denominações no campo nacional, desempenha funções essenciais para o funcionamento satisfatório das unidades de atendimento. Todas as atividades, dentro e fora das unidades, são supervisionadas por estes profissionais, caracterizando assim uma rotina de trabalho fluida em suas atribuições, exigindo diversas capacidades e habilidades emergentes. No que diz respeito a saúde mental desta categoria profissional, é relevante compreender o espaço de trabalho - nesta pesquisa, especificamente, os espaços em meio fechado - os estigmas, o preconceito e insalubridade psíquica de se atuar como linha de frente do atendimento socioeducativo, tendo acesso diário a diversas histórias de vida que por muito não faziam parte do cotidiano dos profissionais.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa se utiliza de recortes de estudos bibliográficos que retratam o tema da socioeducação e das características que pertencem a categoria profissional do socioeducador contidos em revistas científicas e bibliotecas digitais como Scielo e Latindex e outras revistas institucionais. Importante referir que foi percebida determinada dificuldade em encontrar pesquisas que se referirem a equipe de trabalho do sistema socioeducativo, condições de trabalho e saúde, ressaltando a carência de atenção para a temática. Após a seleção do material, foi realizada a análise e discussão do material a fim de atingir os objetivos caracterizados anteriormente.

---

<sup>1</sup> Assistente social, esp. em saúde mental e atenção psicossocial; Socioeducador no Centro Socioeducativo Padre Cícero, Juazeiro do Norte/CE.

<sup>2</sup> Psicóloga, esp. saúde mental e atenção psicossocial.



### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Na história da atenção à criança e ao adolescente houve várias legislações que nortearam o trabalho junto a esse público até que chegasse aos moldes atuais. Segundo Bucci (2006), as alterações nos regulamentos jurídicos vieram a partir da consolidação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que garante a proteção integral e a garantia dos direitos fundamentais bem como o reconhecimento enquanto categoria peculiar de desenvolvimento e prioridade absoluta. A elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente acarretou modificações na execução das medidas Socioeducativas e depois de algum tempo possibilitou a promulgação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) “que traz em seu bojo, a atenção também para os trabalhadores desta área, propondo, na Seção Recursos Humanos alguns direitos para os operadores do referido sistema” (TAVARES, 2019, p.30). O socioeducador é o profissional que atua direta e continuamente com os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de restrição de liberdade. Segundo o SINASE (2006) dentre as atribuições do Socioeducador estão as atividades referentes ao cuidado com a integridade física não só dos adolescentes, mas também dos funcionários da unidade. O Socioeducador está exposto à função de conciliação das dimensões de segurança e de educação, desafio claramente manifesto no nome do cargo. Essa dualidade na função, hora de segurança, hora de educação promove alguns problemas uma vez que as capacitações são em sua maioria voltadas para as questões pedagógicas o que acarreta a falta de preparo para a atuação em eventuais conflitos. Para Oliveira (2015) existe a necessidade de uma maior preocupação do Estado com os profissionais das unidades no que diz respeito a sua saúde física e mental, visto que, além de trabalhar sem os respaldos estruturais necessários e falta de capacitação continuada, são submetidos, assim como os adolescentes, aos ambientes de tensão, superlotação e má conservação.

### **4 CONCLUSÃO**

Dialogando Costa (2001) com Herculano e Gonçalves (2011) é possível perceber a importância de analisar o modo de funcionamento dessas instituições, a realidade em que estão inseridos e a composição de cada unidade visto que, ainda que atravessados pela mesma cultura de dualidade entre a perspectiva educacional e punitiva, os valores e crenças variam e agregam todos que ali atuam, incluindo os socioeducadores. A saúde mental é garantida através da composição de diversos fatores, sendo o ambiente de trabalho um dos principais potencializadores do adoecimento a partir do que expõe ao servidor diariamente sem necessariamente haver preocupação com a promoção da qualidade de vida dos funcionários.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Sistema Nacional De Atendimento Socioeducativo -SINASE**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília-

DF:CONANDA,2006.Disponível:<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf> Acesso em: 14 jun. 2020.

BUCCI, M. **Controle judicial de políticas públicas: possibilidades e limites**. Anais do V Congresso Mineiro de Direito Administrativo. Belo Horizonte, 2007. II Congresso Internacional de Direitos Sociais. Procuradoria Geral do município do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/45236948\\_Control\\_e\\_judicial\\_de\\_politicas\\_publicas\\_posibilidades\\_e\\_limites](https://www.researchgate.net/publication/45236948_Control_e_judicial_de_politicas_publicas_posibilidades_e_limites). Acesso em 13 de jun. 2020.

COSTA, A. C. G. **Pedagogia da presença: da solidão ao encontro**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001. HERCULANO, A. H.; GONÇALVES, M. C. **Educador social: segurança e socioeducador, a conciliação**. Serviço Social em Revista, 14(1), 74-101, 2011.

OLIVEIRA, M. R. **Violência Institucional no Sistema Socioeducativo: quem se importa?** In: FÓRUM PERMANENTE DO SISTEMA DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO DE BELO HORIZONTE. Desafios da Socioeducação: Responsabilização e Integração Social de Adolescentes Autores de Atos Infracionais.BeloHorizonte,2015. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos). Acesso em: 14 jun. 2020.

TAVARES, O. V. L. **Aspectos da qualidade de vida de agentes socioeducadores de instituições privativas de liberdade**. Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/37385/2/ve\\_Olga\\_Vieira\\_ENSP\\_2019](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/37385/2/ve_Olga_Vieira_ENSP_2019). Acesso em: 13 jun. 2020.



## O FEMININO A PARTIR DE FREUD E LACAN

**Cimara Bandeira de Sousa Caldas<sup>1</sup>**

*cimarabandeira@hotmail.com*

**Leônia Teixeira Cavalcante<sup>2</sup>**

*leônia.ct@gmail.com*

### 1 INTRODUÇÃO

A indagação central na psicanálise sobre "o que quer uma mulher?" remonta aos primórdios freudianos, quando a histeria se tornou um objeto pioneiro de estudo. Isso destacou a importância de compreender a constituição subjetiva feminina, alimentando o interesse freudiano em desvendar a natureza do desejo e da feminilidade. Freud (1933) persistiu em explorar o enigma do desejo feminino, conferindo à sexualidade feminina uma aura de mistério enigmático, encarnações de um "real estranho".

O ensino de Lacan (1972) amplia o campo de discussão ao reconhecer a diversidade na compreensão da subjetivação feminina, especialmente diante da feminização crescente do mundo. Ele concebe o gozo feminino como irrepresentável, inexpressível e ilimitado, situado além da lógica fálica. Essa noção de gozo irreduzível transcende os gêneros e desafia a lógica simbólica, representando um abandono ao infinito. Este estudo busca compreender o enigma do feminino na psicanálise, reconhecendo a estranheza inquietante que envolve a relação do sujeito com seu próprio corpo, um aspecto ao mesmo tempo íntimo e misterioso, escapando à plena simbolização.

### 2 MATERIAIS E MÉTODO

Através de uma exploração bibliográfica embasada nas premissas psicanalíticas e utilizando as obras de Freud "A Feminilidade" (1933) e "Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise" (1933) e Lacan "Mais, ainda" (1972), este trabalho busca lançar luz sobre o território enigmático da sexualidade feminina, examinando suas reflexões sobre a feminilidade e a constituição subjetiva da mulher.

Por meio desse rigoroso processo analítico, o objetivo principal deste artigo é oferecer

---

<sup>1</sup> Universidade de Fortaleza - Mestranda em Psicologia

<sup>2</sup> Universidade de Fortaleza - Doutora em Saúde Coletiva – Profa. Titular do PPG em Psicologia.



uma visão do pensamento psicanalítico sobre a feminilidade. Ao entender as múltiplas perspectivas que influenciaram essa questão, contribui-se para o enriquecimento contínuo do campo da psicanálise e para uma compreensão mais profunda das complexidades associadas à identidade feminina na psicanálise.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo a análise contemporânea, o conceito do feminino é frequentemente associado ao mal-estar da época, e essa associação tem sido recorrente ao longo da história. O estudo desse fenômeno exige uma abordagem que vá além do que já é conhecido, incorporando também o que permanece desconhecido. A abordagem atual busca ampliar os limites do discurso sobre o feminino, transcendendo as limitações convencionais impostas pela linguagem cotidiana.

Em seu texto "O infamiliar" de 1919, Freud explora a repetição como origem do "sentimento infamiliar", que nem todos reconhecem facilmente. Em uma experiência pessoal em uma cidade italiana, ele se depara com uma área ocupada por mulheres maquiadas nas janelas, tenta fugir, mas acaba retornando a essas janelas coloridas. Esse episódio lhe evoca sentimentos de desamparo e infamiliaridade, associados ao mundo masculino normativo.

A partir de 1923, Freud investiga as implicações da castração na sexualidade feminina, focando na organização genital infantil. A inveja do pênis, conhecida como "penis-neid," é destacada como um aspecto significativo, no qual as meninas buscam no pai o que lhes falta, substituindo o desejo pelo pênis pelo desejo de ter um filho. No final de 1924, Freud reconhece sua falta de conhecimento sobre a sensibilidade do clitóris e da vagina, e em 1928, em um ato de autocrítica, admite a incerteza e insuficiência do conhecimento existente sobre o desenvolvimento inicial das mulheres, culminando em sua famosa indagação a Marie Bonaparte sobre "O que a mulher quer?".

A abordagem psicanalítica de Lacan (1972), em contrapartida à solução oferecida pela psicanálise freudiana centrada no Nome-do-Pai, reconhece a diversidade de caminhos que podem ser tomados na compreensão da subjetivação feminina. Observando evidências clínicas que não se encaixam facilmente nessa estrutura, Lacan adota uma abordagem mais pluralizada, reconhecendo a complexidade da experiência da feminização do mundo como um sintoma marcante de nossa época.



Com a disposição de incorporar o feminino na civilização, Lacan (1972) concebeu o gozo feminino como uma generalização devido à sua natureza que não pode ser representada, expressa ou limitada. Esse tipo de gozo é intrínseco, escapa às limitações da lógica fálica e, como resultado, "isola em cada um dos seres falantes sua parte irreduzível de inumanidade".

A premissa Lacaniana de que "A mulher não existe"(1972), relaciona-se com o gozo feminino como um evento de corpo que ocorre fora da linguagem, resultando em uma experiência que leva o sujeito a estar fora de si mesmo. É um tipo de gozo que não se limita a qualquer gênero; é uma experiência na qual cada indivíduo se entrega, no exílio do Outro, sem necessidade de palavras.

É um abandono ao infinito que escapa à expressão verbal. Além disso, não existe um binarismo rígido entre o gozo masculino e o feminino; o gozo feminino, seja para homens ou mulheres, é um fenômeno do corpo que está além da lógica simbólica. Este tipo de gozo não está vinculado ao complexo de Édipo; é o gozo do acontecimento corporal, algo que não pode ser simbolizado, expresso em palavras, e que possui afinidade com o infinito (SERGE, 1998).

#### **4 CONCLUSÃO**

Segundo a análise feita, a noção de estranheza inquietante tem sido identificada em Freud desde suas investigações sobre as histéricas e seus sintomas, que envolviam a manifestação de fenômenos corporais peculiares que suscitavam perplexidade em relação aos efeitos que exerciam sobre a subjetividade. Nesse contexto, argumenta-se que o conceito do feminino está intrinsecamente ligado à representação simbólica problemática da experiência do sujeito com seu próprio corpo. Este último, por ser ao mesmo tempo o aspecto mais íntimo e, paradoxalmente, o mais estranho, escapa à pleno compartilhamento simbólico

**Palavras-chave:** Feminino. Freud. Lacan. Psicanálise

#### **REFERÊNCIAS**

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. *A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade* (Obras Completas, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1923).

FREUD, Sigmund. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (Obras Completas, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1925).





FREUD, Sigmund. *Conferência XXXIII: A feminilidade* (Obras Completas, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1933).

FREUD, Sigmund. *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Tradução de Jayme Salomão. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1932-1936).

FREUD, Sigmund. *Sexualidade feminina* (Obras Completas, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1931).

LACAN, Jacques. “O Feminino como metáfora do sujeito na Psicanálise”. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 734-748. (Trabalho original publicado em 1960).

LACAN, Jacques. *O seminário: Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972/73.



## UM OLHAR SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS CUIDADORES DE PACIENTES PÓS-ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?

**Yngrid Galdino Dantas Malta<sup>1</sup>**

*maltayng@gmail.com*

**Roberta dos Santos Alberto<sup>2</sup>**

**Marcos Raí da Silva Tavares<sup>3</sup>**

**Germana Freire Rocha Caldas<sup>4</sup>**

### 1 INTRODUÇÃO

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é uma doença degenerativa responsável por ocupar a segunda colocação das maiores causas de óbitos e de sequelas, entre elas motoras, cognitivas e psicológicas, em todo o mundo (Santos et al., 2022; Almeida, 2022). As manifestações destas sequelas comprometem o paciente de modo que limitam sua autonomia, passando a depender de outras pessoas, logo a função dos cuidadores se torna imprescindível (Silva, 2022).

Uma vez que o panorama geral da saúde é voltado à atenção predominantemente para o quadro do paciente, o cuidado com os cuidadores informais é invisibilizado e negligenciado, afetando diretamente na qualidade de vida dessas pessoas e potencializando o desenvolvimento de doenças como ansiedade e depressão, além de sintomas físicos como fadiga e insônia (Costa et al, 2021).

Nesse sentido, esse trabalho tem a finalidade de compreender a realidade dos cuidadores de pacientes pós-AVC no que se refere à saúde mental, mais especificamente, sobre a demanda que o ato de cuidar exige, considerando que esse tipo de atividade, por exigir muitas responsabilidades e abdições, afeta o cuidado de si, podendo afetar negativamente não só o estado físico, mas o mental.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Discente do curso de Fisioterapia, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>3</sup> Discente do Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

<sup>4</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Doutora em Ciências Farmacêuticas.



## 2 MATERIAIS E MÉTODO

O trabalho consiste em uma revisão de literatura realizada por acesso às bases de dados Scielo, LILACS e Google Acadêmico. Os termos de busca incluíram “Acidente Vascular Cerebral”, “cuidadores”, “sobrecarga”, “qualidade de vida”, “pacientes”. Foram escolhidos artigos publicados no período de 2018 a 2023.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 SEQUELAS DO AVC E OS IMPACTOS NA AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA DOS PACIENTES

Sob a análise epidemiológica de Pannain (2019), o AVC é visto como um dos maiores motivadores de óbitos e de incapacidade adquirida à nível mundial, e, no Brasil, mesmo tendo uma queda nos casos de mortes nos últimos cinco anos, o número de pessoas sequeladas tem aumentado, abrangendo principalmente, o público jovem com faixa etária entre 15 e 39 anos, dado este explicado pela mudança de estilo de vida marcado pelo sedentarismo e má qualidade na alimentação e no sono (Santos *et al.*, 2022).

Os danos provocados pelo AVC dependem da área e da extensão cerebral afetadas, suas complicações podem provocar sequelas a níveis: motor, sensitivo, cognitivo e emocional, comprometendo a funcionalidade corporal e a autonomia desse indivíduo diante de atividades corriqueiras, como andar e se alimentar sozinho (Alves, *et al.*, 2018).

O agravamento destes pacientes é decorrente de distúrbios que comprometem o bom funcionamento dos sistemas orgânicos, envolvendo a perda de padrões motores, disfagia e confusão mental (Vieira *et al.*, 2020). Dados estes ratificados no estudo de Silva *et al.* (2022), que também evidenciaram tais debilidades e a hemiparesia como principal motivador à incapacidade de realização total ou parcial de atividades do indivíduo, corroborando à dependência funcional.

Sob esse cenário, entende-se que os impactos das sequelas pós-AVC se dão muito mais além do que apenas uma teoria médica, mas é importante que se lance um olhar à subjetividade do indivíduo acometido, compreendendo os aspectos biopsicossociais do ser humano, ou seja, como todas essas sequelas físicas e cognitivas impactam diretamente na maneira como esse indivíduo passará a se enxergar no mundo (Conceição *et al.*, 2022).



### 3.2 QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA? IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL DO CUIDADOR

A prática do cuidar de alguém que foi acometido pelas sequelas do AVC é uma realidade cada vez mais assídua no contexto familiar, sendo vista como um evidente recurso de bem-estar para o paciente, uma vez que não ficará exposto ao ambiente hospitalar (Silva *et al.*, 2022). Porém, o regresso para casa nem sempre é tão fácil, pois diante do fato de que os cuidadores são os próprios familiares, a maioria deles não sabe como conduzir o ato de cuidar, falha essa decorrentes da não orientação eficaz dos profissionais que acompanharam aquele paciente durante a hospitalização (Misawa *et al.*, 2018).

O papel do cuidador se torna relevante a partir da compreensão de que aquela pessoa se colocou em prontidão imediata para servir o indivíduo debilitado, precisando abdicar, em muitos casos, da sua própria realidade para viver a do outro, pois toda a sua atenção estará voltada às necessidades daquele ser, seja em sua locomoção, alimentação, higiene pessoal ou nos cuidados referidos à medicação e aos curativos das escaras (Alves *et al.*, 2021).

De fato, o cuidado com o paciente pós-AVC é inquestionável, porém, a reflexão a respeito do cuidado com os cuidadores é necessária, afinal, quem cuida de quem cuida? Souza *et al.* (2019) buscou respostas a esta reflexão e constatou que ao banalizar o próprio cuidado, o cuidador tem a sua saúde mental impactada, sentimentos de tristeza e de frustração são evidenciados frequentemente além, da manifestação de sintomas físicos como cefaleia dores musculares e alterações no sono e apetite.

O estudo de Silva e Boery (2021) corrobora à realidade de descuido da saúde do cuidador, principalmente a mental, visto que dos 44 cuidadores informais que foram entrevistados, todos apresentaram níveis de sobrecarga leve a moderada, os quais se associam ao elevado nível de estresse frente às responsabilidades do cuidar e ao elevado grau de dependência que o paciente pós-AVC exige e que fazem o cuidador desfocar do cuidado em si.

## 4 CONCLUSÃO

Os dados sugerem que muito mais do que estabelecer um cuidado sobre os pacientes sequelados devido ao Acidente Vascular Cerebral, o olhar sobre os cuidadores informais e sua saúde mental merece uma atenção especial, visto que, devido às responsabilidades do ato de cuidar e à dependência constante do paciente pós-AVC, as quais geram sobrecarga e os



impedem de cuidarem de si, enfrentam uma série de desafios físicos, emocionais e psicológicos cotidianamente que merecem uma atenção especial para que as consequências sejam mitigadas.

**Palavras-Chave:** Acidente Vascular Cerebral. Cuidadores. Sobrecarga

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Brennda Enis Gasques. .; FERREGATO, Isabelle Cristina Krasniak.; et al., Stroke in young adults: a case analysis. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 13, e30111335084, p. 1-6, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i13.35084. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35084> Acesso em: 21 de Ago 2023.

ALVES, Nágila Silva; PAZ, Francisco Adalberto do Nascimento. Análise Das Principais Sequelas Observadas Em Pacientes Vítimas De Acidente Vascular Cerebral – Avc. **Revista da FAESF**, v. 2, n.4, p. 25-30, out-dez, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.58969/25947125.2.4.2018.66> . Acesso em: 22 de Ago 2023.

ALVES, Poliana dos Santos; DA SILVA, Silvio Éder Dias, et al. Cuidado de si: representações sociais de cuidadores familiares de pacientes com AVC. **Rev Fun Care Online**.2021.p. 1109-1115, 13:1109-1115, , jan./dez.; 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v13.6861> . Acesso em: 20 de Ago 2023.

CONCEIÇÃO, Patrícia Alexandra Silva da.; CARVALHO, Paula Susana, et al..Qualidade de Vida e Sintomas Psicopatológicos: definição de perfis após AVC. **Revista Neurociências**, [S. l.], v. 30, p. 1–30, jul, 2022. DOI: 10.34024/rnc.2022.v30.14001. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/14001> . Acesso em: 24 de Ago 2023.

COSTA, Tatiana Ferreira da et al . Ansiedade, Depressão, Estresse E Bem-Estar Em Cuidadores De Pessoas Com Sequelas De Acidente Vascular Encefálico. **Reme: Rev. Min. Enferm.**, Belo Horizonte , v. 25, e-1383, p.1-8, set., 2021 . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1415.2762.20210031> . Acesso em: 20 de Ago 2023.

MISAWA, Fernanda.; SANCHES, R afaely de Cássia Nogueira, et al..Necessidades dos cuidadores de pacientes vítimas de Acidente Vascular Encefálico após a alta hospitalar. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 20, v20a46, p.1-10, 2018. DOI: 10.5216/ree.v20.47502. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/47502> . Acesso em: 20 de Ago 2023.

SANTOS, Kátia Fernanda Araújo; CUNHA, Euzite Rabelo; et al.. Acidente Vascular Cerebral em pacientes jovens: uma análise epidemiológica entre 2008 e 2022. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, e433111436381, p.1-9, out-nov, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36381> . Acesso em: 21 de Ago 2023.

SOUZA, Bruna Cristina Costa de; FARINHA, Francely Tineli; TRETTENE, Armando dos Santos. O cuidar do paciente com Acidente Vascular Cerebral: repercussões no cuidador informal. **J Health Sci Inst.**, v.37, n.3, p. 264-271, ago-set, 2019.

SILVA, Elisete Coelho; LUIZ, Jhoanne Merlyn, et al.. Qualidade de vida e sobrecarga de



cuidadores informais de indivíduos acometidos por Acidente Vascular Encefálico. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v.30, e3169, p. 1-14, jun.,2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO243631691> . Acesso em: 20 de Ago de 2023.

SILVA, Jaine Karenny da ; BOERY, Rita Narriman Silva de Oliveira. Efetividade de uma intervenção de apoio para cuidadores familiares e sobreviventes de acidente vascular cerebral. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.29, e3482, p., out-abr, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4991.3482> . Acesso em: 22 de Ago 2023.

PANNAIN, Gabriel Duque.; RIBEIRO, Camilla Costa.; et al..Relato de experiência: Dia Mundial do Acidente Vascular Cerebral. **HU Revista**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 104–108, ago.,2019. DOI: 10.34019/1982-8047.2019.v45.25663. Disponível em: <https://periodicoshomolog.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/25663> . Acesso em: 22 de Ago 2023.

VIEIRA, Irlanda Pereira; ROCHA, Kátia Flávia.; et al..Funcionalidade e qualidade de vida em pacientes pós acidente vascular cerebral / Functionality and quality of life in patients after cerebral vascular accident. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 17391–17403, abr.,2020. DOI: 10.34117/bjdv6n4-056. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/8436>. Acesso em: de Ago de 2023.



## **SUPORTE PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES DE PACIENTES EM CUIDADOS PALIATIVOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**João Vitor Alves do Nascimento<sup>1</sup>**

*vitoralvesjo@hotmail.com*

**Isaac Levi Agostinho Pinheiro<sup>2</sup>**

**Profa. Indira Feitosa Siebra de Holanda<sup>3</sup>**

### **1 INTRODUÇÃO**

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2002),

Cuidados Paliativos consistem na assistência, promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e de seus familiares diante de uma doença que ameace a vida, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento, da identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais. (OMS, 2002, p. 84).

Posto isto, no que tange à atuação da profissional de psicologia, esta deve voltar sua atenção não somente para o sujeito com diagnóstico, mas também, como sugere a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (2019), desenvolver atividades e dar suporte psicológico aos familiares do paciente, na busca de elaborar formas de enfrentamento diante da realidade da doença.

Logo, este trabalho apresenta a experiência dos alunos do Estágio em Ênfase em promoção e prevenção de saúde do curso de psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, onde os discentes tiveram a possibilidade de atuarem diretamente com as famílias de pacientes paliativos.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Aceti, Teixeira e Braz (2022) assinalam para que o profissional de psicologia conheça as especificidades do cuidado paliativo em todos os níveis de complexidade, tenha conhecimento sobre a teoria, critérios e princípios que regem o fazer paliativista, compreenda o conceito de dor total e saiba desenvolver uma abordagem espiritual. Apontam para a

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

<sup>3</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Mestre em Ensino em Saúde pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio



necessária atitude de autocuidado, comportamentos que favoreçam a comunicação e capte como os demais profissionais podem contribuir e favorecer a sua atuação. No que tange às habilidades, a ANCP espera da psicóloga que o trabalho contemple paciente, família e a equipe, avalie as dimensões de sofrimento, saiba manejar sintomas de sofrimento emocional, faça intervenções de luto, realize psicoeducação e atue em equipe multidisciplinar.

Segundo o Manual da Residência de Cuidados Paliativos (2022), na fase de terminalidade, as necessidades do paciente e da família se tornam muito mais complexas, as quais exigem o chamado cuidado paliativo especializado. Dessa maneira, a abordagem feita com a paciente e com os familiares passa a ter uma abordagem mais centrada nos processos sobre a morte e o morrer e na obtenção de um cuidado que dê dignidade e qualidade de vida. É uma fase em que a família se encontra frente à iminência de morte de um familiar e passa a vivenciar dilemas e construir mais perguntas e dúvidas sobre tudo, fazendo com que o profissional de psicologia, segundo Kovács (2004), lembre o quão importante é a questão da comunicação nas situações de cuidados paliativos. Para a autora, uma comunicação efetiva, harmoniosa e centrada nas necessidades do doente pode produzir contribuições valiosas para o controle de desconfortos físicos, minimizando o sofrimento de pacientes e familiares.

Com isso, em A morte é um dia que vale a pena viver, Ana Claudia Quintana Arantes (2016) afirma que diante de uma doença grave e de caminho inexorável em direção à morte, a família adoece junto. É um momento em que o corpo reconhece a sua finitude e percebe que estar sob o controle de tudo é uma extrema falácia. Os familiares se colocam no papel de dar todo o apoio para o paciente que naquele momento procura respostas para tudo que o envolve, mas também padece e vivencia momentos que desintegram ou fortalecem os laços afetivos, a depender de suas posições diante do enfrentamento.

### **3 MÉTODO**

Segundo Mussi, Flores e Almeida, em 2021, (p.65) “relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão)”, tendo como objetivo, ainda segundo os autores, descrever as intervenções realizadas no campo. Logo, a metodologia deste trabalho consiste em um relato de experiência, apresentando a interação direta dos estagiários com os familiares de pacientes em processos paliativos.





## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O papel da família é essencial uma vez que a maneira como o cuidado é realizado influencia diretamente na dinâmica do processo de adoecimento do paciente. Todavia, como todo trabalho, há um desgaste ao realizar as funções determinadas (FARIA *et al*, 2017). No contexto paliativo, percebeu-se familiares cansados e também adoecidos pela iminência de morte, o que torna o suporte psicológico para os familiares uma atividade essencial dentro dos dispositivos de saúde.

Percebeu-se que o acolhimento direcionado para essas famílias possibilita a co-criação de estratégias de enfrentamento e a abertura para o diálogo entre os próprios parentes elaborarem as questões relacionadas à morte em um ambiente seguro. Os diálogos que se constroem a partir desse cuidado são produzidos com o intuito de perceber o sujeito adoecido como um todo, mas também para que o misto de sentimentos e sensação de exaustão do restante da família surja no processo e, que a partir disso, a psicóloga possa intervir.

## 5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, fica evidente que o processo de adoecimento também possui sintomas sociais que atravessam a dinâmica familiar, cabendo a psicóloga estar preparada para realizar seus trabalhos voltados também para a família, desenvolvendo habilidades de comunicação, encorajamento, acolhimento e suporte no luto.

A psicóloga deve estar implicada nesse processo para dar vazão aos aspectos emocionais e simbólicos presentes na manifestação dos fenômenos de morte e do morrer.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (ANCP) **Manual de Cuidados Paliativos**. São Paulo, 2019.

ACETI, Daniela; TEIXEIRA, H. A.; BRAZ, M. S. **Recomendação de competências, habilidades e atitudes do psicólogo(a) paliativista**. Comitê de Psicologia em cuidados paliativos. Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP). 1 ed. São Paulo, 2022.

ARANTES, Ana Cláudia. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Leya, 2016.

DE FARIA, Adriana Aparecida et al. **Cuidando de quem cuida: o papel do psicólogo com cuidadores de pacientes paliativos**. 2017.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Comunicação nos programas de cuidados paliativos: uma abordagem multidisciplinar**. In: Pessini L, Bertachini L, organizadores. Humanização e cuidados paliativos. São Paulo: Loyola; 2004. p. 275-86



MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **National cancer control programmes: policies and managerial guidelines**. 2. ed. Geneva: WHO, 2002.



## ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

**Carolinne Vieira Leite<sup>1</sup>**

*carolinne.leite@hotmail.com*

**João Kleber Batista Martins<sup>2</sup>**

**Joaquim Iarley Brito Roque<sup>3</sup>**

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de relatar as experiências vividas na prática da cadeira de aconselhamento psicológico, do curso de psicologia do centro acadêmico dr. Leão Sampaio, mais especificamente realizado sobre o olhar da análise do comportamento.

### 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O aconselhamento psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico, que caracteriza uma atuação mais sucinta direcionada a uma demanda específica (SOMMERS-FLANAGAN, 2006). Ela é composta por três fases (PATTERSON, E. EISENBERG, L., 2010): A descoberta inicial é a primeira e se baseia na exploração de como é a visão do cliente sobre o mundo. Ela é embasada no acolhimento das preocupações do paciente e na identificação do grau de importância dessas situações na sua vida; A exploração em profundidade é uma preparação para a última fase, nela é importante uma análise quanto ao funcionamento anterior do indivíduo e quanto às metas do cliente para o futuro, fornecendo um âmbito em que ele percebe suas preocupações e enxergue direcionamentos; A preparação para ação, descreve um planejamento para a mudança de comportamentos. O início dessa fase se assemelha à anterior, pois é necessária uma articulação para a superação da demanda.

A análise do comportamento entende que o repertório de comportamentos de um indivíduo é construído ao longo da sua vida a partir de processos de aprendizagem (FARIAS, 2010). Como comportamento, é entendido qualquer ação desempenhada pela pessoa, sendo ela visível ou não. Dentro deste repertório de conhecimentos, existem filiações de abordagem, nos

---

<sup>1</sup> Discente do curso de psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO)

<sup>2</sup> Discente do curso de psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO)

<sup>3</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Tecnologia Intensiva (FATECI), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UniLeão)



atendimentos, a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) foi utilizada como respaldo, que se baseia na aceitação dos eventos encobertos desagradáveis (como pensamentos, memórias e sensações consideradas negativas), visando manter ou modificar ações que são importantes para o indivíduo (SABAN, 2015).

### **3 MATERIAIS E MÉTODO**

A apresentação das informações aqui descritas resulta de observações, supervisões e aprendizados adquiridos no decorrer do atendimento, consoante com a formação do graduando em Psicologia e as experiências prévias acumuladas pela estagiária. Arelado à revisão bibliográfica dos temas relacionados.

A análise do comportamento foi utilizada como base para as intervenções, mais especificamente a Terapia de Aceitação e Compromisso. As ações realizadas foram guiadas mediante objetivos terapêuticos estabelecidos nos primeiros atendimentos, a partir das necessidades discriminadas.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Alguns recursos terapêuticos utilizados nas sessões foram a reflexão de sentimentos, a paráfrase e a operacionalização de informações. Segundo Farias (2010), elas dizem respeito, respectivamente, à descrição dos sentimentos da cliente (essa reflexão permite a autoidentificação afetiva do cliente), à repetição de conteúdos relatados pela cliente nas suas falas, o que também permite essa reflexão quanto a suas próprias questões e a descrição dos problemas de forma objetiva e operacionalizada. Algumas frases repetidas pela terapeuta foram “Me parece algo doloroso para você” ou “Então você age assim depois disso?”, nesse mesmo sentido, “você se sente assim quando isso acontece?”. Essas últimas duas frases dizem respeito à operacionalização, que é o mapeamento do antecedente, da ação em si e da sua consequência (FARIAS, 2010). Essa análise era feita através da exploração das falas do cliente, no intuito de entender melhor esse comportamento e a partir das intervenções fazer com que o próprio percebesse também.

O foco inicial foi trabalhar a desesperança criativa, pois o cliente se mostrava preso a um modo de agir e pensar, em que não via soluções e tentava controlar suas ações perante o julgamento dos outros. Segundo Saban (2015), o controle de eventos encobertos não funciona a longo prazo e acaba se tornando uma nova fonte de sofrimento. Assim, as intervenções



buscavam que o paciente percebesse essa situação. Era importante que ele entendesse que ela não era vantajosa, pois apesar de a curto prazo evitar um evento desagradável, a longo prazo lhe gerava mais sofrimento. O objetivo terapêutico do caso consistia na aquisição de novos padrões de comportamento. Logo, segundo Farias (2010), entendendo a relação entre o indivíduo e uma contingência específica, é possível mudar a probabilidade de respostas desejadas, ou seja, a partir da contemplação da sua própria situação, adquirida com o autoconhecimento, o cliente é capaz de mudar seus comportamentos em direção a um funcionamento mais coerente à suas metas.

Para Forghieri (2007), o aconselhamento psicológico tem o objetivo de atingir os traços saudáveis da pessoa atendida. Assim, os objetivos processuais dos atendimentos foram voltados à aquisição de autoconhecimento e os objetivos resultantes foram demonstrados a partir do reconhecimento da situação e enfrentamento desta. No primeiro atendimento, foi solicitado que o paciente falasse sobre a sua vida. Com intuito de conhecer a personalidade e a forma de funcionamento do consulente. Também foi reconhecida a demanda do cliente, que serviu para direcionar a formulação de metas terapêuticas. A intervenção do segundo encontro consistiu na investigação de como o cliente se enxergava no momento e como ele queria ser. O diálogo foi mediado de modo que o consulente começasse a pensar em maneiras de como lidar com a demanda. Depois houve um momento de transição entre a exploração em profundidade e a preparação para a ação. O processo terminou tendo como resultado, vários insights, que permitiam pensar novas estratégias e formas de se comportar mais funcionais.

#### **4 CONCLUSÃO**

A partir da associação entre os objetivos processuais do aconselhamento psicológico e dos objetivos terapêuticos, foi possível chegar a resultados satisfatórios quanto à mudança de comportamentos considerados danosos pelo paciente. Assim, foi gratificante auxiliar no processo de autodescoberta do atendido, atrelando os dois campos de conhecimento citados.

**Palavras-chave:** Análise do comportamento. Aconselhamento Psicológico. Terapia de Aceitação e Compromisso.

#### **REFERÊNCIAS**

FARIAS, Ana Karina C. R. de. Análise comportamental clínica: aspectos teóricos e estudos de caso. Porto Alegre: Artmed, 2010.



FORGHIERI, Yolanda Cintrão. Aconselhamento terapêutico: origens, fundamentos e prática. São Paulo: Thompson, 2007.

PATTERSON, E. EISENBERG, L. (2010) O Processo de Aconselhamento. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006. SOMMERS-FLANAGAN, Rita. Teorias de aconselhamento e de psicoterapia: contexto e prática: habilidades, estratégias e técnicas. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

SABAN, Michaela Terena. Introdução à terapia de aceitação e com promisso / Michaela Terena Saban. 2. ed. - Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

SOMMERS-FLANAGAN, Rita Teorias de aconselhamento e de psicoterapia: contexto e prática: habilidades, estratégias e técnicas. Rio de Janeiro: LTC, 2006.



## **CLÍNICA PSICOLÓGICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: QUEM ACOLHE A DOR DO RACISMO?**

**Raquel Souza dos Santos<sup>1</sup>**

*raqlsouzapsi@gmail.com*

**Carlos Macedo Menescal<sup>2</sup>**

*carlosmenescalpsi@gmail.com*

### **1 INTRODUÇÃO**

A psicologia, e a clínica psicológica em particular, no contexto brasileiro, é atrelada aos ideais da branquitude em que há uma insuficiência produtiva de conhecimentos, que refletem na prática psicológica destinada à população etnico-racial. O presente trabalho, traz como objetivo geral, analisar a atuação na clínica psicológica voltada à população etnico-racial. Como objetivos específicos, busca-se investigar as interferências do racismo no processo terapêutico; compreender o olhar da psicologia aos modos de subjetivação negra; e identificar limites e potencialidades na clínica psicológica voltada à negritude.

### **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

A presente pesquisa é do tipo exploratória utilizando-se para análise a revisão bibliográfica. Foi levantado as publicações nas plataformas SciELO, Pepsic e BDTD, utilizando como foco as produções brasileiras do período de 2018 a 2023. As palavras-chaves para o mapeamento das produção foram “Clínica Psicológica”, “Psicologia e relações etnico-raciais” e “Saúde Mental da População Negra”. Os artigos escolhidos, que se apresentavam de acordo com os objetivos da pesquisa, foram fichados e criado um diálogo nos pontos em comum.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

O racismo atravessa as subjetividades de todas as pessoas, produzindo modos de ser e existir no mundo. Na população negra, provoca vivências específicas de adoecimento e sofrimento ético-político pela história de escravidão, exploração, genocídio e humilhação que os colocam em condições de injustiças e vantagens sociais (MATTAR, 2020; SAWAIA, 1999). “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso.”

---

<sup>1</sup> Graduada pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), é membra da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadores (ANPSINEP\_CE) e atua como Psicóloga Clínica.

<sup>2</sup> Graduado pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), e atua como Psicólogo Clínico



(SOUZA, 1983, p. 11); o racismo provoca uma desorganização psíquica, gerando na negritude sentimentos de inferioridade, angústia, ansiedade, vergonha e auto-ódio (DAMASCENO, 2018).

No âmbito da psicologia, o racismo é tomado como parâmetro delineador de estudos e produções científicas, em que conhecimentos e diálogos voltados à população etnico-racial, quando não insuficientes, é inexistente (MATTAR, 2020; LANZA, 2021). Debates e atuações em torno da raça, de forma ainda mínima, concentra-se na área da psicologia social, sendo escassa na psicologia clínica em que não se dispõe de conhecimentos, métodos, técnicas e formas de manejos que atenda as repercussões do racismo (TAVARES; KURATANI, 2019).

Utilizando referências atreladas aos ideais da branquitude, que institui como padrão normativo subjetividades brancas, a clínica psicológica, que deveria ser o lugar de acolhimento, torna-se um espaço de violência, em que sujeitos negros têm suas dores desqualificadas, experiências ignoradas, universalizadas e minizadas (TAVARES; KURATANI, 2019). A alienação racial do clínico impede o reconhecimento do sofrimento ocasionado pelo racismo, das injustiças sociais e da violência sistemática do Estado necropolítico que toma corpos e existências negras como alvos (DAMASCENO, 2018; MATTAR, 2020).

Como traz Veiga (2019), somos uma maioria populacional não contemplada pela psicologia. Então, como pensar em saúde mental e superação do sofrimento ético-político utilizando as referências do violador que são geradoras desse processo? Como pensar em produção de vida se seus saberes são contrárias à negritude? Se a clínica, segundo Quadros (2012), é um espaço de construção de realidade, e a realidade é co-construída e negociada, qual tipo de realidade enquanto clínicos estamos criando? Nosso fazer se dá pela ampliação de mundos ou somos reprodutores de um sistema que busca impor uma realidade?

Tavares e Kuratani (2019), comentam que as demandas de racismo não se apresentam como uma queixa explícita, mas se expressam em suas sutilezas, o que necessita de um olhar sensível e crítico, dado por meio do letramento racial da psicóloga para captar em como os sentimento de insegurança, culpa, desespero, angústia, insucesso educacional e profissional, auto-ódio estão ligadas ao racismo. Muitos clínicos evitam se abrir à diversidade e tocar em questões raciais, seja pela sua incompreensão enquanto sujeito racializado, seja pelo medo em não dar conta do conteúdo ou de falar algo que ofenda o paciente (DAMASCENO, 2018).

Por não terem seu sofrimento acolhido, permanece a sensação de não ser pertencente





àquele espaço, a dificuldade em formar e manter vínculos com a terapeuta que podem provocar a interrupção e abandono do processo (DAMASCENO, 2018; TAVARES; KURATANI, 2019). Os efeitos do privilégio da branquitude, sustentada pelo silêncio e omissão, impõe barreiras ao acolhimento e entendimento do sofrimento racial, que impossibilitam abarcar integralmente os efeitos do racismo (VEIGA, 2019).

A dor advinda do racismo é uma dor política, dessa forma, necessitamos de uma clínica engajada politicamente que atenda a realidade negro brasileira e trabalhe no contexto da América Latina. Ofertar uma clínica do acolhimento se faz por meio de uma descolonização da psicologia pelo posicionamento político e de uma práxis clínica que traga referências às subjetividades negras e possibilite a construção de vida e saída de sofrimento ético-político (VEIGA, 2019; LANZA 2021).

#### **4 CONCLUSÃO**

A ausência de referências, teóricas, métodos e formas de manejo clínico que atendam a realidade das subjetividades negras, torna-se uma prática incapaz de identificar demandas de racismo, acolher o sofrimento advindo da violência racial, promover saúde mental e ampliar as possibilidades de vida. A falta de letramento racial, o silenciamento e omissão das psicólogas em torno da raça e experiências de racismo, é um trabalho em prol da manutenção do poder colonial que colabora com a produção do sofrimento e violências sistemáticas à negritude. Necessita-se de uma clínica política afrocentrada e voltada às especificidades do contexto brasileiro, pautado por uma práxis clínica, que exige um olhar e uma atuação crítica e ético-política das psicólogas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Clínica Psicológica. Racismo. População etno-racial. Sofrimento ético-político.

#### **REFERÊNCIAS**

DAMASCENO, M. G.. Onde se esconde o racismo na psicologia clínica? A experiência da população negra na invisibilidade do binômio racismo e saúde mental. 2018. 115 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/41752>> Acesso em: 11/04/2023.

LANZA, H. R. Frantz Fanon e a psicologia: contribuições para a prática clínica. Estudos, pesquisas e psicologia. Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 1144-1159, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/62732>> Acesso em: 15/04/2023.



MATTAR, C. M. Psicologia em tempos sombrios e o despertar da bela adormecida: estudos em subjetividade e clínica. *Arquivo brasileiro de psicologia.*, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 18-32, 2020. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v72nspe/03.pdf>> Acesso em: 08/06/2023.

QUADROS, L. C. de T. Desafios da prática clínica na formação de psicólogos: revendo fronteiras e criando possibilidades. *Revista IGT na Rede*, v. 9, nº 17, 2012, p. 187 – 199. Disponível em: <<https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/359>>. Acesso em: 12/04/2023.

SAWAIA, B. B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade*. Petrópolis, RJ: *Vozes*, 1999.

SOUZA, N. S. Tornar-se negro ou as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: *Edições Graal*, 1983.

TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. de A. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2019 v. 39, e184764, 1-13. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003184764>> Acesso em: 21/04/2023.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal, Revista de Psicologia*, v. 31, n, esp., p, 244-248, set. 2019. Disponível em: <[https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i\\_esp/29000](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000)> Acesso em: 28/03/2023.



## UMA ANÁLISE SOBRE O TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE SOB A REFERÊNCIA TEÓRICA PSICANALÍTICA.

**Emilly Barboza Lucas<sup>1</sup>**

*emillybarboza508@gmail.com*

**Juliana Peixoto Melo<sup>2</sup>**

*julianapeixo40@gmail.com*

**Raul Max Lucas da Costa<sup>3</sup>**

*raulmax@leaosampaio.edu.br*

**RESUMO:** Com essa pesquisa tem-se o objetivo de trabalhar e investigar a visão psicanalítica a respeito do Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). Dissociação é um fenômeno abstruso, que possui origens variadas e amplas definições. Hodiernamente, tal fenômeno vem sendo alvo de diversas pesquisas científicas, dessa forma, revisões bibliográficas como essa, aplicadas a respeito de dissociações concentradas em uma abordagem psicológica, promove maior contribuição para um maior entendimento de tal. Trata-se de uma Revisão Sistemática de Literatura; método escolhido a fim de predispor análise e condensação do conhecimento científico já existente sobre a temática exposta. Faz se necessário que esse transtorno seja investigado com maior profundidade, de forma que expanda os saberes sobre o mesmo, principalmente, de sua etimologia e as diferentes perspectivas acerca desse.

**Palavras-chave:** Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). Dissociação. Abordagem Psicanalítica. Psicanálise.

### 1 INTRODUÇÃO

Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), conceitua-se como um processo psicológico dissociativo pela falta de conectividade com a personalidade real do indivíduo. (FORTE, T. J. D; COELHO, T. L; dos SANTOS-SILVA, M. A.) A visão da psicologia e da psiquiatria no fechamento do diagnóstico do Transtorno Dissociativo de Identidade: revisão integrativa da literatura., Vassouras, set/dez, 2022). Caracterizado por sua complexidade, tal transtorno ocasiona perdas vigorosas para o sujeito. Dessa forma, o objetivo geral desse exame é a análise, na literatura científica, a respeito do Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI),

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO (Brasil)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO (Brasil)

<sup>3</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO (Brasil).



sob o viés psicanalítico. Visando a escassez teórica acerca da temática, o estudo exposto contribui para maior arcabouço teórico aos profissionais e à sociedade em geral.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Este trabalho refere-se a um caráter qualitativo feito por intermédio de uma revisão integrativa da literatura. A revisão de literatura embasou-se nos seguintes requisitos: solidificação do tema, definição dos fornecimentos de dados, acepção dos critérios de permanência, investigação e análise dos estudos expostos. As fundamentações teóricas provieram-se dos sites SciELO e o Google Acadêmico. Foram encontrados 17 artigos, dentre eles, sete artigos foram utilizados. O encontro de tais repertórios foram direcionados por intermédio das palavras chave: Psicanálise, dissociação, transtorno Dissociativo de Identidade e abordagem psicanalítica. Quanto ao embasamento teórico, ocorreu-se na leitura completa dos artigos selecionados em união com a coleta de dados dos mesmos.

## **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **3.1 TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE (TDI): CONCEITO**

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), fora retratado de formas variadas ao decorrer da história, como em histerias e possessões demoníacas, nos quais possibilitaram o conceito de transtorno que nos é exposto hodiernamente. O interesse por tal, iniciou-se em meados de 1800, porém, apenas em 1887, Pierre Janet o conceitua, é descrito como ideias e pensamentos que se fragmentavam da consciência, principalmente em momentos associados ao estresse. (MELO, KC.; SOARES, AN.; CARVALHO, F. de A.; VAZ, AC.; SILVA, ML da.; ROCHA, IC.; SILVA, LAS.; MIRANDA, LSC.; ALMEIDA, ATSD de.; LIMA, JHA de.; CUNHA, HGSS.; SILVA, AP da FD.; SIQUEIRA, FFFS.; GONÇALVES, FTD, 2022).

Segundo Faria, Sadock, Werebe e Funaro (2011), a origem do TDI é incógnita, mas um fator presente é a existência de um fato traumático. Dessa forma, tal patologia associa-se diretamente a traumas agudos durante a infância. Contudo, salienta-se que eventos traumáticos não estarão sempre ligados ao aparecimento de um quadro de transtorno dissociativo de identidade.

O âmago do TDI é a divisão da identidade em união com uma separação decorrente do senso de si e da performance pessoal. A partir disso, todos os estados de personalidades variadas



constroem a identidade ou personalidade total do indivíduo. (Kholenberg & Tsai, 1991; Sadock, 2007; ISSTD, 2011).(GULISZ, I. C.; VIEIRA, F. DE M, 2022).

### 3.2 TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE (TDI) SOB A REFERÊNCIA TEÓRICA PSICANALÍTICA

Faz se entendível que a gênese de uma personalidade alternante é uma medida protetora, na qual, opera no alívio no sentido da personalidade protagonista de algo que é incompatível, tais como, sentimentos e recordações, em conjunto de representações do Eu. A personalidade em questão, é excluída e parece ficar à disposição do aparelho suprir a necessidade para a retomada do posto. O corpo, também faz se atuante no “suporte” quanto os impasses da vida. Assim, o isolamento dos conjuntos de representações no inconsciente parece ser algo divergente do recalamento neurótico clássico. Não há garantias, todavia, que se trata de uma psicose, visando que a fragmentação não é transposta pela forclusão. (GULISZ, I. C.; VIEIRA, F. DE M, 2022).

De acordo com o Modelo Psicanalítico Relacional, união teorias e pensamentos alternativos as teorias psicanalíticas clássicas, meios embasados em processo linear não são evidenciados, nele o desenvolvimento dos selfs do sujeito é estruturado, fazendo que o mesmo saiba que todos os seus selfs podem aparecer e expor sua verdade. Tal modelo permite que os estados de si modificados sejam acessados por uma comunicação inconsciente de sonhos e encenações durante a relação terapêutica (Macintosh, 2015). “(...) um mecanismo de defesa particular, em uma estrutura psíquica que ainda não sabemos definir. Todavia pudemos delimitar o que, para nós, é o mecanismo de funcionamento e a etiologia da Desordem de Personalidades Múltiplas, uma entidade clínica complexa e mutante.”(MOHR, A. M.; THÁ, 2017).

## 4 CONCLUSÃO

Os achados deste estudo apresentam que diagnósticos psiquiátricos e psicológicos se mostram diferentes, mesmo que sejam dispostos testes parecidos. A psicanálise por exemplo, baseia tal resultado fundamentado na subjetividade do paciente. Tendo em vista que os diagnósticos praticados por estes profissionais são respaldados em análises dos relatos do paciente e da família, alguns estudos mostram que tais diagnósticos são complementares. A divisão entre os diagnósticos psiquiátricos e psicológicos, pode estar associada a variação da aplicabilidade de testes e a falta de comunicação entre os mesmos. (FORTE, T. J. D; COELHO,



T.L; dos SANTOS-SILVA, M. A, 2022).

Esta pesquisa se propôs a estudar o Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) sob o viés psicanalítico por meio de pesquisas científicas. Não se define como um estudo conclusivo sobre a temática. Ademais, ressalta-se o interesse pela continuidade do trabalho apresentado.

## REFERÊNCIAS

DE CARVALHO, Ferreira, Alice, et al. **Ensaio teórico: transtorno dissociativo de identidade sob a análise dos filmes fragmentado e clube da luta.** *Psicopatologia crítica: perspectivas do sofrimento existencial* 1.1, Santa Catarina, 2020.

FORTE, T. J. D; COELHO, T. L; dos SANTOS-SILVA, M. A. **A visão da psicologia e da psiquiatria no fechamento do diagnóstico do Transtorno Dissociativo de Identidade: revisão integrativa da literatura.** *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, set/dez, 2022.

DE FREITAS, L. **DISSOCIAÇÃO NA PERSPECTIVA DE PSICANALISTAS E PSIQUIATRAS**, Ribeirão Preto, 2017.

FREUD, S. **Esboço de psicanálise** (1938), p 215,[s.l.] Cienbook, 2019.

GULISZ, I. C.; VIEIRA, F. DE M. **Um Estudo de Revisão Sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade: Características e Direções de Tratamento.** *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, v. 11, n. 1, p. 71–82, , Curitiba, Paraná, 5 ago. 2022.

MELO, KC.; SOARES, AN.; CARVALHO, F. de A.; VAZ, AC.; SILVA, ML da.; ROCHA, IC.; SILVA, LAS.; MIRANDA, LSC.; ALMEIDA, ATSD de.; LIMA, JHA de.; CUNHA, HGSS.; SILVA, AP da FD.; SIQUEIRA, FFFS.; GONÇALVES, FTD. **Terapias associadas ao tratamento do Transtorno Dissociativo de Identidade**, Maranhão, 2022.

MOHR, A. M.; THÁ, F. **Conjecturas psicanalíticas acerca da Desordem de Personalidades Múltiplas.** *Psicologia Argumento*, v. 30, n. 69, Curitiba, Paraná, 2017.



## COMPREENSÕES DO COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONTEMPORANEIDADE

**Ivyna Maria de Assis Gregório<sup>1</sup>**

*ivynamelo.123@gmail.com*

**Raul Max Lucas da Costa<sup>2</sup>**

*raulmax@leaosampaio.edu.br*

### RESUMO

Dentre muitas inovações trazidas pelo pai da psicanálise, o marco social que abarca o resgate do inconsciente pelo mito e adentra o campo da pulsão, está a máxima do Complexo de Édipo. Por vezes comentado de modo superficial, por vezes compreendido de modo taxativo e limitado a contextos gerais da cultura, o modo de organização das sociedades atuais, desde Lacan, solicita um aprofundamento e questionamento sobre as novas nuances e significações que são dadas a escritos freudianos e como isso impacta a Psicanálise atualmente. Tratando-se de uma realidade imediatista e, em muitos aspectos, superficial pela primazia do capital, revisar e ressignificar conceitos e estudos psicanalíticos contribuem para a dualidade do resgate e conservação a Freud (de modo crítico e adaptativo), ao mesmo tempo que abre espaço para uma clínica trazida pela expansão simbólica de Lacan. A escrita presente visa trazer atualizações sobre o conceito do Complexo de Édipo como forma de apontar e analisar o significado desse conceito a partir de Freud e Lacan, além de elucidar como ele aparece na clínica atual e se apresenta na sociedade.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre um dos conceitos mais fulcrais no estudo psicanalítico ao que tange os vínculos elementares, a contemporaneidade depara-se com um questionamento acerca da influência do Complexo de Édipo nas relações e a clínica é convidada a analisar as contribuições Freudianas enquanto pontapé inicial diante de seu recorte sociocultural, ao passo que há a retomada por Lacan através da pontuação do simbólico e sintoma. (Xavier, 2022).

É preciso realocar alguns pontos que adentram não somente a relação objetal entre a pulsão do cuidador e objeto cuidado, mas integrar as sociedades atuais e movimentos

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO (Brasil)

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO (Brasil).



progressistas como uma adesão a pontos já elaborados por Freud e que, por ora, são contundentes à compreensão do Complexo de Édipo e de como ele opera ao inconsciente primário e no retorno do recalque.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A lógica de manutenção do mito de Édipo na atualidade dá-se pelo encontro que o sujeito tem na realização de seus desejos. Freud sabia do impacto da cultura sobre isso e como a totalidade afeta a ocorrência dessas realizações. (Estevão, 2021). Seguindo essa lógica, um fator que auxilia a preservação desse pensamento na contemporaneidade é a relação narcísica e o comprometimento da pulsão objetual pelo ideal do ego estar sempre em primazia em detrimento do objeto amoroso, embora a catexia seja em demasia. (Samico, 2019)

Por vezes, as relações de afeto e a matriz pulsional do desejo na cultura, a partir dos estudos de Freud e, principalmente por uma lógica heterossexual, estavam ligadas a uma projeção inconsciente de funções de cuidado e amparo a partir da falta. Diante disso, Costa (2023), p.179 cita: “Segundo o posicionamento de Mitchell, a psicanálise freudiana seria uma das possibilidades de compreensão das noções de feminilidade e masculinidade organizadas pela cultura capitalista patriarcal. Isso quer dizer que a psicanálise não produz as diferenciações de gênero, mas evidencia o impacto subjetivo de tais determinações culturalmente produzidas.”

Ainda que em uma profundidade maior que puramente definições estáticas interligando-se à modernidade imediatista pelo desejo de definir, há questões ainda a serem aprofundadas, visto que o contexto histórico vivido por ele demandou uma análise enviesada pelo patriarcado e as noções de apego em uma sociedade comprometida por tabus interpessoais, o que caminha para a presença do sintoma.

Com isso, não é posto apenas a ação de ignorância e julgamento perante as teorias Freudianas, mas de compreensão sobre as possíveis formas de realocação do Complexo de Édipo na contemporaneidade e como ele vem sendo trabalhado no último século. Por meio disso, Xavier (2022), p. 9 aponta:

“Lacan faz uma releitura respondendo além do complexo de Édipo, uma clínica compatível aos novos sintomas da contemporaneidade, a um mundo redes e horizontal. Em sua segunda clínica, Lacan extrai novas consequências do mito edipiano, colocando-o como sintoma, desenvolvendo novos conceitos pelas vias da sexuação, apontando para um inconsciente pulsional, indo para além da significação metafórica...”





Há ainda, a necessidade de desmistificar a máxima das figuras materna e paterna como imposições edípicas que colocarão o homem e a mulher em estado de divisão de gênero em seu vínculo através do retorno ao recalque. O que ocorre é que o foco da libido anteriormente pautada entre o narcisismo e na relação “mãe e criança” quando ainda se é um bebê, constitui a diferença entre a passividade (feminino) e atividade (masculino) dessa energia na psiquê. Esse enlace formula a direção e molda os futuros vínculos do indivíduo. (Oliveira 2019)

O grande Outro contemporâneo incita a busca por uma noção que contemple as dimensões de gênero, afeto e relações interpessoais entre sujeitos atravessados pela infância, havendo também, o estudo do inconsciente simbólico e pulsional em que isso transforma-se em fases posteriores. Sendo assim, há uma vivência distinta entre o menino e a menina ao que se refere a inscrição do desejo no Édipo ao tocante do incesto materno e assassinato do pai, o que impacta diretamente na ação do indivíduo culturalmente. (Santos e De Menezes, 2020):

Ao retratar o amor a caráter de escolha e disposição afetuosa, existem duas perspectivas básicas que elucidam a forma que o indivíduo se conecta com o outro: o narcisismo primário e a projeção parental das figuras de cuidado. O que difere o modo como homens e mulheres se conectam estaria ligado diretamente a esse campo pelo modo anaclítico e narcísico que cada um herda da função paterna e materna. (Freud, 1914).

Lacan, em sua teoria, reconhece o Complexo de Édipo como uma forma de linguagem a partir do falo e do complexo da castração, influenciando a subjetividade do ser. (Santos e De Menezes, 2020).

Para isso, há o posicionamento lacaniano sobre o questionamento da demanda do outro e do processo de identidade que casa com o aspecto de “Como me distingo dos demais?”. Pode-se notar esse cerne na ligação edípica entre pulsão, desejo e objeto escuro, o que ressalta a estrutura da qual os indivíduos não podem fugir: o Complexo de Édipo. (Xavier, 2022)

O vínculo da mãe com seu bebê faz parte dessa construção de escolha posteriormente. As linguagens afetivas e atos de cuidado entre as partes revela um caráter de retorno ao acalanto primário. Todas essas ações formam a característica da relação, havendo, também, a incidência das subjetividades em diferenças e semelhanças. (Pignataro, Carneiro e Mello, 2019)

O Complexo de Édipo faz jus a um conceito funcional relevante ao que tange o sacrifício pela quebra da demanda pulsional no autoerotismo, castração e narcisismo primário, o que



reitera seu impacto até os dias de hoje (Perelberg, 2021). Isso transborda na importância de compreender os movimentos de subversão sociais e as reformulações parentais e pedagógicas. Arelado a isso, a clínica sempre necessita revisitar conceitos Freudianos e Lacanianos como jus de aprofundamento e fuga da taxação de uma psicanálise *new age* geradora de novos sintomas por meio de questões de gênero e vínculos de cuidado.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

A construção dessa escrita ocorreu por meio de uma revisão de literatura descritiva nos últimos cinco anos a respeito do conceito de Complexo de Édipo na contemporaneidade. Para isso, foram realizadas pesquisas em artigos, monografias, obras literárias e revisões de literatura através da plataforma Google Acadêmico. Em tal processo, foi realizado uma recapitulação a definições iniciais sobre a teoria e discussões por meio de citações diretas e indiretas da bibliografia utilizada. Foram utilizados artigos com base na clínica contemporânea e o conceito do Complexo de Édipo, dentre eles “O Complexo de Édipo” (Estevão, 2021), “O complexo de Édipo na clínica contemporânea” (Xavier, 2022) e “O legado de Freud a Lacan: as vicissitudes do Complexo de Édipo” (Santos, 2020), para uma base introdutória sobre as definições. Para continuidade do desenvolvimento e panorama do elo “cuidador e bebê” houve uma citação de “Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos” (Freud 1914/1916) e “Pai assassinado, pai morto: Revisitando o complexo de Édipo” (Perelberg, 2021). Como forma de elaborar a crítica entre as relações de cuidado e os estigmas dos papéis de gênero com base em uma diferenciação do feminino e masculino no Complexo de Édipo foram utilizados os artigos “Releituras feministas do complexo de Édipo: entre o modelo pré-edípico de Whitebook e a subversão edípica de Butler” (Costa, 2023) e “Complexo de Édipo: a feminilidade e seus destinos” (Oliveira, 2019). Por fim, para traçar um comparativo entre a estrutura edípica nos relacionamentos conjugais e a subjetividade dos indivíduos nesse cenário foram utilizados os artigos: “A formação do casal conjugal: um enfoque psicanalítico” (Pignataro, 2019) e “Primeiros apontamentos sobre a influência do complexo de Édipo na escolha de parceiros amorosos” (Samico, 2019).

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Analisando as influências acarretadas pelo Complexo de Édipo, intitulado inicialmente como Complexo Paterno, pode-se refletir a importância que Freud traz às relações parentais e que, Lacan, mais tarde revisará por meio de uma identidade do sujeito perante o grande Outro



(a cultura, a linguagem).

Os significantes lacanianos trazem uma explicação sobre, por exemplo, como a mitologia impacta na linguagem e como o ser humano repete e transfere a partir desses mitos. Esses adventos são relevantes justamente, no processo cultural de representação narcísica e de cunho simbólico. O Real em Lacan talvez encontre um mito Freudiano como exercício da tentativa de elaborar o que, na cultura, não é palpável.

O grande impasse, seria, portanto, o momento em que o Édipo se depara com as novas articulações de significantes e significados e necessita apoiar-se em novas empreitadas contraculturais e disruptivas. É provável que a clínica repita o Édipo em Freud como uma estrutura de preservação do patriarcalismo falocêntrico e negue, por quase consequência de tal ato, a estrutura simbólica da afetividade feminina como um enigma da mulher que engole seu falo inexistente e que, castrada, recorre a demanda do masculino para coexistir.

O cuidado, portanto, atua como uma tentativa de retorno, outrossim, a uma identidade recalçada na relação passiva da pulsão primária e retroalimenta o ciclo identitário da mulher como uma memória narcísica não devidamente elaborada nas funções materna e paterna. Por isso, a cultura torna-se o novo grande Outro que reflete o *estadium* do espelho de modo a recolocar a mulher nesse ciclo repetitivo.

A clínica, em seu papel evolutivo e crítico, integra esses conceitos do enigma feminino e das relações de cuidado em um movimento a desenvolver quase um novo mito, mas não o faz. Dessa forma, o que resta a esse panorama, é destituir o Édipo de sua postura superestimada e superficial, incorporando novas estratégias para uma sociedade que tem um imaginário na linguagem com novos desejos.

## 5 CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, com essa revisão de literatura que as reformulações do Complexo de Édipo no eixo da clínica psicológica acompanham uma lógica moderna, sem que haja o esquecimento do retorno a Freud como primazia de concepção. Entende-se que a pesquisa avança na contemporaneidade com esses atributos, mas que traz a relação entre os sexos e o afeto como ponto de partida na linguagem para uma questionamento e expansão que fuja de uma lógica patriarcal e tendenciosa ao tradicionalismo. Essas reformulações servem de base para a continuidade do pensamento sobre novas perspectivas psicanalíticas e atualizações na



clínica.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Complexo de Édipo. Clínica. Freud. Lacan.

## REFERÊNCIAS

DA COSTA, Virginia Ferreira. Releituras feministas do complexo de Édipo: entre o modelo pré-edípico de Whitebook e a subversão edípica de Butler. *discurso*, v. 53, n. 1, p. 174–194–174–194, 2023.

ESTEVIÃO, Ivan Ramos. O complexo de Édipo. 2021.

Obras completas - Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

OLIVEIRA, Camilla Marques de. Complexo de Édipo: a feminilidade e seus destinos. 2019.  
PERELBERG, Rosine Jozef. Pai assassinado, pai morto: Revisitando o complexo de Édipo. Editora Blucher, 2021.

PIGNATARO, Marina Beatriz; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MELLO, Renata. A formação do casal conjugal: um enfoque psicanalítico. *Pensando famílias*, v. 23, n. 1, p. 34-46, 2019.

SAMICO, Fernanda Cabral et al. Primeiros apontamentos sobre a influência do complexo de Édipo na escolha de parceiros amorosos. *Revista Mosaico*, v. 10, n. 2, p. 73-78, 2019.

SANTOS, Ilka Schapper; DE MENESES, Stetina Trani. O LEGADO DE FREUD E DE LACAN: AS VISSICITUDES DO COMPLEXO DE ÉDIPO. *CADERNOS DE PSICOLOGIA*, v. 2, n. 3, 2020.

XAVIER, Iara Ferreira; ROSA, Israel de Carvalho; SILVA, Adilson José Marques. O complexo de Édipo na clínica contemporânea. 2022.



# DESAFIOS SOBRE A PRÁTICA DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO ACOMPANHAMENTO PSICOTERAPÊUTICO INDIVIDUAL DE ADULTOS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE PSICOLOGIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Murilo Rodrigues Ribeiro<sup>1</sup>**

*murilorodriguesr08@gmail.com*

**Silvia Morais de Santana Ferreira<sup>2</sup>**

*silviamorais@leaosampaio.edu.br*

## 1 INTRODUÇÃO

Os estágios do curso de Psicologia estão respaldados pelas diretrizes do Conselho Nacional de Educação, que explicitam a necessidade do cumprimento de uma carga horária mínima de estágio obrigatório dentro dos parâmetros e das diretrizes pedagógicas para a formação dos psicólogos no Brasil. Nesse contexto, os estágios nos serviços-escola das Instituições de Ensino Superior são ofertados mediante as orientações nacionais do Ministério da Educação e são regulamentados pela Lei nº 11.788/2008 no eixo dos estágios obrigatórios ou não-remunerados (Brasil, 2008; 2022).

Ainda nesse debate, verifica-se que essa modalidade de estágio interno é imprescindível porque a prestação dos serviços é voltada para a própria comunidade onde o equipamento está situado, mostrando o compromisso social, ético e político da profissão de acordo com as demandas locais e sob supervisão direta de um professor orientador com registro ativo (Conselho Federal de Psicologia, 2005; 2013). Diante disso, o presente trabalho tem o objetivo de descrever os desafios do estagiário de Psicologia no que tange ao alinhamento teórico-prático da Terapia Cognitivo-comportamental tendo em vista as necessidades dos pacientes.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Psicologia Clínica, para além de uma especialidade regulamentada no Brasil (Conselho Federal de Psicologia, 2019), é um ramo de investigação da pesquisa científica que destaca a possibilidade de adquirir dados sobre os modelos das psicoterapias desde a sua epistemologia até as formas de intervenção no setting terapêutico com os clientes. Nesse

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO).

<sup>2</sup> Mestre e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO).



contexto, vê-se, por exemplo, discussões sobre a eficácia do tratamento de determinados transtornos psicológicos, bem como na condução de problemas do cotidiano. Essa perspectiva crítica e metodológica é chamada de Prática Baseada em Evidências (PBE) e vem sendo discutida de forma intensa no cenário internacional, apontando modelos psicoterapêuticos com respaldo empírico (Leonardi; Meyer, 2015).

Dentro dessas correntes teóricas validadas por esses estudos, pode-se destacar, por exemplo, a Terapia Cognitivo-comportamental, um modelo de psicoterapia que fora desenvolvido inicialmente pelo Aaron Beck na década de 1960 (Wright; Basco; Thase, 2019; Beck, 2022) e que visava uma ênfase nos aspectos cognitivos. Essa proposta está baseada no modelo cognitivo próprio da abordagem, que envolve a situação percebida pelo cliente, o pensamento automático que surge, a emoção produzida e o comportamento efetuado (Hofmann, 2014; Wright; Basco; Thase, 2019; Beck, 2022).

Cabe aqui frisar que esse panorama se retroalimenta, ou seja, existe um ciclo muito evidente entre os eixos (pensamento, emoção e comportamento). Em outras palavras, se o sujeito não consegue elaborar o acontecimento com seu próprio repertório e suas possíveis estratégias adaptativas, os seus comportamentos tendem a ser reforçados e é muito provável que esses comportamentos fortaleçam os seus pensamentos, possibilitando o desenvolvimento de crenças sobre si, sobre o mundo e sobre o futuro (Hofmann, 2014; Beck, 2022), o que mostra a importância da conceitualização - formulação - de cada caso para o planejamento das sessões e do tratamento como um todo, tendo em vista as experiências únicas de cada sujeito.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir da vivência individual na disciplina de estágio obrigatório intitulada “Estágio em ênfase: Psicologia e Processos Clínicos I”. O período de vivência teve duração de março a julho de 2023, referente ao primeiro semestre letivo do ano, com uma carga horária total de 160h, sendo 80h no campo e 80h nas supervisões grupais com a professora orientadora, seguindo as recomendações do Conselho Federal de Psicologia (2013).

Dentre as estratégias e recursos utilizados, pode-se destacar o atendimento individual de adultos na modalidade de psicoterapia individual. Ao todo, cinco sujeitos foram acompanhados nesse formato de prestação de serviços ao longo desse período. A condução teve como base a estrutura da Terapia Cognitivo-comportamental, a supervisão em grupo, as discussões dos casos



clínicos de forma conjunta e a utilização de recursos terapêuticos impressos e escritos durante as sessões.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A experiência de estágio trouxe consigo uma vivência que impulsionou o crescimento pessoal e profissional, tendo em vista a responsabilidade para com os conteúdos trazidos nas sessões, ou seja, o manejo ético - envolvendo o sigilo profissional - e o cuidado com a condução do processo de cada paciente. Sobre essa questão, Hofmann (2014) sinaliza sobre a importância de colher a maior quantidade de informações sobre os casos, de modo a normalizar a experiência vivenciada, já existe uma resistência esperada por parte dos clientes. Essa postura de coletar as informações sobre a demanda é um desafio desde o primeiro momento, considerando essa resistência bem como a necessidade do estabelecimento do vínculo terapêutico para que o processo tenha continuidade.

Esse vínculo terapêutico - ou aliança terapêutica - é outro desafio enfrentado no estágio, já que, por ser um aspecto basilar, o seu estabelecimento é de responsabilidade do terapeuta no sentido de ofertar um ambiente seguro e respeitoso (Hofmann, 2014; Beck, 2022). Associado a essa discussão, outro desafio que surge diz respeito ao manejo dessas variáveis ao longo do atendimento e, ao mesmo tempo, tentar iniciar os esboços da conceitualização do caso, já que, de acordo com Kuyken, Padesky e Dudley (2010), ela precisa ser construída conjuntamente, considerando todas as variáveis e a validação do paciente.

#### **5 CONCLUSÃO**

Diante do exposto, verifica-se que o estagiário de Psicologia precisa se expor a esses desafios, junto ao professor orientador, para que o seu desenvolvimento profissional seja efetivo, realista e direcionado aos seus objetivos definidos previamente.

**Palavras-chave:** Terapia Cognitivo-comportamental, desafios, psicoterapia.

#### **REFERÊNCIAS**

BECK, J. S. **Terapia Cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo



Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF: 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm) Acesso em: 13 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES nº 179/2022, aprovado em 17 de fevereiro de 2022.** Reanálise do Parecer CNE/CES nº 1.071, de 4 de dezembro de 2019, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em Psicologia e estabelecimento de normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia. Brasília, DF: MEC, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12991-diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 13 set. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 10, de 21 de julho de 2005.** Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola.** Brasília, DF: CFP, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/carta-de-servicos-sobre-estagios-e-servicos-escola/> Acesso em: 11 set. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 18, de 05 de setembro de 2019.** Reconhece a Avaliação Psicológica como especialidade da Psicologia e altera a Resolução CFP nº 13, de 14 de setembro de 2007, que institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia. Brasília, CFP: 2019.

Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-18-2019-reconhece-a-avaliacao-psicologica-como-especialidade-da-psicologia-e-altera-a-resolucao-cfp-n-13-de-14-de-setembro-de-2007-que-institui-a-consolidacao-das-resolucoes-relativas-ao-titulo-profissional-de-especialista-em-psicologia>. Acesso em: 13 set. 2023.

HOFMANN, S. G. **Introdução à Terapia Cognitivo-comportamental contemporânea.** 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

KUYKEN, Willem; PADESKY, C. A.; DUDLEY, Robert. **Conceitualização de casos colaborativa: o trabalho em equipe com pacientes em terapia cognitivo-comportamental.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

LEONARDI, J. L.; MEYER, S. B. Prática Baseada em Evidências em Psicologia e a História da Busca pelas Provas Empíricas da Eficácia das Psicoterapias. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 4, p. 1139-1156, 2015.

WRIGHT, J. H.; BASCO, M. R.; THASE, M. E. Princípios básicos de Terapia cognitivo-comportamental. In: WRIGHT, J. H.; BROWN, G. K.; THASE, M. E.; BASCO, M. R. **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.





## O MAL-ESTAR E O ENIGMA DO (INTER)SEXO

**Raianne Ferreira Lima<sup>1</sup>**  
raiannelima@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

Desde Sigmund Freud, as discussões sobre sujeito e cultura estão presentes e passam por constante reinvenção, as inquietações sobre esta conjunção permanecem. Em virtude disso, o embasamento das questões desta pesquisa advém da investigação sobre o mal-estar e suas manifestações na contemporaneidade. Dentre as novas formas do mal-estar, situadas por Coccoz (2021), destaca-se a perspectiva da diferença sexual e do enigma da sexualidade.

Este trabalho objetiva investigar a relação entre as novas formas do mal-estar e o enigma da sexualidade, a partir das narrativas de pessoas intersexo no documentário *Ni d'Ève, ni d'Adam, une histoire intersexe*. Não há um longa-metragem brasileiro que aborda diretamente o intersexo. Apesar disso, as problemáticas enfrentadas por pessoas intersexo se aproximam, estejam no Brasil, na França ou na Suíça: as dúvidas, os segredos, as cirurgias, a eleição do sexo.

### 2 MATERIAIS E MÉTODO

Para discussão junto ao material bibliográfico obtido, foi utilizado um longa-metragem do gênero documentário para tratar o tema proposto. *Ni d'Ève ni d'Adam, une histoire intersexe* (2018) funciona como objeto de estudo do que será aqui apresentado, levando em consideração que “pesquisar o cinema a partir da psicanálise implica pensá-lo estruturado como uma linguagem” (WEINMANN, 2017, p. 9). Compreende-se que o uso do documentário para a presente investigação justifica-se por dois motivos: por tratar das histórias de pessoas que falam em nome próprio, e por ser um filme atual, o que coaduna com a ideia de averiguar as atualizações do mal-estar.

Para Souza (2011, p. 16), “a arte deve tratar sobre o Mal”, o progresso da civilização e da cultura na contemporaneidade são resultados da junção do capitalismo financeiro e da

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFAL), graduada em Psicologia (UNILEÃO).



democracia liberal. Deste progresso, decorrem terríveis problemas que se reciclam junto ao cinema de todos os tempos, “o cinema faz o que a cultura fez com Freud e Lacan: conduz a um ponto de vista distinto a respeito do saber sobre subjetividade contemporânea (SOUZA, 2011, p. 14). O trabalho aqui empenhado, de leitura e análise do filme documentário, não corresponde a uma metodologia restrita, mas sim a uma “singular reflexão de cunho metodológico” (WEINMANN, 2017, p. 9).

O filme é “dedicado a lidar com o outro tema tabu de ser hermafrodita ou andrógino e atualmente chamado de ‘intersexo’” (COCCOZ, 2021, p. 26, tradução nossa), enquanto debate a intersexualidade e sua relação com a cultura. Aqui, busca-se extrair quais discussões podem surgir a partir dele.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

O mal-estar não constitui adoecimento, pois é estrutural e individual, próprio e central dos processos de organização do psiquismo humano. Trata-se de uma angústia subjetiva, ligada, geralmente, a um sentimento vago e de difícil descrição (FREUD, 1930/2020). O sujeito está sempre inserido em sistemas de regras, leis e tendências culturais. Tais sistemas são definidores de formas de subjetividade, sejam elas sociais ou individuais.

Na tentativa de circunscrever as remodelações do mal-estar, Coccoz (2021) retoma a premissa freudiana através do que ela chama de disciplina de releitura. Visto que mal-estar e cultura são concomitantes, a autora atribui à atualidade novas formas deste encadeamento.

As questões acerca da origem das crianças e a explicação da diferença sexual fazem parte do percurso infantil na construção de uma fração de verdade (ANSERMET, 2003). Essa operação depende do Outro, “O encontro com a criança é um encontro com o que sobra da simbolização, que escapa a qualquer pensamento, a qualquer história, a qualquer representação.” (ANSERMET, 2003, p. 27).

Ao nascer, geralmente um bebê é designado do sexo masculino ou no sexo feminino. Por vezes, essa inserção já acontece antes mesmo do nascimento, vide o avanço científico e tecnológico do campo médico. As demandas direcionadas àquela pelos pais também antecedem o nascimento, são idealizações. É a partir desse investimento libidinal que essa criança será inserida na cultura. Via de regra, o resultado de qualquer nascimento será a queda dos ideais,



porém, interessa aqui especificamente o encontro com o inesperado da indefinição sexual, com o intersexo.

Do encontro com o documentário, foram recolhidos alguns impasses, dos quais destacam-se quatro principais: cirurgia/tratamento médico; o mal-estar do corpo; a identificação; e o posicionamento entre sexo e gênero do intersexo.

#### 4 CONCLUSÃO

Segundo Machado (2015), atualmente existe uma ampla gama de sexualidades e opções por onde a identidade sexual do sujeito pode ser construída. Porém, “pelo ensino de Lacan e a leitura de Miller, verifica-se que a falta de padrões resulta em respostas que não excluem o mal-estar diante do sexo” (MACHADO, 2015, p. 01). Para a autora, a cultura fornece aos sujeitos coordenadas diversas, mas isso não implica que surja, daí, a harmonia entre o sujeito e sua sexualidade.

A concepção psicanalítica sobre corpo é essencial na discussão sobre a intersexualidade, visto que a diferença anatômica entre os sexos nem sempre possui caráter definidor nesses casos. Zanotti (et al, 2011) endossa essa ideia ao afirmar que não há como o saber médico prever os efeitos que essa condição orgânica causará no sujeito. Diante dessa movimentação médico-cirúrgica, a escuta psicanalítica abre espaço para o que o sujeito tem a dizer, ao invés de buscar e/ou corrigir o sexo do paciente. Para Ansermet (2003), tanto a opção pelo tratamento cirúrgico quanto o movimento para preservar o intersexo como um terceiro sexo, ambíguo, tem o mesmo objetivo: evitar a segregação dessas pessoas.

Normalmente, no tratamento falta espaço para que os pacientes falem, de si mesmos, dos próprios corpos. No filme, é a partir dessa movimentação, da partilha de seus testemunhos, que eles conseguem formar um vínculo, um laço.

#### REFERÊNCIAS

ANSERMET, François. **Clínica da origem**: a criança entre a medicina e a psicanálise. Rio de Janeiro: Contra capa Livraria, 2003.

COCCOZ, Vilma. **Nuevas formas del malestar en la cultura** (Spanish Edition). Libro digital, EPUB - 1a ed, 254 p. - Olivos : Grama Ediciones, 2021.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Obras incompletas de Sigmund Freud. –



Belo Horizonte : Autêntica, 2020.

MACHADO, Ondina. Sexualidade Virtual. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n.18, p. 01-11, 2015.

**NI D'ÈVE NI D'ADAM**, une histoire intersexe. Direção: Floriane Devigne. Première diffusion. França/Suíça: Andana films, 2018.

SOUZA, E. O trânsito entre o cinema e a psicanálise. In: SOUZA, E; PEREIRA, R. **Cinema: o divã e a tela**. Porto Alegre, RS : Artes e Ofícios, 2011.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Sobre a análise fílmica psicanalítica. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692017000100001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em março de 2022.

ZANOTTI, S. V.; SOUTO, J. M. C.; PEDROSA, R. L.; MONLLÉO, I. L. É menino ou menina? Reflexões sobre gênero e sexualidade em distúrbios da diferenciação sexual. In: LEITÃO, H.A.L.. (Org.). **Coisas do gênero: diversidade e desigualdade**. p. 17-37. Maceió: EDUFAL, 2011.



## **PLANTÃO PSICOLÓGICO, SUICÍDIO E GESTALT-TERAPIA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA E PROCESSOS CLÍNICOS**

**Gislânia Ferreira de Lima<sup>1</sup>**

*gislaniacariri@gmail.com*

**Marcus César de Borba Belmino<sup>2</sup>**

*marcuscezar@leaosampaio.edu.br*

### **1 INTRODUÇÃO**

O Plantão Psicológico é um suporte de cuidado a pessoas em sofrimento extremo, em que a psicóloga vai estar disponível para o atendimento emergencial no momento da necessidade, buscando dar suporte psicológico para aquele que a procura. O Plantão é indicado em situações de crises reativas, lutos e perdas, violências e, também, pode ser uma importante ferramenta frente a situações em que ocorre risco de suicídio. Assim, este trabalho tem como objetivo discorrer sobre as experiências vividas por uma estudante de Psicologia em estágio com ênfase em processos clínicos, a partir de atendimentos realizados no âmbito do Plantão Psicológico. Pretende-se enfatizar a situação clínica da crise suicida e como a Gestalt-terapia pode ofertar uma intervenção fundamentada e o acolhimento psicológico necessário.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

O Plantão Psicológico é um tipo de intervenção que “acolhe a pessoa no exato momento de sua necessidade, ajudando-a a lidar com a dificuldade, tomando conhecimento de seus limites e descobrindo recursos próprios antes desconhecidos” (GONÇALVES; FARINHA; GOTO, 2016, p. 227). Entende-se que o Plantão, conforme Dutra e Rebouças (2010), prevê o cuidado em situações de atenção pontual que requerem acolhimento e uso de técnicas breves.

Nesse sentido, tendo como base teórica a Gestalt-terapia, compreende-se a crise suicida através de um olhar ampliado, atentando-se às vulnerabilidades que se impõem não somente no sofrimento individual, mas também no campo maior: social, político, econômico e cultural (BOCCARDI, 2018). Aliás, segundo Belmino (2020), a abordagem gestáltica pensa a

---

<sup>1</sup> Discente do 9º semestre do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – Unileão.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – Unileão.



experiência do sujeito com foco na criação de novas possibilidades e de desenvolvimento da consciência a partir do que se produz na relação terapeuta-cliente. Para além de uma compreensão moral do que é um comportamento certo ou errado, ou uma definição a priori de saúde ou doença, a Gestalt-terapia busca o desenvolvimento da variabilidade experiencial, ampliando a capacidade de responder às diversas demandas da vida com mais autossuporte. Assim, entende-se o ser humano em sua totalidade e em constante relação com o mundo, sendo a direção do manejo clínico dada pela psicóloga de acordo com o que aparece na situação.

Logo, a postura clínica em Plantão Psicológico deve ser a de dar suporte, suportar e legitimar os sentimentos, e não somente eliminar a situação emergencial. Tudo isso permite ao cliente ter consciência de si próprio, de modo que na vivência de crise ele tenha condições de desvelar significados, sentidos, interrupções e abrir-se para o novo, com base em seu contexto de vida, de campo e ajustamentos criativos (BELMINO, 2020).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Esta temática se desenvolve por meio de experiência obtida no Estágio Curricular com ênfase em Processos Clínicos do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – Unileão. Nesse contexto, durante os meses de agosto e dezembro de 2022 e março e julho de 2023, foram realizados nesta instituição, dentre outros, atendimentos em Plantão Psicológico no Serviço de Psicologia Aplicada com a demanda de crise suicida. Assim, através das situações relatadas pelos clientes em plantão, das intervenções realizadas, das anotações cotidianas da autora e das orientações do supervisor de estágio, procurou-se, com base na abordagem gestáltica, compreender como a visão ampliada da psicóloga nesses processos fortalece um cuidado adequado em situações de crise.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Denotou-se com a experiência no estágio clínico, que em um atendimento de crise suicida, na qual emerge a falência de um modo de organização, é a escuta o fator primordial. Isso ocorre porque, com base na Gestalt-terapia, o objetivo terapêutico no plantão psicológico é criar um espaço de construção de sentido para o cliente no momento da crise.

Desse modo, o ponto central do plantão com pessoas com risco de suicídio deve ser o de desenvolver um espaço livre e sem julgamentos, avaliando o risco e manejo clínico para cada situação específica, percebendo a rede de apoio e as brechas de horizontes de futuro. É



propiciado ao consulente, quando ele narra o seu sofrimento em um ambiente no qual não é submetido a avaliações morais, a organização de seus modos de produção de sentido, a construção de novas possibilidades de ação frente às situações aversivas e a ampliação de seu repertório de enfrentamento da situação de crise.

Portanto, nas intervenções realizadas pela estagiária, a liberdade de fala e o acolhimento do cliente foram essenciais, visto que era relatado em atendimento um incômodo maior: o silenciamento. Isso porque, nas tentativas de falar com outras pessoas sobre suas angústias, não se sentir ouvido desencadeava processos de crise. Um dos aspectos que gera maior sofrimento nas situações de ideação suicida é o tabu que impede essa pessoa de poder falar sobre o desejo de morrer e, ao falar sobre isso com um profissional capacitado, é possível que o consulente consiga elaborar e reconhecer os sentimentos inibidos e o sofrimento silenciado na situação.

## 5 CONCLUSÃO

Percebeu-se no atendimento de demandas suicidas no Plantão Psicológico que, frequentemente, os(as) clientes relatavam a falta de diálogo aberto sobre o seu sofrimento. Desse modo, um atendimento psicológico ético promove diálogo, cuidado e legitimidade, pois o mínimo que se espera do profissional é que ele se aproxime e escute a pessoa em crise suicida. A escuta se desdobra, segundo uma abordagem gestáltica, na sustentação da falta de sentido, da angústia do outro e na análise das formas como essa angústia emerge. É necessário, portanto, ter conhecimento dos parâmetros da prática clínica, ou seja, aliar recursos técnicos, utilizando manuais propícios para uma avaliação de risco, com os recursos teóricos, através da formação profissional e do estudo fundamentado de uma teoria psicológica que possibilite o acolhimento em situações de crise.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico. Suicídio. Gestalt-terapia.

## REFERÊNCIAS

BELMINO, M. C. B. **Gestalt-Terapia e Experiência de Campo:** dos fundamentos à prática clínica. 1ª ed., Jundiaí/SP: Paco, 2020.

BOCCARDI, D. O. **Viver não é preciso:** discursos sobre o suicídio no século XXI. 120 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/206223>>. Acesso em: 16 set. 2023.



DUTRA, E.; REBOUCAS, M. S. S. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Rev. abordagem gestalt**, Goiânia, v. 16, n.1, p.19-28, 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 set. 2023.

GONCALVES, L. O.; FARINHA, M. G.; GOTO, T. A. Plantão psicológico em unidade básica de saúde: atendimento em abordagem humanista-fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 225-232, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672016000200015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 set. 2023.





# **A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO PARA A PESSOA VIVENDO COM HIV/AIDS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Annie France Alves Veloso<sup>1</sup>**  
*anniefrance.av@gmail.com*

## **1 INTRODUÇÃO**

Há muitos avanços no que concerne à história do Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV e da Síndrome da imunodeficiência humana - Aids no Brasil e no mundo (BRASIL, 2018). Associada inicialmente a grupos de risco, o diagnóstico por HIV/Aids foi construído sob um muro de preconceitos e estigmas sociais, dificultando a discussão sobre o assunto e consequentemente contribuindo para a transmissão rápida e extensa por todo o mundo. Esta pesquisa tem como objetivo contribuir para com a atuação do profissional de psicologia no campo da saúde pública a partir da experiência vivenciada no atendimento psicológico de pessoas vivendo com HIV, explanando as possibilidades e dificuldades de uma atenção integral e ética a este público. O presente relato foi experienciado em uma unidade do Centro de Testagem e Aconselhamento - CTA e Serviço de Atendimento Especializado - SAE do município de Marabá, no sudeste do estado do Pará. Os CTAs e o SAEs fazem o atendimento integral da população usuária do SUS no que concerne às Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs desde a promoção e prevenção em saúde até o diagnóstico e tratamento. A referida unidade de saúde atende uma população de cerca de 16 municípios que fazem parte da chamada 11ª Regional de Saúde do estado.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Mais de 40 anos depois do primeiro caso médico registrado, os estigmas ainda se mantêm vivos e presentes diante da revelação sorológica de um diagnóstico por HIV/Aids. Não só o HIV como outras Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs passaram a possuir acompanhamento que visassem não só o tratamento orgânico, mas um conjunto de práticas que possibilitaram campanhas de conscientização, prevenção e cuidado, além do acesso mais democrático e gratuito a esses serviços através do Sistema Único de Saúde - SUS. De acordo

---

<sup>1</sup> Psicóloga, esp. em saúde mental e atenção psicossocial.



com Beltrão et al (2020), a alavancada histórica da infecção e do tratamento levam a necessidade de compreender além da questão medicamentosa, ultrapassando a perspectiva de ausência de sintomas e voltando os olhos para as questões da qualidade de vida e do bem-estar do indivíduo. Costa, Oliveira e Formoso (2015) indicam que algumas representações sociais são mais atingidas pela mudança causada pelo diagnóstico, entre elas o estigma, a autoestima, vivências de trabalho, sexualidade e relações familiares. Essa vulnerabilidade gerada pela revelação sorológica é explicada por Castellani e Moretto (2016) quando associada ao estigma social, a produção de culpa ou vergonha e a proteção individual contra preconceitos e julgamentos.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

A presente pesquisa tem natureza qualitativa e foi desenvolvida a partir da experiência profissional da autora no atendimento de pessoas vivendo com HIV em uma unidade especializada de saúde no município de Marabá/PA, bem como através de recortes bibliográficos que abordam a temática encontrados em bibliotecas digitais como Scielo e bibliotecas institucionais. Após a seleção dos materiais, foram analisados com base na experiência vivenciada.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No âmbito dos atendimentos realizados no SAE/CTA, aqui descrito anteriormente, o sujeito é atendido e percebido de forma integral, sendo oferecido um atendimento que vai desde a testagem sorológica para ISTs, a emissão de resultados, consultas médicas, dispensa de medicamentos e insumos de prevenção e acompanhamento psicossocial dos usuários. Pacientes recém diagnosticados geralmente evocam situações de angústia e ansiedade em relação a si mesmo. Há uma curva da atenção para as questões individuais, recortes do passado e, com mais evidência, na procura de um “culpado”, pela transmissão do vírus, como ressalta Cavallari (1997), o sujeito se defronta com as vulnerabilidades a que esteve e está exposto a procura de justificativas para o diagnóstico. Através do acompanhamento é possível visualizar que esta tensão inicial vai dando espaço para outras questões posteriores relacionadas a vida social, afetividade e revelação sorológica.

### **5 CONCLUSÃO**



A partir do exposto, percebe-se a relevância de se intensificar o fortalecimento do acompanhamento psicológico no processo de tratamento da PVHIV, visto que, as mudanças geradas pelo processo de diagnóstico podem ser grandes geradores de estresse e ansiedade que são fatores que podem vir a desencadear outros sofrimentos pertinentes. Há um processo de ressignificação da identidade, a centralidade no “novo eu” que agora necessita de cuidados contínuos e atenção integral para que se desenvolva de forma mais saudável e com qualidade de vida. Foi possível perceber ao longo da investigação acerca do tema que há determinada carência na formação profissional sobre a atuação da psicóloga frente a condições crônicas como o HIV, alertando também para a implicação ética e profissional.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO R. P. L.; DA SILVA A. C. B.; NOGUEIRA F. J. S.; MOUTA A. A. N. Saúde e qualidade de vida das pessoas vivendo com HIV/aids: uma revisão narrativa dos últimos 15 anos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 40, p. e2942, 21 fev. 2020.

BRASIL. **Manual Técnico para o Diagnóstico da Infecção pelo HIV em Adultos e Crianças**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CASTELLANI, M. M. X. e MORETTO, M. L. T. **A experiência da revelação diagnóstica de HIV: o discurso dos profissionais de saúde e a escuta do psicanalista**. Revista da SBPH, v. 19, n. 2, p. 24-43, 2016.

Disponível:[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582016000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000200003&lng=pt&nrm=iso).

CAVALLARI, C. D. **O impacto da comunicação do diagnóstico HIV positivo: a ruptura de campo diante da soropositividade**. 1997. Dissertação (Mestrado): PUC, São Paulo, 1997.

COSTA, T., OLIVEIRA, D. C. FORMOSO, G. A. Qualidade de vida e AIDS sob a ótica de pessoas vivendo com o agravo: contribuição preliminar da abordagem estrutural das representações sociais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 2, p. 365–376, fev. 2015.